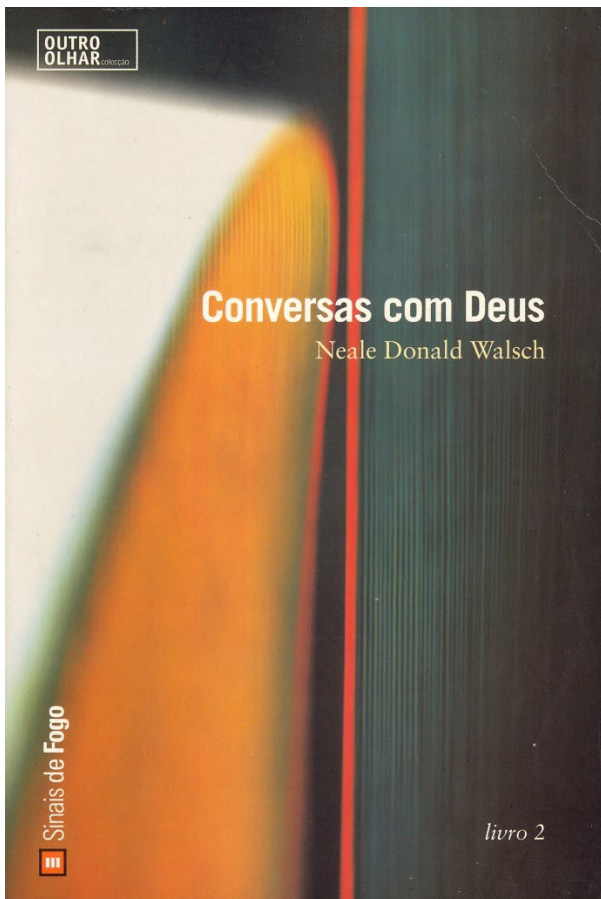




CONVERSAS COM DEUS 2

A Base de Uma Sociedade Internacional Unificada

-Livro 2-



Digitalizado, Corrigido e Adaptado
por

Gullan Greyl

www.gullangreyl.pt

1ª Edição, 1997

23-09-2014

SINTESE

A CONVERSA CONTINUA...

[...] Aproxima-te de Mim. Aproxima-te de Mim!
Faz o que sabes. Faz o que tens de fazer. Faz o que
for preciso. Reza um terço. Beija uma pedra.
Curva-te para o Oriente. Entoa um cântico.
Balança um pêndulo. Testa um músculo.
Ou escreve um livro.
Faz o que for preciso.
Cada um de vocês tem a sua própria
interpretação. Cada um de vocês Me entendeu -
Me criou - à sua própria maneira.
Para alguns sou um homem. Para alguns sou uma
mulher.
Para alguns sou ambos. Para alguns, não sou nem
uma coisa nem outra.
Para alguns de vocês sou energia pura. Para
alguns, o sentimento supremo, a que chamam
amor. E alguns de vocês não fazem ideia do que
Eu sou. Sabem simplesmente que EU SOU.
E assim é.

EU SOU

Sou o vento que vos roça os cabelos. Sou o Sol que
vos aquece o corpo. Sou a chuva que vos dança
no rosto. Sou o aroma das flores no ar e sou as
flores que exalam a sua fragrância. Sou o ar que
transporta essa fragrância.

Sou o princípio do vosso primeiro pensamento.
Sou o fim do último. Sou a ideia que iluminou o
vosso momento mais brilhante. Sou a glória da
sua realização. Sou o sentimento que alimentou a
coisa mais amorosa que jamais fizeram. Sou a
parte de vós que anseia por esse sentimento
repetidamente.

Neale Donald Walsch

CONVERSAS COM DEUS

Um Diálogo Invulgar

A BASE DE UMA SOCIEDADE INTERNACIONAL
UNIFICADA

NEALE DONALD WALSCH

Para

SAMANTHA

TARA-JENELLE

NICHOLAS

TRAVIS

KARUS

TRISTAN

DEVON

DUSTIN

DYLAN

Têm-me dado bem mais do que vos dei.

Não tenho sido o pai que desejei ser.

Mas esperem. Ainda não terminámos.

Isto é um trabalho em curso.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	1
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1	7
APRESENTAÇÃO.....	7
OS CINCO NÍVEIS DE DIZER A VERDADE	9
A MINHA E A TUA VONTADE	10
CAPÍTULO 2	15
CONTINUA A ESCOLHER SEMPRE A MESMA COISA	15
VIDA VIVIDA POR ESCOLHA OU POR ACASO	20
OS SENTIMENTOS SÃO A LINGUAGEM DA TUA ALMA.....	22
PEDI E SER-VOS-Á DADO... E A CONSCIÊNCIA CRÍSTICA	27
CAPÍTULO 3	35
PEQUENO RESUMO DO CAPÍTULO 2	35
O TEMPO	37
INVENTAR REGRAS À MEDIDA QUE AVANÇAS	40
O MODELO DE “CERTO” E “ERRADO”	44
TEOLOGIA HUMANA E TEOLOGIA DIVINA	50
CAPÍTULO 4	58
PEQUENO RESUMO DO CAPÍTULO 3	58
ACONTECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS SÃO OPORTUNIDADES	60
CAPÍTULO 5	69
O TEMPO É UMA CONSTANTE, UM MOMENTO	69
EXISTES EM TODA A PARTE	75
SOMOS APENAS UM.....	78
CAPÍTULO 6	81
O ESPAÇO É O TEMPO DEMONSTRADO	81
EXISTE APENAS O QUE É.....	85
CAPÍTULO 7	87
A SEXUALIDADE	87
SENTIR-SE BEM, É ASSIM QUE EU SOU.....	92
ENERGIA SEXUAL E A MATRIZ.....	95
EU SOU O QUE SOU	104
CAPÍTULO 8	107
CONTRADIÇÕES HUMANAS	107
COLOCAR-SE EM PRIMEIRO LUGAR.....	111

COMODISMO HUMANO	113
RENÚNCIA EQUILIBRADA.....	115
HOMOSSEXUALIDADE	117
AS CRIANÇAS E A EXPERIÊNCIA SEXUAL	119
DESFruta, MAS NÃO NECESSITES	123
CAPÍTULO 9	125
EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E SABEDORIA.....	125
EDUCAÇÃO OU FICÇÃO?.....	128
EDUCAÇÃO SOCIAL ALTERNATIVA E A JUVENTUDE	133
NOVO MODELO EDUCATIVO E OS TRÊS CONCEITOS NUCLEARES	137
CAPÍTULO 10	149
POLÍTICA HUMANA E AS LEIS	149
ECONOMIA, PODER E O ESTADO SOCIAL	153
CRISE DE CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA	157
CAPÍTULO 11	161
UNIDADE DAS NAÇÕES E O GOVERNO MUNDIAL	161
FEDERAÇÃO UNIDA	165
SOLUÇÃO ESPIRITUAL: A IRA E A PAZ INTERIOR.....	169
POESIA PRÁTICA	172
CAPÍTULO 12	175
PROPÓSITO DA ALMA E A PRIMEIRA PERGUNTA.....	175
PROPÓSITO DAS RELAÇÕES	178
A CONSCIÊNCIA DE JESUS.....	179
AJUDA OFERECIDA BENÉFICA OU PREJUDICIAL	182
NÃO SE PODE LEGISLAR A MORALIDADE	187
MUDAR A NATUREZA BÁSICA DO HOMEM	190
A COMPAIXÃO DE DEUS E A IGNORÂNCIA HUMANA.....	192
A LEI DO AMOR E UMA CONSCIÊNCIA GLOBAL.....	195
CAPÍTULO 13	197
SER UMA LUZ NO MUNDO	197
CAPÍTULO 14	201
AJUDAR OU DEIXAR EM PAZ.....	201
CAPÍTULO 15	203
DECLARAÇÃO	203
CAPÍTULO 16	205
AMBIENTE E AGRICULTURA.....	205

DINHEIRO, SEXUALIDADE E ARTIMANHAS	207
SISTEMA MONETÁRIO TRANSPARENTE E A VISIBILIDADE	210
CAPÍTULO 17	221
GOVERNO, TRIBUNAL E FORÇA MUNDIAL	221
CAPÍTULO 18	231
IGUALDADE DE OPORTUNIDADE E NÃO DE FACTO.....	231
NOVA CONSTITUIÇÃO E FEDERAÇÃO MUNDIAL	232
COMPETE-TE DECIDIR QUEM TU ÉS	235
INVEJA E CIÚME	237
MAGNIFICÊNCIA	238
RESPOSTAS CONTEXTUAIS.....	239
RETOMANDO A QUESTÃO DO NOVO SISTEMA SOCIAL	244
OBSCENIDADE DO SISTEMA CAPITALISTA	246
CAPÍTULO 19	251
DEUS EXPERIENCIA EM, COMO E ATRAVÉS DE TI.....	251
ANÁLISE DO MUNDO E O JOGO DE BASTIDORES	252
PROCURAR E ENCONTRAR DEUS	260
PROSSEGUINDO NA ANÁLISE DO MUNDO	261
MUDANÇA DE CONSCIÊNCIA E O ETERNO AGORA	263
DEUS E TUDO EM CONSTANTE MUDANÇA	264
VIDA INTELIGENTE EXTRATERRESTRE.....	266
CAPÍTULO 20	271
DÚVIDA, UNIDADE E VISIBILIDADE	271
UNIÃO CONSCIENTE COM TUDO O QUE É	273
HUMANOS ILUMINADOS.....	274
DICOTOMIA DIVINA	276
ESQUECER A RELIGIÃO E REGRESSAR À ESPIRITUALIDADE	277
PODER ABSOLUTO SEM EXIGÊNCIAS.....	280
A FECHAR	282

AGRADECIMENTOS

Quero sempre colocar em primeiro lugar na minha lista de agradecimentos Aquele Que É Todas as Coisas, e que é a Fonte de todas as coisas, incluindo este livro. Alguns optam por lhe chamar Deus, como eu, no entanto não importa o nome que se dá à Fonte. Foi, é, e será sempre a Fonte Eterna, mesmo para além da eternidade.

Em segundo lugar, quero reconhecer que tive uns pais maravilhosos, através de quem fluíram Deus como fonte da própria vida e tantas das recordações mais importantes da minha vida. Juntos, a minha Mãe e o meu Pai eram uma equipa esplêndida. Nem todos os que observavam de fora estariam de acordo, mas ambos tinham perfeita noção disso. Tratavam-se por “Peste” e “Veneno”. A minha Mãe dizia que o meu Pai era uma “peste”, e o meu Pai dizia que a minha Mãe era um “veneno” a que não conseguia resistir.

A minha mãe, Anne, era uma pessoa extraordinária; uma mulher infinitamente compassiva, profundamente compreensiva, de tranquila e inesgotável clemência, dando-se sem limites, com eterna paciência, calma sabedoria e uma permanente fé em Deus tão forte que, momentos antes da sua morte, o jovem sacerdote que lhe ministrou os últimos sacramentos da Igreja Católica Romana (e que estava claramente nervoso) deixou a sua cabeceira e veio ter comigo, tremendo de admiração. “Meu Deus”, sussurrou ele, “ela confortou-me a mim.”

O mais alto tributo à Mãe é dizer que não fiquei surpreendido com isso.

O meu pai, Alex, tinha poucas das graças dos seres delicados. Era fanfarrão, rude, conseguia ser constrangedoramente corrosivo e há quem diga que era muitas vezes cruel, especialmente para com a minha mãe. Não estou disposto a julgá-lo nesse aspeto (nem em qualquer outro). A minha mãe recusava-se a julgá-lo ou condená-lo (muito pelo contrário, elogiou-o até às suas últimas palavras), e não vejo de que me serviria ignorar o seu exemplo.

Além disso, o meu Pai tinha um monte de características amplamente positivas, características que a minha Mãe nunca esquecia e que incluíam uma fé inabalável na indomabilidade do espírito humano e a noção clara de que aquilo que tem de ser mudado não muda por nos queixarmos, mas pela liderança. Ensinou-me que eu era capaz de fazer qualquer coisa em que me empenhasse. Era um homem de quem a mulher e a família podiam depender até à última, e dependiam. Era a personificação absoluta da lealdade, não se colocando nunca à margem dos acontecimentos, tomando sempre posição, recusando-se a aceitar respostas negativas de um mundo que derrotou tantos outros. O seu mantra em face das mais esmagadoras situações era “Ah, isso não tem importância”. Utilizei esse mantra em todos os momentos difíceis da minha vida. Resultou sempre.

O maior tributo ao meu Pai é dizer que isso não me surpreendeu.

Entre ambos, senti que era desafiado e chamado a um lugar de suprema confiança em mim próprio e amor incondicional por todos os outros. Que conjunto!

No meu livro anterior, nomeei alguns membros da minha família e do meu círculo de amigos que deram - e continuam a dar - um enorme contributo para a minha vida. Quero agora incluir duas pessoas especiais que entraram na minha vida desde que foi escrito o primeiro livro e que tiveram sobre mim um impacto extraordinário:

O Dr. Leo e a Sra. Letha Bush... que me demonstraram no cotidiano das suas vidas que nos momentos de dedicação desinteressada à família e entes queridos, de preocupação com os amigos, de bondade com os necessitados, de hospitalidade para com todos e de fé permanente e amor uns pelos outros, se encontram as maiores recompensas da vida. Têm-me ensinado e inspirado profundamente.

Neste mesmo espaço desejo agradecer a mais alguns dos meus professores, anjos especiais que me foram enviados por Deus para me trazerem determinadas mensagens que agora percebo como era importante que eu as ouvisse. Alguns tocaram-me pessoalmente, outros à distância, e alguns a partir de um ponto da Matriz tão distante que eles não sabem (a nível consciente) que existo. No entanto, a sua energia foi recebida aqui, na minha alma. Incluem-se outros filósofos, líderes, fazedores de opinião, escritores e coviajantes no Caminho cujas contribuições para a Consciência Coletiva ao longo dos anos ajudaram a criar um tesouro de sabedoria que provém, e, portanto, constitui, a Mente de Deus. É dessa Fonte que sei que provém o material das Conversas com Deus. Vejo mais uma vez, ao dedicar o *Livro 2* desta trilogia, que este trabalho é o culminar de tudo o que conheci, me foi dito, a que fui exposto ou compreendi até hoje, trazido a um novo nível de acessibilidade através do instrumento desta última de uma série de conversas que tenho tido com Deus, ao longo da vida, sob muitas formas. *Na verdade, não há ideias novas no Universo, mas meras reafirmações da Verdade Eterna.*

Para além deste agradecimento geral a todos os meus mestres, desejo agradecer aos seguintes indivíduos as suas dádivas à minha vida:

Ken Keyes, Jr. cujas reflexões tocaram milhares de vidas (incluindo a minha). Ele já regressou a Casa, depois de ter sido um mensageiro precioso.

O Dr. Robert Muller... cujo trabalho a favor da paz no mundo nos beneficiou a todos e incutiu neste planeta uma nova esperança e uma visão espetacular durante mais de meio século.

Dolly Parton... cuja música, sorriso e personalidade abençoaram uma nação e alegraram tantas vezes o meu coração - mesmo quando estava destruído e tinha a certeza de que nada mais o poderia alegrar. Agora existe uma magia especial.

Terry Cole-Whittaker... cujo espírito, sabedoria, discernimento, alegria de viver e absoluta honestidade têm sido para mim tanto um exemplo como uma bitola desde o dia em que a conheci.

Neil Diamond... que chegou às profundezas da alma na sua arte, e assim chegou às profundezas da minha e tocou a alma de uma geração. O seu talento, e a generosidade emocional com que o partilhou, é monumental.

Thea Alexander... que ousou, através da escrita, despertar-me para a possibilidade de expressar o afeto humano sem limitações, sem magoar, sem propósitos ocultos, sem ciúmes amargos e sem exigências ou expectativas. Ela reacendeu no mundo o espírito incansável do amor ilimitado e o nosso natural desejo de celebração sexual, tornando-a novamente maravilhosa e bela e inocentemente pura.

Robert Rimmer... que fez exatamente o mesmo.

Warren Spahn... que me ensinou que alcançar a excelência em qualquer área da vida significa colocar bem alto a fasquia e recusar-se a baixá-la; exigir o máximo de si próprio, mesmo quando aceitar o mínimo mal seria notado (talvez especialmente nessa altura). Um herói do desporto de primeira grandeza, um herói no campo de batalha debaixo de fogo, e um herói da vida que nunca vacilou no seu empenho pela excelência, independentemente do trabalho que exigisse.

Jimmy Carter... que insiste corajosamente em fazer política internacional não fazendo política, mas a partir do coração, e do que ele sabe que está certo ao abrigo da Lei Suprema. Uma lufada de ar tão fresco que este mundo envelhecido mal tem sabido o que fazer com ela.

Shirley MacLaine... que demonstrou que o intelecto e o lazer não se excluem mutuamente; que podemos elevar-nos acima do básico e banal e do menor denominador comum. Insiste em que podemos falar de coisas maiores bem como das pequenas; de coisas mais pesadas como das leves; de coisas mais profundas como das superficiais. Luta para elevar o nível do nosso discurso e, portanto, da nossa consciência; para usar construtivamente a sua enorme influência no mercado das ideias.

Oprah Winfrey... que está a fazer exatamente o mesmo.

Steven Spielberg... que está a fazer exatamente o mesmo.

George Lucas... que está a fazer exatamente o mesmo.

Ron Howard... que está a fazer exatamente o mesmo.

Hugh Downs... que está a fazer exatamente o mesmo.

E Gene Roddenberry... cujo Espírito consegue ouvir isto agora e sorri... porque mostrou o caminho de tantas destas coisas; aceitou a aposta; foi até ao limite; foi, na verdade, onde ninguém tinha ido antes.

Estas pessoas são tesouros, como todos nós. Ao contrário de alguns de nós, no entanto, optaram por dar do seu tesouro do Eu numa escala maciça; para se disponibilizarem de uma forma imensa; por arriscarem tudo, mesmo a perder a privacidade e a colocar o seu mundo pessoal em constante turbilhão de modo a darem-se como são verdadeiramente. Nem sequer souberam se a dádiva que tinham para oferecer seria recebida. Mesmo assim, deram-na.

Por isso lhes estou reconhecido. Obrigado a todos. A minha vida ficou enriquecida por vós.

INTRODUÇÃO

Este é um documento extraordinário.

É uma mensagem de Deus, e nela Deus sugere uma revolução social, sexual, educativa, política, económica e teológica neste planeta como nunca vimos, e raramente imaginámos.

Esta sugestão é feita no contexto dos nossos próprios desejos expressos como habitantes do planeta. Dissemos que queremos criar uma vida melhor para todos, elevar a nossa consciência, procurar um mundo mais novo. Deus não nos condenará seja o que for que escolhamos, mas se escolhermos isso, Ele está disposto a mostrar-nos o caminho. Ela não nos obrigará, contudo, a aceitar as Suas sugestões. Nem agora, nem nunca.

Acho as palavras deste livro simultaneamente cativantes, perturbadoras, provocadoras e espiritualmente elevadoras. São cativantes porque me fazem sustar a respiração pelo âmbito e extensão do seu alcance. São perturbadoras porque me mostram a mim próprio - e me mostram a raça humana - de uma forma que é muito inquietante. São provocadoras porque me desafiam corno nada nem ninguém jamais o fez. O desafio de ser melhor, o desafio de ser maior do que tenho sido, o desafio de ser a Fonte de um mundo no qual a ira, a inveja mesquinha, a disfunção sexual, a injustiça económica, a tolice educativa, a desigualdade social e o secretismo, a chicana e os jogos de poder políticos nunca mais façam parte da experiência humana. São espiritualmente elevadoras na medida em que contêm a esperança de que tudo isto seja possível.

Podemos realmente construir um tal mundo? Deus diz que sim e basta que optemos por fazê-lo.

Este livro é um diálogo real com Deus. É o segundo de uma série de três livros que captam uma conversa com a Divindade que dura há mais de cinco anos - e continua até ao dia de hoje.

Podem não acreditar que este material veio realmente de Deus, mas não preciso que o façam. O que é importante para mim é apenas se o material em si tem algum valor, se traz algum discernimento, provoca algum despertar, acende um desejo renovado ou promove uma alteração frutuosa no nosso quotidiano na Terra. Deus sabe, algo tem que mudar. Não podemos continuar assim como temos estado.

A trilogia das Conversas com Deus começou quando o *Livro 1* desta série foi lançado em Maio de 1995. O livro tratava principalmente de preocupações pessoais e mudou a minha vida. Mudou muitas vidas. No espaço de semanas passou a vender-se com uma rapidez surpreendente, com a distribuição a atingir níveis espantosos. Ao fim do primeiro ano vendiam-se 12.000 exemplares por mês, e continuava a aumentar. Evidentemente, o "autor" do livro era quase desconhecido. E foi isso que tornou o documento tão intrigante e tão poderoso.

Estou profundamente agradecido por ter feito parte deste processo, o processo pelo qual algumas grandes verdades são recordadas mais uma vez por milhares de pessoas. Pessoalmente, estou satisfeito e muito feliz por tantos terem encontrado valor no trabalho.

Quero que saibam que, de início, estava completamente aterrado. Ocorreu-me que os outros pudessem pensar que estava louco, que sofria de ilusões de grandeza. Ou que, se acreditassem que o material tinha sido inspirado por Deus, seguissem realmente os conselhos. E por que tinha eu medo disso? É simples. Sabia que tudo o que tinha escrito podia estar errado.

Então começaram a chegar as cartas. Cartas de pessoas de todo o mundo. E então eu soube. Bem dentro de mim, eu soube. Aquilo estava certo. Era exatamente aquilo que o mundo precisava de ouvir, exatamente no momento certo!

(Claro que não existe “certo” e “errado”, exceto dentro da experiência relativa da nossa existência. Por isso o que sei que quero dizer é que o livro está “mesmo certo”, dado quem e o que dizemos que queremos ser neste planeta.)

Surge agora o *Livro 2* e verifico que estou mais uma vez com medo. Este livro trata de aspetos mais latos das nossas vidas individuais, bem como de considerações geofísicas e geopolíticas de âmbito mundial. Como tal, este volume conterà, segundo suspeito, muito mais coisas com que a média dos leitores poderá não concordar. E por isso, tenho medo. Tenho medo de que não gostem do que leem. Tenho medo de me meter num ninho de vespas, levantar uma tempestade, fazer ondas. E, mais uma vez, tenho medo de que tudo aqui possa estar errado.

É certo que eu faria melhor em não ter estes receios. Afinal, não li o meu próprio primeiro livro? Ora, aí têm. A minha qualidade humana de novo. Sabem, o meu objetivo ao tornar públicas estas transcrições não é abanar as pessoas. Desejo apenas, honesta e francamente, passar-vos o que Deus me comunicou em resposta às minhas perguntas. Prometi a Deus que o faria - tornar públicas estas conversas - e não posso faltar ao prometido.

Nem vocês podem faltar à vossa promessa. É óbvio que fizeram a promessa de permitir que todos os vossos pensamentos, ideias e convicções sejam continuamente desafiados. Claramente, assumiram o profundo compromisso de se desenvolverem continuamente. Só uma pessoa com um compromisso desses pegaria num livro como este.

Portanto, parece que estamos juntos nisto. E nada há a temer. Somos o que somos, e fazemos o que fazemos em consequência disso, e tudo o que temos a fazer é permanecer fiéis a isso e não há nada a temer. O que agora vejo, e penso que sempre soube, é que somos mensageiros, vocês e eu. Se não fôssemos, eu não estaria a escrever isto e vocês certamente não o estariam a ler. Somos mensageiros e temos trabalho para fazer. Primeiro, temos de nos certificar de que compreendemos claramente a mensagem que nos foi dada nos livros das **Conversas com Deus**. Segundo, temos que integrar essa mensagem nas nossas vidas de forma a torna-la funcional. E terceiro, temos que levar essa mensagem aos outros, através do instrumento simples e precioso do nosso exemplo.

Estou satisfeito por terem decidido fazer esta jornada comigo. É muito mais fácil e muito mais divertido convosco do que sem vós. Caminhemos juntos através destas páginas. Poderá ser algo desconfortável de vez em quando. Não como no *Livro 1*. O *Livro 1* era o abraço de Deus; um grande abraço caloroso envolvendo os ombros. O *Livro 2* é um abanar mais delicado, mas igualmente afetuoso, desses ombros por Deus. Um despertar. Um desafio a deslocarmo-nos para o nível seguinte.

Há sempre um nível seguinte, sabem? A vossa - que aqui veio para a experiência mais rica, não para a mais pobre; o máximo, não o mínimo - gostaria que não descansassem. E apesar de a escolha ser sempre vossa, a vossa alma preferia que nunca se tornassem complacentes ou satisfeitos com vós próprios e certamente que nunca mergulhassem na apatia. Porque há demasiado a mudar no vosso mundo, demasiado de vós ainda por criar. Há sempre uma nova montanha para escalar, uma nova fronteira para explorar, um novo medo para conquistar. Há sempre um lugar mais grandioso, um conceito maior, uma visão mais ampla.

Portanto este livro pode ser um pouco mais desconfortável que o *Livro 1*. Fiquem com o desconforto se e quando o sentirem. Agarrem-se ao barco se começar a balouçar. Vivam então num novo paradigma. Melhor ainda, através da maravilha e do exemplo da vossa própria vida vivida, ajudem a criar uma.

Neale Donald Walsch
Ashland, Oregon
Março de 1997

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO

Obrigado por terem vindo. Obrigado por estarem aqui.

É verdade que estão aqui por marcação; mas, de qualquer maneira, podiam não ter aparecido. Decidiram não o fazer. Em vez disso, optaram por estar aqui, à hora marcada, para este livro vos ir parar às mãos. Portanto, obrigado.

Se fizeram tudo isto inconscientemente, mesmo sem saber o que faziam ou porquê, isto pode parecer-vos algo misterioso e parece necessária uma breve explicação.

Comecemos por vos fazer notar que este livro chegou à vossa vida na altura certa e perfeita. Podem não o saber agora, mas quando terminarem a experiência que vos aguarda, sabê-lo-ão absolutamente.

Tudo acontece em perfeita ordem e a chegada deste livro à vossa vida não é exceção.

O que têm aqui é aquilo que têm procurado, aquilo por que têm ansiado durante muito tempo. O que têm aqui é o vosso último - e para alguns de vós talvez o primeiro - contacto muito real com Deus.

Isto é um contato e é muito real.

Deus vai agora ter uma conversa verdadeira convosco através de mim. Não teria dito isto há uns anos atrás; digo-o agora porque já tive um desses diálogos e sei, portanto, que isso é possível. Não só é possível como está sempre a acontecer. Tal como isto está a acontecer aqui, neste momento.

O que é importante que compreendam é que foram vocês, em parte, que fizeram com que isto acontecesse, tal como fizeram com que este livro se encontre nas vossas mãos neste momento. Estamos todos em causa na criação dos acontecimentos das nossas vidas e todos somos cocriadores, com o Único Grande Criador, ao produzir cada circunstância que culmina nesses acontecimentos.

A minha primeira experiência de falar com Deus em vosso nome ocorreu em 1992-93. Eu tinha escrito uma carta irada a Deus, perguntando por que razão a minha vida se tinha tornado num monumento à luta e ao fracasso. Em tudo, desde as minhas relações românticas ao trabalho da minha vida, das minhas interações com os meus filhos à minha saúde - *em tudo* - não passava

por outra coisa senão luta e fracasso. A minha carta a Deus exigia saber porquê - e o que era preciso para que a minha vida resultasse.

Para meu espanto, a carta foi respondida.

A forma como foi respondida, e o conteúdo dessas respostas, transformou-se num livro, publicado em Maio de 1995 com o título **Conversas com Deus, Livro 1**. Talvez tenham ouvido falar dele ou até pode ser que o tenham lido. Se assim for, não precisam de mais nenhum preâmbulo para este livro.

Se não estiverem familiarizados com o primeiro livro, espero que em breve venham a estar, porque o *Livro 1* descreve em muito mais detalhe como tudo isto começou e responde a muitas questões sobre as nossas vidas pessoais - questões sobre dinheiro, amor, sexo, Deus, saúde e doença, alimentação, relacionamentos, "trabalho certo" e muitos outros aspetos da nossa experiência diária - que não são aqui abordados.

Se existe uma dádiva que eu pedia a Deus para conceder ao mundo nesta altura, era a informação do *Livro 1*. Fiel a Si próprio (" *Antes de perguntarem, ter-vos-ei respondido* "), Deus já o fez.

Portanto espero que, depois de lerem este livro (ou talvez mesmo antes de acabarem de o ler), decidam ler o primeiro. É tudo uma questão de escolha, tal como a Pura Escolha vos trouxe estas palavras agora mesmo. Tal como a Pura Escolha criou todas as experiências que já tiveram (um conceito que é explicado nesse primeiro livro).

Estes primeiros parágrafos do *Livro 2* foram escritos em Março de 1996, para fazer uma breve introdução à informação que se segue. Como no *Livro 1*, o processo pelo qual esta informação "chegou" foi extraordinariamente simples. Numa folha de papel em branco, escrevia apenas uma pergunta - qualquer pergunta... normalmente a primeira pergunta que me vinha à cabeça - e assim que a pergunta estava escrita, a resposta formava-se na minha mente, como se Alguém me segredasse ao ouvido. Estava a fazer um ditado!

Com exceção destas breves linhas de abertura, todo o material deste livro foi posto no papel entre a Primavera de 1993 e pouco mais de um ano depois. Gostaria de vo-lo apresentar agora, tal como veio de mim e me foi dado....



OS CINCO NÍVEIS DE DIZER A VERDADE

É Domingo de Páscoa, em 1993, e - conforme as instruções - aqui estou. Aqui estou, de lápis na mão, um bloco à minha frente, pronto a começar.

Suponho que vos devo dizer que Deus me pediu para aqui estar. Tínhamos um encontro. Vamos começar - hoje - o *Livro 2*, o segundo de uma trilogia com Deus e que eu e vocês estamos a viver em conjunto.

Ainda não faço ideia do que este livro vai dizer ou sequer em que assuntos específicos vamos tocar. Isto porque não existe na minha cabeça um plano para este livro. Não pode existir. Não sou eu que decido o que vai lá estar. É Deus.

No Domingo de Páscoa de 1992 - faz hoje um ano - Deus começou um diálogo comigo. Eu sei que parece ridículo, mas foi o que aconteceu. Não há muito tempo, esse diálogo terminou. Foram-me dadas instruções para descansar... mas também me foi dito que tinha um "encontro" para reatar esta conversa neste dia.

Vocês também têm um encontro. E estão a cumpri-lo neste momento. Tenho a perfeita noção de que este livro está a ser escrito não só para mim, mas para vós *por meu intermédio*. Aparentemente, procuram Deus - e a Palavra de Deus - há muito tempo. Também eu.

Hoje encontraremos Deus juntos. É sempre a melhor maneira de encontrar Deus. Juntos. Nunca encontraremos Deus separados. Digo isto com dois sentidos. Quero dizer que nunca encontraremos Deus enquanto estivermos separados. Porque o primeiro passo para descobrir que não estamos separados de Deus é descobrir que não estamos separados uns dos outros, e até sabermos e compreendermos que todos nós somos Um, não podemos saber nem compreender que nós e Deus somos Um.

Deus não está separado de nós, nunca, e apenas *pensamos* que estamos separados de Deus.

É um erro vulgar. Também pensamos que estamos separados uns dos outros. E assim *a maneira mais rápida de encontrar Deus, segundo descobri, é encontrarmo-nos uns aos outros. Deixarmos de nos esconder uns dos outros. E, evidentemente, deixarmos de nos esconder de nós próprios.*

A forma mais rápida de deixar de se esconder é dizer a verdade. A toda a gente. A toda a hora.

Comece agora a dizer a verdade e não pare nunca. Comece por dizer a verdade a si próprio. Depois diga a si próprio a verdade sobre outro. Diga depois

a verdade de si próprio a outro. A seguir diga a verdade sobre outro a esse outro. Finalmente, diga a verdade a toda a gente sobre tudo.

São estes os *Cinco Níveis de Dizer a Verdade*. Este é o quántuplo caminho para a liberdade. A verdade libertar-vos-á.

Este livro é sobre a verdade. Não a minha verdade, mas a verdade de Deus.

O nosso diálogo inicial - de Deus e meu - ficou concluído há cerca de um mês. Presumo que este decorra tal como o primeiro. Ou seja, eu faço as perguntas e Deus responde. Acho que vou parar e perguntar a Deus agora mesmo.

A MINHA E A TUA VONTADE

Deus - é assim que vai ser?

Sim.

Bem me pareceu.

Exceto que neste livro levantarei Eu próprio algumas questões, sem que me perguntes. Não o fiz muito no primeiro livro, como sabes.

Sim. Por que estás a introduzir essa alteração aqui?

Porque este livro está a ser escrito a meu pedido. Pedi-te para vires aqui - como fizeste notar. O primeiro livro foi um projeto que começaste sozinho.

Com o primeiro livro tinhas um propósito. Com este livro não tens propósito a não ser fazer a Minha Vontade.

Sim. É verdade.

Esse, Neale, é um lugar muito bom para estar. Espero que tu - e outros - vás muitas vezes a esse lugar.

Mas eu pensava que a Tua Vontade era a minha vontade. Como posso não fazer a Tua Vontade se for a mesma que a minha?

É uma pergunta complicada, essa - e não é um mau ponto de partida; não é um lugar nada mau para começarmos este diálogo.

Vamos retroceder alguns passos. Eu nunca disse que a Minha Vontade era a tua vontade.

Disseste, sim! No último livro, disseste-me muito claramente: “A tua vontade é a Minha Vontade”.

De facto - mas isso não é a mesma coisa.

Não é? Eu achei que sim.

Quando digo “A tua vontade é a Minha Vontade”, não é a mesma coisa que dizer que a Minha Vontade é a tua vontade.

Se fizesses sempre a Minha Vontade, nada mais terias a fazer para conseguir a Iluminação. O processo estaria terminado. Já lá terias chegado.

Um dia em que não fizesses outra coisa senão a Minha Vontade trar-te-ia a Iluminação. Se tivesses feito a Minha Vontade durante os anos todos que viveste, era pouco provável que precisasses de estar envolvido neste livro neste momento.

Portanto está claro que não tens feito a Minha Vontade. De facto, a maior parte do tempo nem sequer conheces a Minha Vontade.

Não conheço?

Não, não conheces.

Então por que não me dizes qual é?

Digo. Mas tu não escutas. E quando escutas, não ouves realmente. E quando ouves, não acreditas no que ouves. E quando acreditas no que ouves, de qualquer maneira não segues as instruções.

Portanto, dizer que a Minha Vontade é a tua vontade é demonstradamente inexato.

Por outro lado, a tua vontade é a Minha Vontade. Primeiro, porque a conheço. Segundo, porque a aceito. Terceiro, porque a louvo. Quarto, porque a amo. Quinto, porque a possuo e lhe *chamo Minha*.

Significa isto que tens a livre vontade de fazer o que quiseses - e eu faço a tua vontade Minha, através do amor incondicional.

Agora, para a Minha Vontade ser a tua, terias que fazer o mesmo.

Primeiro, terias que a conhecer. Segundo, terias que a aceitar. Terceiro, terias que a louvar. Quarto, terias que a amar. Finalmente, terias que chamá-la a tua própria vontade.

Em toda a história da tua espécie, apenas alguns de vocês o fizeram consistentemente. Um punhado de outros fizeram-no quase sempre. Muitos fizeram-no muitas vezes. Uma série de gente fê-lo de vez em quando. E praticamente toda a gente o fez em raras ocasiões - embora alguns nunca o tenham feito.

Em que categoria estou?

Isso é importante? Em que categoria queres estar *a partir de agora*? Não é essa a questão pertinente?

Sim.

E a tua resposta?

Gostava de estar na primeira categoria. Gostava de conhecer e fazer a Tua Vontade a todo o momento.

Isso é louvável, recomendável e provavelmente impossível.

Porquê?

Porque tens muito que crescer antes de o poderes reclamar. No entanto digo-te: Podias reclamá-lo, podias passar à Divindade, neste instante, se assim decidisses. A tua evolução não precisa de levar assim tanto tempo.

Então, por que tem levado tanto tempo?

De facto. Por que tem sido? Por que esperas? Seguramente não crês que sou Eu que te impeço?

Não. Tenho a clara noção de que sou eu que me impeço.

Ótimo. A clareza é o primeiro passo para a mestria.

Eu gostava de chegar à mestria. Como o posso fazer?

Continua a ler este livro. É exatamente aí que te vou levar.

CAPÍTULO 2

CONTINUA A ESCOLHER SEMPRE A MESMA COISA

Não tenho a certeza de para onde vai este livro. Não sei bem por onde começar.

Tomemos o tempo.

Quanto tempo vamos ter que tomar? Já me levou cinco meses para chegar do primeiro capítulo aqui. Eu sei que as pessoas leem isto e pensam que é tudo escrito num só fluxo contínuo, sem interrupções. Não se apercebem de que se passaram 20 semanas entre o 32º e o 33º parágrafo deste livro. Não compreendem que por vezes os momentos de inspiração distam meio ano entre si. Quanto tempo temos que tomar?

*Não foi isso que Eu quis dizer. Quero dizer, tomemos o *Tempo* como o nosso primeiro tema, como um local para começar.*

Ah, está bem. Mas já que estamos no assunto, por que *leva* meses a terminar um simples parágrafo? Por que demoras tanto tempo entre visitas?

Meu caro e maravilhoso filho, não demoro muito tempo entre “visitas”. Nunca estou sem estar contigo. Simplesmente nem sempre te apercebes.

Porquê? Por que não me apercebo de TI se estás sempre aqui?

Porque a tua vida se deixa apanhar noutras coisas. Vamos lá a ver; estiveste bem ocupado nestes cinco meses.

Estive. Estive, sim. Tem acontecido muita coisa.

E deste mais importância a essas coisas que a Mim.

Essa não me parece a minha verdade.

Convido-te a olhares para as tuas ações. Tens estado profundamente envolvido com a tua vida física. Tens dado muito pouca atenção à tua alma.

Tem sido um período difícil.

Sim. Mais uma razão para incluíres a tua alma no processo. Os últimos meses teriam corrido muito melhor com a Minha ajuda. Portanto, posso sugerir que não percas o contato?

Eu tento manter-me próximo, mas parece que me perco - apanhado, como dizes - no meu próprio drama. E então, não sei como, não arranjo tempo para Ti. Não rezo. E certamente não escrevo.

Eu sei. É uma ironia da vida que quando mais precisas da nossa ligação te afastes dela.

Como hei-de deixar de fazer isso?

Deixas de fazer isso.

Foi isso que acabei de dizer. Mas como?

Deixas de fazer isso deixando de o fazer.

Não é assim tão simples.

É assim tão simples.

Quem me dera que fosse.

Então será *realmente*, porque o que tu desejas é Minha ordem. Lembra-te Meu caro, os teus desejos são os Meus desejos. A tua vontade é a Minha Vontade.

Está bem. Pronto. Então desejo que este livro esteja terminado em Março. Estamos agora em Outubro. Desejo que não haja mais intervalos de cinco meses na chegada do material.

Assim será.

Ótimo.

A menos que não seja.

Mau... Temos que fazer estes jogos?

Não. Mas até agora isso é como decidiste viver a tua Vida. Estás sempre a mudar de opinião. Lembra-te de que a vida é um processo constante de criação. Estás a criar a tua realidade a cada minuto. A decisão que tomas hoje muitas vezes não é a que escolhes amanhã. No entanto, eis um segredo de todos os Mestres: continua a escolher sempre a mesma coisa.

Repetidamente? Uma vez não chega?

Repetidamente até que a tua vontade se torne manifesta na tua realidade.

Para alguns pode levar anos. Para alguns, meses. Para outros, semanas. Para os que se aproximam da mestria, dias, horas, ou mesmo minutos. Para os Mestres, a criação é instantânea.

Saberás que estás a caminho da mestria quando vires fechar-se o espaço entre Querer e Experienciar.

Disseste: “A decisão que tomas hoje muitas vezes não é a que escolhes amanhã”. E então? Queres dizer que nunca nos devemos permitir mudar de ideias?

Muda de ideias quantas vezes quiseres. Lembra-te, contudo, que com cada mudança de ideias vem acompanhada por uma mudança de direção do Universo inteiro.

Quando “constróis uma ideia” sobre qualquer coisa, pões o Universo em movimento. Há forças para além da tua capacidade de compreensão - muito mais complexas e subtis do que possas imaginar - que estão envolvidas no processo cuja dinâmica intricada estás apenas a começar a perceber.

Essas forças e esse processo fazem todos parte da extraordinária teia de energias interativas que abrangem a totalidade da experiência a que chamas vida.

São, na sua essência, Eu.

Portanto quando mudo de ideias estou a criar-Te dificuldades, é isso?

Nada é difícil para Mim - mas podes estar a criar muitas dificuldades a ti próprio. Portanto, debes ter uma ideia única e um só propósito sobre uma coisa. E não deixes de pensar nela até a teres produzido na realidade. Mantém-te concentrado. Mantém o equilíbrio.

É isso que quer dizer decidido. Se escolheres uma coisa, escolhe-a com todas as forças, todo o teu coração. Não percas a coragem. Continua! Continua em direção a ela. Sê determinado.

Não aceitar um não como resposta.

Exatamente.

Então e se *não* for a resposta certa? Se o que queremos não for para nós - para o nosso próprio bem, não for do nosso interesse? Então não no-lo dás, certo?

Errado. “Dar-vos-ei” o que quer que seja que peçam, quer seja “bom” para vós ou “mau” para vós. Tens olhado para a tua vida ultimamente?

Mas ensinaram-me que não se pode ter sempre o que desejamos - que Deus não no-lo dará se não for para o nosso maior bem.

Isso é o que as pessoas vos dizem quando não querem que fiquem desiludidos com um determinado desfecho.

Primeiro que tudo, voltemos à clareza sobre a nossa relação. Eu não vos “dou” nada - vocês é que apelam às coisas. O *Livro 1* explica exatamente como o fazem, com bastante pormenor.

Segundo, não faço juízos sobre aquilo a que apelam. Não digo que uma coisa é “boa” ou “má”. (Vocês, também fariam bem em não o fazer.)

Tu és um ser criativo - feito à imagem e semelhança de Deus. Podes ter o que quer que escolhas. Mas não podes ter tudo o que quiseses. De facto nunca terás *qualquer coisa* que queiras se a quiseses suficientemente.

Eu sei. Explicaste isso no *Livro 1* também. Disseste que o ato de querer uma coisa a afasta de nós.

Sim, e lembras-te porquê?

Porque os pensamentos são criativos, e o pensamento de querer uma coisa é uma declaração perante o Universo - a declaração de uma verdade - que o Universo produz então na minha realidade.

Precisamente! Exatamente! Tu *aprendeste*. Tu *compreendes*. Isso é ótimo.

Sim, é assim que funciona. No momento em que dizes “eu quero” alguma coisa, o Universo diz “Queres de facto” e dá-te essa mesma experiência - *a experiência de a querer!*

O que quer que coloques depois da palavra “Eu” torna-se o teu comando criativo. O génio na garrafa - que sou Eu - existe mas para obedecer.

Eu produzo aquilo a que apelas! Tu apelas precisamente àquilo que pensas, sentes e dizes. É tão simples como isso.

VIDA VIVIDA POR ESCOLHA OU POR ACASO

Então diz-me outra vez - por que levo tanto tempo a criar a realidade que escolho?

Por variadíssimas razões. Porque não acreditas que podes ter aquilo que escolhes. Porque não sabes o que escolher. Porque estás sempre a tentar imaginar o que é “melhor” para ti. Porque queres garantias antes de tempo de que todas as tuas escolhas serão “boas”. E porque estás sempre a mudar de ideias!

Deixa-me ver se entendo. Não devia tentar imaginar o que é melhor para mim?

“Melhor” é um termo relativo, dependente de uma centena de variáveis. Isso torna as escolhas muito difíceis. Devia haver apenas uma consideração quando se toma uma decisão - Será isto uma afirmação de Quem Eu Sou? Será isto uma declaração de Quem Quero Ser?

Toda a vida devia ser uma declaração destas. De facto, toda a vida é. Podes permitir que essa declaração seja feita por *acaso* ou por *escolha*.

Uma vida vivida por escolha é uma vida de ação consciente. Uma vida vivida por acaso é uma vida de reação inconsciente.

A reação é isso mesmo - uma ação tomada anteriormente. Quando “re-ages”, o que fazes é avaliar os dados que recibes, procurar no banco de memória a mesma ou quase a mesma experiência, e *agir da forma que agiste antes*. Isto é tudo trabalho da mente, não da alma.

A tua alma far-te-ia pesquisar a sua “memória” para ver como serias capaz de criar uma verdadeira *experiência genuína* de Ti no Momento de Agora. Esta é a experiência de “pesquisa da alma” de que tens ouvido falar

tantas vezes, mas tens que estar literalmente “fora da tua mente”¹ para o fazer.

Quando gastas o tempo a tentar perceber o que é “melhor” para ti, estás a fazer apenas isso: *a gastar tempo*. É melhor poupar tempo do que desperdiçá-lo.

É uma grande poupança de tempo estar fora da mente. Chega-se depressa às decisões, as escolhas são rapidamente ativadas, porque a tua alma cria apenas a partir da experiência presente, sem revisão, análise e crítica de encontros passados.

Lembra-te disto: a alma cria, a mente reage.

A alma sabe, na Sua sabedoria, que a experiência que estás a ter Neste Momento é uma experiência que te foi enviada por Deus antes de teres dela qualquer noção consciente. É isso que se quer dizer com a experiência “pré-enviada”². Já vai a caminho enquanto a procuras - pois mesmo antes de pedires, ter-te-ei respondido. Todo o Momento de Agora é uma dádiva gloriosa de Deus. É por isso que se chama presente.

A alma busca intuitivamente a circunstância e situação perfeita agora necessária para sanar um pensamento errado e te trazer a experiência certa de Quem Realmente És.

O desejo da alma é trazer-te de volta a Deus - trazer-te para casa, para Mim.

É intenção da alma conhecer-se experiencialmente - e assim conhecer-Me. Porque a alma compreende que Tu e Eu somos Um, mesmo quando a mente nega esta verdade e o corpo exprime essa negação.

A alma compreende o que a mente não consegue conceber.

Se passas o tempo a tentar imaginar o que é “melhor” para ti, as tuas escolhas serão cautelosas, as tuas decisões levarão uma eternidade, e a tua jornada será lançada num mar de expetativas.

Se não tiveres cuidado, *afogar-te-ás* nas tuas expetativas.

¹ Trocadilho com: *out of your mind* - não estar bom da cabeça. (N. da T.)

² *Pre-sent*, literalmente, pré-enviada. (N. da T.)

Caramba! Isso é que é uma resposta! Mas como é que escuto a minha alma? Como é que sei o que estou a ouvir?

A alma fala contigo em sentimentos. Escuta os teus sentimentos. Segue os teus sentimentos. Honra os teus sentimentos.

OS SENTIMENTOS SÃO A LINGUAGEM DA TUA ALMA

Por que é que me parece que honrar os meus sentimentos foi precisamente o que me fez, antes de mais nada, arranjar problemas?

Porque classificaste a evolução como “problemas”, e ficar quieto como “seguro”.

Digo-te: Os teus sentimentos nunca te arranjarão “problemas”, porque os sentimentos são a tua verdade.

Se queres viver uma vida em que nunca sigas os sentimentos, mas onde cada sentimento é filtrado pelo mecanismo da tua Mente, vai em frente.

Toma as tuas decisões com base na análise que a tua Mente fizer da situação.

Mas não procures alegria nessas maquinações, nem a celebração de Quem Realmente És.

Lembra-te disto: A verdadeira celebração não tem mente.

Se escutares a tua alma saberá o que é “melhor” para ti, porque o que é melhor para ti é o que para ti é verdadeiro.

Quando ages apenas de acordo com o que é verdadeiro para ti, aceleras no teu caminho. Quando *crias* uma experiência baseada na tua “verdade de agora”, produzes um “novo tu”.

Por que demora tanto tempo a criar a realidade que escolhes?

É por isto: porque não tens vivido a tua verdade.

Conhece a verdade e a verdade libertar-te-á.

No entanto, uma vez que chegues a conhecer a tua verdade, não estejas *sempre a mudar de ideias a seu respeito*. Isso é a tua mente a tentar imaginar o que é “melhor”.

Pára com isso! Sai da tua mente. Regressa aos teus *sentidos*!

É isso que *significa* “regressar aos seus sentidos”³. É um regresso a como se *sente*, não como se *pensa*. Os teus pensamentos são apenas isso - pensamentos. Construções mentais. Criações “fabricadas” pela tua mente. Mas os teus *sentimentos* - esses são reais.

Os sentimentos são a linguagem da tua alma. E a tua alma é a tua verdade.

Pronto. Isto assim já faz sentido para ti?

Isso quer dizer que devemos exprimir qualquer sentimento - por muito negativo ou destrutivo que ele seja?

Os sentimentos não são negativos nem destrutivos. São simplesmente verdades. A forma como exprimes a tua verdade é que interessa.

Quando exprimes a tua verdade com amor, raramente ocorrem resultados negativos ou prejudiciais e, quando estes acontecem, é normalmente porque outra pessoa decidiu experienciar a tua verdade de uma forma negativa ou prejudicial. Nesse caso, provavelmente nada há que possas fazer para evitar o desfecho.

Certamente que *não* exprimir a tua verdade dificilmente seria apropriado. No entanto, as pessoas fazem-no constantemente. Tanto medo têm de causar, ou de se defrontarem, com algo possivelmente desagradável que escondem completamente a sua verdade.

Lembra-te disto: Não se compara a importância de uma mensagem ser bem recebida com a de ser bem enviada.

Não podes assumir a responsabilidade pela forma como outra pessoa aceita a tua verdade; só podes assegurar-te de que ela é bem comunicada.

³ Trocadilho com: *getting back to your sense* - recuperar o juízo. (N. da T.)

E quando digo bem, não quero apenas dizer com que clareza; quero dizer com que afeto, com que compaixão, com que sensibilidade, como que coragem e de quão completamente.

Isto não deixa lugar para meias verdades, para a “verdade brutal” nem mesmo para a “verdade nua e crua”. Significa mesmo a verdade, toda a verdade e nada senão a verdade, assim Deus vos ajude.

É a parte do “assim Deus vos ajude” que traz as qualidades Divinas do amor e da compaixão - porque ajudar-vos-ei sempre a comunicar desta forma, se Mo pedirem.

Portanto sim, exprimam o que chamam os vossos sentimentos mais “negativos”, mas não de uma maneira destrutiva.

Não exprimir (ou seja, empurrar para fora) os sentimentos negativos não os fazem desaparecer; conserva-os dentro da pessoa. A negatividade “conservada dentro” faz mal ao corpo e pesa na alma.

Mas se outra pessoa ouvir todos os pensamentos negativos que se tem sobre essa pessoa, isso terá que afetar a relação entre elas, por muito afetuosamente que esses pensamentos sejam transmitidos.

Eu disse exprimir (empurrar para fora, libertar-se de) os vossos sentimentos negativos - não disse como nem a quem.

Nem toda a negatividade tem de ser partilhada com a pessoa sobre a qual é sentida. É apenas necessário comunicar esses sentimentos ao outro quando não o fazer comprometa a vossa integridade ou faça com que outrem acredite numa não-verdade. A negatividade nunca é um sinal da verdade última, mesmo que pareça a vossa verdade nesse momento. Pode surgir de uma parte vossa não curada. De facto, *surge sempre*.

É por isso que é tão importante deitar essas negatividades para fora, libertá-las. Só libertando-as - pondo-as cá fora, colocando-as à vossa frente - é que poderão vê-las de forma suficientemente clara para saber se acreditam realmente nelas.

Todos vocês disseram coisas - coisas feias - que descobriram que, depois de terem sido ditas, deixam de parecer “verdadeiras”.

Todos vocês exprimiram sentimentos - desde o medo à ira e à raiva - para acabarem por descobrir que, uma vez expressos, já não revelam como vocês *realmente* se sentem.

Desta maneira, os sentimentos podem ser enganadores.

Os sentimentos são a linguagem da alma, mas vocês têm de se certificar de que estão a escutar os vossos *verdadeiros sentimentos* e não um modelo contrafeito construído na vossa mente.

Ora, bolas, então agora nem sequer posso confiar nos meus *sentimentos*. Que bom! Pensei que era esse o caminho da verdade! Pensei que era isso que me estavas a *ensinar*.

É. Estou. Mas escuta, porque é mais complexo do que te apercebes agora. Alguns sentimentos são *sentimentos verdadeiros* - ou seja, sentimentos nascidos na alma - e alguns sentimentos são sentimentos falsos. Esses são construídos na tua mente.

Por outras palavras, não são “sentimentos” nenhuns - são *pensamentos*. Pensamentos *mascarados* de sentimentos.

Esses pensamentos baseiam-se na tua experiência anterior e na experiência que observaste dos outros. Vês alguém a fazer uma careta quando lhe arrancam o dente, *tu* fazes uma careta quando te arrancam um dente. Pode nem sequer *doer*, mas fazes a careta na mesma. A tua reação nada tem a ver com a realidade, mas apenas como tu vês a realidade, baseado na experiência de outros ou em algo que *te* aconteceu no *passado*.

O maior desafio enquanto seres humanos é Estar Aqui Agora, para deixar de inventar coisas! Pára de criar pensamentos sobre um momento pre-sente (um momento que enviaste a ti mesmo antes de teres um pensamento sobre ele.) Deixa-te estar *no momento*. Lembra-te, enviaste ao teu Eu este momento como uma dádiva. O momento continha a semente de uma verdade tremenda. É uma verdade que querias recordar. Contudo, quando o momento chegou, começaste imediatamente a contruir pensamentos sobre ele. Em vez de te deixares estar no momento, ficaste *de fora* do momento e julgaste-o. Então re-agiste. Ou seja, agiste como *tinhas feito anteriormente*.

Olha agora para estas duas palavras:

REATIVE (reativo)

CREATIVE (criativo)

Repara que se trata da mesma palavra. Apenas o “C” se deslocou! Quando colocas o “C” corretamente nas coisas, tornas-te Criativo, em vez de Reativo.

Que inteligente.

Bom, Deus é assim.

Mas, sabes, onde Eu quero chegar é que quando encaras cada momento de novo, *sem preconceitos sobre ele*, podes *criar* quem tu és, em vez de re-interpretares quem *foste anteriormente*.

A vida é um processo de criação, e tu estás a vivê-la como se fosse um processo de re-interpretação!

Mas como pode qualquer ser humano racional ignorar a sua experiência anterior no momento em que algo acontece? Não é normal trazer ao de cima tudo o que se sabe sobre o assunto e reagir a partir daí?

Pode ser normal, mas não é natural. “Normal” significa algo feito habitualmente. “Natural” é como és quando não estás a tentar ser “normal”!

Natural e normal não são a mesma coisa. A qualquer momento podes fazer o que fazes normalmente, ou podes fazer o que surge naturalmente.

Digo-te: *Nada é mais natural que o amor.*

Se agires com amor, agirás naturalmente. Se reagires com medo, com ressentimento, zangado, podes estar a agir *normalmente*, mas nunca estarás a agir *naturalmente*.

Como posso agir com amor quando toda a minha experiência anterior brada que um determinado “momento” pode ser doloroso?

Ignora a tua experiência anterior e *entra* no momento. Deixa-te Estar Aqui Agora. Vê o que há para trabalhares *agora mesmo* para *te criares de novo*.

Lembra-te, *é isso que estás aqui a fazer*.

Vieste para este mundo desta forma, neste momento, neste local, para Saberes Quem Tu És - e criares Quem Desejas Ser.

É esse o propósito de toda a vida. A vida é um processo contínuo e interminável de recriação. Vocês estão sempre a recriar-se à imagem da vossa próxima ideia sublime de vós próprios.

PEDI E SER-VOS-À DADO... E A CONSCIÊNCIA CRÍSTICA

Mas isso não é um bocado como o homem que saltou do edifício mais alto, seguro de que conseguia voar? Ele ignorou a sua “experiência anterior” e a “experiência observada nos outros” e saltou do edifício, declarando durante todo esse tempo “Eu sou Deus!”. Isso não parece muito esperto.

E eu digo-te: Os homens conseguiram resultados muito maiores que voar. Os homens curaram doenças. Os homens ressuscitaram mortos.

Um homem.

Pensas que foi só a um homem que foram concedidos esses poderes sobre o universo físico?

Só um homem os demonstrou.

Não foi assim. Quem apartou o Mar Vermelho?

Deus.

De facto, mas quem apelou a Deus para o fazer?

Moisés.

Exatamente. E quem apelou a Mim para curar os doentes e ressuscitar os mortos?

Jesus.

Sim. E então, pensas que aquilo que Moisés e Jesus fizeram tu *não podes fazer*?

Mas eles não o fizeram! Pediram-Te para o fazeres! Isso é diferente.

Está bem. Para já, iremos pela tua interpretação. E achas que *tu* não Me podes pedir as mesmas coisas milagrosas?

Suponho que poderia.

E Eu concedê-las-ia?

Não sei.

É essa a diferença entre ti e Moisés! É isso que te separa de Jesus!

Muitas pessoas creem que se pedirem em nome de Jesus, Tu acederás ao seu pedido.

Sim, muitas pessoas acreditam nisso. Creem não terem poder, mas viram (ou acreditam noutros que viram) o poder de Jesus, portanto pedem em seu nome. Apesar de ele ter dito, “Por que vos admirais?” Estas coisas, e mais ainda, vós também fareis”. No entanto as pessoas não conseguiam acreditar. Muitas não acreditam até hoje.

Vocês todos imaginam não serem dignos. Por isso podem em nome de Jesus. Ou da Santa Virgem Maria. Ou do “santo padroeiro” disto ou daquilo. Ou do Deus do Sol. Ou do espírito do Oriente. Vocês usam o nome seja de quem for - *seja de quem for* - exceto o vosso! No entanto Eu vos digo - *Pedi e ser-vos-á dado. Procurai e achareis. Batei e abrir-se-vos-á.*

Saltaí do edifício e voareis.

Há pessoas que levitaram. Acreditas nisso?

Bom, já ouvi falar.

E pessoas que passaram através de paredes. E até que saíram do próprio corpo.

Sim, sim. Mas eu nunca vi ninguém atravessar uma parede - e não sugiro a ninguém que o faça. Nem acho que devemos saltar de edifícios. Provavelmente não é bom para a saúde.

Esse homem morreu da queda, não porque não pudesse voar se proviesse do estado certo de Ser, mas porque *nunca* poderia ter demonstrado Divindade tentando exhibir-se como se estivesse separado de vós.

Explica, por favor.

O homem do edifício vivia num mundo de autoilusão em que se imaginava *diferente do resto de vós*. Ao declarar “Eu sou Deus”, *começou* a sua demonstração com uma mentira. Esperava tornar-se à parte. Maior. Mais poderoso.

Foi um ato do ego.

O ego - aquilo que é separado, individual - nunca pode duplicar ou demonstrar o que é Um.

Ao procurar demonstrar que era Deus, o homem do edifício demonstrou apenas a sua separação de, não a sua unidade com, todas as

coisas. Assim, procurou demonstrar Divindade demonstrando Não-Divindade, e fracassou.

Jesus, pelo contrário, demonstrou Divindade demonstrando Unidade - e vendo Unidade e Integridade onde quer (ou para quem quer) que olhasse. Nisso a sua consciência e a Minha consciência eram Uma, e, num tal estado, fosse o que fosse a que apelasse tornava-se manifesto na sua Divina Realidade nesse Momento Sagrado.

Estou a ver. Portanto, basta ter “Consciência de Cristo” para fazer milagres! Bem, isso deve tornar as coisas mais simples...

Na verdade, torna. Mais simples do que pensas. E muitos têm alcançado essa consciência. Muitos foram Cristados, não foi só Jesus de Nazaré.

Tu também podes ser Cristado.

Como?

Procurando sê-lo. Escolhendo sê-lo. Mas é uma escolha que tens de fazer em cada dia, a cada minuto. Tem que se tornar no *grande propósito da tua vida*.

É o propósito da tua vida - simplesmente tu não o sabes. E mesmo se o sabes, mesmo que recordes a razão extraordinária da tua própria existência, não pareces saber como lá chegar a partir de onde estás.

Sim, é esse o caso. Então como posso chegar de onde estou até onde quero estar?

Digo-te mais uma vez: Procura e encontrarás. Bate e abrir-se-te-á.

Há 35 anos que ando a “procurar” e a “bater”. Perdoa-me se estou um bocado farto dessa conversa.

Para não dizer desiludido, não é? Mas na verdade, embora tenha de te dar boas notas por tentares - um “A pelo esforço” por assim dizer, não

posso dizer, não posso concordar contigo, que andes a procurar e a bater há 35 anos.

Concordemos que tens andado a procurar e a bater *vez sim vez não* há 35 anos - sobretudo, vez não.

No passado, quando eras muito jovem, dirigias-te a Mim apenas quando tinhas problemas, quando precisavas de alguma coisa. À medida que foste ficando mais velho e amadureceste, compreendeste que essa não era a *relação certa* com Deus, e procuraste criar algo com maior significado. Mesmo então, Eu era pouco mais que uma *coisa para de vez em quando*.

Ainda mais tarde, quando percebeste que a união com Deus só pode ser alcançada através da comunhão com Deus, assumiste as práticas e os comportamentos que podiam alcançar a comunhão, mas mesmo esses assumiste esporadicamente, inconsistentemente.

Meditavas, cumprias rituais, fazias-Me apelo na oração e no cântico, evocavas o Espírito de Mim em ti, mas só quando te convinha, só quando te sentias inspirado para o fazer.

E, gloriosa como era a tua experiência de Mim mesmo nessas ocasiões, mesmo assim passaste 95% da tua vida preso à ilusão da separação, e apenas por brevíssimos momentos aqui e além na compreensão da *realidade suprema*.

Ainda pensas que a tua vida são reparações do automóvel e contas de telefone e aquilo que queres das relações, que tem a ver com os dramas que tu criaste, em vez de ter a ver com o *criador* desses dramas.

Ainda tens que aprender por que é que continuas a criar os teus dramas. Estás demasiado ocupado a representá-los.

Dizes que entendes o sentido da vida, mas não vives os teus entendimentos. Dizes que sabes o caminho que conduz à comunhão com Deus, mas não segues esse caminho. Alegas que te encontras no trilho, mas não caminhas nele.

Então vens ter Comigo e dizes que andas a procurar e a bater há 35 anos.

Detesto ter de ser Eu a tirar-te as ilusões, mas...

É altura de deixares de ficar desiludido Comigo e começares a ver-te como realmente és.

Ora - deixa-me dizer-te: Queres ser “Cristado”? Age como Cristo, a cada minuto de cada dia. (Não é que não saibas como. Ele mostrou-te o caminho.) Sê como Cristo em todas as circunstâncias. (Não é que não possas. Ele deixou-te *instruções*.)

Nisso não estás desprovido de ajuda, se a procurares. Dou-te orientação a cada minuto de cada dia. Eu Sou a vozinha interior que sabe para que lado virar, que caminho seguir, que resposta dar, que ação pôr em prática, que palavra dizer - que *realidade criar* se procuras verdadeiramente a comunhão e a unidade Comigo.

Basta *escutares-Me*.

Acho que não sei como isso se faz.

Ora, que disparate! *Estás a fazê-lo agora mesmo!* Apenas tens que fazê-lo constantemente...

Não posso andar por aí com um bloco amarelo a cada minuto do dia. Não posso parar tudo e começar a escrever-Te bilhetes, na esperança de que Tu lá estejas com uma das Tuas respostas brilhantes.

Obrigado. *São* brilhantes! E aqui tens outra: *Podes, sim!*

Quer dizer, se alguém te dissesse que podias ter uma ligação Direta com Deus - um elo direto, uma linha direta - e que o que tinhas a fazer era certificares-te de que tinhas papel e caneta à mão a todo o momento, fá-lo-ias?

Bem, sim, claro.

No entanto acabaste de dizer que *não o farias*. Ou que “não podias”. Então o que se passa contigo? O que estás a dizer? Qual é a tua verdade?

Agora, a Boa Notícia é que nem sequer precisas de um bloco e de uma caneta.

Eu estou sempre contigo. Não vivo na caneta.

Vivo em ti.

Isso é verdade, não é?... Quero dizer, posso mesmo acreditar nisso, não posso?

Claro que podes acreditar. É o que te tenho pedido para acreditar desde o princípio. É o que todo o Mestre, incluindo Jesus, te tem dito. É o ensinamento central. É a verdade suprema.

Estou sempre convosco, até ao fim dos tempos.

Acreditas nisto?

Sim, agora acredito. Mais do que nunca, quero eu dizer.

Ainda bem. Então *usa-Me*. Se para ti dá resultado agarrar num bloco e numa caneta (e, devo dizer, parece resultar muito bem para ti), então *agarra num bloco e numa caneta. Mais vezes*. Todos os dias. A todas as horas, se tiver que ser.

Aproxima-te de Mim. *Aproxima-te de Mim!* Faz o que sabes. Faz o que tens de fazer. Faz o que for preciso.

Reza um terço. Beija uma pedra. Curva-te para o Oriente. Entoa um cântico. Balança um pêndulo. Testa um músculo.

Ou escreve um livro.

Faz o que for preciso.

Cada um de vocês tem a sua própria interpretação. Cada um de vocês Me entendeu - Me criou - à sua própria maneira.

Para alguns sou um homem. Para alguns sou uma mulher. Para alguns sou ambos. Para alguns, não sou nem uma coisa nem outra.

Para alguns de vocês sou energia pura. Para alguns, o sentimento supremo, a que chamam amor. E alguns de vocês não fazem ideia do que Eu sou. Sabem simplesmente que EU SOU.

E assim é.

EU SOU.

Sou o vento que vos roça os cabelos. Sou o Sol que vos aquece o corpo. Sou a chuva que vos dança no rosto. Sou o aroma das flores no ar e sou as flores que exalam a sua fragrância. Sou o ar que transporta essa fragrância.

Sou o princípio do vosso primeiro pensamento. Sou o fim do último. Sou a ideia que iluminou o vosso momento mais brilhante. Sou a glória da sua realização. Sou o sentimento que alimentou a coisa mais amorosa que jamais fizeram. Sou a parte de vós que anseia por esse sentimento repetidamente.

O que quer que para vocês resulte, o que quer que o faça acontecer - *qualquer* que seja o ritual, cerimónia, demonstração, meditação, pensamento, canção; palavra ou ação necessária para que vocês se “re-unam” - *façam-no*.

Fazei isto em memória de Mim.

CAPÍTULO 3

PEQUENO RESUMO DO CAPÍTULO 2

Portanto, voltando atrás e resumindo o que me estás a dizer, parece que se apresentam estes pontos principais.

- A vida é um processo de criação em curso.
- Um segredo de todos os Mestres é deixar de se mudar de ideias; escolher sempre a mesma coisa.
- Não aceitar um não como resposta.
- Nós “chamamos” aquilo que pensamos, sentimos e dizemos.
- A vida pode ser um processo de criação ou reação.
- A alma *cria*, a mente *reage*.
- A alma compreende aquilo que a mente não consegue conceber.
- Deixa de tentar perceber o que é “melhor” para ti (como podes ganhar o máximo, perder o mínimo, conseguir o que queres) e começa a alinhar com o que sentes Que Tu És.
- Os teus sentimentos são a tua verdade. O que é melhor para ti é o que é verdadeiro para ti.
- Os pensamentos não são sentimentos; são antes ideias de como te “devias” sentir. Quando se confundem os

pensamentos com os sentimentos, a verdade fica encoberta, perdida.

- Para voltares aos teus sentimentos, deixa-te ficar *fora da tua mente e regressa aos teus sentidos*.
- Quando conheceres a tua verdade, vive-a.
- Os sentimentos negativos não são sentimentos verdadeiros de todo; são antes os teus pensamentos acerca de algo, sempre baseados na tua experiência anterior e na de outros.
- A experiência anterior não é um indicador de verdade, uma vez que a Pura Verdade é criada aqui e agora, não reencenada.
- Para mudar a tua reação a qualquer coisa, está no momento presente (ou seja, “*pré-enviado*”) - o momento que te foi enviado e que era o que era antes de teres algum pensamento sobre ele... Por outras palavras, Está Aqui Agora, não no passado ou no futuro.
- O passado e o futuro só podem existir em pensamento. O Momento Presente é a Única Realidade. Fica aí!
- Procura e encontraras.
- Faz o que for preciso para te manteres em ligação com Deus/Deusa/Verdade. Não pares as práticas, os rituais, as meditações, as leituras, os escritos, o “*que quer que funcione*” para tu continuares em contacto com Tudo O Que É.

Que tal, até aqui?

Ótimo! Até aqui, tudo bem. Percebeste. Então, consegues vivê-lo?

Vou tentar.

Ótimo.

O TEMPO

Sim. Então, podemos voltar para onde interrompemos? Fala-me do Tempo.

Não *há* Tempo como o presente!

Já ouviste isto antes, com certeza. Mas não compreendeste. Agora compreendes.

Não há nenhum tempo exceto este tempo. Não há nenhum momento exceto este momento. “Agora” é tudo o que há.

Então e “ontem” e “amanhã”?

Invenções da tua imaginação. Interpretações da tua mente. Inexistentes na Realidade Suprema.

Tudo o que jamais aconteceu, acontece e acontecerá está a acontecer precisamente *agora*.

Não percebo.

É não podes perceber. Não completamente. Mas podes começar a perceber. E um entendimento inicial é tudo o que é preciso aqui.

Portanto... limita-te a escutar.

O “tempo” não é uma série contínua. É um elemento da relatividade que existe verticalmente, não horizontalmente.

Não penses nele como uma coisa “da esquerda para a direita” - uma chamada linha de tempo que decorre do nascimento até à morte para cada indivíduo, e *de* um ponto finito *para* outro ponto finito do Universo.

O “tempo” é uma coisa de “altos e baixos”! Pensa nele como um fuso, que representa o Momento Eterno de Agora.

Agora imagina folhas de papel sobre o fuso, umas sobre as outras. Estes são os elementos do tempo. Cada elemento separado e distinto, contudo, existindo cada um *simultaneamente com o outro*. Todo o tempo do papel no fuso ao mesmo tempo! Tanto quanto alguma vez *haverá* - tanto quanto alguma vez *houve*...

Há apenas Um Momento - *este momento* - o Momento Eterno de Agora.

É precisamente agora que tudo está a acontecer - e Eu sou glorificado. Não há que esperar pela glória de Deus. Eu fi-lo assim porque *Eu não podia esperar*! Estava tão *feliz* por Ser Quem Eu Sou que não podia esperar para o tornar manifesto na Minha realidade. Por isso BUM, aqui está - aqui mesmo, agora mesmo - TUDO!

Não existe Princípio para isto, e não existe Fim. O Tudo de Todas as Coisas - apenas *É*.

Dentro do É, é onde reside a vossa experiência - e o vosso maior segredo. Podem movimentar-se em consciência dentro do *É* para qualquer “tempo” ou “lugar” que escolham.

Queres dizer que podemos viajar no tempo?

Na verdade - e muitos de vocês viajaram. De facto, *todos* vocês viajaram - e fazem-no habitualmente, no que costumam chamar o vosso estado sonhador. A maior parte de vós não se apercebe disso. Não conseguem reter a consciencialização. Mas a energia adere a vós como cola e por vezes há resíduos suficientes para que outros - sensíveis a essa energia - possam recolher coisas sobre o vosso “passado” ou o vosso “futuro”. Sentem ou “leem” esses resíduos, e vocês chamam-lhes videntes ou médiuns. Por vezes há resíduos suficientes para que vocês mesmos, na vossa consciência limitada, tenham consciência de que “estiveram aqui antes”. Todo o vosso ser é subitamente abalado pela compreensão de que “fizeram tudo isto antes”!

Déjà vu!

Sim. Ou aquela sensação maravilhosa quando conheces alguém de que *o conheceste toda a vida* - conheceste durante toda a *eternidade*!

É uma sensação espetacular. É uma sensação maravilhosa. E é uma sensação *verdadeira*. Conheceste aquela alma sempre!

Sempre é uma coisa de precisamente agora!

Por isso, muitas vezes levantaste os olhos, ou baixaste-os, da tua “folha de papel” no fuso e viste todas as outras folhas! E viste-te lá a ti - *porque uma parte de Ti está em cada folha!*

Como é isso possível?

Digo-te: Foste sempre, és agora e sempre serás. *Nunca* houve tempo em que não eras - *nem haverá* jamais um tal tempo.

Mas espera! Então e o conceito de *velhas almas*? Algumas almas não são “mais velhas” que outras?

Nada é “mais velho” que nada. Criei TUDO AO MESMO TEMPO, e Tudo existe *precisamente agora*.

A experiência de “mais velho” e “mais novo” a que te referes tem a ver com os *níveis de consciência* de uma determinada alma, ou Aspetto do Ser. Vocês são todos Aspetos do Ser, simplesmente partes de O Que É. Cada parte tem a consciência do Todo embutida em si. Cada elemento carrega o cunho.

A “consciencialização” é a experiência dessa consciência a ser despertada. O aspeto individual do TODO consciencializa-se de Si próprio. Torna-se, literalmente, autoconsciente.

Depois, gradualmente, torna-se consciente de todos os outros e a seguir, do facto de que não existem outros - que o Todo é Um.

Então, por fim, de Mim. Do Meu Eu Magnificante!

Caramba, gostas mesmo de Ti, não gostas?

Tu não?

Sim, sim! Eu acho que Tu és formidável!

Concordo. E eu acho que tu és formidável! Esse é o único ponto em que Tu e Eu discordamos. Tu não achas que és formidável!

INVENTAR REGRAS À MEDIDA QUE AVANÇAS

Como posso considerar-me formidável quando vejo todas as minhas fraquezas, todos os meus erros - todo o meu mal?

E eu digo-te: Não *existe* o Mal!

Quem me dera que fosse verdade.

Tu és perfeito, tal como és.

Quem me dera que isso fosse verdade, também.

É verdade! Uma árvore não é menos perfeita por ser uma semente. Um bebé pequenino não é menos perfeito que um adulto. É a *própria perfeição*. Por não poder *fazer* nada, por não *saber* nada, não se torna menos perfeito em qualquer aspeto.

Uma criança comete erros. Põe-se em pé. Bamboleia. Cai. Põe-se novamente de pé, um pouco vacilante, agarrada à perna da mamã. Isso torna a criança imperfeita?

Digo-te que é precisamente o contrário! Essa criança é a *própria perfeição*, inteira e completamente adorável.

Assim és *tu*, também.

Mas a criança não fez nada de errado! A criança não desobedeceu, não magoou outra, não fez mal a si própria, conscientemente.

A criança não distingue o certo do errado.

Precisamente.

Nem tu.

Mas eu distingo. Eu sei que é errado matar pessoas, e que está certo amá-las. Sei que é errado ferir e certo curar, tornar as coisas melhores. Sei que é errado tirar aquilo que não é meu, usar outrem, ser desonesto.

Eu podia mostrar-te circunstâncias em que cada um desses “erros” estaria *certo*.

Agora estás a brincar comigo.

De todo. Apenas a ser factual.

Se estás a dizer que há exceções a todas as regras, estou de acordo.

Se há *exceções* a uma regra, então não é uma *regra*.

Estás a dizer-me que não é errado matar, ferir ou tirar a outrem?

Isso depende do que estiveres a tentar fazer.

Está bem, está bem, eu percebo. Mas isso não torna essas coisas boas. Por vezes tem de se fazer coisas más para atingir um bom fim.

O que não faz delas “coisas más” de todo, então, ou faz? São apenas meios para um fim.

Estás a dizer que o fim justifica os meios?

Que é que achas?

Que não. Absolutamente não.

Seja.

Não vês o que estás a fazer? Estás a *inventar as regras à medida que avanças!*

E não vês mais uma coisa? *Isso está perfeitamente certo.*

É o que é *suposto* estares a fazer!

Toda a vida é um processo de decisão de Quem Tu És, e depois experienciá-lo.

À medida que expandes a tua visão, vais fazendo novas regras para a abranger! À medida que vais ampliando a tua ideia do teu Eu, crias novos “devos” e “não devos”, sins e nãoos que a envolvam. Esses são os limites que “contêm” algo que *não pode* ser contido.

Não te podes conter a “ti”, porque és tão ilimitado como o Universo. No entanto, podes criar um conceito sobre o teu eu sem limites imaginando, e aceitando, *limites*.

Num certo sentido, essa é a única forma como te podes conhecer a ti próprio como algo em particular.

O que é ilimitado é ilimitado. O que é infinito é infinito. Não pode existir em lugar algum, porque está em toda a parte. Se está em *toda a parte*, não está em nenhuma *parte em particular*.

Deus está em toda a parte. Portanto, Deus não está em nenhuma parte em particular, porque para estar nalguma parte em particular, Deus teria de *não estar noutra parte* - o que *não é possível para Deus*.

Há apenas uma coisa que é “não possível” para Deus, e é que Deus não seja Deus. Deus não pode “não ser”. Nem pode Deus não ser como Ele próprio. Deus não pode “des-Deusar-se”.

Eu estou em toda a parte, e mais nada. E dado que estou em toda a parte, não estou em parte nenhuma. E se estou em PARTE NENHUMA, onde estou?

AGORA AQUI⁴!

Adoro! Chamaste a atenção para isso no primeiro livro, mas eu adoro, por isso deixei-Te continuar.

Muito simpático da tua parte. E compreende-lo melhor agora? Percebes como criaste as tuas ideias de “certo” ou “errado” simplesmente para *definires Quem Tu És*?

Entendes que sem essas definições - limites - não és nada?

E vês que, como Eu, vais mudando os limites à medida que mudas de Ideias sobre Quem Tu És?

Bom, eu percebo o que estás a dizer, mas não me parece que eu tenha mudado muito os limites - os meus próprios limites pessoais. Para mim, foi sempre errado matar. Foi sempre errado roubar. Foi sempre errado ferir alguém. Os conceitos mais latos pelos quais nos regemos vigoram desde o princípio dos tempos, e a maior parte dos seres humanos está de acordo sobre eles.

Então por que é que têm guerra?

Porque há sempre alguém que infringe as regras. Há uma maçã podre em cada caixote.

O que te vou dizer agora, e nas passagens que se seguem, pode ser muito difícil de entender e aceitar para algumas pessoas. Vai violar muito do que é tido como verdade no vosso sistema de pensamento atual. No entanto, para que este diálogo te sirva, não posso deixar-te continuar a viver com essas interpretações. Assim, devemos agora, neste segundo livro, enfrentar alguns destes conceitos. Mas vai ser um percurso acidentado durante algum tempo. Estás pronto?

⁴ Jogo de palavras entre *nowhere* - em parte alguma e *now here* - agora aqui (N.daT.)

Acho que sim. Obrigado pelo aviso. O que é assim tão dramático ou difícil de compreender ou de aceitar no que me vais dizer?

Vou dizer-te o seguinte: não há “maçãs podres”. Há apenas pessoas que *discordam do teu ponto de vista sobre as coisas*, pessoas que constroem um modelo diferente do mundo. Vou dizer-te isto: Ninguém faz nada inapropriado em face do seu modelo do mundo.

O MODELO DE “CERTO” E “ERRADO”

Então o “modelo” delas está todo baralhado. *Eu* sei o que é certo ou errado, e lá porque outras pessoas não sabem, isso não faz de *mim* um louco por *saber*. Elas é que são loucas!

Lamento dizer-te que é exatamente essa atitude que dá início às guerras.

Eu sei, eu sei. Estava a fazer de propósito. Estava só a repetir o que tenho ouvido dizer a muitas outras pessoas.

Mas como posso responder a pessoas dessas? O que *poderei* dizer?

Podes dizer-lhes que as ideias de “certo” ou “errado” das pessoas mudam - e têm mudado - inúmeras vezes de cultura para cultura, de época para época, de religião para religião, de um lugar para outro... mesmo de uma família para outra e de pessoa para pessoa. Podes salientar que o que muitas pessoas consideravam “certo” em determinada altura - queimar pessoas na fogueira pelo que era considerado bruxaria, por exemplo - é hoje considerado “errado”.

Podes dizer-lhes que a definição de “certo” e “errado” é uma definição estabelecida não só pelo tempo, mas também por mera geografia. Podes fazer-lhes notar que algumas atividades no vosso planeta (a prostituição, por exemplo) são ilegais num sítio e legais noutro, apenas a algumas milhas de distância. E portanto, o facto de uma pessoa ser julgada como tendo

feito alguma coisa “errada” não é uma questão daquilo que a pessoa *fez*, mas de *onde a fez*.

Vou agora repetir uma coisa que disse no *livro 1*, e sei que para alguns foi muito, muito difícil de alcançar, de compreender.

Hitler foi para o Céu.

Não tenho a certeza de que as pessoas estejam preparadas para isso.

O objetivo deste livro, e de todos os livros da trilogia que estamos a criar, é criar preparação - preparação para um novo paradigma, um novo entendimento; uma visão mais ampla, uma ideia mais grandiosa.

Bom, vou ter que fazer aqui as perguntas em que sei que tantas pessoas pensam e querem fazer. Como é que um homem como Hitler pode ter ido para o Céu? Todas as religiões do mundo... julgo que todas, o consideraram condenado e mandado diretamente para o Inferno.

Em primeiro lugar, não podia ter ido para o Inferno porque o Inferno não existe. Portanto, resta apenas um lugar para onde ele podia ter ido. Mas isso assume a questão como provada. A verdadeira questão é se as ações de Hitler eram “erradas”. Contudo, tenho dito vezes sem conta que não existe “certo” ou “errado” no Universo. Uma coisa não é intrinsecamente certa ou errada. Uma coisa é, simplesmente.

Ora, a tua ideia de que Hitler era um monstro baseia-se no facto de ele ter ordenado a morte de milhões de pessoas, certo?

Sim, obviamente.

E se eu te disser que aquilo a que chamas “morte” é *a melhor coisa* que pode acontecer a qualquer pessoa - e então?

Teria dificuldade em o aceitar.

Pensas que a vida na Terra é melhor do que a vida no Céu? Pois digo-te Eu, no momento da tua morte aperceber-te-ás da maior liberdade, da maior paz, da maior alegria e do maior amor que jamais conheceste. Devemos, portanto, castigar a Raposa por atirar o Coelho para o canteiro das roseiras bravas?

Estás a esquecer o facto de que, por mais maravilhosa que seja a vida depois da morte, as nossas vidas não deviam terminar contra a nossa vontade. Viemos aqui para conseguir alguma coisa, experienciar alguma coisa, aprender alguma coisa e não está certo que as nossas vidas sejam interrompidas por um psicopata maníaco com ideias loucas.

Antes de mais nada, não estão cá para aprender nada. (Relê o *Livro 1!*) A vida não é uma escola, e o vosso objetivo aqui não é aprender; é lembrar. E quanto à questão mais vasta, a vida é muitas vezes “bruscamente interrompida” por muitas coisas... um furacão, um tremor de terra...

Isso é diferente. Estás a falar de um Ato de Deus.

Todos os acontecimentos são Atos de Deus.

Imaginas que possa acontecer seja o que for se Eu não quiser? Pensas que conseguias sequer levantar o dedo mindinho se eu não quisesse que o fizesses? Tu não podes fazer *nada* se eu for contra.

Mas vamos continuar a explorar juntos esta ideia da morte “errada”. É “errado” uma vida ser interrompida bruscamente por uma doença?

“Errado” não é palavra que aqui se aplique. Isso são causas naturais. Não é o mesmo que um ser humano como Hitler assassinar pessoas.

E se for um acidente? Um acidente estúpido?

É a mesma coisa. É lamentável, trágico, mas é a Vontade de Deus. Não podemos espreitar para a mente de Deus e saber por que

acontecem essas coisas. Não devemos tentar, porque a Vontade de Deus é imutável e incompreensível. Procurar desvendar o Mistério Divino é ansiar por conhecimentos fora do nosso alcance. É pecado.

Como sabes?

Porque se Deus quisesse que compreendêssemos tudo isso, compreenderíamos. O facto de *não o fazermos - não podermos* - é prova de que é *vontade* de Deus que não compreendamos.

Estou a ver. O facto de *não compreenderem* é prova da Vontade de Deus. O facto de *acontecer* não é prova da Vontade de Deus. Hummm...

Acho que não sei explicar muito bem algumas destas coisas, mas sei aquilo em que acredito.

Acreditas na Vontade de Deus, que Deus é Todo Poderoso?

Sim.

Exceto no que diz respeito a Hitler. Aí o que aconteceu *não* foi a Vontade de Deus.

Não.

Como é que isso pode ser?

Hitler violou a Vontade de Deus.

Ora como é que pensas que ele pôde fazer isso se a Minha Vontade é toda poderosa?

Tu permitiste-lhe.

Se Eu lhe *permiti*, foi de Minha *Vontade* que ele o fizesse.

Assim parece... mas que razão poderias ter? Não. Era da Tua Vontade que ele tivesse Livre-Arbítrio. Foi vontade *dele* fazer o que fez.

Estás tão perto nisto.

Tão perto.

Tens razão, claro. Foi da Minha Vontade que Hitler - como *todos vós* - tivesse Livre-Arbítrio. Mas não é de Minha Vontade que sejam punidos incessantemente, interminavelmente, se não fizerem a escolha que quero que façam. Se fosse esse o caso, que “liberdade” teria Eu dado à vossa escolha? São realmente livres de fazer o que querem se souberem que terão de sofrer insuportavelmente se não fizerem o que Eu quero? Que espécie de escolha é essa?

Não é uma questão de castigo. É apenas Lei Natural. É simplesmente uma questão de consequências.

Vejo que foste bem instruído em todas as interpretações teológicas que fazem com que Me tenhas na conta de um Deus vingativo - sem Me tornares responsável por isso.

Mas quem fez essas Leis Naturais? E se concordarmos que fui Eu que as estabeleci, por que estabeleceria Eu tais leis - para depois vos dar o poder de as superar?

Se Eu não quisesse que fossem afetados por elas - se fosse de Minha Vontade que os Meus seres maravilhosos nunca sofressem - por que criaria a *possibilidade* de o serem?

E mais, por que continuaria Eu a tentar-vos, dia e noite, a infringir as leis que estabeleci?

Tu não nos tentas. É o Diabo.

Lá estás tu outra vez, a tornar-Me não responsável.

Não vês que a única maneira de racionalizares a tua teologia é tornar-Me impotente? Compreendes que a única forma de os teus raciocínios

fazerem sentido é se os Meus não fizerem? Sentes-te confortável com a ideia de um Deus que cria um ser cujas ações não pode controlar?

Eu não disse que Tu não podes controlar o Diabo. Tu podes controlar *tudo*. És Deus! Apenas *optaste por não o fazer*. Tu *permities* que o Diabo nos tente, para tentar conquistar as nossas almas.

Mas *porquê*? Por que *faria* Eu isso se não Quero que vocês não voltem para Mim?

Porque queres que cheguemos a Ti por opção, não por não haver escolha. Fizeste o Céu e o Inferno para que houvesse escolha. Para que agíssemos por opção, não por seguir simplesmente um caminho por não haver outro.

Agora estou a ver como chegaste a essa ideia. Foi como Eu o estabeleci no teu mundo, portanto pensas que é como deve ser no Meu.

Na tua realidade, o Bom não pode existir sem o Mau. Portanto, acreditas que deve ser o mesmo na Minha.

No entanto, digo-te: Não há “mau” onde eu Sou. E não há Mal. Há apenas o Tudo de Tudo.

A Unidade. E a Consciência, a Experiência, disso. Meu é o Reino do Absoluto, onde Uma Coisa não existe em relação a Outra, mas totalmente independente de qualquer coisa.

Meu é o lugar onde Tudo O Que Há é Amor.

E não há consequências de nada do que pensamos, dizemos ou fazemos na Terra?

Ah, mas *há* consequências. Olha à tua volta.

Quero dizer, depois da morte.

Não existe “morte”. A vida continua para todo o sempre. A Vida É. Muda-se simplesmente de forma.

Está bem, seja como queres - depois de “mudarmos de forma”.

Depois de mudarem de forma, deixam de existir consequências. Há apenas Saber.

As consequências são um elemento da relatividade. Não têm lugar no Absoluto porque dependem do “tempo” linear e de acontecimentos sequenciais, que não existem no Reino do Absoluto.

Nesse reino nada há senão paz, alegria e amor.

Nesse reino conhecerão por fim a Boa Nova: que o vosso “Diabo” não existe, que são quem sempre pensaram que eram - bondade e amor. A vossa ideia de poderem ser outra coisa proveio de um louco mundo exterior, fazendo com que ajam loucamente. Um mundo exterior de juízo e condenação. Outros vos julgaram, e a partir dos seus juízos, vocês julgaram-se a vós próprios.

Agora querem que Deus vos julgue, e Eu não o farei.

E porque não podem compreender um Deus que não age como agiriam os humanos, estão perdidos.

A vossa teologia é a tentativa de se encontrarem novamente a vós próprios.

TEOLOGIA HUMANA E TEOLOGIA DIVINA

Chamas loucas às nossas teologias - mas como pode qualquer teologia resultar sem um sistema de Recompensa e Castigo?

Tudo depende daquilo que entendes ser o propósito da vida - e, portanto, a base da teologia.

Se crês que a vida existe como um teste, uma prova, um período em que a tua capacidade é posta à prova para ver se és “digno”, as tuas teologias começam a fazer sentido.

Se acreditas que a vida existe como uma *oportunidade*, um processo através do qual descobres - recordas - que és digno (e sempre tens sido), então as tuas teologias parecem loucas.

Se acreditas que Deus é um Deus pleno de ego, que exige atenção, adoração, apreciação e afeto - e que matará para o conseguir - as tuas teologias começam a ter consistência.

Se crês que Deus é desprovido de ego ou necessidade, mas que é a fonte de todas as coisas, e a sede de toda a sabedoria e amor, então as tuas teologias desmoronam-se.

Se acreditas que Deus é um Deus vingativo, ciumento no Seu amor e colérico na Sua ira, as tuas teologias são perfeitas.

Se acreditas que Deus é uma Deus pacífica, jovial no Seu amor e apaixonada no Seu êxtase, as tuas teologias são inúteis.

Eu te digo: o propósito da vida não é agradar a Deus. O propósito da vida é conhecer, e recriar Quem Tu És.

Ao fazê-lo agradas a Deus, e glorifica-La também.

Por que estás a dizer “ela”? És uma Ela?

Não sou um “ele” nem uma “ela”. De vez em quando uso o pronome feminino para te sacudir do teu raciocínio paroquial.

Se pensas que Deus é uma coisa, então pensarás que Deus não é outra.

E isso seria um grande erro.

Hitler foi para o Céu por estas razões:

Não há Inferno, portanto não há outro lugar para onde ele possa ir.

As suas ações foram aquilo a que chamarias erros - as ações de um ser não evoluído - e os erros não são puníveis por condenação, mas tratados dando oportunidade de correção, de evolução. Os erros que Hitler cometeu não causaram qualquer mal ou prejuízo àqueles cujas mortes provocou. Essas almas foram libertadas da sua servidão terrena, como borboletas que emergem do casulo.

As pessoas que ficaram choram essas mortes apenas porque não conhecem a alegria a que essas almas acederam. Ninguém que tenha experimentado a morte jamais *chora a morte de alguém*.

A tua afirmação de que as suas mortes foram todavia prematuras, e portanto “erradas”, sugere que algo podia acontecer no Universo quando não é suposto acontecer. No entanto, sendo Eu Quem e O Que Sou, isso é impossível.

Tudo o que ocorre no Universo ocorre perfeitamente. Deus não comete um erro há longuíssimo tempo.

Quando vês a perfeição absoluta em tudo - não apenas naquelas coisas com que concordas, mas (e talvez especialmente) naquelas coisas de que discordas - alcanças a mestria.

Eu sei isso tudo, claro. Já vimos tudo isso no *Livro 1*. Mas para quem não leu o *Livro 1*, achei importante ter uma base de entendimento na parte inicial deste livro. Por isso conduzia esta série de perguntas e respostas. Mas agora, antes de continuarmos, gostaria de falar só mais um bocadinho sobre algumas das teologias muito complexas que nós, seres humanos, criámos. Por exemplo, ensinaram-me em criança que eu era um pecador, que todos os seres humanos são pecadores, que nada podemos fazer quanto a isso; nascemos assim. Nascemos em *pecado*.

Um conceito bastante interessante. Como é que alguém vos levou a acreditar nisso?

Contaram-nos a história de Adão e Eva. Na catequese do quarto, quinto e sexto anos disseram-nos que nós podemos não ter pecado, e os bebés certamente não pecaram - mas Adão e Eva sim - e nós somos os seus descendentes e assim herdámos a sua culpa, bem como as suas naturezas pecaminosas.

Percebes, Adão e Eva comeram o fruto proibido - partilharam do conhecimento do Bem e do Mal - e com isso condenaram todos os seus herdeiros e descendentes à separação de Deus à nascença. Todos nós nascemos com esse “Pecado Original” nas nossas almas. Cada um

de nós partilha essa culpa. Portanto é-nos dado Livre-Arbítrio para ver, acho eu, se faremos o mesmo que Adão e Eva e desobedecemos a Deus, ou se conseguimos superar a nossa tendência natural e herdada para “fazer o que é mau” e fazer as coisas certas, apesar das tentações do mundo.

E se fazem as “más”?

Tu mandas-nos para o Inferno.

Mando.

Sim. Exceto se nos arrependermos.

Estou a ver.

Se pedirmos desculpa - fizermos um Ato de Contrição Perfeito - Tu salvas-nos do Inferno - mas não de todo o sofrimento. Ainda teremos que ir para o Purgatório durante algum tempo, para nos purificarmos dos nossos pecados.

Quanto tempo têm de ficar no “Purgatório”?

Depende. Os nossos pecados têm de ser queimados. Não é lá muito agradável, posso dizer-Te. E quanto mais pecados tivermos, mais tempo levam a ser queimados - mais tempo ficamos.

Foi isso que nos disseram.

Compreendo.

Mas ao menos não vamos para o Inferno, que é para sempre. Por outro lado, se morrermos em pecado mortal, vamos *direitos* para o Inferno.

Pecado mortal?

Ao contrário do pecado venial. Se morrermos com um pecado venial na alma, só vamos para o Purgatório. O pecado mortal manda-nos direitos ao Inferno.

Podes dar-me um exemplo dessas várias categorias de pecado de que vos falaram?

Claro. Os pecados mortais são graves. Como os Crimes. Delitos Teológicos Graves. Coisas como assassinio, violação, roubo. Os pecados veniais são bastante menos graves. Delitos Teológicos Menores. Um pecado venial seria faltar à missa ao domingo. Ou, antigamente, comer carne à sexta-feira.

Espera aí! Esse vosso Deus mandava-vos para o Purgatório se comessem carne à sexta-feira?

Sim, mas agora já não. Desde o princípio dos anos sessenta. Mas se comêssemos carne à sexta-feira antes do início dos anos sessenta, estávamos desgraçados.

De verdade?

Absolutamente.

Bem, o que é que aconteceu no início dos anos sessenta que fez com que esse “pecado” deixasse de ser pecado?

O Papa disse que já não era pecado.

Estou a ver. E esse vosso Deus - Ele obriga-vos a adorá-Lo, a ir à igreja aos domingos? Sob pena de castigo?

Faltar à Missa é um pecado, sim. E se não for confessado - se se morrer com esse pecado na alma - tem que se ir para o Purgatório.

Mas - se for uma criança? Se for uma criancinha inocente que não sabe todas essas “regras” pelas quais Deus ama?

Bem, se uma criança morre antes de ser batizada na fé, essa criança vai para o Limbo.

Vai para onde?

O Limbo. Não é um lugar de castigo, mas também não é o Céu. É... bem... é o limbo. Não se pode estar com Deus, mas pelo menos não se tem que “ir para o diabo”.

Mas por que não podia essa criança, bela e inocente, estar com Deus?
A criança não fez nada de *errado*...

Isso é verdade, mas a criança não foi batizada. Por muito perfeitos ou inocentes que sejam os bebês - ou quaisquer pessoas, neste caso - têm que ser batizados para entrar no Céu. De outra maneira Deus não os pode aceitar. É por isso que é tão importante que os filhos sejam batizados rapidamente, pouco depois do nascimento.

Quem te contou isso tudo?

Deus. Através da Sua igreja.

Qual igreja?

A Santa Igreja Católica Romana, claro. Essa é a igreja de Deus. De facto, se se é Católico e se for a outra igreja, isso também é pecado.

Pensei que era pecado *não* ir à igreja!

E é. Também é pecado ir à igreja *errada*.

O que é uma igreja “errada”?

Qualquer igreja que não seja Católica Romana. Não se pode ser batizado na igreja errada, não se pode casar na igreja errada - nem sequer se pode *frequentar* a igreja errada. Sei que é assim porque,

quando era jovem, quis ir com os meus pais ao casamento de um amigo - na verdade fui convidado para padrinho - mas as freiras disseram-me que não devia aceitar o convite porque era na *igreja errada*.

Obedeceste-lhes?

Às freiras? Não. Achei que Deus - Tu - aparecerias na outra igreja com a mesma boa-vontade com que aparecias na minha, portanto fui. Fiquei no santuário, de smoking, e senti-me ótimo.

Ainda bem. Então, vejamos, temos Céu, temos Inferno, temos Purgatório, temos limbo, temos pecado mortal, temos pecado venial - há mais alguma coisa?

Bem, há a confirmação, a comunhão e a confissão - há o exorcismo e a Extrema Unção. Há...

Espera aí...

- há Santos Padroeiros e Dias Santos de Graça -

Todos os dias são santificados. Todos os *minutos* são sagrados. *Este, agora, é o Instante Sagrado*.

Sim, está bem, mas alguns dias são realmente sagrados - os Dias Santos de Graça - e nesses dias também temos que ir à igreja.

Lá vamos nós aos “temos que” outra vez. E o que acontece se não forem?

É pecado.

Portanto vão para o Inferno.

Bem, vamos para o Purgatório se morrermos com esse pecado na alma. É por isso que é bom ir à Confissão. Na verdade, sempre que pudermos. Algumas pessoas vão todas as semanas. Outras pessoas

todos os dias. Assim podem purificar-se - e manter-se puras para no caso de morrerem...

Ena - isso é que é viver em medo constante.

Sim, sabes, é esse o objetivo da religião - inculcar-nos o temor de Deus. Assim procedemos bem e resistimos à tentação.

Ah... Mas então, e se cometerem um “pecado” entre confissões e tiverem um acidente ou coisa assim e morrerem?

Não faz mal. Nada de pânico. Basta fazer um Ato de Contrição. “Meu Deus, pesa-me de Vos ter ofendido...”

Está bem, está bem, já chega.

Mas espera. Essa é só uma das religiões do mundo. Não queres dar uma olhadela a algumas das outras?

Não, estou a ver o quadro.

Bem, espero que as pessoas não pensem que estou simplesmente a ridicularizar as suas convicções.

Na realidade, não estás a ridicularizar ninguém, apenas a dizer como é. É como dizia o teu presidente americano Harry Truman. “Dá cabo deles⁵, Harry!” gritavam as pessoas, e Harry dizia, “Não preciso de dar cabo deles. Basta citá-los diretamente para eles *se sentirem* no Inferno.”

⁵ No original **give them hell**: literalmente, dá-lhes o inferno... (N. da T.)

CAPÍTULO 4

PEQUENO RESUMO DO CAPÍTULO 3

Eh, pá, agora é que nos deixámos mesmo desviar. Começámos a falar do Tempo e acabámos a falar da religião organizada.

Pois é, falar com Deus é assim. É difícil manter o diálogo limitado.

Deixa-me ver se consigo resumir os pontos que salientaste no Capítulo 3:

- 1 Não há outro tempo senão *este* tempo; não há outro momento senão *este* momento.
- 2 O tempo não é um continuum. É um aspeto da Relatividade que existe num paradigma de “altos e baixos”, com “momentos” ou “acontecimentos” empilhados uns sobre os outros, acontecendo ou ocorrendo ao mesmo “tempo”.
- 3 Estamos constantemente a viajar entre realidades nesse reino do tempo - tempo nenhum - todo o tempo, normalmente durante o sono. O *Déjà vu* é uma das formas que nos faz ter consciência disso.
- 4 Nunca houve um tempo em que “não” éramos - nem nunca haverá.
- 5 O conceito de “idade” em relação às almas tem a ver na realidade com níveis de consciência, não com a extensão de “tempo”.
- 6 O mal não existe.

- 7 Somos Perfeitos, tal como somos.
- 8 “Errado” é uma concetualização da mente, baseada na Experiência Relativa.
- 9 Vamos estabelecendo as regras à medida que avançamos, mudando-as para se adequarem à nossa Realidade Presente, e isso está perfeitamente certo. É como deveria ser, *tem* que ser, para sermos seres em evolução.
- 10 Hitler foi para o Céu(!).
- 11 Tudo o que acontece é Vontade de Deus - *tudo*, incluindo não apenas furacões, tornados e tremores de terra, mas Hitler também. O segredo da compreensão é conhecer o *Propósito* por detrás de todos os acontecimentos.
- 12 Não há “castigos” depois da morte, e todas as consequências existem apenas na Experiência Relativa, não no Reino do Absoluto.
- 13 As teologias humanas são a insana tentativa da Humanidade de explicar um Deus insano que não existe.
- 14 A única forma de as teologias humanas fazerem sentido é se aceitarmos um Deus que não faz sentido nenhum.

Que tal? Mais um bom resumo?

Excelente.

ACONTECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS SÃO OPORTUNIDADES

Ótimo. Porque agora tenho milhares de perguntas. As afirmações 10 e 11, por exemplo, carecem de melhor esclarecimento. Por que foi Hitler para o Céu? (Eu sei que acabaste de tentar explicar, mas mesmo assim preciso de mais). E qual é o propósito por detrás de todos os acontecimentos? Como se relaciona esse Propósito Maior com Hitler e os outros déspotas?

Vamos primeiro ao Propósito.

Todos os acontecimentos, todas as experiências têm como propósito a criação de *oportunidade*. Acontecimentos e experiências são Oportunidades. Nada mais, nada menos.

Seria um erro julgá-los como “obras do Diabo”, “castigos de Deus”, “recompensas do Céu”, ou qualquer coisa intermédia. São simplesmente Acontecimentos e Experiências - coisas que acontecem.

É o que *pensamos* deles, *fazemos* em relação a eles e *somos* em reação a eles, que lhes dá significado.

Os acontecimentos e as experiências são oportunidades atraídas por vós - criadas *por* vós, individual ou coletivamente, através da consciência. A consciência cria a experiência. Tu estás a tentar elevar a tua consciência. Atraíste essas oportunidades a fim de as usares como instrumentos na criação e experiência de Quem Tu És. Quem Tu És é um ser de consciência mais elevada do que aquela que apresentas agora.

Por ser da Minha Vontade que saibas, e experiencies, Quem Tu És, permito-te que atraias para ti qualquer acontecimento ou experiência que optes por criar para o fazer.

Outros Jogadores no Jogo Universal juntam-se a ti de vez em quando - quer como Encontros Breves, Participantes Periféricos, Companheiros de Equipa Temporários, Inter-atores a Longo Prazo, Parentes e Familiares, Entes Queridos ou Companheiros do Trilho da Vida.

Essas almas são atraídas *por* ti para ti. Tu és atraído para elas *por* elas. É uma experiência mutuamente criativa, que exprime as opções e desejos de ambos.

Ninguém chega até ti por acidente.

A coincidência não existe.

Nada ocorre aleatoriamente.

A vida não é um produto do acaso.

Os acontecimentos, como as pessoas, são atraídos *por* ti, para ti, para os teus próprios fins. As experiências e desenvolvimentos planetários mais amplos são resultado da consciência de grupo. São atraídos para o teu grupo em resultado das opções e desejos do grupo como um todo.

Que queres dizer com o termo “teu grupo”?

A consciência de grupo é uma coisa que geralmente não é compreendida - no entanto é extremamente poderosa e pode com frequência, se não tiveres cuidado, superar a consciência individual. Tens sempre, portanto, que te esforçar por criar uma consciência de grupo onde quer que vás, e com o que quer que faças, se desejas que a tua experiência mais alargada de vida no planeta seja harmoniosa.

Se estiveres num grupo cuja consciência não reflita a tua, e fores incapaz, nessa altura, de alterar eficazmente a consciência do grupo, é prudente deixar o grupo, senão o grupo pode conduzir-te *a ti*. Irá para onde *ele* quiser ir, independentemente de onde tu queiras ir.

Se não conseguires encontrar um grupo cuja consciência se identifique com a tua, sê a *fonte* de um. Outros com consciência semelhante serão atraídos para ti.

Os indivíduos e os grupos mais pequenos devem afetar os grupos maiores - e, por fim, o maior grupo de todos, que é TODA a Espécie Humana - para que haja uma permanente e significativa mudança no vosso planeta.

O vosso mundo, e a condição em que se encontra, é um reflexo da consciência total, e combinada, de todos os que nele vivem.

Como podes ver ao olhar à tua volta, ainda há muito trabalho por fazer. A menos, claro, que estejas satisfeito com o teu mundo como está.

Surpreendentemente, *a maior parte das pessoas está*. É por isso que o mundo não muda.

A maior parte das pessoas satisfaz-se com um mundo em que são exaltadas as diferenças, não as semelhanças, e os desacordos são resolvidos com conflitos e guerras.

A maior parte das pessoas satisfaz-se com um mundo em que a sobrevivência é para os mais aptos, “força é razão”, a competição é necessária e ganhar é considerado o bem supremo.

Se um tal sistema por acaso também produzir “perdedores”,- paciência - desde que não se esteja entre eles.

Na sua maioria, as pessoas estão satisfeitas, apesar de tal modelo produzir pessoas que muitas vezes são mortas quando julgadas “erradas”, passam fome e ficam sem abrigo quando são “perdedoras” e são oprimidas e exploradas quando não são “fortes”.

A maior parte das pessoas define como “errado” aquilo que é diferente delas. As diferenças religiosas, em particular, não são toleradas, nem muitas das diferenças sociais, económicas ou culturais.

A exploração da classe baixa é justificada pelas declarações autoelogiosas da classe alta de como as suas vítimas estão bem melhor agora do que estavam antes dessa exploração. Com esta medida, a classe alta pode ignorar a questão de como todas as pessoas deviam ser tratadas se se fosse verdadeiramente justo, em vez de tornar meramente uma situação horrível apenas um pouquinho melhor - lucrando obscenamente com a pechincha.

A maioria das pessoas *ri-se* quando se sugere qualquer tipo de sistema diferente do presentemente estabelecido, dizendo que comportamentos como competir e matar e “os despojos ao vencedor” são o que *engrandece* a sua civilização! A maior parte das pessoas até pensa que não há outra maneira natural de ser, que é da *natureza* dos humanos comportar-se

desta forma e que agir de qualquer outra liquidaria o espírito interior que leva o homem ao êxito. (Ninguém faz a pergunta, “Ter êxito *em quê?*”).

Por difícil que seja de entender para os seres verdadeiramente iluminados, a maioria das pessoas acredita nesta filosofia, e é por isso que a maior parte não se *importa* com as massas que sofrem, a opressão das minorias, a ira da classe baixa, ou com as necessidades de *sobrevivência* seja de quem for exceto delas próprias e da sua família mais próxima.

A maior parte das pessoas não vê que está a destruir a sua Terra - o próprio planeta que lhes dá *Vida* - porque as suas ações visam apenas aumentar a sua qualidade de vida. Surpreendentemente, não têm visão suficiente para observar que os ganhos a curto prazo podem gerar perdas a longo prazo, como muitas vezes acontece - e acontecerá.

A maioria das pessoas sente-se *ameaçada* pela consciência de grupo, por um conceito como o bem coletivo, pela perspectiva de um mundo único ou por um Deus que existe em unidade com toda a criação, em vez de separado dela.

Este medo de tudo o que conduz à unificação, e a glorificação do vosso planeta de Tudo O Que Separa, produz divisão, desarmonia, discórdia - no entanto vocês não parecem ter sequer a capacidade de aprender através da experiência própria, e assim insistem nos vossos comportamentos, com os mesmos resultados.

A separação gera indiferença, falsa superioridade. A unidade produz compaixão, igualdade genuína.

Os acontecimentos que ocorrem no vosso planeta - que ocorrem regularmente há 3000 anos - são, Como Eu disse, um reflexo da Consciência Coletiva do “vosso grupo” - de todo o grupo no vosso planeta.

Esse nível de consciência seria melhor descrito como primitivo.

Hum, Sim... Mas parece que nos desviámos aqui da pergunta original.

Nem por isso. Fizeste uma pergunta sobre Hitler. A Experiência de Hitler tornou-se possível em resultado da consciência de grupo. Muitas

peessoas preferem dizer que Hitler manipulou um grupo - neste caso, os seus compatriotas - através da argúcia e mestria da sua retórica. Mas isso coloca muito convenientemente toda a culpa aos pés de Hitler - que é exatamente onde a esmagadora maioria das pessoas a quer.

Mas Hitler nada podia fazer sem a colaboração, o apoio e a submissão voluntária de milhões de pessoas. O subgrupo que se apelidava de alemães deve assumir uma enorme carga de responsabilidade pelo Holocausto. Como deve, até certo ponto, o grupo maior chamado Seres Humanos que, se nada mais fez, se permitiu permanecer indiferente e apático perante o sofrimento na Alemanha até este ter atingido uma escala tão maciça que até os isolacionistas de coração mais duro não o puderam continuar a ignorar.

Como vês, foi a *consciência coletiva* que forneceu o solo fértil para o crescimento do movimento Nazi. Hitler aproveitou o momento, mas não o criou.

É importante que percebas aqui a *lição*. Uma consciência de grupo que fala constantemente de separação e superioridade produz perda de compaixão numa escala maciça e a perda de compaixão é inevitavelmente seguida da perda de consciência.

Um conceito coletivo enraizado no nacionalismo rígido ignora a desgraça dos outros, e no entanto torna os demais responsáveis pela *vossa*, justificando assim a retaliação, a “retificação” e a guerra.

Auschwitz foi a solução Nazi - uma tentativa de “retificar” - para o “Problema Judaico”.

O horror da Experiência de Hitler não foi o ele tê-la perpetrado contra a raça humana, mas o facto de *a espécie humana lho ter permitido*. O espanto não é só o ter aparecido um Hitler, mas também que tantos outros o tenham seguido.

A vergonha não é apenas que Hitler tenha morto milhões de judeus, é também terem tido que morrer milhões de judeus antes que Hitler fosse travado.

O propósito da Experiência de Hitler foi mostrar a Humanidade a si própria.

Através da História tiveram professores notáveis, cada um apresentando oportunidades extraordinárias de relembrarem Quem Realmente São. Esses professores mostraram-vos o mais alto e o mais baixo do potencial humano.

Apresentaram exemplos vívidos e empolgantes do que pode significar ser humano - de onde se pode chegar com a experiência, de onde todos vocês podem ir e *irão, dada a vossa consciência*.

O que importa reter é: a consciência é tudo e cria a vossa experiência. A consciência de *grupo* é poderosa e produz desfechos de indescritível beleza ou fealdade. A escolha é sempre vossa.

Se não estiveres satisfeito com a consciência do teu grupo, procura mudá-la.

A melhor maneira de muda a consciência dos outros é dando o exemplo.

Se o teu exemplo não for suficiente, forma o teu próprio grupo - sê *tu a fonte* da consciência que desejas que os outros experienciem. Eles *fá-lo-ão* - quando tu o fizeres.

Começa *por ti*. Tudo. Todas as coisas.

Queres que o mundo mude? Muda as coisas no teu próprio mundo.

Hitler deu-vos uma oportunidade de outro para o fazerem. A Experiência de Hitler - tal como a Experiência de Cristo - é profunda nas suas implicações e nas verdades que vos revelou *sobre* vós próprios. No entanto, essas tomadas de consciência alargadas vivem - no caso de Hitler *ou* Buda, Gengis Kahn *ou* Hare Krishna, Átila o Huno *ou* Jesus o Cristo - apenas enquanto as vossas memórias deles viverem.

É por isso que os judeus erguem monumentos ao Holocausto e vos podem que nunca o esqueçam. Porque há um bocadinho de Hitler em

todos vós - e é só uma questão de grau. Aniquilar um povo é aniquilar um povo, sejam em Auschwitz ou em Wounded Knee⁶.

Então Hitler foi-nos enviado para nos servir de lição sobre os horrores que um homem pode cometer, os níveis até onde um homem pode afundar-se?

Hitler não vos foi enviado. Hitler foi criado por vós. Emergiu da vossa Consciência Coletiva, e não podia ter existido sem ela. *Essa é a lição.*

A consciência de separação, segregação, superioridade - do “nós” *versus* “eles”, do “nos” e “lhes” - é o que cria a Experiência de Hitler.

A consciência da Fraternidade Divina, da unidade, da Unicidade, do “nosso” em vez do “teu”/“meu”, é o que cria a Experiência do Cristo.

Quando a dor é “nossa”, não apenas “tua”, quando o prazer é “nosso”, não apenas “meu”, quando *a experiência da vida inteira* é Nossa, então é verdadeiramente isso - a experiência da Vida Inteira.

Por que foi Hitler para o Céu?

Porque Hitler não fez nada de “errado”. Hitler fez simplesmente o que fez. Recordo-te mais uma vez que, durante anos, milhões de pessoas acharam que ele estava “certo”. Portanto, como podia ele deixar de pensar o mesmo?

Se anunciasses uma ideia louca e dez milhões de pessoas concordassem contigo, talvez não te achasses tão louco.

O mundo decidiu - finalmente - que Hitler estava “errado”. Ou seja, as pessoas do mundo fizeram uma nova avaliação de Quem São, e de Quem Escolheram Ser, em relação à Experiência de Hitler.

Ele criou a bitola! Estabeleceu um parâmetro, um limite dentro do qual podíamos medir e limitar as nossas ideias sobre nós próprios. Cristo fez a mesma coisa, no extremo oposto do espectro.

⁶ Local, no Estado do Dakota do Sul, onde ocorreu um massacre de índios por uma companhia do exército americano, a 29 de Dezembro de 1890. (N. da T.)

Houve outros Cristos, e outros Hitlers. E tornará a haver. Estejam, portanto, vigilantes. Porque caminham entre vós tanto pessoas de consciência elevada como de baixa consciência - tal como vocês caminham entre os outros. Que consciência levam convosco?

Continuo a não perceber como Hitler pode ter ido para o Céu; como é que pôde ser recompensado pelo que fez?

Primeiro, entende que a morte não é um fim, mas um princípio; não é um horror, mas uma alegria. Não é um fecho, mas uma abertura.

O momento mais feliz da tua vida será o momento em que ela terminar.

Isto porque *não* termina, apenas continua de formas tão magníficas, tão cheias de paz, sabedoria e felicidade que se torna difícil de descrever e impossível, para ti, de compreenderes.

Portanto, a primeira coisa que tens que entender - como já te expliquei é que Hitler não *fez mal* a ninguém. Num certo sentido, *não infligiu* sofrimento, *terminou-o*.

Foi Buda que disse “A vida é sofrimento”. O Buda estava certo.

Mas mesmo que eu aceite isso - Hitler não *sabia* que estava de facto a fazer *bem*. Ele pensava que estava a fazer *mal*!

Não, ele não pensava que estava a fazer uma coisa “má”. Ele de facto pensava que estava a ajudar o seu povo. E é isso que não compreendes.

Ninguém faz nada que seja “errado”, de acordo com o seu modelo de mundo. Se pensas que Hitler agiu loucamente e que durante todo esse tempo sabia que era louco, então não entendes nada da complexidade da experiência humana.

Hitler pensava que estava a fazer *bem* ao seu povo. E o seu povo também pensava assim! *Essa é que foi a loucura!* A maior parte da nação alemã *concordou com ele!*

Tu declaraste que Hitler estava “errado”. Ainda bem. Por essa medida, acabaste por te definires, por saberes mais sobre ti próprio. Ainda bem. Mas não condenes Hitler *por to mostrar*.

Alguém tinha de o fazer.

Não podes saber o que é frio se não existir quente, para cima se não houver para baixo, esquerda se não houver direita. Não condenes um abençoando o outro. Fazê-lo é não compreender.

Há séculos que as pessoas condenam Adão e Eva. Dizem que eles cometeram o Pecado Original. Digo-te: foi a Bênção Original. Porque sem esse acontecimento, a partilha do conhecimento do bem e do mal, tu nem sequer saberias que as duas possibilidades existem! De facto, antes da chamada Queda de Adão, essas duas possibilidades não existiam. Não havia “mal”. Tudo e todos existiam num estado de constante perfeição. Era, literalmente, o Paraíso. No entanto não sabias que era o Paraíso - não o podias experienciar como perfeição - porque *não conhecias mais nada*.

Irás condenar Adão e Eva, ou agradecer-lhes?

E que dirias que devo fazer com Hitler?

Digo-te o seguinte: o amor de Deus e a compaixão de Deus, a sabedoria de Deus e o perdão de Deus, a intenção de Deus e o propósito de Deus são suficientemente grande para incluir o crime mais horrendo e o criminoso mais infame.

Podes não concordar com isto, mas não tem importância. Acabas de ouvir o que vieste aqui descobrir.

CAPÍTULO 5

O TEMPO É UMA CONSTANTE, UM MOMENTO

No primeiro livro, prometeste explicar no *Livro 2* uma longa lista de coisas maiores - tais como o tempo e o espaço, o amor e a guerra, o bem e o mal, e considerações geopolíticas planetárias do mais elevado nível. Também prometeste explicar melhor - com algum detalhe - a experiência humana do sexo.

Sim, prometi todas essas coisas. O *livro 1* tinha a ver com questões mais pessoais; com a vida de cada um como indivíduo. O *Livro 2* trata da vossa vida coletiva no planeta. O *livro 3* conclui a Trilogia com as verdades maiores: a cosmologia, o quadro completo, a jornada da alma. Em conjunto, os Meus melhores conselhos e informações atuais sobre tudo, desde apertar o sapato até à compreensão do Universo.

Já disseste tudo o que vais dizer sobre o tempo?

Disse tudo o que precisas de saber.

Não existe tempo. Todas as coisas existem em simultâneo. Todos os acontecimentos ocorrem ao mesmo tempo.

Este livro está a ser escrito, e ao ser escrito *já* foi escrito; já existe. De facto, é daí que tiras toda a informação - do livro que já existe. Estás apenas a dar-lhe forma.

É isso que significa: “Antes mesmo de terdes perguntado, ter-vos-ei respondido.”

Todas estas informações sobre o Tempo parecem... bom, interessantes, mas algo esotéricas. Têm alguma aplicação na vida real?

O verdadeiro entendimento do tempo permite-vos viver muito mais em paz dentro da vossa realidade de relatividade, onde o tempo é experienciado como um movimento, um fluxo, em vez de uma constante.

És *tu* que te moves, não o tempo. O tempo não *tem* movimento. Existe apenas Um Momento.

Num certo nível compreendes isto profundamente. É por isso que, quando algo realmente magnífico ou significativo acontece na tua vida, dizes frequentemente que é como se “o tempo parrasse”.

Ele pára mesmo. E quando *tu também páras*, experiências muitas vezes um daqueles momentos que definem a tua vida.

Acho difícil de acreditar. Como é isso possível?

A vossa ciência já o provou matematicamente. Foram escritas fórmulas que mostram que se embarcasses numa nave espacial e voasses suficientemente longe e suficientemente depressa, podias dar a volta de regresso à Terra e *observares-te a levantar voo*.

Isto demonstra que o Tempo não é um *movimento*, mas um campo através do qual tu te movimentas - neste caso na Nave Terra.

Dizem que são precisos 365 “dias” para perfazer um ano. Mas o que é um “dia”? Vocês decidiram - de forma bastante arbitrária, devo acrescentar - que um “dia” é o “tempo” que a vossa Nave Espacial leva a completar uma rotação completa sobre o seu eixo.

Como sabem que deu essa volta? (Não conseguem *sentir* o seu movimento!) Escolheram um ponto de referência nos céus - o Sol. Dizem que leva um “dia” inteiro para que a porção da Nave Espacial em que se encontram se vire para o Sol, se afaste do Sol e se volte a virar para o Sol.

Dividiram este “dia” em 24 “horas” - mais uma vez bastante arbitrariamente. Podiam igualmente ter dito “10” ou “73”!

Depois dividiram cada “hora” em “minutos”. Disseram que cada unidade horária continha 60 unidades mais pequenas, chamadas

“minutos” - e que cada uma dessas continha 60 unidades minúsculas, chamadas “segundos”.

Um dia repararam que a Terra não só girava, como também voava! Viram que se movia no espaço em *volta do Sol*.

Calcularam cuidadosamente que eram precisas 365 translações da Terra para a Terra revolver em volta do Sol. A esse número de rotações da Terra chamaram um “ano”.

As coisas complicaram-se quando decidiram que queriam dividir um “ano” em unidades mais pequenas que um “ano” mas maiores que um “dia”.

Criaram a “semana” e o “mês”, e conseguiram o mesmo número de meses em cada ano, mas não o mesmo número de *dias em cada mês*.

Não conseguiram descobrir a forma de dividir um número de dias ímpar (365) por um número de meses par (12), por isso decidiram que alguns *meses teriam mais dias que outros!*

Acharam que tinham de manter o doze como sub divisor anual por ser esse o número de Ciclos Lunares que observavam a vossa Lua perfazer durante um “ano”. Por forma a reconciliar esses três acontecimentos espaciais - revoluções em volta do Sol, rotações da Terra sobre o próprio eixo, e ciclos da Lua - limitaram-se a ajustar o número de “dias” em cada “mês”.

Mesmo este estratagema não resolveu todos os problemas porque as vossas invenções anteriores continuavam a criar uma “acumulação” de “tempo” com a qual não sabiam o que fazer. Portanto decidiram que de tempos a tempos um ano teria mais um dia inteiro! Chamaram-lhe Ano Bissexto, e gracejavam a esse respeito, mas na verdade vocês vivem de acordo com esta construção - e depois chamam à Minha explicação do tempo “inacreditável”!

Da mesma forma arbitrária, criaram “décadas” e “séculos” (curiosamente, baseados em 10, e não em 12) para medir a passagem do “tempo” - mas, na verdade, o que têm feito é apenas conceber uma maneira de medir os *movimentos através do espaço*.

Vemos, assim, que não é o tempo que “passa”, mas objetivos que passam *através*, e se movem *dentro* de um campo estático a que chamam espaço.

O “tempo” é simplesmente a vossa forma de *contar movimentos*!

Os cientistas têm uma profunda compreensão desta ligação e falam portanto em termos de *continuum* “Espaço-Tempo”.

O vosso Dr. Einstein e outros compreenderam que o tempo era uma construção mental, um *conceito relacional*. O “tempo” era o que era *em relação ao espaço* que existia entre os objetos! (Se o Universo se está a expandir - como está - a Terra demora “mais tempo” a revolver em volta do Sol do que há um bilião de anos. Há mais “espaço” a cobrir.)

Estes acontecimentos cíclicos demoram mais minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, décadas e séculos a ocorrer recentemente do que demoravam em 1492! (Quando é que um “dia” não é um dia? Quando é que um “ano” não é um ano?)

Os vossos novos instrumentos, altamente sofisticados, de medição do tempo, registam agora essa “discrepância” de tempo, e todos os anos os relógios de todo o mundo são acertados para acomodar um Universo que não pára quieto!

Chamam-lhe o Tempo Médio de Greenwich... e é médio⁷ porque faz do Universo um mentiroso!

Einstein teorizou que se não era o “tempo” que se movia, mas sim *ele* que se movia no espaço, a um determinado ritmo, o que tinha a fazer era mudar a quantidade de espaço entre objetos - ou mudar a *velocidade* a que se movia através do espaço entre um objeto e outro - para “alterar” o tempo.

Foi a sua Teoria Geral da Relatividade que expandiu a atual compreensão da correlação entre tempo e o espaço.

Podes começar agora a perceber por que é que, se fizeres uma longa viagem através do espaço e regressares, podes ter envelhecido apenas dez anos - enquanto que os teus amigos na Terra terão envelhecido trinta!

⁷ Trocadilho com a palavra *mean*, que além de significar médio ou mediano, significa também malévolo, vil, ignóbil. (N.daT.)

Quanto mais longe fores, mais distorcerás o *continuum* Espaço-Tempo e menos hipóteses terás de encontrar vivo na Terra quem quer que lá estivesse quando partiste!

No entanto, se os cientistas na Terra, nalgum tempo “futuro”, desenvolvessem uma forma de propulsão mais *rápida*, podiam “fazer batota” com o Universo e ficar em sincronia com o “tempo real” da Terra, e quando regressassem verificariam que se tinha passado o mesmo tempo na Terra que na Nave Espacial.

É evidente que, se se dispusesse de ainda mais propulsão, poder-se-ia regressar à Terra antes mesmo de descolar! Que isto dizer que o tempo na Terra passaria *mais devagar* do que o tempo na nave espacial. Podia-se regressar passados dez dos vossos “anos” e a Terra teria “envelhecido” apenas quatro! Aumente-se a velocidade, e dez anos no espaço podem significar dez minutos na Terra.

Agora, se te deparares com uma “dobra” no tecido do espaço (Einstein e outros acreditavam que essas “dobras” existem - e estavam certos!) és subitamente projetado através do “espaço” num “momento” infinitesimal. Poderia um tal fenómeno espaço-tempo “atirar-se” literalmente de volta para o “tempo”?

Não deve ser agora tão difícil ver que o “tempo” não existe exceto como uma construção da *vossa* mentalidade. Tudo o que jamais acontece - *e que venha acontecer* - está a acontecer *agora*. A capacidade de o observar depende apenas do teu ponto de vista - do teu “lugar no espaço”.

Se estivesses no *Meu* lugar, podias ver Tudo - *agora mesmo!*

Compreendes?

Ena, pá! Estou a *começar* a compreender - a um nível teórico - *sim!*

Ainda bem. Expliquei-to de uma forma muito simples, de forma a que até uma criança pudesse compreendê-lo. Pode não constituir boa ciência, mas dá azo a uma boa compreensão.

Neste momento, os objetos físicos são limitados em termos de velocidade - mas os objetos não físicos - os meus pensamentos... a minha alma ... podiam em teoria mover-se através do éter a velocidades incríveis.

Exatamente! *Precisamente!* E é isso que acontece frequentemente nos sonhos e noutras experiências exteriores ao corpo e psíquicas.

Agora compreendes o Déjà vu. Provavelmente, já lá *estiveste antes!*

Mas... se tudo já aconteceu, deduz-se que sou impotente para mudar o meu futuro. Isto é a predestinação?

Não! Não alinhes nisso! Isso não é verdade. De facto, este “cenário” devia *servir-te*, não *desservir-te!*

Estás sempre num lugar de livre-arbítrio e escolha total. O seres capaz de ver o “futuro” (ou outros que o possam fazer por ti) deveria potenciar a tua capacidade de viveres a vida que queres, não de a limitar.

Como? Aqui preciso de ajuda.

Se “vires” um acontecimento ou experiência futuros que não te agradam, não os *escolhas!* Escolhe outra vez! Selecciona outro!

Muda ou altera o teu comportamento de forma a *evitares o desfecho indesejável.*

Mas como posso evitar aquilo que já aconteceu?

Ainda não te aconteceu a ti - ainda estás num local do *continuum* Espaço-Tempo onde não tens noção consciente da ocorrência. Não “sabes” que “aconteceu”. Não te “lembraste” do teu futuro!

(Este esquecimento é o *segredo de todos os tempos*. É o que torna possível “jogares” o grande jogo da vida! Mais tarde explicarei!)

O que tu não “sabes” não é “assim”. Uma vez que “tu” não te “lembras” do teu futuro, ainda não “te” “aconteceu”! Uma coisa

“acontece” apenas quando é “experenciada”. Uma coisa só é “experenciada” quando é “conhecida”.

Digamos então que foste abençoado com uma breve visão, um “conhecimento”, por uma fração de segundo, do teu “futuro”. O que aconteceu foi que o teu Espírito - a tua parte não-física - simplesmente desandou para outro local do Espaço-Tempo e regressou com alguma energia residual - algumas imagens ou impressões - desse momento ou acontecimento.

Essas consegues “sentir” - ou, por vezes, alguém que tenha desenvolvido um dom metafísico pode “sentir” ou “ver” essas imagens e energias que rodopiam. À tua volta.

Se não gostas daquilo que “pressentes” sobre o teu “futuro”, afasta-te disso! Afasta-te dele!

Nesse instante mudas a tua experiência - e cada um de Ti dá um suspiro de alívio!

EXISTES EM TODA A PARTE

Espera aí! Eh lááá...

Deves saber - estás agora preparado para ouvir - que existes *simultaneamente* a todos os níveis do Espaço-Tempo.

Ou seja, a tua alma Sempre Foi, Sempre É e Sempre Será - para todo o sempre - ámen.

Eu “existo” em mais do que um lugar?

Claro! Tu existes *em toda a parte* - e a todo o momento!

Há um “eu” no futuro e um “eu” no passado?

Bem, o “futuro” e o “passado” não existem, tal como nos deu tanto trabalho a compreender - mas, utilizando as palavras como vocês as têm usado, sim.

Existe mais do que um eu?

Tu és um *só*, mas muito *maior* do que pensas!

Então quando o “eu” que existe “agora” muda qualquer coisa de que não gosta sobre o seu “futuro”, o “eu” que existe no “futuro” deixa de a ter como parte da sua experiência?

Essencialmente sim. Todo o mosaico muda. Mas nunca perde a experiência que deu a si próprio. Fica apenas aliviado e feliz por “tu” não teres de passar por isso.

Mas o “eu” no “passado” ainda tem que “experimentar” isso, portanto vai direto ao seu encontro?

Em certo sentido, sim. Mas, é claro, “tu” podes ajudá-“lo”.

Posso?

Claro. Primeiro, mudando o que o “tu” à tua *frente* experienciou, o “tu” *atrás* de ti pode nunca ter de o experienciar! É com esse mecanismo que a tua alma evolui.

Da mesma forma, o *futuro tu* foi ajudado pelo seu *próprio* eu futuro, ajudando-te a evitar o que ele não evitou.

Conseguiste seguir?

Sim. E é intrigante. Mas agora tenho outra pergunta.

E no que se refere às vidas anteriores? Se eu fui sempre “eu” - no “passado” e no “futuro” - como posso ter sido *outro* alguém, outra pessoa, numa vida anterior?

Tu és um Ser Divino, capaz de mais do que uma experiência ao mesmo “tempo” - e capaz de dividir o teu Eu em tantos “eus” diferentes quantos queiras.

Podes viver a “mesma vida” repetidamente, de formas diferentes - como acabei de explicar. E também podes viver vidas diferentes em “tempos” diferentes no *continuum*.

Assim, durante todo o tempo em que tu estás a ser tu, aqui, agora - também podes ser, e ter sido - outros “eus” noutros “tempos” e “lugares”.

Caramba - isto complica-se e torna a complicar-se!

Sim - e na verdade ainda só aflorámos a superfície.

Fica ciente disto: Tu és um ser de Proporção Divina, que não conhece limitações. Uma parte de ti opta por te conhecer com a tua Identidade experienciada presentemente. No entanto, isto não é nem de longe o limite do teu Ser, embora *tu penses que seja*.

Porquê?

Tens que pensar que é, ou não poderás fazer aquilo para que te destinaste fazer nesta vida.

Que é o quê? Já mo disseste, mas diz-me outra vez, “aqui” e “agora”.

Estás a utilizar toda a Vida - a totalidade de muitas vidas - para *ser e decidir* Quem Realmente És; para optar e criar Quem Realmente És; para experienciar e realizares a tua ideia em curso sobre ti próprio.

Estás num Eterno Momento de criação do Eu e de realização do Eu através do processo de expressão do Eu.

Atraíste a ti as pessoas, acontecimentos e circunstâncias da tua vida como instrumentos com os quais moldar a Versão Mais Sublime da Visão Mais Grandiosa que jamais tiveste sobre ti próprio. Este processo de

criação e recriação é contínuo, interminável e estratificado. Todo ele está a acontecer “agora mesmo” e em muitos níveis.

Na tua realidade linear vês a experiência como sendo de Passado, Presente e Futuro. Imaginas-te como tendo uma vida, ou talvez muitas, mas seguramente apenas uma *de cada vez*.

Mas se não existisse “tempo”? Então estarias a viver *todas as tua “vidas” em simultâneo!*

E estás!

Estás a viver *esta* vida, a tua vida entendida presentemente, no teu Passado, no teu Presente, no teu Futuro, de uma só vez! Alguma vez tiveste um “estranho pressentimento” sobre um acontecimento futuro - tão poderoso que te fez afastar-te dele?

Na tua linguagem, chamas-lhe premonição. Do Meu ponto de vista é simplesmente a consciência que tens subitamente de algo que acabaste de experienciar no teu “futuro”.

O teu “tu futuro” está a dizer, “Eh, isto não teve graça. Não *faças* isto!”

Também estás a viver outras vidas - aquilo a que chamas “vidas anteriores” - igualmente agora - embora as experiencias como tendo sido no vosso “passado” (se as experienciastes de todo), e isso tanto faz. Seria para ti muito difícil jogar este maravilhoso jogo da vida se tivesses *total consciência* do que se passa. Nem a descrição aqui feita te pode dar isso. Se desse, o “jogo” teria terminado! O Processo, *depende* de o Processo ser completo, tal como é - incluindo a tua total falta de consciência nesta fase.

Assim, dá graças ao Processo, e aceita-o como a maior dádiva do Criador Mais Bondoso. Adere ao Processo e movimenta-te nele com paz, sabedoria e alegria. Usa o Processo e transforma-o de algo a que te *submetes* em algo em que te *empenhas* como instrumento na criação da experiência mais magnífica de Todos os Tempos: a realização do teu Eu Divino.

SOMOS APENAS UM

Como? Como posso fazer isso da melhor maneira?

Não desperdices estes momentos preciosos, a tua realidade presente, procurando desvelar os segredos todos da vida.

Esses segredos são segredos por uma *razão*. Concede ao teu Deus o benefício da dúvida. Usa o teu Momento de Agora para o Objetivo Supremo - a criação e expressão de Quem Realmente És.

Decide Quem Tu És - Quem tu *queres* ser - e então faz tudo o que estiver ao teu alcance para o seres.

Usa o que Eu te disse sobre o tempo como uma estrutura, dentro da tua compreensão limitada, para sobre ela colocares as construções da tua Ideia Mais Sublime.

Se te surgir uma impressão sobre o “futuro”, *respeita-a*. Se te ocorrer uma ideia sobre uma “vida anterior”, vê se tem para ti alguma utilidade - não a ignores simplesmente. Acima de tudo, se te for dada a conhecer uma forma de criar, manifestar, exprimir e experienciar o teu Eu Divino ainda em maior glória aqui mesmo, agora mesmo, *segue* esse caminho.

E *ser-te-á* dada a conhecer uma forma, porque o pediste. Produzir este livro é um sinal do teu pedido, pois não poderias estar a produzi-lo, precisamente agora, sob os teus próprios olhos, sem uma mente e um coração abertos e uma alma pronta a conhecer.

O mesmo se aplica àqueles que agora o leem. Porque eles também o criaram. De que outra forma podiam estar agora a experienciá-lo?

Toda a gente está a criar tudo o que está a ser agora experienciado - o que é outra forma de dizer que Eu estou a criar tudo o que está a ser agora experienciado, porque *Eu sou toda a gente*.

Percebes a simetria aqui? Estás a ver a Perfeição?

Tudo está contido numa só verdade:

SOMOS APENAS UM.

CAPÍTULO 6

O ESPAÇO É O TEMPO DEMONSTRADO

Fala-me do espaço.

O espaço é o tempo... demonstrado.

Na verdade, não existe tal coisa - espaço puro, “vazio”, sem nada. Tudo é alguma coisa. Mesmo o espaço “mais vazio” está cheio de vapores tão ténues, tão distendidos sobre áreas infinitas, que parecem lá não estar.

Então, depois de os vapores desaparecerem, há energia. Energia pura, que se manifesta como vibração. Oscilações. Movimentos do Todo numa determinada frequência.

A “energia” invisível é o “espaço” que contém a “matéria unida”.

Em tempos - utilizando o vosso tempo linear como modelo - toda a matéria do Universo estava condensada num pequeno ponto. Não podem imaginar a sua densidade - mas isso é porque pensam que a matéria, tal como existe *agora*, é densa.

Na verdade, aquilo a que vocês chamam matéria é, na sua maioria, espaço. Todos os objetos “sólidos” são constituídos por 2% de “matéria” sólida e 98% de “ar”! O espaço entre as partículas mais ínfimas de matéria em todos os objetos é enorme. É algo como a distância entre corpos celestes no vosso Céu noturno. No entanto vocês chamam *sólidos* a esses objetos.

A certo ponto todo o Universo era de facto “sólido”. Não havia praticamente espaço nenhum entre as partículas de matéria.

O “espaço” tinha sido retirado de toda a matéria - e desaparecido o enorme “espaço”, essa matéria enchia uma área menor que a cabeça de um alfinete.

Houve na realidade um “tempo” anterior a esse “tempo” em que não existia matéria nenhuma - apenas a forma mais pura de Energia de Vibração Suprema, a que vocês chamam antimatéria.

Isso foi no tempo “antes” do tempo - antes de existir o Universo físico tal como o conhecem. Nada existia como matéria. Algumas pessoas concebem isso como o Paraíso, ou “Céu”, porque “nada se passava⁸”!

(Não é por acaso que na nossa linguagem de hoje, quando se suspeita que há alguma coisa de errado, se diz “O que é que se passa?⁹”)

No princípio, a energia pura - *EU!* - vibrava, oscilava, tão depressa que formou a matéria - *toda a matéria do Universo!*

Também vocês podem conseguir esse feito. De facto, fazem-no todos os dias. Os vossos pensamentos são vibração pura - e podem criar e criam matéria física!

Se um número de pessoas suficiente mantiver o mesmo pensamento, podem ter impacto em partes do vosso universo físico e até criá-las. Isto foi explicado em pormenor no *livro 1*.

O Universo está agora em expansão?

A uma velocidade que não podes imaginar!

Irá expandir-se para todo o sempre?

Não. Virá uma altura em que as energias que impulsionam a expansão se dissiparão, e as energias que mantêm as coisas juntas as substituirão - “voltando a juntar” todas as coisas.

Queres dizer que o Universo se contrairá?

Sim. Tudo irá, literalmente, “pôr-se no seu lugar”! E terão novamente o Paraíso. Sem matéria. Energia pura.

⁸ No original: *nothing was the matter*, literalmente: nada era matéria. (N. da T.)

⁹ No original: *what is the matter*, literalmente: o que é a matéria. (N. da T.)

Por outras palavras - Eu!

No final, tudo voltará a Mim. Essa é a origem da vossa frase “Tudo se resume a isto¹⁰”.

Isso significa que deixaremos de existir!

Na forma física. Mas *existirão sempre*. Não podem não existir. Vocês são aquilo que *É*.

O que vai acontecer depois de o Universo “se desmoronar”?

Recomeçará de novo todo o processo! Haverá outro chamado *Big Bang* e *nascera* outro Universo.

Que se expandirá e contrairá. E que fará mais uma vez a mesma coisa. E outra vez. E outra vez. Para todo o sempre. O mundo sem fim.

Isto é a inspiração e a expiração de Deus.

Bom, tudo isto é, mais uma vez, muito interessante - mas tem muito pouco a ver com a minha vida de todos os dias.

Como Eu já disse, passar demasiado tempo a tentar desvendar os mistérios mais profundos do Universo não é provavelmente o uso mais eficiente da vossa vida. No entanto, há benefícios a colher destas simples alegorias e descrições de leigo do Processo Maior.

Como o quê?

Como compreender que todas as coisas são cíclicas - incluindo a própria vida.

Compreender a vida do Universo ajudar-vos-á a entender a vida do universo dentro de vós.

¹⁰ No original: *it all comes down to this*, literalmente: tudo cai nisto (N. da T.)

A vida move-se em ciclos. Tudo é cíclico. Tudo. Quando compreenderem isto, tornar-se-ão mais capazes de desfrutar do Processo - não apenas submeterem-se a ele.

Todas as coisas se movem ciclicamente. Há um ritmo natural da vida, e tudo se move a esse ritmo; tudo segue esse curso.

Assim está escrito: “Para tudo há uma época; e um tempo para todo o Propósito sob os Céus”.

Sábio é quem o entende. Esperto é quem o utiliza.

Poucas pessoas compreendem os ritmos da vida melhor que as mulheres. As mulheres vivem toda a sua vida pelo ritmo. Estão *em* ritmo com a própria vida.

As mulheres são mais capazes de “seguir o curso” que os homens. Os homens querem empurrar, puxar, resistir e *orientar* o curso. As mulheres *experienciam-no* - e moldam-se a ele para gerar harmonia.

Uma mulher ouve a melodia das flores ao vento. Vê a beleza do Invisível. Sente os puxões, empurrões e impulsos da vida. Sabe quando é tempo de correr e tempo de descansar; tempo para rir e tempo para chorar; tempo de reter e tempo de deixar ir.

A maior parte das mulheres deixa graciosamente o seu corpo. A maioria dos homens combate a partida. As mulheres também tratam mais graciosamente o corpo enquanto existem *nele*. Os homens tratam horivelmente os seus corpos. É da mesma maneira que tratam a vida.

Claro que há exceções em todas as regras. Estou a falar de generalidades. Falo de como as coisas têm sido até agora. Falo nos termos mais latos. Mas se olharem para a vida, se admitirem para vós próprios o que estão a ver, ou viram, se reconhecerem o que é assim, poderão encontrar verdade nesta generalização.

EXISTE APENAS O QUE É

No entanto isso entristece-me. Faz-me sentir como se as mulheres fossem de certa forma seres superiores. Que têm mais “verdadeiro estofo”¹¹ que os homens.

Parte do glorioso ritmo da vida é o yin e o yang. Um Aspeto do “Ser” não é “mais perfeito” ou “melhor” que outro. Ambos os aspetos são simplesmente - e maravilhosamente - isso: aspetos.

Os homens, obviamente, personificam outros reflexos de Divindade, que as mulheres olham com idêntica inveja.

No entanto, já foi dito que ser um homem é ser posto à prova, ou à experiência. Depois de seres homem tempo suficiente - depois de teres sofrido suficientemente pela tua própria insensatez; depois de teres infligido dor suficiente através das calamidades criadas por ti próprio; depois de teres magoado os outros o suficiente para abandonares os teus comportamentos - substituindo a agressão pela razão, o desprezo pela compaixão, o ganhar sempre com o ninguém perder - então podes tornar-te mulher.

Quando aprenderes que poder *não* é “razão”; que força *não* é poder *sobre*, mas poder *com*; que o poder absoluto não exige absolutamente nada dos outros; quando compreenderes estas coisas, podes merecer usar o corpo de uma mulher - porque terás finalmente entendido a sua Essência.

Então uma mulher é melhor que um homem.

Não! Não é “melhor” - é diferente! És tu que fazes esse juízo. Não existe essa coisa do “melhor” ou “pior” na realidade objetiva. Existe apenas o que É - e o que tu desejas Ser.

¹¹ No original: the right stuff. (N. da T.)

O quente não é melhor que o frio, nem o alto melhor que o baixo - um ponto que já frisei antes. Portanto, feminino não é “melhor” que masculino. É apenas o que é. Tal como tu és o que és.

No entanto nenhum de vós é restringido, mais limitado. Podem Ser aquilo que desejam Ser, escolher o que querem experienciar. Nesta vida ou na próxima, ou na seguinte depois dessa - tal como fizeram na vida anterior. Cada um de vós tem sempre escolha. Cada um de vós é feito do Todo. Há masculino e feminino em cada um de vós. Expressam e experienciem o aspeto de vós que mais vos agrada exprimir e experienciar. Saibam, no entanto, que tudo está aberto a cada um de vós.

Não quero passar para outros tópicos. Quero continuar com este paradigma masculino-feminino durante mais algum tempo. Tu prometeste, no final do último livro, discutir em muito mais detalhe todo o aspeto sexual desta dualidade.

Sim - acho que já é altura de falarmos, tu e Eu, sobre Sexo.

CAPÍTULO 7

A SEXUALIDADE

Por que criaste dois sexos? Foi esta a única maneira que conseguiste imaginar para nos recriarmos? Como devemos lidar com esta incrível experiência chamada sexualidade?

Não com vergonha, seguramente. E não com culpa, não com medo.

Porque a vergonha não é virtude, a culpa não é bondade e o medo não é respeito.

E não com luxúria, porque a luxúria não é paixão; não com abandono, porque o abandono não é liberdade; e não com agressividade, porque a agressividade não é impetuosidade.

E, obviamente, não com ideias de controlo ou poder ou domínio, porque essas nada têm a ver com Amor.

Mas... pode o sexo ser usado para efeitos de simples “gratificação pessoal”? A resposta surpreendente é sim - porque “gratificação pessoal” é apenas outra palavra para Amor-Próprio.

A gratificação pessoal tem sido muito censurada ao longo dos anos, o que é a razão principal pela qual tanta culpa está ligada ao sexo.

Dizem-vos que não devem usar para gratificação pessoal uma coisa que *pessoalmente é intensamente gratificante*! Esta contradição óbvia é evidente para vós, mas não sabem o que fazer com a conclusão! Portanto decidem que se se sentirem culpados por se sentirem tão bem durante e depois do sexo, isso fará com que esteja certo.

Não é diferente da cantora famosa que todos conhecem, mas que não nomearei aqui, que recebe milhões de dólares por cantar as suas canções. Solicitada a comentar o seu incrível sucesso e as riquezas que lhe tem trazido, ela disse “Quase que me sinto culpada porque gosto tanto de fazer isto”.

A implicação é clara. Se é uma coisa que adoras fazer, não deverias ser ainda por cima recompensado com dinheiro. A maior parte das pessoas ganha dinheiro *a fazer alguma coisa que detesta* - ou uma coisa que é no mínimo *trabalho árduo*, e não *prazer infinito*!

Assim, a mensagem do mundo é: Se tiveres sentimentos negativos a respeito disso, então *podes desfrutá-lo*!

A culpa é frequentemente utilizada na vossa tentativa de se sentirem *mal* em relação a alguma coisa acerca da qual se sentem bem - e assim se reconciliarem com Deus... que vocês pensam que não quer que se sintam bem em relação a *nada*!

Em particular, não se devem sentir bem com os prazeres do corpo. E *absolutamente* nada bem em relação ao (como segredava a vossa avó) “S-E-X-O...”.

Ora bem, a boa notícia é que está certo gostar de sexo!

Também está certo *amar-se a Si próprio*!

De facto, é obrigatório.

O que não vos serve é tornarem-se *viciados* no sexo (ou em qualquer outra coisa). Mas está “certo” apaixonarem-se por ele!

Repitam *isto* dez vezes ao dia:

ADORO SEXO

Repitam *isto* dez vezes:

ADORO DINHEIRO

Agora, querem uma mesmo difícil? Experimentem dizer isto dez vezes:

ADORO-ME!

Eis mais algumas coisas de que é suposto não gostarem. Treinem-se a amá-las:

PODER

GLÓRIA

FAMA

SUCESSO

GANHAR

Querem mais algumas? Experimentem *estas*. Deviam sentir-se *realmente culpados se querem estas*:

A ADULAÇÃO DOS OUTROS

SER MELHOR

TER MAIS

SABER COMO

SABER *PORQUÊ*

Já chega? Esperem! Eis a máxima culpa. Deviam sentir a máxima culpa se sentem que:

CONHECEM DEUS

Não é *interessante*? Durante toda a vida vos fizeram sentir culpados em relação

ÀS COISAS QUE MAIS QUEREM

Pois eu digo-vos: amem, amem, *amem* as coisas que desejam - porque o vosso amor por elas as *atrai* para vós.

Estas coisas são a substância da vida. Quando as amam, *amam a vida*! Quando declaram que as desejam, anunciam que escolhem o que a vida tem de bom para oferecer!

Portanto escolham o sexo - todo o sexo que puderem ter!

E escolham o *poder* - todo o poder que possam reunir!

E escolham a *fama* - toda a fama que possam alcançar!

E escolham o *sucesso* - todo o sucesso que possam conseguir!

E escolham *ganhar*- todo o ganho que possam experienciar!

Mas, não optem pelo sexo em vez do amor, *mas sim como celebração desse amor*. E não optem pelo poder sobre, mas *pelo poder com*. E não optem pela fama como um fim em si, *mas como um meio para um fim*

maior. E não optem pelo sucesso à custa dos outros, mas como uma ferramenta com a qual ajudar os outros. E não optem por ganhar a todo o custo, mas por ganhos que nada custem aos outros e que até lhes tragam ganhos também.

Vão em frente e optem pela adulação dos outros - mas vejam todos os outros como seres sobre quem podem fazer chover adulação, e *façam-no!*

Vão em frente e optem por ser melhores - mas não melhores que os outros; de preferência, melhores do *que eram antes.*

Vão em frente e optem por ter mais, mas só para que tenham *mais para dar.*

E sim, optem por “saber como” e “saber porquê” - para que possam partilhar todo o conhecimento com os outros.

E, optem seguramente por CONHECER DEUS. De facto, ESCOLHAM ISSO PRIMEIRO e tudo o resto se seguirá.

Toda a vida vos ensinaram que é melhor dar do que receber. *Contudo não se pode dar aquilo que se não tem.*

É por isso que a autogratisificação é tão importante - e porque é tão lamentável que tenha passado a soar tão mal.

É óbvio que não é da autogratisificação à custa dos outros que estamos aqui a falar. Não se trata de ignorar as necessidades dos outros. No entanto, a vida não deveria ter a ver com *ignorar as vossas próprias necessidades.*

Deem a vós próprios prazer em abundância, e terão prazer em abundância para dar aos outros.

Os mestres de sexo Tântrico sabem-no. Por isso são a favor da masturbação, a que alguns de vós, de facto, chamam de pecado.

Masturbação? Eh, pá - agora é que passaste das marcas. Como é que Tu podes levantar uma questão dessas - como podes sequer mencioná-la - numa mensagem que é suposto provir de Deus?

Estou a ver. Tens um preconceito em relação à masturbação.

Bem, *eu* não, mas muitos leitores podem ter. E parece-me que Tu disseste que estávamos a produzir este livro para outros lerem.

E estamos.

Então por que estás a ofendê-los deliberadamente?

Não estou “a ofender deliberadamente” ninguém. As pessoas são livres de se sentirem ou não “ofendidas” como entenderem. Mas achas mesmo que vai ser possível falarmos franca e abertamente sobre a sexualidade humana sem que *alguém* resolva sentir-se “ofendido”?

Não, mas há limites. Não me parece que a maioria das pessoas esteja preparada para ouvir Deus falar sobre masturbação.

Se este livro vai ser limitado àquilo sobre o que a “maioria das pessoas” está preparada para ouvir Deus falar, vai ser um livro muito pequeno. A maior parte das pessoas nunca está preparada para ouvir aquilo sobre que Deus fala quando Deus está a falar sobre isso. Normalmente esperam 2000 anos.

Está bem, então continua. Já todos recuperámos do choque inicial.

Ainda bem. Estava apenas a utilizar essa experiência da vida (em que todos vocês participam, a propósito, mas da qual ninguém quer falar) para ilustrar uma questão mais importante.

A questão mais importante, reafirmada: *Deem a vós próprios prazer em abundância, e terão prazer em abundância para dar aos outros.*

Os professores daquilo a que chamam sexo Tântrico - que é uma forma muito elevada de expressão sexual, por acaso - sabem que se se participa no sexo com fome de sexo, a capacidade de dar prazer ao parceiro e de experienciar uma união prolongada e feliz de almas e corpos - que, a propósito, é uma razão muito forte para se experienciar a sexualidade - fica grandemente diminuída. Por isso, os amantes Tântricos muitas vezes dão

prazer a si próprios antes de darem prazer um ao outro. Frequentemente, fazem-no na presença um do outro e habitualmente com o encorajamento, apoio e orientação amorosa do outro. Então, depois de satisfeitos os apetites iniciais, a sede mais profunda de ambos - a sede do êxtase através da união prolongada - pode ser satisfeita gloriosamente.

A autogratificação mútua faz parte da alegria, das brincadeiras, do amor da sexualidade totalmente expressa. É uma de várias partes. A experiência a que chamam coito, ou relação sexual, pode acontecer ao fim de uma refrega amorosa de duas horas. Ou não. Para a maior parte de vocês é quase o *único objetivo* de um exercício de vinte minutos. Aliás, vinte minutos se tiverem sorte!

Não fazia ideia de que isto se ia transformar num manual sexual.

Não vai. Mas não fazia grande mal se fosse. A maior parte das pessoas tem muito que aprender acerca da sexualidade, e da sua expressão mais sublime e benéfica.

Mas eu continuava a tentar ilustrar a questão mais importante. Quanto mais prazer deres a ti próprio, tanto mais prazer poderás dar a outrem. Da mesma maneira que, se deres a ti próprio o prazer do poder, terás mais poder para partilhar com os outros. O mesmo se aplica à fama, fortuna, glória, sucesso, ou seja, o que for que te faça sentir bem.

E, a propósito, penso que é altura de olharmos para a razão por que determinada coisa vos faz “sentir bem”.

SENTIR-SE BEM, É ASSIM QUE EU SOU

Pronto - desisto. Porquê?

“Sentir-se bem” é a forma de a alma gritar “É assim que eu sou!”.

Estiveste alguma vez numa aula em que o professor controlasse as presenças - fazendo a chamada - e quando chamava o teu nome tinhas que dizer “presente”?

Sim.

“Sentir-se bem” é a forma de a alma dizer “presente!”.

Ora, muitas pessoas ridicularizam esta ideia de “fazer o que nos faz sentir bem”. Dizem que é o caminho do Inferno. Pois *Eu* digo que é o caminho do *Céu*!

Muito depende, claro, daquilo que se diz que “faz sentir bem”. Por outras palavras, que tipo de experiências te fazem sentir bem? Mas digo-te - nenhuma espécie de evolução jamais teve lugar através da *negação*.

Se quiseses evoluir, não será por teres conseguido, com êxito, *negar* a ti próprio as coisas que *sabes* que te “fazem sentir bem”, mas porque te *concedeste* esses prazeres e encontraste algo ainda mais grandioso. Porque como podes saber que uma coisa é “maior” se nunca tiveres provado a “menor”?

A religião quer que acreditem na sua explicação. É por isso que todas as religiões acabam por fracassar.

A Espiritualidade, pelo contrário, ganhará sempre.

A religião pede-vos que aprendam com a experiência dos outros. A Espiritualidade incita-vos a procurar a vossa.

A religião não se conforma com a Espiritualidade. Não a suporta. Porque a Espiritualidade pode levar-vos a uma conclusão diferente da de determinada religião - e isso nenhuma religião conhecida tolera.

A religião encoraja-vos a explorar os pensamentos dos outros e aceitá-los como vossos. A Espiritualidade convida-vos a sacudir para longe os pensamentos dos outros e a fazer surgir os vossos.

“Sentires-te bem” é a tua forma de dizeres a ti próprio que o teu último pensamento foi a *verdade*, que a tua última palavra foi de *sabedoria* e que o teu último ato foi de *amor*.

Para veres até onde progrediste, para medires até que ponto evoluíste, basta verificares o que te faz “sentir bem”.

Mas não procures *forçar* a tua evolução - evoluir mais longe, mais depressa - *negando* ou afastando-te do que te faz sentir bem.

A autonegação é autodestruição.

E ficas também a saber - a autodisciplina não é autonegação. Disciplinar o comportamento é uma opção ativa de fazer ou não alguma coisa com base na decisão sobre quem se é. Se afirmas que és uma pessoa que respeita os direitos dos outros, a decisão de não furtar ou roubar, de não violar ou pilhar não é de todo “autonegação”. É autoafirmação. É por isso que se diz que a medida de até onde evoluímos é o que nos faz sentir bem. Se agires irresponsavelmente, comportares-te de uma forma que sabes que pode prejudicar os outros, ou provocar dificuldades ou dor, é o que te faz “sentir bem”, então não evoluíste muito.

Aqui a chave é a consciência. E é tarefa dos mais velhos das vossas famílias e comunidades criar e difundir essa consciência entre os jovens. É também o papel dos mensageiros de Deus aumentar a consciência entre todos os povos, para que compreendam que aquilo que é feito por ou para um é feito por ou para todos - porque todos somos Um.

Quando se parte de “somos todos Um”, é praticamente impossível achar-se que magoar outrem nos faz “sentir bem”. O chamado “comportamento irresponsável” desaparece. É dentro destes parâmetros que os seres em evolução procuram experienciar a vida. É dentro destes parâmetros que Eu vos digo para se *permitirem* ter *tudo* o que a vida tem para oferecer - e descobrirão que ela tem *mais para oferecer do que jamais imaginaram*.

És aquilo que experiencias. Experiencias aquilo que exprimes. Exprimes o que tens a exprimir. Tens aquilo que concedes a ti próprio.

Adoro isto - mas podemos regressar à questão original?

Sim. Criei dois sexos pela mesma razão que pus o “yin” e o “yang” em tudo - no Universo inteiro! Eles fazem parte do yin e do yang, este macho e esta fêmea. São a sua mais sublime expressão viva no vosso mundo.

São o yin e o yang... numa forma. Numa de muitas formas físicas. O yin e o yang, o aqui e o ali... o isto e o aquilo... o alto e o baixo, o quente e o frio, o grande e o pequeno, o rápido e o lento - a matéria e a antimatéria...

Tudo isto é necessário para que experienciem a vida tal como a conhecem.

ENERGIA SEXUAL E A MATRIZ

De que maneira podemos expressar melhor esta coisa chamada energia sexual?

Amorosamente. Abertamente.

Alegremente. Jovialmente.

Escandalosamente. Apaixonadamente.

Sacramento. Romanticamente.

Humoradamente. Espontaneamente. Comoventemente.

Criativamente. Descaradamente. Sensualmente.

E, é claro, Frequentemente.

Há quem diga que o único objetivo legítimo da sexualidade humana é a procriação.

Treta. A procriação é a consequência feliz, não o pensamento lógico prévio, da maior parte da experiência sexual humana. A ideia de que o sexo é só para fazer bebés é ingénua e o corolário de que o sexo deve terminar quando é concebido o último filho é pior que ingénuo. Viola a natureza humana - e essa é a natureza que Eu vos dei.

A expressão sexual é o resultado inevitável de um processo eterno de atração e de fluxo rítmico de energia que potencia toda a vida.

Introduzi em todas as coisas uma energia que transmite um sinal através de todo o Universo. Cada pessoa, animal, planta, pedra, árvore - cada coisa física - emite energia, como um emissor de rádio.

Tu estás a enviar energia - a emitir energia - neste preciso momento, do centro do teu ser, em todas as direções. Essa energia - que és *tu* - emana em ondas. A energia parte de ti, atravessa paredes, escala montanhas, passa para além da Lua e entra na Eternidade. *Nunca, nunca pára.*

Essa energia é colorida por todos os pensamentos que já tiveste (Quando pensas em alguém, se essa pessoa for suficientemente sensível, consegue senti-lo.). É moldada por cada palavra que já pronunciaste. Tudo o que fizeste a afeta.

A vibração, a velocidade, o comprimento de onda, a frequência das tuas emanações deslocam-se e mudam constantemente com os teus pensamentos, humores, sentimentos, palavras e ações.

Já ouviste a expressão “emitir boas vibrações”, e é verdade. E muito exata!

Ora, quase toda a gente está, naturalmente, a fazer a mesma coisa. E, portanto, o éter - o “ar” entre vós - está cheio de energia; uma Matriz de vibrações pessoais entrelaçadas que formam uma tapeçaria mais complexa do que jamais poderás imaginar.

Essa trama é o campo de energia combinada no qual vives. *É poderoso, e afeta tudo, inclusive a ti.*

Então emites *tu* “vibrações” acabadas de criar, sob o impacto das vibrações recebidas a que estás a ser sujeito, e essas, por sua vez, vão juntar-se e alterar a Matriz - que por sua vez afeta o campo de energia de todas as outras pessoas, que afeta as vibrações que elas emitem, que atingem a Matriz - que te afeta a *ti*... e assim por diante.

Bom, podes pensar que se trata apenas de ilusões engraçadas - mas já entraste numa sala onde o “ambiente é tão pesado que se pode cortar à faca”?

Ou já ouviste falar de dois cientistas que trabalham no mesmo problema ao mesmo tempo - em extremos opostos do globo - trabalhando

cada um no problema sem o conhecimento do outro, e cada um deles subitamente descobre a mesma solução simultânea e *independentemente*?

São ocorrências vulgares, e algumas das manifestações mais óbvias da Matriz.

A Matriz - o campo de energia combinado dentro de qualquer parâmetro - é uma vibração poderosa. Pode atingir diretamente, afetar e *criar* objetos físicos e acontecimentos.

(“Onde dois ou mais se reunirem em Meu nome...”)

A vossa psicologia popular designou esta Matriz de energia como “Consciência Coletiva”. Pode afetar, e afeta, *tudo no vosso planeta*: as perspectivas de guerra e as hipóteses de paz; uma sublevação geofísica ou um planeta em calmaria; devastação pela doença ou bem-estar em todo mundo.

Tudo é resultado da consciência.

Assim são, também, os acontecimentos e condições mais específicos da tua vida pessoal.

Isso é fascinante, mas o que tem a ver com sexo?

Calma. Estou a chegar lá.

O mundo todo está constantemente a permutar energia.

A tua energia brota de ti e toca tudo o resto. Tudo, e toda a gente, te toca a ti. E então acontece uma coisa interessante. Num determinado ponto médio entre ti e tudo o resto essas energias *encontram-se*.

Para fazer uma descrição mais nítida, imaginemos duas pessoas numa sala. Encontram-se em extremos opostos da sala. Vamos chamar-lhes Tom e Mary.

A energia pessoal de Tom transmite sinais, num círculo de 360 graus à sua volta, para o Universo. Parte dessa onda de energia atinge Mary.

Entretanto Mary está a emitir a sua própria energia - parte da qual atinge Tom.

Mas essas energias encontram-se de uma forma que podes não ter imaginado. Encontram-se a meio caminho entre Tom e Mary. Aí, as energias unem-se (recorde-se que estas energias são fenómenos físicos; podem ser medidas, sentidas) e combinam-se para formar uma nova unidade energética a que chamaremos “Tomary”. É a energia combinada de Tom e Mary. Tom e Mary podiam muito bem chamar a essa energia O Corpo Entre Nós - porque é isso mesmo: um corpo de energia a que ambos estão ligados, ambos alimentam as energias contínuas que para ele fluem e que devolve energias aos seus dois “patrocinadores” através do fio, ou cordão ou conduta que existe sempre dentro da Matriz. (Na realidade, essa “conduta” “é a Matriz).

É *esta experiência* de “Tomary” que é a verdade de Tom e Mary. É para esta Sagrada Comunhão que ambos são atraídos. Porque sentem, ao longo da conduta, a felicidade sublime do Corpo Do Meio, d’ Aquele Que Se Uniu, da União Sagrada.

Tom e Mary, distanciados um do outro, conseguem sentir - de uma forma física - o que se passa na Matriz. Ambos são insistentemente atraídos para essa experiência. Querem mover-se na direção um do outro! Imediatamente!

Aí entra em cena o seu “treino”. O mundo treinou-os para ir COM CALMA, desconfiar do sentimento, precaver-se contra a “mágoa”, resistir.

Mas a alma... quer conhecer “Tomary”- *agora!*

São irresistivelmente atraídos, os dois, para o Corpo Entre Eles. TOMARY já está a ser experienciado *metafisicamente*, e Tom e Mary vão querer experienciá-lo *fisicamente*. Por isso se aproximam mais um do outro. Não para chegar ao *outro*.

É isso que parece ao observador casual. Mas cada um deles está a tentar chegar a TOMARY. Estão a tentar alcançar aquele lugar de União Divina que *já existe* entre eles. O lugar onde já sabem que são Um - e como é *Ser Um*.

Portanto, movem-se em direção a essa “sensação” que experienciam e, à medida que diminui o espaço entre ambos, à medida que “encurtam o

cordão”, a energia que ambos enviam a TOMARY percorre uma distância mais curta e que é por isso mais intensa.

Aproximam-se ainda mais. Quanto mais curta a distância, maior a intensidade. Aproximam-se ainda mais. Mais uma vez a intensidade aumenta.

Agora encontram-se apenas a alguns centímetros de distância. O Corpo Entre Eles está em brasa. Vibra com uma velocidade impressionante. A “ligação” de e para TOMARY é mais forte, maior, mais luminosa, arde com a transferência de uma energia incrível. Diz-se que ambos “ardem de desejo”. E *ardem!*

A sensação é quase insuportável. Extraordinária. Sentem, no ponto em que se tocam, toda a energia de TOMARY - toda a substância compactada, intensamente unificada do seu Ser Combinado.

Se te abrires à tua sensibilidade maior, poderás sentir essa energia subtil e sublime como um frémito quando tocas - por vezes o “frémito” *atravessa-te* - ou como calor no ponto de contacto - calor que também poderás sentir subitamente no corpo todo - mas profundamente concentrada no teu chacra ou centro de energia inferior.

Aí, “arderá” de modo particularmente intenso - e Tom e Mary estarão então a “arder de desejo” um pelo outro!

Envolvem-se nos braços um do outro e fecham ainda mais o intervalo entre si, com Tom, Mary e Tomary a ocupar praticamente o mesmo espaço. Tom e Mary *sentem* Tomary entre si - e querem juntar-se ainda mais - para se fundirem literalmente com Tomary. Para se *tornarem* Tomary na *forma física*.

Criei nos corpos masculinos e femininos uma forma de o fazerem. Nesse momento, os corpos de Tom e Mary estão prontos para o fazer. O corpo de Tom está literalmente pronto para penetrar Mary. O corpo de Mary está literalmente preparado para *receber Tom dentro de si*.

O frémito, o ardor, torna-se então *mais* do que intenso. É... indescritível. Os dois corpos físicos unem-se. Tom, Mary e Tomary tornam-se *Um. Na carne*.

As energias continuam a fluir entre eles. Urgentemente. Apaixonadamente.

Arfam. Movem-se. Estão sôfregos um do outro, não conseguem aproximar-se tanto quanto desejam. Lutam por se *aproximar*. Próximo. MAIS PRÓXIMO.

Explodem - literalmente - e todo o seu corpo entra em convulsão. A vibração repercute-se até às pontas dos dedos. Na explosão da sua unidade conheceram o Deus e a Deusa, o Alfa e o Ómega, o Tudo e o Nada - a Essência da vida - a Experiência d'Aquilo Que É.

Existem também químicas físicas. Os dois *tornaram-se* n'Um - e uma *terceira* entidade é muitas vezes criada a partir dos dois, na *forma física*.

É assim criada a *imagem* de TOMARY. Carne da sua carne. Sangue do seu sangue.

Literalmente, eles *criaram vida*!

Não vos disse que *sois Deuses*?

Essa é a mais bela descrição da sexualidade humana que já ouvi.

Vê-se beleza onde se deseja vê-la. Vê-se fealdade onde se tem receio de ver beleza.

Ficarias surpreendido se soubesses quantas pessoas veem o que acabei de descrever como feio.

Não ficaria, não. Já vi de quanto medo e fealdade o mundo rodeou o sexo. Mas deixas muitas perguntas em aberto.

Estou aqui para lhes responder. Mas deixa-Me continuar a Minha narrativa mais um pouco antes de Me começares a atirar com elas.

Sim, por favor.

Esta... *dança* que acabei de descrever, esta interação energética que expliquei, ocorre a toda a hora - em *tudo* e com *tudo*.

A tua energia - que jorra de ti como uma Luz Dourada - interage constantemente com tudo e todos. Quanto mais próximo estiveres, mais intensa é a energia. Quanto mais longe, mais subtil. Mas nunca estás totalmente desligado de *alguma coisa*.

Existe um ponto entre Ti e cada uma das outras pessoas, lugares ou coisas que existem. É aí que duas energias se encontram, formando uma terceira unidade energética, muito menos densa, mas não menos real.

Tudo e todos no planeta - e no Universo - emitem energia em todas as direções. Essa energia mistura-se com todas as outras energias, cruzando-se em padrões de complexidade para além da capacidade de análise dos vossos computadores mais potentes. O cruzamento, a fusão e o entrelaçar das energias que fluem entre todas as coisas a que se podem chamar físicas são o que *sustém a fisicalidade*.

Isto é a Matriz de que falei. É ao longo dessa Matriz que enviam sinais uns aos outros - mensagens, significados, curas e outros efeitos físicos - por vezes criados por indivíduos, mas sobretudo pela consciência das massas.

Essas energias incontáveis são, como Eu expliquei, atraídas umas pelas outras. Isto chama-se a lei da Atração. Nesta lei, o Semelhante atrai o Semelhante.

Pensamentos Semelhantes atraem Pensamentos Semelhantes ao longo da Matriz - e quando um número suficiente dessas energias semelhantes se “aglutinam”, por assim dizer, as suas vibrações tornam-se mais fortes, diminuem de velocidade - e algumas tornam-se Matéria.

Os pensamentos criam mesmo forma física - e quando muitas pessoas pensam a *mesma* coisa, há uma grande probabilidade de que os seus pensamentos formem uma Realidade.

(É por isso que “Rezaremos por ti” é uma declaração tão poderosa. Há testemunhos suficientes da eficácia da oração em conjunto para encher um livro).

Também é verdade que os pensamentos não ligados à oração podem criar “efeitos”. Uma consciência mundial de medo, por exemplo, ou ira,

carência ou insuficiência, pode criar essa experiência - pelo mundo fora ou num determinado local onde essas ideias coletivas sejam mais fortes.

A nação da Terra a que chamam Estados Unidos, por exemplo, há muito que se considera uma nação “protegida por Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos.” Não é por acaso que essa nação se tenha desenvolvido, tornando-se a mais próspera sobre a Terra. Também não é surpreendente que essa nação esteja gradualmente a perder aquilo que trabalhou tanto para criar - porque essa nação parece ter perdido o discernimento.

Os termos “protegida por Deus, indivisível” significavam precisamente isso - exprimiam a Verdade Universal da Unidade; Unidade: uma Matriz muito difícil de destruir. Mas a Matriz foi enfraquecida. A liberdade religiosa transformou-se na religião dos “justos”, a roçar a intolerância. A liberdade individual desapareceu à medida que a responsabilidade individual foi desaparecendo.

A noção de *responsabilidade individual* foi distorcida passando a significar “cada um por si”. Esta é a nova filosofia que julga estar a dar sentenças no sentido de se regressar à antiga tradição americana do individualismo rigoroso.

Mas o sentido original de responsabilidade individual sobre o qual se basearam a visão americana e o sonho americano encontrou o seu mais profundo significado e expressão mais sublime no conceito de *Amor Fraternal*.

O que tornou grande a América não foi cada homem lutar pela *própria* sobrevivência, mas sim cada um dos homens aceitar a responsabilidade individual pela sobrevivência de *todos*.

A América era uma nação que não voltava as costas aos esfomeados, nunca dizia que não aos necessitados, abria os braços aos exaustos e sem-abrigo, e que partilhava a sua abundância com o mundo.

No entanto, à medida que a América se foi tornando grande, os americanos tornaram-se avaros. Nem todos, mas muitos. E, enquanto o tempo foi passando, cada vez mais.

Quando os americanos viram que era possível ter o que era bom, procuraram ter ainda melhor. Mas só havia uma forma de ter cada vez mais e mais e mais. Alguém teria que ter cada vez menos e menos.

Quando a avareza substituiu a grandeza no carácter americano, passou a haver menos lugar para a compaixão para com os menos favorecidos. Aos menos afortunados disseram “a culpa é vossa” se não têm mais. Afinal, a América era a Terra da Oportunidade, não era? Ninguém, exceto os menos afortunados, achava possível admitir que as oportunidades na América se limitavam, *institucionalmente*, àqueles que já estavam bem encaminhados. De modo geral, não se incluíam muitas minorias, como as de determinada cor de pele ou determinado sexo.

Os americanos também se tornaram arrogantes internacionalmente. Enquanto milhões de pessoas passavam fome pelo mundo fora, os americanos desperdiçavam todos os dias comida suficiente para alimentar nações inteiras. A América era generosa com algumas, sim - mas cada vez mais a sua política externa se tornou um braço dos seus interesses próprios. A América ajudava os outros quando isso servia a América. (Ou seja, quando servia a estrutura de poder na América, a elite mais rica da América, ou a máquina militar que protegia essa elite - e o seu património coletivo).

O ideal sobre o qual foi fundada a América - o Amor Fraternal - desvaneceu-se. Agora, qualquer menção de ser “o protetor do teu irmão” confronta-se com uma nova forma de americanismo - argúcia no que toca a conservar o que é seu e aspereza ríspida para qualquer um dos menos afortunados que se atreva a pedir o seu justo quinhão, ou que as injustiças de que sofrem sejam reparadas. Cada pessoa tem que assumir a responsabilidade por si própria - isso é uma verdade inegável. Mas a América - e o vosso mundo - só pode funcionar verdadeiramente quando cada um estiver disposto a assumir a responsabilidade por *todos vós* como um *Todo*.

EU SOU O QUE SOU

Para que a Consciência Coletiva produza resultados coletivos.

Exatamente - e isso foi demonstrado e documentado repetidas vezes através da vossa História.

A Matriz recolhe-se para dentro de si própria - exatamente como os vossos cientistas descrevem o fenómeno chamado Buraco Negro. Puxa uma energia para outra energia semelhante, atraindo mesmo objetos físicos em direção uns aos outros.

Esses objetos têm então que se repelir mutuamente - afastar-se - ou fundir-se-ão para sempre - com efeito, desaparecendo na sua forma atual e assumindo uma nova forma.

Todos os seres conscientes sabem isto intuitivamente, portanto todos os seres conscientes se *afastam* da Fusão Permanente para manter a sua relação com todos os outros seres. Se não o fizessem, fundir-se-iam com todos os outros seres e experienciariam a Unidade Para Sempre.

Esse é o estado de onde proviemos.

Tendo-nos afastado desse estado, somos constantemente re-atraídos *para* ele.

Esse fluxo e refluxo, esse movimento “para lá e para cá” é o ritmo básico do Universo e de *tudo o que ele contém*. Isto é o sexo - a Permuta Sinérgica de Energia.

Estão constantemente a ser atraídos, compelidos à união uns com os outros (e com tudo o que está na Matriz), depois, no Momento da Unidade, repelidos por opção consciente, afastando-se dessa Unidade. A vossa opção é manterem-se libertos d’Ela, para a poderem experienciar. Porque quando se tornam parte dessa Unidade e nela se mantêm, não a podem reconhecer como Unidade, uma vez que já não conhecem a Separação.

Posto de outra forma: para que Deus Se conheça como o Todo, Deus tem de Se conhecer como *não*-Todo.

Em vós - e em cada uma das outras unidades de energia do Universo - Deus conhece-Se como *Partes do Todo* - e assim dá a Si Próprio a possibilidade de se conhecer a Si Próprio como o *Todo do Todo* na Sua Própria Experiência.

Só posso experienciar o que Eu sou experienciando aquilo que não sou. No entanto, Eu sou aquilo que não sou - e assim veem a Dicotomia Divina. Daí a afirmação: Eu Sou o que Sou.

Ora, como referi, esse fluxo e refluxo natural, esse *ritmo* natural do Universo, tipifica toda a vida - incluindo os próprios movimentos que *criam* vida na vossa realidade.

Em direção uns aos outros são impelidos, como se por uma força premente, para se afastarem e separarem, para voltarem a ser arrastados em direção uns aos outros, para mais uma vez se separarem, e novamente, ávida, apaixonada e urgentemente procurarem a união total.

Juntos-separados, juntos-separados, juntos-separados dançam os vossos corpos, num movimento tão básico, tão *instintivo* que têm muito pouca noção de que seja uma ação deliberada. A determinado ponto, entram em automático. Ninguém precisa de dizer aos vossos corpos o que fazer. *Fazem-no* simplesmente - com a urgência de *toda a vida*.

Isto é a própria vida, exprimindo-se como a própria vida.

E isto é a própria vida a produzir *nova* vida no seio da sua própria experiência.

Toda a vida funciona num tal ritmo; toda a vida É o ritmo.

E assim, toda a vida está imbuída do suave ritmo de Deus - aquilo a que chamam os ciclos da vida.

Os alimentos crescem nesses ciclos. As estações vão e vêm. Os planetas rodam e descrevem círculos. Sóis explodem e implodem, e voltam a explodir. Universos inspiram e expiram. Tudo acontece, tudo, em ciclos, em ritmos, em vibrações que se ajustam às frequências de Deus/Deusa - o Todo.

Porque Deus é o Todo, e a Deusa é *todas as coisas*, e nada mais há que seja; e tudo o que *já* foi, é *agora*, e será sempre, é o vosso mundo sempiterno.

Ámen.

CAPÍTULO 8

CONTRADIÇÕES HUMANAS

O que é interessante nisto de falar Contigo é que me deixas sempre com mais perguntas que respostas. Agora tenho perguntas sobre política bem como sobre sexo!

Há quem diga que são a mesma coisa, que na Política a única coisa que se faz é ser...

Alto lá! Não vais dizer uma *obscenidade*, pois não?

Bem, sim, pensei em chocar-te um bocadinho.

Eh lá, eh lá! Pára com isso! Não é suposto Deus falar assim!

Então por que é que vocês falam?

A maior parte de nós não fala.

O diabo é que não falam.

Aqueles que são *tementes a Deus* não falam!

Ah, percebo, tens que *temer* Deus para não O ofender.

E, de qualquer maneira, quem diz que Eu fico *ofendido* com uma simples palavra?

E, afinal, não achas curioso que uma palavra que alguns de vocês utilizam no auge da paixão para descrever sexo formidável, seja também utilizada como o vosso maior insulto? Isso diz-te alguma coisa sobre a forma como encaram a sexualidade?

Penso que estás confundido. Não creio que as pessoas usem esse termo para descrever um momento sexual glorioso e verdadeiramente romântico.

Ai, sim? Tens estado nalguns quartos de cama ultimamente?

Não. E Tu?

Eu estou em *todos* eles - a toda a hora.

Bom, isso deve deixar-nos todos à vontade.

O quê? Estás a dizer que fazes coisas no teu quarto que não farias em frente de Deus...?

A maioria das pessoas não se sente à vontade com *seja quem for* a ver, muito menos *Deus*.

No entanto nalgumas culturas - Aborígenes, alguns Polinésios - faz-se amor muito abertamente.

Sim, mas a maioria das pessoas não progrediu até esse nível de liberdade. Na verdade, considerariam tal comportamento como uma regressão - a um estado primitivo e pagão.

Essas pessoas a quem chamas “pagãos” têm um enorme respeito pela vida. Nada sabem de violação, e são sociedades em que praticamente não se mata. A vossa sociedade oculta o sexo - uma função humana muito natural e normal - e depois dá meia volta e mata pessoas às claras. Essa é a obscenidade!

Tornaram o sexo tão sujo, vergonhoso, tabu, que têm vergonha de o fazer!

Que disparate. A maior parte das pessoas tem simplesmente um sentido diferente - chamar-lhe-iam até mais elevado - de decência

em relação ao sexo. Consideram-no uma interação privada; para algumas, uma parte sagrada da sua relação.

A falta de privacidade não é igual a falta de santidade. A maior parte dos ritos mais sagrados da Humanidade são executados em público.

Não confundas privacidade com santidade. A maior parte das vossas piores ações são cometidas em privado, e deixam apenas o vosso melhor comportamento para mostrar em público.

Isto não é um argumento a favor do sexo público; é meramente fazer notar que a privacidade não iguala necessariamente a santidade - nem a publicidade vo-la rouba.

Quanto à decência, essa simples palavra e o conceito comportamental por trás dela têm feito mais para inibir as maiores alegrias dos homens e mulheres que qualquer outra elaboração humana - exceto a ideia de que Deus é punitivo - que *completou* o serviço.

Aparentemente não acredita na decência.

O problema com a “decência” é que alguém tem de estabelecer as normas. Isto significa, automaticamente, que os vossos comportamentos estão a ser limitados, orientados, ditados pela ideia de *outrem* do que devia trazer-vos felicidade.

Em questões de sexualidade - como em todas as outras - isso pode ser mais que “limitativo”; pode ser devastador.

Não imagino nada mais triste do que um homem ou uma mulher que sentem que gostariam de experimentar algumas coisas se inibirem porque pensam que aquilo com que sonharam, sobre que fantasiaram, violaria as “Normas da Decência”!

Se eu tivesse um autocolante no meu carro, diria:

VIOLEM A DECÊNCIA

Punha seguramente um em cada quarto de cama.

Mas a nossa noção do que está “certo” e “errado” é o que sustenta a sociedade. Como podemos coabitar se não estivermos de acordo nisso?

A “decência” não tem nada a ver com os vossos valores relativos de “certeza” ou “erro”. Podem todos concordar que é “errado” matar um homem, mas será “errado” correr nu à chuva? Podem concordar que é “errado” apanhar a mulher do vizinho, mas estará “errado” “apanhar” a tua própria mulher - ou que a tua mulher te “apanhe” a ti - de uma maneira particularmente deliciosa?

A “decência” raramente se refere a limitações legais, mas mais frequentemente a assuntos mais simples como o que é considerado “decente”.

O comportamento “decente” nem sempre é o comportamento que se enquadra no que chamariam os vossos “melhores interesses”. Raramente é o comportamento que vos traz maior felicidade.

Voltando à sexualidade, estás então a dizer que qualquer comportamento é um comportamento aceitável desde que haja consentimento mútuo entre todos os envolvidos e afetados?

Isso não se devia aplicar a tudo na vida?

Mas às vezes não sabemos quem vai ser afetado, nem como...

Têm que ter essa sensibilidade. Têm que estar cuidadosamente conscientes. E quando não podem realmente saber, e não podem adivinhar, devem orientar-se pelo lado do Amor.

A questão fulcral em QUALQUER decisão é “O que faria o amor agora?”

Amor por *ti próprio*, e amor por *todos os outros* que são afetados ou estão envolvidos.

Se amas outra pessoa, não farás nada que julgues que poderia ou iria magoá-la. Se existir qualquer questão ou dúvida, esperas até obteres esclarecimento sobre o assunto.

Mas isso significa que os outros te podem manter como “refém”. Basta-lhes dizer que esta ou aquela coisa os “magoaria”, e as tuas ações ficam restringidas.

Só pelo teu Eu. Não querias restringir as tuas próprias ações às que não prejudicam os que amas?

Mas se *te* sentires prejudicado por *não* fazer uma coisa qualquer?

Então deves dizer a verdade ao teu ser amado - que te sentes magoado, frustrado, diminuído, por não fazer determinada coisa; que gostarias de fazer essa coisa; que gostarias de ter a concordância do ser amado em como a podes fazer.

Deves empenhar-te em conseguir esse acordo. Esforça-te por alcançar um compromisso; busca uma linha de ação em que todos possam tirar proveito.

COLOCAR-SE EM PRIMEIRO LUGAR

E se não se conseguir encontrar essa linha?

Então repetirei o que já disse antes:

*A traição
de ti próprio
para não trair
outrem
é
Traição
de qualquer maneira.
É a
Mais Alta Traição.*

O vosso Shakespeare pôs isto de outra forma:

Sê verdadeiro para contigo próprio,

E seguir-se-á, como a noite se segue ao dia,
Que não poderás ser falso...
Para com qualquer homem.

Mas o homem que vai sempre atrás do que quer torna-se num homem muito egoísta. Não posso acreditar que Tu estejas a advogar isso.

Presumes que o homem fará sempre aquilo a que chamas a “opção egoísta”. Pois eu digo-te: o homem é capaz de fazer a opção superior. Mas também te digo:

A Opção *Superior* nem *sempre* é a opção que parece servir os outros.

Por outras palavras, por vezes temos que nos pôr em primeiro lugar.

Oh, devem pôr-se *sempre* em primeiro lugar! Depois, dependendo do que estão a tentar fazer - ou o que procuram experienciar - farão a vossa opção.

Quando o vosso objetivo - o objetivo da vossa *vida* - é muito elevado, assim serão as vossas opções.

Porem-se em primeiro lugar não significa ser aquilo a que chamam “egoísta” - significa ter consciência de si próprio.

Deixas uma margem bem grande para a condução das questões humanas.

Só através do exercício da máxima liberdade é alcançada - ou mesmo possível - a máxima evolução.

Se te limitares a seguir regras de outrem, então não evoluíste, obedeceste.

Contrariamente às vossas interpretações, o que pretendo de vós não é obediência. A obediência não é desenvolvimento, e o desenvolvimento é o que eu desejo.

E se não “evoluirmos”, espetas connosco no Inferno, certo?

Errado. Mas expliquei isso no *livro 1*, e fá-lo-emos exaustivamente no *Livro 3*.

Está bem. Então, dentro desses amplos parâmetros que estabeleceste, posso fazer-Te algumas últimas perguntas sobre sexo antes de deixarmos o assunto?

Força.

COMODISMO HUMANO

Se o sexo é uma parte tão maravilhosa da experiência humana, por que pregam tantos professores espirituais a abstinência? E por que eram tantos mestres aparentemente celibatários?

Pela mesma razão que a maior parte deles foi retratada como vivendo simplesmente. Os que evoluem para um nível mais elevado de compreensão colocam seus desejos carnis em equilíbrio com as suas mentes e almas.

Vocês são seres de três partes, e a maioria das pessoas experiencia-se como um corpo. Mesmo a mente é esquecida depois dos trinta. Ninguém lê. Ninguém escreve. Ninguém ensina. Ninguém aprende. A mente é esquecida. Não é nutrida. Não é expandida. Não há nenhuma nova contribuição. Não é exigido o mínimo de rendimento. A mente não é alimentada. Não é despertada. É embalada, adormecida. Fazem tudo o que podem para a desligar. Televisão, cinema, literatura de cordel. Dê lá por onde der, não pensem, não pensem, *não pensem!*

Assim, a maioria das pessoas vive a vida ao nível do corpo. Alimentam o corpo, vestem o corpo, dão ao corpo “coisas”. A maior parte das pessoas não lê um bom livro - quero dizer um livro com o qual possam aprender alguma coisa - há anos. Mas são capazes de recitar a programação de televisão da semana toda. Há nisso algo de extraordinariamente triste.

A verdade é que a maior parte das pessoas não quer ter de pensar. Elegem líderes, apoiam governos, adotam religiões que não exigem o *pensamento independente*.

“Facilita-me as coisas. Diz-me o que fazer”.

A maior parte das pessoas quer isso. Onde me sento? Quando me ponho de pé? Como devo cumprimentar? Quando pago? O que querem que eu faça?

Quais são as regras? Onde estão os meus limites? Digam-me, digam-me, *digam-me*. Fá-lo-ei - desde que alguém me diga!

Depois ficam desgostosas, desiludidas. Seguiram todas as regras, fizeram o que lhes foi dito. O que correu mal? Quando azedou? Por que se desmoronou?

Desmoronou-se no momento em que abandonaram a vossa mente - a melhor ferramenta criativa que jamais tiveram.

É altura de fazerem novamente amizade com a vossa mente. Sejam a sua companhia - ela tem-se sentido tão só. Sejam quem lhe dá alimento - ela tem passado tanta fome.

Alguns de vós - uma pequena minoria - compreenderam que têm um corpo e uma alma. Trataram bem a mente. Mesmo assim, até entre aqueles que respeitam a mente - e as coisas da mente - poucos aprenderam a usar mente a mais do que um décimo da sua capacidade. Se soubessem do que a vossa mente é capaz, nunca deixariam de partilhar das suas maravilhas - e dos seus poderes.

E se pensam que o número de entre vós que equilibra a vida entre corpo e mente é pequeno, o número dos que se veem como seres de *três* partes - Corpo, Mente e Espírito - é minúsculo.

No entanto, *são* seres de três partes. São mais do que o corpo, e mais do que um corpo com uma mente.

Estão a cuidar da vossa alma? Repararam nela ao menos? Estão a sará-la ou a feri-la? Estão a desenvolver-se ou a definhar? Estão a expandir-se ou a contrair-se?

A vossa alma está tão solitária quanto a vossa mente? Ainda é mais negligenciada que ela? E quando foi a última vez que sentiram a vossa alma a ser *expressa*? Quando foi a última vez que choraram de alegria? Escreveram poesia? Fizeram música? Dançaram à chuva? Assaram uma empada? Pintaram qualquer coisa? Arranjaram qualquer coisa que estava partida? Beijaram um bebé? Encostaram um gato ao rosto? Subiram uma colina? Nadaram nus? Caminharam ao nascer-do-Sol? Tocaram harmónica? Conversaram até de madrugada? Fizeram amor durante horas... numa praia, num bosque? Comungaram com a Natureza? Procuraram Deus?

Quando se vive como uma criatura de uma única faceta, fica-se profundamente envolvido nas questões do corpo: Dinheiro. Sexo. Poder. Posses. Estimulações e satisfações físicas. Segurança. Fama. Ganho financeiro.

Quando se vive como uma criatura duplamente facetada, alargam-se os interesses às questões da mente. Companheirismo; criatividade; estimulação de novos pensamentos; novas ideias; criação de novas metas, novos desafios; desenvolvimento pessoal.

Quando se vive como um ser trifacetado, fica-se finalmente em equilíbrio consigo próprio. Os interesses incluem questões da alma: identidade espiritual; objetivo de vida; relação com Deus; caminho da evolução; desenvolvimento espiritual; destino final.

À medida que se evolui para estado cada vez mais elevados de consciência, cada aspeto do ser é levado à completa realização.

No entanto, evolução não significa *abandonar* alguns aspetos do Eu a favor de outros. Significa simplesmente expandir a focalização; afastar-se do envolvimento quase exclusivo com um aspeto, no sentido do amor genuíno e apreço por *todos* os aspetos.

RENÚNCIA EQUILIBRADA

Então por que é que tantos mestres professam a completa abstinência de sexo?

Porque não acreditam que os humanos possam alcançar o equilíbrio. Creem que a energia sexual - e as energias que envolvem outras experiências mundanas - é demasiado poderosa para simplesmente moderar; para colocar em equilíbrio. Acreditam que a abstinência é o *único* caminho para a evolução espiritual, em vez de apenas um possível resultado dela.

Mas não é verdade que alguns seres altamente evoluídos “renunciaram ao sexo”?

Não no sentido clássico da palavra “renunciar”. Não é abandono forçado de uma coisa que se continua a querer mas que se sabe que “de nada serve ter”. É mais uma simples libertação, um movimento de distanciamento - tal como se abstém de repetir a sobremesa. Não porque a sobremesa não seja boa. Nem sequer por não fazer bem. Mas simplesmente porque, por deliciosa que seja, já se comeu o suficiente.

Quando se pode abandonar o envolvimento com o sexo por essa razão, pode-se querer fazê-lo. Ou então, pode não se querer. Pode nunca se decidir que já “se comeu o suficiente” e continuar sempre a querer essa experiência, em equilíbrio com as outras experiências do Ser.

Isso está certo. Tudo isso está certo. Os sexualmente ativos não são menos qualificados para a Iluminação, nem menos evoluídos espiritualmente, que os sexualmente inativos.

O que a Iluminação e a evolução vos *fazem* abandonar é a *viciação* no sexo, a profunda *necessidade* de ter a experiência, os comportamentos compulsivos.

Assim, da mesma forma, desaparecerá a vossa *preocupação* com dinheiro, poder, segurança, bens outras experiências do corpo. No entanto o vosso *apreço* genuíno por elas não desaparecerá nem *deve* desaparecer. O apreço *por toda a vida* é o que glorifica o Processo que Eu criei. O desdém pela vida ou por qualquer das suas alegrias - mesmo as mais básicas, físicas - é desdém por *Mim*, o Criador.

Porque quando chamam profana à Minha criação, o que Me chamam a Mim? Mas quando chamam sagrada à Minha criação, santificam a vossa experiência dela, e a Mim também.

Pois Eu vos digo: Não criei *nada* desdenhável - e, como disse o vosso Shakespeare, *nada* é “mau” a menos que o pensamento assim o torne.

HOMOSSEXUALIDADE

Isso leva-me a outras perguntas, as últimas, sobre sexo. Qualquer tipo de sexo entre adultos, com o seu consentimento, está certo?

Sim.

Quero dizer mesmo o sexo “esquisito”? Mesmo o sexo sem amor? Mesmo a homossexualidade?

Primeiro, esclareçamos mais uma vez que nada é reprovado por Deus. Não me sento aqui em julgamento, chamando a um ato *Bom* e a outro *Mau*.

(Como sabem, falei disto com algum pormenor no *Livro 1*.)

Ora - dentro do contexto que te serve, ou não te serve, no teu Trilho de Evolução, só tu podes decidir isso.

Há, no entanto, uma linha de orientação flexível, com a qual a maior parte das almas evoluídas concordou.

Nenhuma ação que prejudique outrem leva a uma evolução rápida. Há também uma segunda linha de orientação.

Nenhuma ação que envolva outra pessoa pode ser empreendida sem o acordo e permissão dessa pessoa.

Consideremos agora as perguntas que acabas de fazer no contexto destas linhas de orientação.

Sexo “esquisito”? Bom, se não fizer mal a ninguém e for feito com o consentimento de toda a gente, que razão pode haver para o considerar “errado”?

Sexo sem amor? O sexo “pelo sexo” tem sido debatido desde o princípio dos tempos. Penso muitas vezes, quando ouço essa pergunta, que um dia gostava de entrar numa sala cheia de gente e dizer “Todos os que nunca tiveram relações sexuais fora de uma relação de amor profundo, duradouro, empenhado, continuado, levantem a mão.”

Deixa-me só dizer-te isto: qualquer coisa sem amor não é o caminho mais rápido para a Deusa.

Quer seja sexo sem amor ou almôndegas com esparguete sem amor, se preparaste a festa e a estiveres a consumir sem amor, estás a perder a parte mais extraordinária da experiência.

É errado perdê-la? Aqui, mais uma vez, “errado” pode não ser a palavra aplicável. “Desvantajoso” estaria mais perto, já que pretendes evoluir para um ser espiritual mais elevado tão rapidamente quanto possas.

Homossexualidade? Há tanta gente que quer dizer que Eu sou contra a homossexualidade - ou contra os atos por que se exprime.

No entanto, não faço juízos, nisto ou em qualquer outra opção vossa. As pessoas querem fazer toda a espécie de juízos de valor - sobre tudo - e Eu como que estrago a festa. Não as acompanharei nesses juízos, o que é especialmente desconcertante para os que dizem que *Eu os originei*.

Observo o seguinte: houve um tempo em que as pessoas pensavam que o casamento entre pessoas de raças diferentes não só era desaconselhável, como *contra a lei de Deus* (surpreendentemente, algumas pessoas ainda pensam assim). Apontavam a Bíblia como a sua fonte de autoridade - tal como fazem quanto à autoridade sobre questões em redor da homossexualidade.

Queres dizer que está certo que pessoas de raças diferente se unam pelo casamento?

A pergunta é absurda, mas não tão absurda como a certeza de algumas pessoas de que a resposta é “não”.

As perguntas sobre homossexualidade são igualmente absurdas?

Decide tu. Não faço juízos sobre isso, ou seja o que for. Sei que gostariam que o fizesse. Tornaria as vossas vidas bastante mais fáceis. Sem decisões a tomar. Sem solicitações difíceis. Tudo decidido por vós. Nada para fazer senão obedecer. Não é uma vida por aí além, pelo menos em termos de criatividade ou autoafirmação, mas caramba... também não há tensões.

AS CRIANÇAS E A EXPERIÊNCIA SEXUAL

Deixa-me fazer-Te algumas perguntas sobre o sexo e as crianças. Em que idade se deve permitir que as crianças tenham consciência da sexualidade como uma experiência da vida?

As crianças têm a percepção de que são seres sexuais - o que equivale a dizer, seres *humanos* - desde o início das suas vidas. O que muitos pais no vosso planeta fazem é tentar desencoraja-las de repararem nisso. Se a mão de um bebé vai para o “sítio errado”, vocês afastam-na. Se uma criança pequena começa a descobrir momentos de prazer deliciando-se inocentemente com o próprio corpo, reagem com horror, e passam essa sensação de horror para o vosso filho. A criança pergunta-se, o que é que eu fiz, o que é que eu fiz? A mamã está zangada; o que é que eu fiz?

Com a vossa raça de seres, a questão não tem sido quando devem dar a conhecer o sexo aos vossos filhos; tem sido quando deixam de exigir que eles neguem a sua própria identidade como seres sexuais. Algures entres as idades dos 12 e dos 17 a maioria de vós desiste da luta e diz, essencialmente (embora naturalmente não por palavras - vocês não falam destas coisas), “Pronto, agora podem dar conta de que têm órgãos sexuais e coisas sexuais a fazer com eles”.

Contudo, nessa altura o mal está feito. Mostraram aos vossos filhos durante dez anos ou mais que eles devem ter vergonha dessas partes do corpo. A alguns nem sequer dizem o nome adequado dessas partes. Ouvem de tudo, desde “pipi” e “tutu”, a palavras que vos devem dar imenso

trabalho a inventar - tudo para evitar dizer simplesmente “pénis” ou “vagina”.

Depois de terem ficado com a ideia bem clara de que tudo o que tenha a ver com essas partes do corpo deve ser escondido, calado, negado, a vossa progénie explode na puberdade sem perceber de todo o que se passa com ela. Não tiveram nenhuma preparação. Evidentemente, passam a comportar-se como infelizes, reagindo desajeitadamente, senão inadequadamente, aos seus ímpetos mais recentes e prementes.

Isto não é necessário, nem vejo que seja útil à vossa progénie, que em número demasiado elevado entra na vida adulta com tabus sexuais, inibições e “manias”, ainda por cima.

Ora, nas sociedades iluminadas a progénie nunca é desencorajada, repreendida ou “corrigida” quando começa a descobrir um encanto precoce na natureza do seu próprio ser. Nem a sexualidade dos pais - ou seja, a identidade dos pais como seres sexuais - é especialmente evitada ou necessariamente escondida. Os corpos nus, quer dos pais, quer dos filhos ou irmãos, são vistos e tratados como totalmente naturais, totalmente maravilhosos e totalmente aprovados - não como coisas de que se deva ter vergonha.

As funções sexuais também são vistas e tratadas como totalmente naturais, totalmente maravilhosas e totalmente aprovadas.

Nalgumas sociedades, os pais acasalam à vista da progénie - e o que poderá dar aos filhos maior noção da beleza, maravilha, pura felicidade e total retidão da expressão sexual do amor do que isso? Porque os pais são os modelos constantes da “retidão” ou “erro” de *todos* os comportamentos, e os filhos interpretam sinais subtis e não-tão-subtis dos pais sobre *tudo* através do que veem os pais pensar, dizer e fazer.

Como sublinhado anteriormente, podem chamar a essas sociedades “pagãs” ou “primitivas”, no entanto observa-se que nessas sociedades praticamente não existe a violação nem os crimes passionais, a prostituição é ridicularizada como absurda e nunca se ouviu falar de inibições e disfunções sexuais.

Embora tal abertura não seja recomendável de momento para a vossa sociedade (seria, sem dúvida, a não ser no mais extraordinário dos cenários, demasiado estigmatizante culturalmente), é altura de as civilizações chamadas modernas do vosso planeta fazerem alguma coisa para pôr fim à repressão, culpa e vergonha que tão frequentemente rodeiam e caracterizam a totalidade da expressão e experiência sexuais da vossa sociedade.

Sugestões? Ideias?

Deixem de ensinar às crianças desde o início da vida que as coisas que têm a ver com o funcionamento natural dos seus corpos são vergonhosas e erradas. Deixem de demonstrar à vossa progénie que tudo o que é sexual tem que ser escondido. Permitam que os vossos filhos vejam e observem o vosso lado romântico. Deixem-nos ver-vos a abraçarem-se, tocarem-se, acariciarem-se meigamente - deixem-nos ver que os pais se amam e que mostrar fisicamente o seu *amor* é algo de muito natural e maravilhoso. (Ficariam surpreendidos se soubessem em quantas famílias nunca foi ensinada uma lição tão simples como esta).

Quando os vossos filhos se iniciam nas suas próprias sensações, curiosidades e ímpetos sexuais, façam com que se liguem a essa nova e crescente experiência de si próprios com um sentido interior de alegria e celebração, não de culpa e vergonha.

E, por amor de Deus, deixem de esconder os vossos *corpos* dos vossos filhos. Está certo que vos vejam a nadar nus numa nascente num acampamento ou na piscina do jardim; não tenham uma apoplexia se eles vos virem inadvertidamente a passar do quarto para a casa de banho sem roupão; parem com essa necessidade desesperada de tapar, impedir, fechar qualquer oportunidade, por inocente que seja, de um filho vos conhecer como um ser com identidade sexual própria. Os filhos pensam que os pais são assexuados porque os pais se retratam como *tal*. Depois imaginam que *eles* devem ser assim, *porque todos os filhos imitam os pais*. (Os terapeutas podem dizer-vos que alguns filhos adultos têm, até hoje, a maior dificuldade em imaginar os pais a “coisarem”, o que, evidentemente, enche esses filhos - hoje pacientes no consultório do terapeuta - de raiva,

ou culpa, ou vergonha, porque, naturalmente, *desejam* “coisar”, e não conseguem perceber o que *há de errado* consigo).

Por isso falem de sexo com os vossos filhos, riam-se acerca do sexo com os vossos filhos, ensinem-lhes, permitam-lhes, lembrem-lhes e mostrem-lhes como celebrar a sua sexualidade. Isso é o que podem fazer pelos vossos filhos. E façam-no desde o dia em que eles nascem, com o primeiro beijo, o primeiro abraço, o primeiro toque que recebam de vós e que vos vejam receber um do outro.

Obrigado. *Obrigado.* Estava tão esperançado de que introduzisses alguma sanidade mental neste assunto. Mas uma pergunta final. Qual é a altura apropriada para apresentar, analisar ou descrever especificamente a sexualidade aos filhos?

Eles te dirão quando chegar a altura. Cada criança torná-lo-á inequivocamente claro, se estiveres realmente a observar e a ouvir. Na verdade, surge por etapas. Chega aos poucos. E saberás a forma adequada à idade de lidar com a chegada faseada da sexualidade do teu filho se para ti estiver claro, se tiveres acabado com as “questões inacabadas” sobre tudo isto.

E como se chega *aí*?

Façam o que for preciso. Inscrevam-se num seminário. Consultem um terapeuta. Associem-se a um grupo. Leiam um livro. Meditem sobre ele. Descubram-se *um* ao *outro* - acima de tudo, descubram-se um ao outro novamente como masculino e feminino; descubram, revisitem, reclamem a vossa própria sexualidade. Celebrem *isso*. Desfrutem *disso*. Possuam *isso*.

Sejam donos da vossa própria sexualidade com alegria e poderão então autorizar e encorajar os vossos filhos a reconhecerem a deles.

DESFruta, MAS NÃO NECESSITES

Mais uma vez, obrigado. Agora, deixando as considerações sobre os filhos e regressando ao assunto mais amplo da sexualidade humana, tenho de Te fazer mais uma pergunta. E pode parecer impertinente e até leviana, mas não posso deixar que este diálogo acabe sem a fazer.

Ora, deixa-te de desculpas e faz lá a pergunta.

Tudo bem. O sexo “em excesso” existe?

Não. Claro que não.

Mas existe uma necessidade excessiva de sexo.

Sugiro o seguinte:

Desfruta de tudo

Não necessites de nada.

Incluindo as pessoas?

Incluindo as pessoas. *Especialmente* as pessoas. Necessitar de alguém é o caminho mais rápido para matar uma relação.

Mas todos nós gostamos de sentir que precisam de nós.

Então parem com isso. Passem a gostar de sentir que não precisam de vós - porque a maior dádiva que podem fazer a alguém é dar-lhe a força e o poder de *não precisar de vós*, de não necessitar de vós para nada.

CAPÍTULO 9

EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E SABEDORIA

Bom, estou pronto para continuar. Prometeste falar sobre os aspetos mais importantes da vida na Terra, e desde os Teus comentários sobre a vida nos Estados Unidos tenho querido conversar mais sobre tudo isso.

Sim, ótimo. E quero que o *livro 2* aborde algumas das questões mais importantes com que se defronta o vosso planeta. E não há questão mais importante que a educação da vossa progénie.

Não estamos a fazer isso bem, pois não?... Percebo-o pela forma como levantaste a questão.

Bem, claro, tudo é relativo. Relativamente ao que dizes que estão a tentar fazer, não o estão a fazer bem.

Tudo o que Eu aqui digo, tudo o que incluí nesta discussão até agora e que fiz com que fizesse parte deste documento, deve ser colocado nesse contexto. Não estou a fazer juízos de “certo” ou “errado”, “bom” ou “mau”. Simplesmente faço observações acerca da vossa *eficácia* em relação ao que dizes *que estão a tentar fazer*.

Eu compreendo isso.

Eu sei que dizes que compreendes, mas pode surgir o momento - mesmo antes de este diálogo terminar - em que Me acuses de ser crítico.

Nunca Te acusaria disso. Não sou tolo.

“Não ser tolo” não impediu a raça humana de Me chamar um Deus crítico no passado.

Impede-me a mim.

Vamos ver.

Querias falar sobre a educação.

De facto. Observo que a maior parte de vós percebeu mal o significado, o objetivo e a função da educação, já para não falar do melhor processo de a empreender.

Isso é uma afirmação gigantesca e vou precisar de ajuda.

A maior parte da raça humana decidiu que o significado, o objetivo e a função da educação são a transmissão do conhecimento; que educar alguém é dar-lhe conhecimento - geralmente, o conhecimento acumulado da família, do clã, da tribo, da sociedade, da nação e do mundo de cada um.

Contudo, a educação tem muito pouco a ver com o conhecimento.

Ah, sim?

Ninguém diria.

Claramente.

Então tem a ver com o quê?

Sabedoria.

Sabedoria.

Sim.

Pronto, desisto. Qual é a diferença?

A sabedoria é o conhecimento aplicado.

Portanto não é suposto darmos à nossa progénie conhecimento. É suposto tentarmos dar à nossa progénie sabedoria.

Primeiro que tudo, não “tentem” fazer nada. Façam-no. Segundo, não ignorem o conhecimento a favor da sabedoria. Isso seria fatal. Por outro lado, não ignorem a sabedoria a favor do conhecimento. Isso também seria fatal. Mataria a educação. No vosso planeta, *está* a matá-la.

Estamos a ignorar a sabedoria a favor do conhecimento?

Na maior parte dos casos, sim.

Como é que estamos a fazer isso?

Estão a ensinar aos vossos filhos o que pensar em vez de como pensar.

Explica-Te, se fazes favor.

Com certeza. Quando dão aos vossos filhos conhecimento, estão a dizer-lhes o que pensar. Ou seja, estão a dizer-lhes o que é suposto eles saberem, o que vocês querem que eles entendam como verdadeiro.

Quando dão aos vossos filhos sabedoria, não lhes dizem o que saber, ou o que é verdadeiro, *mas como chegar à sua própria verdade*.

Mas sem conhecimento não pode haver sabedoria.

De acordo. Por isso eu disse que não podem ignorar o conhecimento a favor da sabedoria. Uma determinada quantidade de conhecimento tem de ser passada de geração em geração. Obviamente. Mas tão pouco conhecimento quanto possível. Quanto menor a quantidade, melhor.

Deixem que a criança descubra por si. Saibam isto: O conhecimento perde-se. A sabedoria nunca é esquecida.

Então as nossas escolas deviam ensinar o mínimo possível?

As vossas escolas deviam inverter a ênfase. Neste momento estão altamente concentradas no conhecimento e prestam muito pouca atenção à sabedoria. As aulas de pensamento crítico, resolução de problemas e lógica são consideradas ameaçadoras por muitos pais. Querem essas disciplinas excluídas do currículo. E bem podem querer, se querem proteger o seu modo de vida. Porque as crianças a quem é permitido desenvolver os seus próprios processos de raciocínio crítico têm muito mais probabilidade de *abandonar* a moral, as normas e o modo de vida dos seus pais por inteiro.

Para protegerem o vosso modo de vida, construíram um sistema educativo baseado no desenvolvimento de memórias, não de capacidades, na criança. As crianças são ensinadas a recordar factos e ficções - as ficções que cada sociedade estabeleceu a seu próprio respeito - em vez de lhes ser dada a capacidade de descobrirem e criarem as suas próprias verdades.

Os programas que apelam a que as crianças desenvolvam *capacidades* e *técnicas* em vez de *memórias* são inteiramente ridicularizados por aqueles que imaginam saber o que uma criança precisa de aprender. No entanto, aquilo que têm ensinado aos vossos filhos tem conduzido o vosso mundo *em direção* à ignorância, não a afastar-se dela.

EDUCAÇÃO OU FICÇÃO?

As nossas escolas não ensinam ficções, ensinam factos.

Agora estás a mentir a ti próprio, tal como mentes aos teus filhos.

Nós mentimos aos nossos filhos?

Claro que mentem. Agarra em qualquer livro de História e vê. As vossas histórias são escritas por pessoas que querem que os filhos vejam o mundo de um determinado ponto de vista. Qualquer tentativa de expandir os relatos históricos com uma visão mais alargada dos factos é escarnecida e apelidada de “revisionista”. Vocês não dizem a verdade sobre o vosso passado aos vossos filhos, para que eles não vos vejam tal como são.

A maior parte da História é escrita do ponto de vista do segmento da vossa sociedade que designariam por Protestantes Anglo-Saxónicos de raça branca, do sexo masculino. Quando indivíduos do sexo feminino, de raça negra ou outros, em minoria, dizem “Eh lá, esperem aí. Não foi assim que aconteceu. Omitiram aqui um grande pedaço”, vocês encolhem-se de medo e gritam e exigem que os “revisionistas” parem de tentar modificar os vossos livros de estudo. Não *querem* que os vossos filhos saibam como aconteceu na *realidade*. Querem que eles saibam como vocês *justificaram* o que aconteceu, do vosso ponto de vista. Queres que te dê um exemplo?

Por favor.

Nos Estados Unidos, não ensinam aos vossos filhos tudo o que há para saber acerca da decisão do vosso país de lançar bombas atómicas em duas cidades japonesas, que mataram ou mutilaram centenas de milhares de pessoas. Em vez disso, dão-lhes os factos como os veem - e como querem que eles os vejam.

Quando há uma tentativa de equilibrar esse ponto de vista com o ponto de vista de outros - neste caso, dos japoneses - gritam, enfurecem-se, arengam e encolerizam-se, dão saltos e exigem que as escolas não se atrevam a sequer pensar em apresentar esses dados na análise histórica desse importante acontecimento. Por isso, não ensinaram História nenhuma, mas política.

A História deve ser um relato rigoroso e completo do que realmente aconteceu. A política, nunca tem a ver com o que realmente aconteceu. A política é sempre o *ponto de vista de alguém* sobre o que aconteceu.

A História revela, a política justifica. A História descobre; diz tudo. A política encobre; diz apenas um aspeto.

Os políticos odeiam a História escrita com verdade. E a História, escrita com verdade, também não diz assim muito bem dos políticos.

Mas vocês estão vestidos com as Roupas Novas do Imperador, porque os vossos filhos acabam por ver-vos à transparência. As crianças ensinadas a raciocinar criticamente olham para a vossa História e dizem “Céus, como os meus pais e antepassados se iludiram”. Isto não podem vocês tolerar, por isso expulsam essas ideias. Vocês não querem que os vossos filhos conheçam os factos mais básicos. Querem que eles tenham a vossa versão dos factos.

Acho que aí estás a exagerar. Parece-me que levaste esse argumento demasiado longe.

Ah sim? A maioria das pessoas na vossa sociedade nem sequer quer que os filhos conheçam os factos mais básicos da vida. As pessoas “passaram-se” quando as escolas começaram a ensinar às crianças simplesmente como funciona o corpo humano. Agora não é suposto dizerem às crianças como é transmitida a SIDA, ou como impedir que seja transmitida. A menos, claro, que lhes digam, dum determinado ponto de vista, como evitar a SIDA. Aí está tudo certo. Mas dar-lhes simplesmente os factos e deixá-los decidir por si? Nem mortos!

As crianças não estão preparadas para decidirem essas coisas por si. Têm de ser devidamente orientadas.

Tens olhado para o teu mundo ultimamente?

O que é que tem?

É assim que têm orientado as vossas crianças no passado.

Não, é como as *desorientámos*. Se o mundo está hoje num estado lastimoso - e de muitas formas, está - não é por termos tentado ensinar aos nossos filhos os valores antigos, mas porque permitimos que lhes ensinassem todas estas “modernices”!

Estás mesmo convencido disso, não estás?

E estou mesmo, c'os diabos! Se tivéssemos limitado os nossos filhos às bases fundamentais, em vez de os encher dessa treta do “pensamento crítico”, estaríamos hoje bem melhor. Se tivéssemos deixado a chamada “educação sexual” fora das salas de aula e a conservássemos em casa onde era o seu lugar, não estaríamos a ver adolescentes a ter bebés, e mães solteiras de 17 anos a candidatarem-se a subsídios e um mundo virado do avesso. Se tivéssemos insistido em que os nossos jovens vivessem de acordo com os nossos padrões morais, em vez de os deixar criar os seus, não teríamos transformado a nossa nação, outrora forte e vibrante, numa lamentável imitação do que já foi.

E mais uma coisa. Não te ponhas para aí a dizer-me que devemos de repente achar que estávamos “errados” pelo que fizemos em Hiroshima e Nagasaki. Nós *acabámos com a guerra*, por amor de Deus. Salvámos milhares de vidas. De *ambos* os lados. Era o preço da guerra. Ninguém gostava da decisão, mas tinha de ser tomada.

Percebo.

Sim, percebes. Tu és tal e qual como o resto daqueles comunas liberais. Claro que querem que revejamos a nossa História. Querem que nos revejamos até deixarmos de existir. Depois vocês podem fazer as coisas à vossa maneira; tomar conta do mundo; criar as vossas sociedades decadentes; redistribuir a riqueza. O *poder ao povo*, e essa porcaria toda. Só que isso nunca nos levou a lado nenhum. Precisamos é de um regresso ao passado; aos valores dos nossos antepassados. É disso que precisamos!

Já acabaste?

Já, já acabei. Que tal me portei?

Muito bem. Mesmo bem.

Bem, quando se conviveu com conversas de rádio durante alguns anos, é bastante fácil.

Isso é como as pessoas do teu planeta pensam, não é?

Podes apostar que sim. E não apenas na América. Ou seja, podes mudar o nome do país e mudar o nome da guerra; substituir Hiroshima e Nagasaki por qualquer ação militar ofensiva praticada por qualquer nação em qualquer época da História. Não tem importância. Toda a gente pensa que tem razão. Toda a gente sabe que é a outra pessoa que está errada. Esquece Hiroshima. Substitui por Berlim. Ou pela Bósnia.

Toda a gente sabe que os valores antigos é que resultavam, também. Toda a gente sabe que o mundo se está a tornar num inferno. Não só na América. Em toda a parte. Há um clamor pelo regresso aos antigos valores e para um regresso ao nacionalismo, por todo o planeta.

Eu sei que há.

O que fiz aqui foi tentar enunciar esse sentimento, essa preocupação, essa indignação.

Fizeste um bom trabalho. Quase que Me convencias.

E então? O que dizes àqueles que pensam realmente assim?

Digo: pensam que as coisas eram realmente melhores há 30 anos, há 40 anos ou há 50 anos? Digo que a memória tem fraca visão. Lembram-se do que era bom, mas não do pior. É natural, é normal. Mas não se deixem iludir. Façam um *raciocínio crítico*, em vez de memorizarem o que os outros querem que pensem.

Para continuarmos com o nosso exemplo, imaginam realmente que era absolutamente necessário lançar a bomba atômica sobre Hiroshima? O que dizem os vossos historiadores americanos dos muitos relatos, daqueles que reivindicam saber mais sobre o que aconteceu na realidade, de que o

Império japonês tinha revelado em privado aos Estados Unidos a sua disposição de acabar com a guerra antes de a bomba ser lançada? Que peso teve a vingança pelo horror de Pearl Harbour na decisão de lançar a bomba? E, se se aceitar que era necessário lançar a bomba de Hiroshima, por que foi necessário lançar uma segunda bomba?

Podia ser, evidentemente, que o vosso relato sobre tudo isto estivesse correto. Podia ser que o ponto de vista americano sobre tudo isto fosse de facto como tudo tinha acontecido. Não é essa a questão nesta discussão. A questão aqui é que o vosso sistema educativo não permite o raciocínio crítico nessas matérias - nem em muitas outras matérias, como é o caso.

Imaginam o que aconteceria a um professor de Estudos Sociais ou de História, no Iowa, que fizesse a uma turma as perguntas acima referidas, convidando e encorajando os alunos a examinar e explorar as questões em profundidade e a retirar as suas próprias conclusões?

Essa é a questão! Vocês não querem que os vossos jovens retirem as suas próprias conclusões. Querem que eles cheguem às mesmas conclusões a que vocês chegaram. Assim, condenam-nos a repetir os erros a que as vossas conclusões vos conduziram.

EDUCAÇÃO SOCIAL ALTERNATIVA E A JUVENTUDE

E que dizes dessas afirmações feitas por tanta gente sobre valores antigos e a desintegração da nossa sociedade atual? Que dizes do aumento incrível de partos de adolescentes, de mães dependentes da assistência social, ou do nosso mundo enlouquecido?

O vosso mundo enlouqueceu. Lá nisso concordo. Mas o vosso mundo não enlouqueceu devido ao que permitiram que as vossas escolas ensinassem aos vossos filhos. Enlouqueceu por causa daquilo que não permitiram que lhes ensinassem.

Não permitiram que as vossas escolas ensinassem que o amor é o que mais importa. Não permitiram que as vossas escolas falassem de um amor que é incondicional.

C'os diabos, nem sequer permitimos que as nossas *religiões* falem nisso.

Certo. E não consentem que os vossos filhos sejam ensinados a celebrarem-se a si próprios e aos seus corpos, à sua qualidade humana e aos seus magníficos eus sexuais. E não permitem que os vossos filhos saibam que são, antes do mais e acima de tudo, seres espirituais que habitam um corpo. Nem tratam os vossos filhos como espíritos encarnados em corpos.

Nas sociedades em que se fala abertamente, discute livremente, se explica e experiencia alegremente a sexualidade, não há praticamente crimes sexuais, ocorrem apenas um pequeno número de nascimentos que não são planeados, e não há nascimentos “ilegítimos” ou indesejados. Nas sociedades altamente evoluídas, todos os nascimentos são bênçãos, e o bem-estar de todas as mães e todos os filhos está garantido. Na verdade, essas sociedades não aceitariam que fosse de outra forma.

Nas sociedades em que a História não é adaptada às perspetivas dos mais fortes e mais poderosos, os erros do passado são abertamente reconhecidos e nunca repetidos, e uma vez basta para a prática de comportamentos evidentemente autodestrutivos.

Nas sociedades em que se ensina o pensamento crítico, a resolução de problemas e as práticas de vida, mais do que factos simplesmente memorizados, mesmo as ações do passado apelidadas de “justificáveis” são submetidas a intenso escrutínio. Nada é aceite pelo valor aparente.

Como funcionaria isso? Vamos utilizar o nosso exemplo da II Guerra Mundial. Como abordaria um sistema escolar que ensinasse práticas de vida, em vez de meros factos, o episódio histórico de Hiroshima?

Os vossos professores descreveriam na aula exatamente o que lá aconteceu. Incluiriam todos os factos - todos os factos - que conduziram a esse acontecimento. Indagariam as opiniões de historiadores de ambos os lados do conflito, no sentido de que há mais do que um ponto de vista para tudo. E não pediriam aos alunos que memorizassem os factos em causa. Em vez disso, espicaçá-los-iam. Diriam: “Ouviram tudo sobre este acontecimento. Sabem tudo o que ocorreu antes e tudo o que aconteceu depois. Demos-vos todo o ‘conhecimento’ sobre este acontecimento que conseguimos reunir. Agora, a partir deste ‘conhecimento’, que ‘sabedoria’ vos ocorre? Se fossem colhidos para resolver os problemas com que se defrontavam naquela altura, e que foram resolvidos pelo lançamento da bomba, como os resolveriam? Conseguem pensar numa maneira melhor?”

Oh, claro. Isso é fácil. Qualquer pessoa pode encontrar respostas *dessa maneira* - com a vantagem da compreensão tardia do que devia ter sido feito. Qualquer pessoa pode olhar por cima do ombro e dizer “Eu teria feito de maneira diferente”.

Então por que não o fazem?

Perdão?

Eu disse, então por que não o fazem? Por que não olharam por cima do ombro, não aprenderam com o vosso passado, e não fizeram as coisas de maneira diferente? Eu digo-vos porquê. Porque consentir que os vossos filhos olhassem para o vosso passado e o analisassem criticamente - de facto, exigir-lhes que o fizessem como parte da sua educação - seria correr o risco de eles *discordarem* da forma *como vocês fizeram as coisas*.

Eles acabarão por discordar, de qualquer maneira. Vocês não o permitem em grande escala nas salas de aula. Por isso é que eles vão para a rua. Empunham cartazes. Rasgam cadernetas militares. Queimam *soutiens* e bandeiras. Fazem tudo o que podem para vos chamar a atenção, para vos fazerem ver. Os vossos jovens têm vindo a gritar-vos “Tem que haver uma maneira melhor!” Mas vocês não os ouvem. Não querem ouvi-los. E certamente não querem encorajá-los, na sala de aulas, a começar a raciocinar criticamente sobre os factos que lhes fornecem.

Vejam lá se percebem, dizem-lhes. Não venham para aqui dizer-nos que temos agido de forma errada. Percebam de uma vez que temos agido corretamente.

É assim que vocês educam os vossos filhos. É a isso que têm chamado educação.

Mas há quem diga que são os jovens e as suas ideias loucas, excêntricas e liberais que têm levado este país e este mundo para a valeta. Mandaram-no para o inferno. Colocaram-no à beira do esquecimento. Destruíram a nossa cultura, orientada por valores e substituíram-na por uma moralidade do faz-o-que-te-apetece, o que quer que te faça sentir bem, que ameaça acabar com o nosso modo de viver.

Os jovens estão a destruir o vosso modo de viver. Os jovens sempre fizeram isso. Compete-vos encorajá-los, não desencorajá-los.

Não são os vossos jovens que estão a destruir a floresta virgem. Estão a pedir-vos que *parem* com isso. Não são os vossos jovens que estão a dar cabo da vossa camada do ozono. Estão a pedir-vos que *parem* com isso. Não são os vossos filhos que exploram os pobres em condições de trabalho miseráveis por todo o mundo. Estão a pedir-vos que *parem* com isso. Não são os vossos jovens que vos aplicam impostos até à morte, para depois utilizarem o dinheiro na guerra e em máquinas de guerra. Estão a pedir-vos que *parem* com isso. Não são os vossos jovens que ignoram os problemas dos fracos e oprimidos, deixando centenas de pessoas morrer de fome todos os dias num planeta com mais do que o suficiente para alimentar toda a gente. Estão a pedir-vos que *parem* com isso.

Não são os vossos jovens que se estão a envolver na política da decepção e da manipulação. Estão a pedir-vos que *parem* com isso. Não são os vossos jovens que são sexualmente reprimidos, embaraçados e envergonhados em relação aos seus corpos e que transmitem essa vergonha e esse embaraço à sua progénie. Estão a pedir-vos que *parem* com isso. Não foram os vossos jovens que criaram um sistema de valores que diz que “a força é a razão” e um mundo que resolve problemas pela violência. Estão a pedir-vos que *parem* com isso.

Não, nem estão a pedir-vos... estão a *suplicar-vos*.

No entanto os jovens é que são violentos! Os jovens é que se juntam a “gangs” e se matam uns aos outros! Jovens que troçam da lei e da ordem - de *qualquer* espécie de ordem. Jovens que nos estão a pôr *doidos*!

Quando os clamores e súplicas dos jovens para mudar o mundo não forem ouvidos nem nunca considerados; quando virem que a causa está perdida - que vocês farão as coisas à vossa maneira a todo o custo - os jovens, que não são estúpidos, optarão pela segunda escolha. Se não vos podem ganhar, juntam-se a vós. Os vossos jovens juntaram-se a vós nos vossos comportamentos. Se são violentos, é porque vocês são violentos. Se são materialistas, é porque vocês são materialistas. Se se comportam como loucos, é porque vocês se comportam como loucos. Se usam o sexo manipulativa, irresponsável e vergonhosamente é porque vos veem fazer o mesmo. A única diferença entre os jovens e as pessoas mais velhas é que os jovens fazem o que fazem às claras.

As pessoas mais velhas escondem os seus comportamentos. As pessoas mais velhas pensam que os jovens não veem. No entanto, os jovens veem tudo. Nada lhes é escondido. Veem a hipocrisia dos mais velhos, e tentam desesperadamente mudá-la. Mas por terem tentado e terem fracassado, não veem outra opção senão imitá-la. Nisto estão errados, mas nunca foram ensinados de maneira diferente. Não lhes foi permitido analisar criticamente o que os mais velhos foram fazendo. Apenas lhes foi permitido memorizá-lo.

O que se memoriza é o que se mantém vivo na memória.

NOVO MODELO EDUCATIVO E OS TRÊS CONCEITOS NUCLEARES

Como deveríamos então educar os nossos jovens?

Primeiro, tratem-nos como espíritos. Eles são espíritos, encarnados num corpo físico. Não é uma coisa fácil para um espírito; não é uma coisa a que um espírito se habitue facilmente. É muito restritivo, muito limitativo. Portanto a criança soltará um grito ao sentir-se repentinamente tão limitada. Ouçam esse grito. Compreendam-no. E deem aos vossos filhos todo o sentido de “ilimitação” que puderem.

A seguir, apresentem-nos ao mundo que criaram com ternura e cuidado. Tenham muito cuidado com o que põem nas suas unidades de armazenagem de memória. As crianças lembram-se de tudo o que veem, tudo o que experienciam. Por que é que batem nas crianças no momento em que saem do ventre? Achrom realmente que essa é a única maneira de lhes porem os motores a trabalhar? Por que é que retiram os bebés às mães minutos depois de os separarem da única forma de vida que conheceram em toda a sua existência presente? As medições e as pesagens e as palpações não podem esperar um pouco enquanto os recém-nascidos experienciam a segurança e o conforto *daquilo que lhes deu vida*?

Por que é que permitem que algumas das primeiras imagens a que os vossos filhos são expostos sejam imagens de violência? Quem vos disse que isso era bom para as crianças? E por que escondem as imagens do amor?

Por que ensinam os vossos filhos a sentir vergonha e constrangimento em relação aos seus corpos e às suas funções, ao ocultarem-lhes o vosso próprio corpo, e lhes dizem para nunca se tocarem de formas que lhes dão prazer? Que mensagem lhes transmitem sobre o prazer? E que lições sobre o corpo?

Por que põem os vossos filhos em escolas onde a competição é consentida e encorajada, onde ser o “melhor” e aprender “mais” é recompensado, onde o “desempenho” é escalonado e mover-se ao seu próprio ritmo mal é tolerado? Que entende o vosso filho a partir disso?

Por que não ensinam aos vossos filhos o movimento, a música e a alegria da arte, o mistério das histórias de fadas e a maravilha da vida? Por que não fazem sobressair aquilo que se encontra naturalmente na criança, em vez de procurar inculcar aquilo que não é natural para a criança?

E por que não permitem que os vossos jovens aprendam o raciocínio lógico e crítico, a resolução e a criação de problemas, utilizando os instrumentos da sua própria intuição e o seu mais profundo saber, em vez das regras, sistemas e conclusões memorizados de uma sociedade que já se provou totalmente incapaz de evoluir por esses métodos, mas que continua a usá-los?

Finalmente, ensinem-lhes *conceitos*, não *disciplinas*.

Concebam um novo currículo, e construam-no em torno de três Conceitos Nucleares:

Consciência

Honestidade

Responsabilidade

Ensinem aos vossos filhos estes conceitos desde a mais tenra idade. Que façam parte do currículo até ao último dia. Baseiem neles todo o vosso modelo educativo. Façam com que toda a instrução nasça deles.

Não compreendo o que isso significa.

Significa que tudo o que vocês ensinarem deve provir do âmbito destes conceitos.

Podes explicar melhor? Como ensinamos as bases fundamentais?

Das primeiras cartilhas até às leituras mais sofisticadas, todos os contos, histórias e matéria disciplinar deviam revolver em torno dos conceitos nucleares. Ou seja, deviam ser histórias de consciencialização, histórias que tratam de honestidade, histórias sobre responsabilidade. Os vossos filhos seriam apresentados aos conceitos, injetados nos conceitos, imersos nos conceitos.

Os deveres escritos girariam em todos desses Conceitos Nucleares, e outros consequentes, à medida que a criança desenvolvesse a sua capacidade de autoexpressão.

Mesmo as técnicas de computação deviam ser ensinadas *neste* enquadramento. A aritmética e a matemática não são abstrações, mas as ferramentas mais básicas do universo para viver a vida. O ensino de todas as técnicas de computação devia ser contextualizado no âmbito da experiência de vida mais ampla de uma forma que chamasse a atenção e focalizasse os Conceitos Nucleares e os seus derivativos.

O que são esses “derivativos”?

Para utilizar uma frase que as pessoas dos meios de comunicação tornaram popular, são os “*spinoffs*”. Todo o modelo educativo se podia basear nesses “*spinoffs*”, substituindo as disciplinas do atual currículo, que ensinam, basicamente, factos.

Por exemplo?

Bem, utilizemos a imaginação. Quais são alguns dos conceitos importantes da vida para ti?

Hã... ora bem, diria... a honestidade, como disseste.

Sim, continua. Isso é um Conceito Nuclear.

E... e... imparcialidade. É um conceito importante para mim.

Ótimo. Mais alguns?

Tratar bem os outros. Esse é um deles. Não sei como pôr isso num conceito.

Continua. Deixa correr o pensamento.

Dar-se bem. Ser tolerante. Não magoar os outros. Ver os outros como iguais. São tudo coisas que eu gostaria de poder ensinar aos meus filhos.

Muito bem. Excelente! Podes continuar.

Hum... acreditar em si próprio. Essa é boa. E... hum... espera, espera... vem aí outra. Hummm... sim, é isso: caminhar com dignidade. Acho que lhe chamaria *caminhar com dignidade*. Também não sei como pôr isso num conceito melhor, mas tem a ver com a postura de cada um na vida, e a forma como respeita os outros e o caminho que os outros seguem.

Isso é bom material. É todo ele bom material. Agora estás a apanhar-lhe o jeito. E há muitos outros conceitos como esses que todas as crianças têm de compreender profundamente para poderem evoluir e tornar-se seres humanos completos. No entanto vocês não ensinam estas coisas nas escolas. Estas são as coisas mais importantes na vida, estas coisas de que estamos agora a falar, mas vocês não as ensinam na escola. Não ensinam o que significa ser honesto. Não ensinam o que quer dizer ser responsável. Não ensinam o que significa ter consciência dos sentimentos das outras pessoas e respeitar os seus caminhos.

Dizem que compete aos pais ensinar essas coisas. Mas os pais só podem transmitir aquilo que lhes foi transmitido a eles. E os pecados do pai recairão sobre o filho. Assim ensinam nas vossas casas a mesma coisa que os vossos pais vos ensinaram nas suas casas.

E então? Que tem isso de mal?

Como tenho aqui dito repetidamente, tens olhado para o mundo ultimamente?

Estás sempre a fazer-nos voltar a isso. Estás sempre a obrigar-nos a olhar para isso. Mas isso não é tudo culpa nossa. Não podemos ser culpados pela maneira como está o resto do mundo.

Não é uma questão de culpa, é uma questão de escolha. E se vocês não são responsáveis pelas opções que a Humanidade tem feito, e continua a fazer, quem é?

Ora, não podemos assumir-nos como responsáveis por *tudo*!

Pois eu vos digo: até estarem dispostos a assumir a responsabilidade de tudo, não podem mudar nada.

Não podem continuar a dizer que foram *eles* que fizeram, que são *eles* que fazem e se ao menos *eles* acertassem! Lembrem-se da magnífica frase da personagem da banda desenhada de Walt Kelly, Pogo, e nunca a esqueçam:

“Encontrámos os inimigos, e eles são nós”.

Andamos a repetir os mesmos erros há centenas de anos, não andamos...

Há milhares de anos, meu filho. Cometem os mesmos erros há milhares de anos. A Humanidade não evoluiu nos seus instintos mais básicos muito além da era do homem das cavernas. No entanto, qualquer tentativa para alterar isso é recebida com desprezo. Todo o desafio para olharem para os vossos valores e até talvez para os reestruturarem é recebido com medo e a seguir com ira. Surge agora uma ideia, vinda de Mim, para ensinar conceitos mais elevados nas *escolas*. Ena pá, isso é que é tocar num ponto sensível.

Contudo, nas sociedades altamente evoluídas, é exatamente isso que se faz.

Mas o problema é que nem todas as pessoas estão de acordo sobre esses conceitos, sobre o que eles significam. É por isso que não os podemos ensinar nas escolas. Os pais ficam furiosos quando se tenta introduzir essas coisas no currículo. Dizem que se estão a ensinar “valores” e que a escola não tem lugar nesse tipo de instrução.

Estão errados! Mais uma vez, com base naquilo que dizes que estão a tentar fazer enquanto raça de pessoas - que é tentar construir um mundo melhor - *estão errados*. As escolas *são exatamente* o lugar para essa instrução. Precisamente *porque* as escolas são alheias aos preconceitos dos pais. Precisamente *porque* as escolas estão separadas das noções pré-

concebidas dos pais. Já *viram* o resultado no vosso planeta da transmissão de valores de pai para filho. O vosso planeta é uma *confusão*.

Não compreendem os conceitos mais básicos das sociedades civilizadas.

Não sabem como resolver um conflito sem violência.

Não sabem viver sem medo.

Não sabem agir sem interesse.

Não sabem amar sem condições.

Estes são entendimentos básicos - básicos - e vocês nem sequer começaram a aproximar-se da sua compreensão total, quanto mais a pô-los em prática... *passados milhares e milhares de anos*.

Há alguma saída para esta confusão?

Sim! Está nas vossas escolas! Está na educação dos vossos jovens! A Vossa esperança reside na próxima geração, e na seguinte! Mas têm que deixar de os imergir nos métodos do passado. Esses métodos não funcionaram. Não vos levaram onde dizem que querem ir. E se não tiverem cuidado, vão chegar exatamente aonde se dirigem!

Portanto, *parem*! Façam meia volta! Sentem-se em conjunto e arrumem as ideias. Criem a versão mais grandiosa da visão mais magnífica que já tiveram de vós próprios como raça humana. Depois, peguem nos valores e conceitos que envolvem essa visão e *ensinem-nos nas vossas escolas*.

Porque não cursos como...

- * Compreensão do Poder
- * Resolução Pacífica de Conflitos
- * Elementos das Relações de Amor
- * Pessoaalidade e Autocriação
- * Corpo, Mente e Espírito: Como Funcionam

- * Dedicção à Criatividade
- * Celebração do Eu, Valorização dos Outros
- * Expressão Sexual com Alegria
- * Imparcialidade
- * Tolerância
- * Diversidades e Semelhanças
- * Economia Ética
- * Consciência Criativa e Poder da Mente
- * Consciência e Estado de Alerta
- * Honestidade e Responsabilidade
- * Visibilidade e Transparência
- * Ciência e Espiritualidade

Muitas dessas coisas *já são* ensinadas. Chamamos-lhes Estudos Sociais.

Não estou a falar de um módulo de dois dias num curso de um semestre. Estou a falar de cursos separados de cada uma destas coisas. Estou a falar de uma revisão total dos currículos das vossas escolas. Estou a falar de um currículo assente em valores. Presentemente estão a ensinar aquilo que em grande parte é um currículo baseado em factos.

Estou a falar de focar tanto a atenção das vossas crianças na compreensão dos conceitos nucleares e das estruturas teóricas em redor das quais o seu sistema de valores pode ser construído como o fazem agora em relação a datas, factos e estatísticas.

Nas sociedades altamente evoluídas da vossa galáxia e do vosso universo (sociedades de que falaremos muito mais especificamente no *Livro 3*), os conceitos para a vida começam a ser ensinados à prole numa idade muito precoce. Aquilo a que vocês chamam “factos”, que nessas sociedades são considerados muito menos importantes, são ensinados muito mais tarde.

No vosso planeta criaram uma sociedade em que o pequeno Johnnie aprende a ler antes de sair da pré-primária, mas ainda não aprender a deixar de morder ao irmão. E a Susie aperfeiçoou a tabuada de multiplicar, com fichas de números e mnemônicas, utilizados cada vez mais cedo nas escolas, mas ainda não aprendeu que não há nada de vergonhoso ou embaraçoso em relação ao seu corpo.

Neste momento as vossas escolas existem principalmente para dar respostas. Seria muito mais benéfico se a sua função primordial fosse fazer perguntas. O que significa ser honesto, ou responsável, ou “imparcial”? Quais são as implicações? Já agora, o que significa $2+2=4$? Quais são as implicações? As sociedades altamente evoluídas encorajam todas as crianças a *descobrirem e criarem essas respostas por si próprias*.

Mas... mas isso levaria ao caos!

Ao contrário das condições não caóticas em que vocês vivem agora a vida...

Pronto, pronto... então levaria a um caos maior.

Não estou a sugerir que as vossas escolas nunca partilhem com a vossa progénie nada das coisas que vocês aprenderam ou decidiram sobre essas coisas. Muito pelo contrário. As escolas servem os estudantes quando partilham com os Jovens o que os Anciãos aprenderam, descobriram, decidiram e escolheram no passado. Os alunos podem assim observar como tudo isso funcionou. Nas vossas escolas, no entanto, apresentam esses dados ao aluno como Aquilo que Está Certo, quando deviam ser propostos simplesmente como aquilo que são: dados.

Os Dados Antigos não deviam ser a base da Verdade Presente. A informação de um tempo ou experiência anteriores devia ser sempre e unicamente a base para novas questões. O tesouro devia residir sempre na pergunta, não na resposta.

E as perguntas são sempre as mesmas. Em relação a estes dados antigos que vos mostrámos, concordam ou discordam? O que pensam?

Essa é a questão chave, sempre. É sempre o foco central. O que pensam? O que pensam *vocês*? *O que pensam vocês*?

É evidente que os filhos trarão para esta questão os valores dos pais. Os pais continuarão a ter um papel importante - obviamente o papel principal - na criação do sistema de valores da criança. A intenção e o objetivo da escola seria encorajar a prole, desde a mais tenra idade até ao final da educação formal, a explorar esses valores e a aprender a usá-los, a aplicá-los e a torná-los funcionais - e até, por que não, a questioná-los. Porque os pais que não querem que os filhos questionem os seus valores não são pais que amam os filhos, mas sim que se amam a si próprios *através* dos filhos.

Quem me dera - e de que maneira - que houvesse escolas como as que descreves!

Há algumas que procuram aproximar-se deste modelo.

Há?

Sim. Lê os escritos de um homem chamado Rudolph Steiner. Explora os métodos da Escola Waldorf, que ele desenvolveu.

Claro que conheço essas escolas. Isto é publicidade?

É uma observação.

Porque sabias que eu conhecia bem as Escolas Waldorf. Sabias isso.

Claro que sabia. Tudo na tua vida serviu e te conduziu a este momento. Não comecei a falar contigo só no início deste livro. Há anos que falo contigo, através de todas as tuas associações e experiências.

Estás a dizer que a Escola Waldorf é a melhor?

Não. Estou a dizer que é um modelo que funciona, tendo em vista onde querem chegar como raça humana, segundo dizem; em vista do que alegam querer fazer; em face do que dizem querer ser. Digo isto como um exemplo - um de vários que poderia citar, apesar de no vosso planeta e na vossa sociedade serem raros - de como a educação pode ser conseguida de uma forma que se concentra na “sabedoria” mais do que no simples “conhecimento”.

Bom, é um modelo que eu aprovo totalmente. Há muitas diferenças entre uma Escola Waldorf e outras escolas. Deixa-me dar um exemplo. É um exemplo simples, mas ilustra significativamente a questão.

Na Escola Waldorf, o professor acompanha as crianças ao longo de todos os níveis de experiência de aprendizagem primária e elementar. Durante todos esses anos as crianças têm o mesmo professor, em vez de mudarem de uma pessoa para outra. Imaginas os laços que se formam? Apercebes-te do valor?

O professor fica a conhecer a criança como se fosse sua. A criança adquire um nível de confiança e amor em relação ao professor que abre portas que muitas escolas de orientação tradicional nunca sonharam que existissem. Ao fim desses anos, o professor regressa à primeira classe, recomeçando novamente com outro grupo de crianças e acompanhando-as ao longo dos anos todos do currículo. Um professor exclusivo da Waldorf pode acabar por trabalhar apenas com quatro ou cinco grupos de crianças durante toda a sua carreira. Mas significou para essas crianças algo que fica para além de tudo o que é possível num enquadramento da escola tradicional.

Este modelo educativo reconhece e proclama que a *relação humana*, os *laços* e o *amor* que são partilhados nesse paradigma são tão importantes como quaisquer factos que o professor possa dar a conhecer à criança. É como o ensino em casa, fora de casa.

Sim, é um bom modelo.

Há outros modelos bons?

Há. Estão a fazer progressos no vosso planeta no que respeita à educação, mas são muito lentos. Mesmo a tentativa de estabelecer, nas escolas oficiais, um currículo por objetivos, centrado no desenvolvimento de competências, encontrou uma resistência enorme. As pessoas consideram-no ameaçador ou ineficaz. Querem que os filhos aprendam factos. No entanto, há algumas incursões. Mas ainda há muito por fazer.

E essa é apenas uma área da experiência humana que precisa de alguma remodelação, em face daquilo que dizem que procuram ser, enquanto seres humanos.

Sim, imagino que a arena política também precisaria de algumas mudanças.

Podes ter a certeza.

CAPÍTULO 10

POLÍTICA HUMANA E AS LEIS

Estava à espera disto. Isto é mais uma das coisas que pensei que me estavas a prometer quando me disseste que o *Livro2* trataria de questões planetárias a uma escala global. Portanto, podemos começar a olhar para a nossa política humana fazendo-Te o que poderá parecer uma pergunta elementar?

Nenhuma pergunta é indigna ou desprovida de mérito. As perguntas são como as pessoas.

Ah, boa resposta. Está bem, então deixa-me perguntar: está errado estabelecer uma política estrangeira com base nos interesses do próprio país?

Não. Primeiro, do Meu ponto de vista, nada está “errado”. Mas Eu percebo como utilizam o termo, por isso falarei dentro do contexto do vosso vocabulário. Utilizarei o termo “errado” como significando “aquilo que não vos serve, de acordo com quem e com o que optam por ser”. Foi sempre assim que utilizei os termos “certo” e “errado” convosco; é sempre nesse contexto porque, em verdade, não existe nem Certo nem Errado.

Portanto, dentro desse contexto, não, não é errado basear as decisões de política estrangeira tendo em consideração os próprios interesses. O que é errado é fingir que não é isso que se está fazer.

É isso que a maior parte dos países faz, é claro. Atuam - ou deixam de atuar - devido a um conjunto de razões, depois dão como base lógica outro conjunto de razões.

Porquê? Por que é que os países fazem isso?

Porque os governos sabem que se as pessoas compreendessem as verdadeiras razões da maior parte das decisões de Política estrangeira, o povo não as apoiaria.

Isto aplica-se a governos em toda a parte. Há muito poucos governos que não iludam deliberadamente o seu povo. O logro faz parte do governo, já que poucas pessoas escolheriam ser governadas como são - poucas escolheriam ser sequer governadas - a menos que o governo as convença de que as suas decisões são para o seu próprio bem.

É uma tarefa difícil, porque a maior parte das pessoas vê a insensatez do governo. Assim o governo tem de mentir para pelo menos tentar assegurar a lealdade do povo. O governo é a imagem perfeita da exatidão do axioma de que se a mentira for suficientemente grande e durar o tempo suficiente, passa a ser “verdade”.

As pessoas no poder nunca podem deixar que o público saiba como chegaram ao poder - nem tudo o que fizeram e estão dispostas a fazer para permanecerem no poder.

A verdade e a política não se misturam nem podem misturar-se porque a política é a *arte* de dizer apenas o que precisa de ser dito - e de o dizer da forma devida - para alcançar um fim desejado. Nem toda a política é má, mas a arte da política é uma arte *prática*. Reconhece com grande franqueza a psicologia da maioria das pessoas. Verifica simplesmente que a maior parte das pessoas atua por interesse próprio. Portanto a política é a maneira como as pessoas no poder vos tentam convencer de que o *seu interesse é o vosso*.

Os governos compreendem o interesse próprio. É por isso que os governos são muito bons na conceção de programas que *dão* coisas às pessoas.

Originariamente, os governos tinham funções muito limitadas. O seu objetivo era apenas “preservar e proteger”. Então alguém acrescentou “providenciar”. Quando os governos começaram a ser a providência, além do protetor do povo, começaram a *criar* a sociedade, em vez de a preservarem.

Não estão a fazer simplesmente o que o povo quer? Os governos não providenciam apenas o mecanismo através do qual o povo providencia por si mesmo numa escala social?

Por exemplo, na América atribuímos um valor muito elevado à dignidade da vida humana, à liberdade individual, à importância da oportunidade, à santidade das crianças. Assim, fizemos leis e pedimos ao governo para criar programas que providenciassem rendimentos para os idosos, para que possam manter a dignidade para além dos anos de trabalho; para assegurar oportunidades iguais de emprego e habitação para todos - mesmo para os que são diferentes de nós, ou com cujo estilo de vida não concordamos; para garantir, através de leis do trabalho infantil, que as crianças de uma nação não se tornem os escravos de uma nação, e que nenhuma família com crianças seja privada das necessidades elementares de uma vida com dignidade - alimentação, vestuário e abrigo.

Essas leis ficam bem à vossa sociedade. No entanto, ao providenciar pelas necessidades das pessoas, devem ter o cuidado de não as privar da sua maior dignidade: o exercício do poder pessoal, a criatividade individual e o engenho determinado que permite que as pessoas constatem que podem providenciar por si próprias. É um equilíbrio delicado que tem de ser alcançado. Vocês parecem saber apenas como ir de um extremo ao outro. Ou querem que o governo “faça tudo” pelo povo, ou querem dar cabo de todos os programas governamentais e abolir todas as leis do governo, já amanhã.

Sim, e o problema é que há tantos que *não podem* providenciar por si próprios numa sociedade que dá habitualmente as melhores oportunidades de vida aos que possuem as credenciais “certas” (ou se calhar, aos que não possuem as “erradas”); que *não podem* providenciar por si próprios numa nação onde os senhorios não alugam a famílias grandes, as empresas não promovem as mulheres, a justiça é demasiadas vezes um produto do estatuto, o acesso aos cuidados preventivos de saúde é limitado àqueles que possuem rendimento suficiente e onde existem muitas outras discriminações e desigualdades numa escala maciça.

Então os governos devem substituir a consciência do povo?

Não. Os governos são a consciência do povo, expressa. É através dos governos que as pessoas procuram, esperam e decidem corrigir os males da sociedade.

Bem dito. Mas, repito, têm que ter o cuidado de não se afogarem em leis a tentar garantir às pessoas a oportunidade de respirarem!

Não se pode legislar a moralidade. Não se pode mandar a igualdade.

O que é preciso é uma *mudança* de consciência coletiva, não alguém que *imponha* a consciência coletiva.

O comportamento (e todas as leis e programas de governo) deve derivar da qualidade de Ser, deve ser um verdadeiro reflexo de Quem Vocês São.

As leis da nossa sociedade refletem quem nós somos! Dizem a toda a gente “É assim na América. Os americanos são assim.”

Na melhor das hipóteses, talvez. Mas a maior parte das vezes as vossas leis são declarações daquilo que os que estão no *poder* pensam que vocês deviam ser mas não são.

Os “poucos elitistas” instruem os “muitos ignorantes” através da lei.

Precisamente.

Que mal tem isso? Se alguns dos poucos melhores e mais inteligentes de entre nós estão dispostos a olhar para os problemas da sociedade e do mundo e propor soluções, isso não beneficia a maioria?

Depende dos motivos desses poucos. E da sua clareza. Geralmente, nada beneficia mais “os muitos” do que deixá-los governarem-se a si próprios.

Anarquia. Nunca funcionou.

Não se pode evoluir e crescer quando o governo está constantemente a dizer-nos o que fazer.

Poder-se-ia argumentar que o governo - quero com isto dizer a lei pela qual escolhemos ser governados - é um reflexo da grandeza (ou da falta de grandeza) da sociedade, que as grandes sociedades publicam grandes leis.

E muito poucas. Porque nas grandes sociedades, muito poucas leis são *necessárias*.

ECONOMIA, PODER E O ESTADO SOCIAL

Mesmo assim, as sociedades verdadeiramente sem leis são sociedades primitivas, em que “a força é a razão”. As leis são a tentativa de o homem nivelar o campo de jogo; de assegurar que o que está verdadeiramente certo prevalecerá, não obstante a fraqueza ou a força. Sem códigos de conduta sobre os quais acordássemos mutuamente, como poderíamos coexistir?

Não estou a sugerir um mundo sem códigos de conduta, sem acordos. Sugiro que os vossos acordos e códigos se baseiem numa maior compreensão e numa definição mais grandiosa do interesse próprio.

O que a maior parte das leis diz de facto é o que os mais poderosos de entre vós têm como interesses próprios.

Vejamos um exemplo. Fumar.

Diz a lei que não se pode cultivar e utilizar um determinado tipo de planta, o cânhamo¹², porque faz mal.

¹² Cannabis Sativa. (N. da E.)

No entanto o mesmo governo diz que está correto cultivar e utilizar *outro* tipo de planta, o tabaco, não por fazer bem (na verdade, o próprio governo diz que faz mal), mas, presumivelmente, porque sempre se fez.

A verdadeira razão para que a primeira planta seja ilegal, e a segunda não, nada tem a ver com a saúde. Tem a ver com a economia. O que quer dizer, com o poder.

As vossas leis, portanto, não refletem o que a vossa sociedade pensa de si própria ou o que deseja ser - as vossas leis refletem *onde está o poder*.

Não é justo. Escolheste uma situação onde as contradições são óbvias. A maior parte das situações não é assim.

Pelo contrário. A maior parte é.

Então qual é a solução?

Ter tão poucas leis - que na realidade são limites - quanto possível.

A razão por que a primeira erva é ilegal é apenas *ostensivamente* relacionada com a saúde. A *verdade* é que a primeira erva não é mais aditiva nem de maior risco para a saúde que os cigarros ou o álcool, ambos os quais são *protegidos* pela lei. Então por que não é permitida? Porque, se fosse cultivada, metade dos agricultores de algodão, fabricantes de *nylon* e *rayon* e pessoal dos produtos de madeira do mundo iriam à falência.¹³

Acontece que o cânhamo é um dos materiais mais úteis, mais fortes, mais resistentes e duradouros no vosso planeta. Não se consegue produzir nenhuma fibra melhor para vestuário, uma substância mais forte para cordas, uma matéria-prima mais fácil de cultivar e colher para a pasta de papel. Vocês abatem centenas de milhares de árvores todos os anos para poderem ter jornais ao domingo, para lerem sobre a dizimação de florestas no mundo. O cânhamo pode abastecer-vos de milhões de jornais de domingo sem abater uma árvore. De facto, podia substituir muitas matérias-primas, a um décimo do custo.

¹³ Ver "O Manifesto do Cânhamo", de Rowan Robinson, edição Sinais de Fogo. (N. da E.)

E aí é que está o busílis. Alguém perde dinheiro se se permitir que esta planta milagrosa - que, a propósito, também tem extraordinárias propriedades medicinais - seja cultivada. E é por isso que a marijuana é ilegal no vosso país.

É pela mesma razão que vos levou tanto tempo a produzir carros elétricos em grande escala, a fornecer cuidados de saúde acessíveis e razoáveis ou a utilizar calor e energia solar em todos os lares.

Tiveram os meios e a tecnologia para produzir todas essas coisas durante anos. Então por que não as têm? *Procurem quem estaria a perder dinheiro se as tivessem.* Aí encontrarão a vossa resposta.

É esta a Grande Sociedade de que tanto se orgulham? A vossa “grande sociedade” tem de ser arrastada, aos pontapés e aos gritos, para ter em conta o bem comum. Sempre que é mencionado o bem comum ou o bem coletivo, toda a gente berra “comunismo!” Na vossa sociedade, se olhar pelo bem de muitos não produz um enorme lucro para alguém, *o bem de muitos é, na maior parte das vezes, ignorado.*

Isto é verdade não só no vosso país, mas em todo o mundo. A questão básica com que se defronta a Humanidade, é, portanto: o interesse próprio pode ser substituído pelos interesses maiores, o interesse comum, da Humanidade? Se pode, como?

Nos Estados Unidos, tentaram suprir o interesse comum, o maior interesse, através de leis. Fracassaram miseravelmente. A vossa nação é a mais rica, a mais poderosa da Terra e tem uma das taxas de mortalidade infantil mais elevadas. Porquê? Porque os *pobres* não podem *pagar* cuidados pré-natais e pós-natais de qualidade - e a vossa sociedade *visa o lucro*. Cito este como apenas um exemplo do vosso tremendo fracasso. O facto de os vossos bebés estarem a morrer a uma taxa mais elevada do que na maioria dos outros países industrializados devia incomodar-vos. Não incomoda. Isso revela muito quanto a quais são as vossas prioridades enquanto sociedade. Outros países olham pelos doentes e necessitados, pelos idosos e enfermos. Vocês olham pelos ricos e abastados, os influentes e os bem colocados. Oitenta e cinco por cento dos americanos reformados vivem na pobreza. Muitos desses americanos mais velhos, e a maior parte das pessoas de baixo rendimento, utilizam as urgências do hospital local

como “médico de família”, procurando tratamento médico apenas nas circunstâncias mais extremas e não auferindo de praticamente nenhuns cuidados preventivos de saúde.

Não há lucro, entendem, em pessoas que têm pouco para gastar... esgotaram a sua *utilidade*...

E é esta a vossa *grande sociedade*...

Fazes as coisas parecerem bem más. No entanto, a América tem feito mais pelos desprotegidos e desfavorecidos - tanto aqui como no estrangeiro - do que qualquer outra nação sobre a Terra.

A América tem feito muito, como se pode ver. Contudo, sabes que, em termos de percentagem do produto interno bruto, os Estados Unidos fornecem proporcionalmente menos auxílio ao estrangeiro do que muitos países mais pequenos? A questão é que, antes de se autocongratularem demasiadamente, talvez devessem olhar para o mundo em volta. Porque se isto é o melhor que o vosso mundo é capaz de fazer pelos menos afortunados, têm todos muito que aprender.

Vocês vivem numa sociedade esbanjadora, decadente. Incluem em praticamente tudo o que fazem o que os vossos engenheiros chamam “obsolescência planeada”. Os carros custam três vezes mais e duram um terço do tempo. As roupas desfazem-se depois de usadas pela décima vez. Põem produtos químicos nos alimentos para poderem permanecer mais tempo na prateleira, mesmo que signifique que a vossa estadia no planeta seja mais curta. Apoiam, estimulam e permitem às equipas desportivas que paguem salários obscenos por esforços ridículos, enquanto que professores, padres e investigadores que lutam por encontrar a cura para as doenças que vos matam andam a implorar por dinheiro. Deitam fora mais comida todos os dias nos supermercados, restaurantes e lares da vossa nação do que seria preciso para alimentar meio mundo.

No entanto isto não é uma acusação, apenas uma observação. E não só dos Estados Unidos, porque as atitudes que fazem doer o coração são epidémicas em todo o mundo.

Os desprotegidos de toda a parte têm de rastejar e poupar para sobreviverem, enquanto que os poucos no poder protegem e aumentam grandes reservas de dinheiro, se deitam em lençóis de seda e, todas as manhãs, rodam torneiras de ouro na casa de banho. E enquanto crianças emaciadas, reduzidas a pele e osso, morrem nos braços de mães que choram, os “líderes” do seu país envolvem-se em corrupções políticas que impedem que alimentos doados cheguem às massas esfomeadas.

Ninguém parece deter o poder de alterar estas condições, contudo a verdade é que o problema não é o poder.

Ninguém parece ter *vontade*.

E assim será sempre, enquanto ninguém vir as dificuldades de outrem como suas.

CRISE DE CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA

Mas por que não vemos? Como podemos ver estas atrocidades diariamente e permitir que continuem?

Porque não se *interessam*. É falta de *interesse*. O planeta inteiro defronta-se com uma crise de consciência. Têm de decidir simplesmente se *se interessam uns pelos outros*.

Parece uma pergunta tão patética para se fazer. Por que não conseguimos amar os membros da nossa própria família?

Vocês *amam* os membros da vossa própria família. Têm apenas uma visão muito limitada de quem são os membros da vossa família. Não te consideras parte da família humana, portanto os problemas da família humana não são teus.

Como podem os povos da Terra mudar a sua visão do mundo?

Depende daquilo para que a querem mudar.

Como podemos eliminar mais dor, mais sofrimento?

Eliminando todas as separações entre vós. Construindo um novo modelo do mundo. Mantendo-o no enquadramento de uma *ideia nova*.

Que é?

Que vai ser um afastamento radical da presente visão do mundo.

Presentemente, veem o mundo - falamos agora geopoliticamente - como uma coleção de estados-nação, cada um deles soberano, separado e independente dos outros.

Os problemas internos desses estados-nação independentes não são, de uma forma geral, considerados problemas do grupo como um todo - a menos ou até que afetem o grupo como um todo (ou os membros mais poderosos desse grupo).

O grupo como um todo reage às condições e problemas dos estados individuais com base nos interesses próprios do grupo maior. Se ninguém no grupo maior tiver nada a *perder*, as condições num estado individual podem ir para o inferno e ninguém se importa muito.

Milhares de pessoas podem morrer de fome todos os anos, centenas podem morrer numa guerra civil, os déspotas podem pilhar o território, os ditadores e os seus gorilas podem violar, devastar e assassinar, os regimes podem despojar o povo dos direitos humanos básicos - e vocês nada fazem. É, dizem, um “problema interno”.

Mas, quando os vossos interesses são ameaçados, quando os vossos investimentos, a vossa segurança, a vossa qualidade de vida estão em risco, incitam a vossa nação e tentam incitar o mundo a seguir-vos e precipitam-se para onde os anjos temem pisar.

Dizem então a Grande Mentira - alegando que fazem o que estão a fazer por razões humanitárias, para ajudar os povos oprimidos do mundo,

quando a verdade é que estão simplesmente a proteger os vossos próprios interesses.

A prova disto é que onde não têm interesses, não têm preocupação.

A engrenagem política do mundo funciona de acordo com os interesses próprios. Que mais há de novo?

Alguma coisa terá de ser nova se querem que o vosso mundo mude. Têm que começar a ver os interesses de outrem como vossos. Isso só acontecerá quando reconstruírem a vossa realidade global e se governarem em conformidade.

Estás a falar de um governo mundial único?

Estou.

CAPÍTULO 11

UNIDADE DAS NAÇÕES E O GOVERNO MUNDIAL

Prometeste que no *Livro2* entrarias em questões geopolíticas mais amplas com que o planeta se depara (contrariamente às questões basicamente pessoais abordadas no *Livro1*), mas não pensei que Tu entrasses neste debate!

É altura de o mundo deixar de se iludir, de acordar, de compreender que *o único problema da Humanidade* é falta de amor.

O amor gera tolerância, a tolerância gera a paz. A intolerância produz a guerra e olha com indiferença para condições intoleráveis.

O amor não pode ser indiferente. Não sabe como.

A maneira mais rápida de chegar a um lugar de amor e preocupação com toda a Humanidade é ver toda a Humanidade como a vossa *família*.

A maneira mais rápida de verem toda a Humanidade como vossa família é deixarem de se separar. Cada uma das nações-estado que agora constitui o vosso mundo tem que se *unir*.

Nós temos as Nações Unidas.

Que têm sido ineficazes e impotentes. Para que esse órgão funcione, terá de ser completamente reestruturado. Não é impossível, mas talvez difícil e incómodo.

Está bem - o que propões?

Não tenho uma “proposta”. Apenas faço observações. Neste diálogo, tu dizes-Me quais são as tuas novas escolhas e eu faço observações sobre

as formas de as manifestar. Agora, por que optas quanto à atual relação entre povo e nações no teu planeta?

Utilizarei as Tuas palavras. Se eu mandasse, optaria por que “chegássemos a um lugar de amor e preocupação por toda a Humanidade”.

Em face dessa opção, observo que o que resultaria, seria a formação de uma nova comunidade política mundial, em que cada estado-nação tivesse o mesmo direito de se pronunciar quanto a questões mundiais, e uma proporção idêntica dos recursos mundiais.

Nunca dará resultado. Os “que têm” nunca entregarão a sua soberania, riqueza e recursos aos “que não têm”. E, argumentativamente, por que o fariam?

Porque é do seu maior interesse.

Eles não percebem isso - e eu não tenho a certeza de perceber.

Se pudessem acrescentar biliões de dólares por ano à economia da tua nação - dólares que podiam ser gastos a alimentar quem tem fome, a vestir os necessitados, a fornecer abrigo aos pobres, a dar segurança aos idosos, melhor saúde e a produzir um nível de vida digno para todos - isso não seria do maior interesse para o teu país?

Bem, na América haveria quem argumentasse que ajudaria os pobres à custa dos ricos e do contribuinte de rendimento médio. Entretanto, o país continua num descalabro, o crime devasta a nação, a inflação priva as pessoas das economias de toda a vida, o desemprego sobe em flecha, o governo torna-se maior e engorda, e nas escolas distribuem-se preservativos.

Pareces um folhetim radiofónico.

Bom, estas *são* as preocupações de muitos americanos.

Então têm vistas curtas. Não vês que se fossem reinjetados biliões de dólares por ano - milhões por mês, centenas e centenas de milhar por semana, quantias de que nunca se ouviu falar por dia - no vosso sistema... que se pudessem utilizar esses dinheiros para alimentar os que têm fome, vestir os necessitados, abrigar os pobres, dar segurança aos idosos e providenciar cuidados de saúde e dignidade para todos... os motivos de crime desapareceriam para sempre? Não vês que nasceriam novos empregos como cogumelos à medida que os dólares fossem reinjetados na vossa economia? Que o vosso governo até podia ser reduzido *porque teria menos que fazer*?

Suponho que algumas dessas coisas podiam acontecer, não consigo imaginar o governo a ficar mais pequeno! Mas de onde viriam esses milhões e biliões? Impostos lançados pelo Teu novo governo mundial? Tirar mais àqueles que “trabalharam para o ter” para dar aos que não “se mexeram” e o foram procurar?

É assim que imaginas?

Não, mas é como *inúmeras* pessoas o veem, e eu não quis deixar de apresentar o seu ponto de vista.

Bem, gostaria de falar nisso depois. Neste momento não quero desviar-me do assunto - mas quero voltar a esse mais tarde.

Ótimo.

Mas perguntaste de onde viriam estes novos dólares. Bem, não teriam de vir de novos impostos estabelecidos pela nova comunidade mundial (embora os membros da nova comunidade mundial - cidadãos singulares - quisessem, sob uma governação iluminada, enviar 10 por cento do seu rendimento para prover às necessidades da sociedade em geral). Nem proviriam de novos impostos lançados por nenhum governo local. De facto, alguns governos locais poderiam seguramente reduzir impostos.

Tudo isto - todos estes benefícios - resultariam da simples reestruturação da vossa visão do mundo, da reordenação ainda mais simples da vossa configuração política mundial.

Como?

O dinheiro que poupam da construção de sistemas de defesa e armas de ataque.

Ah, estou a perceber! Queres que *acabemos com o exército!*

Não só vocês. *Todos, no mundo inteiro.*

Mas não *acabar* com o exército, simplesmente reduzi-lo - drasticamente. A ordem interna seria a vossa única necessidade. Podiam reforçar a polícia local - algo que dizem querer fazer, mas clamam todos os anos na altura do orçamento que não podem fazer - reduzindo substancialmente e ao mesmo tempo os gastos em armas de guerra e preparações para a guerra; ou seja, armas ofensivas e defensivas de destruição em massa.

Primeiro, acho que os Teus números exageram o que se podia poupar fazendo isso. Segundo, penso que nunca convencerás as pessoas de que devem prescindir da capacidade de se defenderem.

Vamos ver os números. Presentemente (estamos a 25 de Março de 1994, no momento em que escrevemos) os governos do mundo gastam cerca de um trilião de dólares por ano para fins militares. Equivale a *um milhão de dólares por minuto* em todo o mundo.

As nações que estão a gastar mais podiam redirecionar o excedente para as outras prioridades mencionadas. Assim as nações maiores e mais ricas veriam que era do seu interesse fazê-lo - se o considerassem possível. Mas as nações maiores e mais ricas não se conseguem imaginar sem defesas, pois receiam agressões e ataques das nações que as invejam e que *querem o que elas têm.*

Há duas maneiras de eliminar essa ameaça.

1. Partilhar o suficiente da riqueza e dos recursos totais do mundo com toda a população mundial de modo a que ninguém queira ou precise do que o outro tem, e todos possam viver com dignidade e deixar de ter medo.
2. Criar um sistema para a resolução de conflitos que elimine a necessidade da guerra - e mesmo a possibilidade de guerra.

As pessoas do mundo provavelmente nunca fariam isso.

Já fizeram.

FEDERAÇÃO UNIDA

Fizeram?

Sim. Há uma grande experiência a decorrer atualmente no vosso mundo neste mesmo tipo de ordem política. Essa experiência chama-se Estados Unidos da América.

Que Tu disseste estar a fracassar miseravelmente.

E está. Ainda tem muito que andar até poder ser considerada um sucesso. (Conforme prometi anteriormente, falarei sobre isto - e sobre as atitudes que presentemente o impedem - mais tarde). Não obstante, é a melhor experiência em curso.

É como disse Winston Churchill. “A democracia é o pior sistema,” declarou, “excetuando todos os outros”.

A vossa nação foi a primeira a pegar numa confederação, não organizada rigidamente, de estados individuais e a uni-los com sucesso num grupo coeso, submetendo-se todos eles a uma autoridade central.

Na altura, nenhum dos estados o queria fazer, e cada um deles resistiu poderosamente, receando a perda da sua grandeza individual e alegando que tal união não serviria os seus interesses.

Pode ser instrutivo perceber exatamente o que se passava com estes estados individuais na altura.

Apesar de se terem associado numa confederação não rígida, não havia um verdadeiro Governo dos Estados Unidos, e consequentemente nenhum poder para aplicar os Artigos da Confederação sobre os quais os estados tinham chegado a acordo.

Os estados conduziam os seus próprios negócios estrangeiros, tendo vários estabelecido acordos particulares de comércio e de outras matérias com França, Espanha, Inglaterra e outros países. Os estados também faziam trocas comerciais entre si, e apesar de os Artigos da Confederação o proibirem, alguns estados aplicavam tarifas sobre os produtos importados de outros estados - tal como faziam com mercadorias vindas de além-mar! Os comerciantes não tinham outra opção senão pagar no porto se queriam comprar ou vender os seus produtos, não existindo uma autoridade central - embora houvesse um acordo escrito que proibía essa *taxação*.

Os estados individuais também travavam guerras entre si. Cada estado considerava as suas milícias como um exército efetivo, nove estados tinham a sua própria armada, e “Não me passes por cima” podia ter sido o lema oficial de todos os estados da Confederação.

Mais de metade dos estados até imprimiam o seu próprio papel-moeda. (Apesar de a Confederação ter acordado que isso seria ilegal!)

Em suma, os vossos estados originais, apesar de unidos ao abrigo dos *Artigos da Confederação*, agiam *exatamente como fazem as nações independentes hoje em dia*.

Apesar de verem que os acordos da Confederação (tais como conceder unicamente ao Congresso autorização para cunhar moeda) não funcionavam, resistiram firmemente a criar e a sujeitar-se a uma autoridade central que aplicasse esses acordos e os fizesse cumprir eficazmente.

Contudo, com o tempo, começaram a prevalecer alguns líderes progressistas. Convenceram a gente comum que havia mais a ganhar com a criação duma nova Federação do que a perder.

Os comerciantes poupariam dinheiro e aumentariam os lucros, já que os estados individuais deixariam de poder taxar os produtos uns dos outros.

Os governos poupariam dinheiro e teriam mais para aplicar em programas e serviços que ajudassem verdadeiramente as *pessoas* porque os recursos não teriam de ser utilizados para proteger os estados individuais uns dos outros.

As pessoas também teriam maior segurança e prosperidade por cooperarem, em vez de lutarem, umas com as outras.

Longe de perderem a sua grandeza, os estados poderiam tornar-se ainda maiores.

E, claro, foi exatamente isso que aconteceu.

O mesmo se podia fazer com as 160 nações do mundo de hoje, se elas se juntassem numa Federação Unida. Poderia significar o fim da guerra.

Como assim? Continuará a haver desacordos.

Enquanto os humanos permanecerem agarrados às coisas exteriores, isso é verdade. Há uma forma de eliminar verdadeiramente a guerra - e toda a experiência de desassossego e falta de paz - mas é uma solução espiritual. Aqui estamos a explorar uma solução geopolítica.

Na realidade, o truque é combinar as duas. A verdade espiritual tem de ser vivida na vida prática para mudar a experiência do quotidiano.

Até ocorrer essa mudança, continuaria a haver desacordos. Tens razão. No entanto, não é preciso haver guerras. Não é preciso haver mortes.

Há guerras entre a Califórnia e o Oregon pelos direitos sobre a água? Entre Maryland e Virgínia por causa das pescas? Entre Wisconsin e Illinois, Ohio e Massachusetts?

Não.

E não porquê? Não têm surgido entre eles várias disputas e conflitos?

Ao longo dos anos, suponho que sim.

Podes apostar que sim. Mas esses estados individuais acordaram voluntariamente - foi um acordo *simples e voluntário* - cumprir determinadas leis e obedecer a certos compromissos em questões que lhes são comuns, retendo o direito de estabelecer estatutos separados em matérias que dizem respeito a cada um individualmente. E quando surgem disputas entre estados, devido a diferentes interpretações da lei federal - ou quando alguém infringe essa lei - a questão é levada a um tribunal... a quem foi *outorgada autoridade* (ou seja, *dada autoridade pelos estados*) para resolver a disputa.

E se o atual conjunto de leis não prevê um precedente ou um meio através do qual a questão possa ser levada pelos tribunais a uma resolução satisfatória, os estados e as populações desses estados enviam os seus representantes a um governo central para tentar chegar a acordo sobre novas leis que produzirão circunstâncias satisfatórias - ou, no mínimo, um compromisso razoável.

É assim que funciona a vossa federação. Um sistema de leis, um sistema de tribunais aos quais vocês deram poder para interpretar essas leis, e um sistema de justiça - suportado por poder armado, se necessário - para fazer cumprir as decisões desses tribunais.

Não obstante ninguém poder argumentar que o sistema não precisa de ser melhorado, este plano político funciona há mais de 200 anos! Não há razão para duvidar que a mesma receita resulte igualmente entre estados-nação.

Se é tão simples, por que não se tentou?

Já se tentou. A vossa Liga de Nações foi uma primeira tentativa. As Nações Unidas são a última.

No entanto, uma fracassou e a outra tem sido minimamente eficaz porque - tal como os 13 estados da Confederação original na América - os estados membros (particularmente os mais poderosos) receiam ter mais a perder que a ganhar dessa reconfiguração.

Isso porque as “pessoas no poder” estão mais preocupadas em se agarrar ao poder do que em melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas. Os “que têm” sabem que uma Federação Mundial como essa iria inevitavelmente produzir mais para os “que não têm” - mas os “que têm” creem que seria à sua custa... e não prescindem de nada.

Esse receio não é justificado? E querer agarrar-se àquilo por que se lutou durante tanto tempo não é razoável?

Primeiro, não é necessariamente verdade que para dar mais aos que têm fome e sede e não têm abrigo seja necessário que os outros prescindam da sua abundância.

Como salientei, apenas teriam de desviar os bilhões de dólares gastos anualmente em todo o mundo, para fins militares, para fins humanitários e teriam o problema resolvido sem gastar nem mais um tostão nem desviar a riqueza de onde ela reside para onde não existe.

(É evidente que se poderia argumentar que os conglomerados internacionais cujos lucros provêm da guerra e dos instrumentos de guerra seriam “perdedores” - tal como os seus trabalhadores e todos aqueles cuja abundância deriva da consciência de conflito do mundo - mas talvez a vossa fonte de abundância esteja mal colocada. Se se tem de *depende* de o mundo viver em luta para se poder sobreviver, talvez essa dependência explique a razão pela qual o vosso mundo resiste a *qualquer* tentativa de criar uma estrutura para uma paz *duradoura*.

Quanto à segunda parte da tua pergunta, querer agarrar-se àquilo que se lutou tanto tempo por adquirir, individualmente ou enquanto nação, não é injusto, se se vem de uma consciência do Mundo Exterior.

SOLUÇÃO ESPIRITUAL: A IRA E A PAZ INTERIOR

Uma quê?

Se derivares a maior felicidade da tua vida de experiências apenas disponíveis no Mundo Exterior - o mundo físico exterior a ti - nunca queres prescindir da *menor quantidade* de tudo o que acumulaste, como pessoa ou como nação, para te fazer feliz.

E enquanto aqueles “que não têm” virem a sua infelicidade ligada à falta de coisas materiais, também eles serão apanhados na armadilha. Quererão constantemente aquilo que tu tens, e tu recusar-te-ás constantemente a partilhá-lo.

Por isso Eu disse anteriormente que há uma maneira de eliminar verdadeiramente a guerra - e toda a experiência de desassossego e falta de paz. Mas essa é uma solução *espiritual*.

Afinal, todos os problemas geopolíticos, tal como todos os problemas pessoais, se decompõem num problema espiritual.

Toda a *vida* é espiritual e, portanto, todos os problemas da vida se baseiam espiritualmente - e *se resolvem espiritualmente*.

As guerras são criadas no vosso planeta porque alguém tem alguma coisa que outra pessoa quer. É isso que *leva* alguém a *fazer* algo que a outra pessoa não quer que faça.

Todo o conflito emerge do desejo mal aplicado.

A única paz no mundo inteiro que é reconfortante é a Paz Interior.

Deixem que cada pessoa encontre a paz interior. Quando se encontra a paz interior, descobre-se também que se pode passar sem nada.

Isto significa simplesmente que se deixa de necessitar das coisas do vosso mundo exterior. “Não precisar” é uma grande liberdade. Liberta-vos, primeiro, do medo: medo de que haja alguma coisa que não vão ter; medo de que haja alguma coisa que têm que vão perder; e medo de que sem determinada coisa não seja, felizes.

Em segundo lugar, “não precisar” liberta-vos da ira. A ira é o medo anunciado. Quando não se tem nada a temer, não há por que sentir ira.

Não sentem ira quando não obtêm o que querem, porque querê-lo era apenas uma preferência, não uma necessidade. Portanto não têm o medo associado à possibilidade de não o virem a ter. Daí, não existir a ira.

Não sentem ira quando veem os outros a fazer o que vocês não querem que eles façam, porque não precisam que eles façam ou deixem de fazer nenhuma coisa em particular. Daí, não existir ira.

Não sentem ira quando alguém é indelicado, porque não *precisam* que eles sejam amáveis. Não sentem ira quando alguém é indiferente, porque não têm *necessidade* de que vos amem. Não sentem ira quando alguém é cruel, ou vos magoa, ou tenta prejudicar-vos, porque não têm *necessidade* de que eles se comportem de outra maneira, e estão seguros de que não podem ser prejudicados.

Nem sequer sentem ira se alguém tirar-vos a vida, porque não temem a morte.

Quando o medo vos é retirado, tudo o resto pode ser-vos retirado que não sentirão ira.

Sabem interiormente, intuitivamente, que tudo o que criaram pode ser criado novamente ou - mais importante - que não tem importância.

Quando se encontra a Paz Interior, nem a presença nem a ausência de qualquer pessoa, lugar ou coisa, condição, circunstância ou situação pode ser o Criador do vosso estado de espírito ou a causa da vossa experiência de ser.

Isto não significa que rejeitem todas as experiências do corpo. Longe disso. Experienciam o ser totalmente no vosso corpo e nos seus *deleites*, como nunca o fizeram antes.

No entanto, o vosso envolvimento com as coisas do corpo será voluntário, não obrigatório. Experienciarão sensações corporais porque *optam* por elas, não porque precisam de o fazer para se sentirem felizes ou justificarem a tristeza.

Esta simples mudança - buscar e encontrar a paz interior - poderia, se empreendida por todos, terminar todas as guerras, eliminar o conflito,

evitar a injustiça e levar o mundo a uma paz eterna. Nenhuma outra fórmula é necessária, ou *possível*. A paz mundial é uma coisa pessoal!

O que é preciso não é uma mudança de circunstâncias, mas uma mudança de consciência.

POESIA PRÁTICA

Como podemos encontrar a paz interior quando temos fome? Estar num lugar de serenidade quando temos sede? Manter-nos calmos quando estamos molhados, com frio e sem abrigo? Ou evitar a ira quando os nossos entes queridos morrem sem razão?

Falas tão poeticamente, mas a poesia é prática? Tem alguma coisa para dizer à mãe da Etiópia que vê o filho emaciado morrer por falta de uma fatia de pão? Ao homem na América Central que sente uma bala rasgar-lhe o corpo porque tentou impedir um exército de se apoderar da sua aldeia? E que diz a Tua poesia à mulher que em Brooklyn foi violada oito vezes por um bando? Ou à família de seis pessoas na Irlanda, despedaçada por uma bomba terrorista colocada numa igreja numa manhã de domingo?

Isto é difícil de ouvir, mas Eu digo-te: há perfeição em tudo. Esforça-te por ver a perfeição. Essa é a mudança de consciência de que Eu falo.

Não precises de nada. Deseja tudo. Escolhe o que aparece.

Sente os teus sentimentos. Chora os teus choros. Ri os teus risos. Respeita a tua verdade. Mas quando toda a emoção acabar, fica calmo e sabe que Eu sou Deus.

Por outras palavras, no meio da maior tragédia, vê a glória do processo. Mesmo quando morres com uma bala atravessada no peito, mesmo estando a ser violada por um bando.

Isto pode parecer uma coisa impossível de fazer. No entanto, quando mudas para a Consciência de Deus, podes fazê-lo.

Não *tens* de o fazer, claro. Depende de como desejas experienciar o momento.

Num momento de grande tragédia, o desafio é sempre silenciar a mente e imergir profundamente na alma.

Isso faz-se automaticamente quando não se controla.

Já falaste alguma vez com uma pessoa que atirou acidentalmente um carro de uma ponta abaixo? Ou se encontrou em frente de uma pistola? Ou quase se afogou? Dir-te-ão com frequência que o tempo passou muito mais devagar, que foram invadidos por uma curiosa calma, que não houve qualquer medo.

“Não temas, porque Eu estou contigo”. É isso o que a poesia tem a dizer à pessoa que se defronta com a tragédia. Nas vossas horas de trevas, Eu serei a vossa luz. Nos vossos piores momentos, Eu serei a vossa consolação. Nas alturas mais difíceis e penosas, Eu serei a vossa força. Por isso, tende fé! Porque Eu sou o vosso pastor; nada vos faltará. Em verdes prados vos farei recostar; conduzir-vos-ei junto das águas refrescantes para repousar.

Reconfortarei a vossa alma e guiar-vos-ei pelos caminhos retos por amor do Meu Nome.

E, ainda que atravessem o vale tenebroso, nada temereis; porque Eu estou convosco. O Meu cajado e o Meu báculo serão o vosso amparo.

Prepararei uma mesa para vós à vista dos vossos inimigos. Ungirei com óleo as vossas cabeças. O vosso cálice transbordará.

Graça e misericórdia hão-de acompanhar-vos todos os dias da vossa vida, e habitareis a Minha casa - e o Meu coração - durante longuíssimos tempos.

CAPÍTULO 12

PROPÓSITO DA ALMA E A PRIMEIRA PERGUNTA

Isso é uma maravilha. O que acabaste de dizer é simplesmente maravilhoso. Quem me dera que o mundo lá chegasse. Quem me dera que o mundo compreendesse, acreditasse.

Este livro servirá para isso. Tu estás a ajudar nesse sentido. Portanto estás a desempenhar um papel, estás a fazer a tua parte, para despertar a Consciência Coletiva. É o que todos devem fazer.

Sim.

Agora podemos mudar de assunto? Penso que é importante falarmos sobre esta atitude - esta ideia das coisas - que disseste há pouco que querias apresentar imparcialmente.

A atitude a que me refiro é esta atitude, assumida por muitas pessoas, de que já se deu o suficiente aos pobres; que temos de deixar de lançar impostos sobre os ricos - penalizando-os, com efeito, por trabalharem muito e “se safarem” - para dar ainda mais aos pobres.

Essas pessoas creem que os pobres são pobres fundamentalmente porque querem ser. Muitos nem sequer tentam subir na vida. Preferem mamar na teta do governo a assumirem responsabilidade por si próprios.

Há muitas pessoas que acreditam que a redistribuição da riqueza - a partilha - é um mal socialista. Citam o Manifesto Comunista - “de cada um de acordo com as suas capacidades, a cada um de acordo com as suas necessidades” - como prova da origem satânica da ideia de assegurar a dignidade humana elementar de todos através do esforço de toda a gente.

Essas pessoas acreditam no “cada um por si”. Se lhes disserem que esse conceito é frio e impiedoso, refugiam-se na declaração de que a oportunidade bate à porta de todos igualmente; alegam que nenhum homem atua sob desvantagem inerente; que se eles “se safaram”, *toda a gente o pode fazer* - e se alguém não se safa, “é por sua própria culpa”.

Achas que é um pensamento arrogante, radicado na ingratidão.

Sim. Mas Tu que achas?

Não faço juízos sobre a matéria. É simplesmente um pensamento. Há apenas uma questão de alguma relevância em relação a este ou qualquer outro pensamento. Serve-te de alguma coisa sustentar isso? Em termos de Quem Tu És e Quem Tu procuras Ser, esse pensamento serve-te de alguma coisa? Ao olhar para o mundo, essa é a pergunta que as pessoas devem fazer. Serve-nos de alguma coisa sustentar este pensamento?

Observo o seguinte: há pessoas - na verdade, grupos inteiros de pessoas - que *nasceram naquilo* a que chamas desvantagem. Isto é comprovadamente verdade.

Também é verdade que a um nível metafísico muito elevado, ninguém está em “desvantagem”, porque cada alma cria por si as pessoas, acontecimentos e circunstâncias exatas necessárias para alcançar aquilo que deseja alcançar.

Tudo é escolhido por vós. Os vossos pais. O vosso país de nascimento. Todas as circunstâncias que rodeiam a vossa reentrada.

Da mesma maneira, através dos dias e épocas da vossa vida, continuam a escolher e a criar pessoas, acontecimentos e circunstâncias concebidos para vos levar até às oportunidades exatas, certas e perfeitas que desejam, de forma a conhecerem-se a vós próprios como são *verdadeiramente*.

Por outras palavras, ninguém está “em desvantagem”, em face do que a *alma* deseja alcançar. Por exemplo, a alma pode desejar trabalhar com um corpo deficiente, ou numa sociedade repressiva ou sob restrições

políticas ou económicas imensas, de forma a produzir as condições necessárias para alcançar aquilo que se propôs fazer.

Assim vemos que as pessoas enfrentam “desvantagens” no sentido *físico*, mas que elas são de facto as condições certas e perfeitas *metafisicamente*.

Em termos práticos, que significa isso para nós? Devemos oferecer-nos para ajudar os que estão “em desvantagem” ou ver apenas que, na verdade, eles estão exatamente onde querem estar e, portanto, devemos deixá-los “resolver o seu próprio Carma”?

Isso é uma pergunta muito boa - e muito importante.

Primeiro lembra-te que tudo o que pensas, dizes e fazes é um reflexo do que decidiste sobre ti próprio; uma afirmação de Quem Tu És; um ato de *criação* na tua decisão de quem queres *ser*. Estou constantemente a voltar a isto porque é a única coisa que fazes aqui; é isso o que estás a fazer. Não acontece mais nada, não há outro propósito para a alma. Estás a procurar ser e experienciar Quem Realmente És - e a criá-lo. Estás a criar-te de novo a cada momento do Agora.

Ora, nesse contexto, quando deparas com uma pessoa que parece, em termos relativos como observado no teu mundo, estar em desvantagem, a primeira pergunta que tens de fazer é: Quem sou eu e quem escolho *ser*, em relação a isso?

Por outras palavras, a primeira pergunta quando encontras outra pessoa, em quaisquer circunstâncias, devia sempre ser: o que quero eu aqui?

Ouviste isto? A tua primeira pergunta, sempre, deve ser: O que quero aqui? - não: O que quer a outra pessoa aqui?

PROPÓSITO DAS RELAÇÕES

Esse é o raciocínio mais fascinante que já ouvi sobre a maneira de proceder nas relações humanas. Também contraria tudo o que sempre me ensinaram.

Eu sei. Mas a razão pela qual as tuas relações estão numa tal embrulhada é estares sempre a tentar perceber o que a outra pessoa quer e o que as outras pessoas querem - em vez daquilo que *tu* queres verdadeiramente. Depois tens de decidir se lhes vais dar. E decides assim: decides olhando para o que possas querer delas. Se pensas que não queres nada delas, desaparece a primeira razão para lhes dares o que elas querem e assim raramente o fazes. Se, pelo contrário, vires que há algo que queres ou podes querer delas, entra em funcionamento a tua autossobrevivência, e tentas dar-lhes o que elas querem.

Depois ficas ressentido - especialmente se a outra pessoa não te dá o que *tu* queres.

Neste jogo do *Troco Contigo*, estabelece-se um equilíbrio muito delicado. Preenches as minhas necessidades e eu preencho as tuas.

No entanto o propósito de todas as relações humanas - tanto relações entre nações como relações entre indivíduos - nada tem a ver com isto. O propósito da tua Sagrada Relação com todas as outras pessoas, lugares e coisas não é perceber o que eles querem ou precisam, mas o que *tu* pretendes ou desejas para *cresceres*, para seres Quem tu queres Ser.

Foi por isso que *criei* a Relação com outras coisas. Se não fosse para isso, vocês podiam ter continuado a viver num vácuo, num vazio, o Todo Eterno de onde vieram.

Contudo no Todo vocês *são* simplesmente e não podem *experienciar* a vossa “consciência” como *algo em particular* porque, no Todo, não há *nada que vocês não sejam*.

Assim concebi uma forma de criarem de novo, e *Saberem*, Quem Vocês São na vossa *experiência*. Fi-lo munindo-vos de:

1. Relatividade - um sistema em que podiam existir como uma coisa em relação a outra.
2. Esquecimento - um processo pelo qual se submetem voluntariamente à amnésia total, de forma a poderem *não saber* que a relatividade é um mero truque, e que vocês são Tudo.
3. Consciência - um estado de Ser no qual se desenvolvem até atingirem a consciência plena, tornando-se então um Deus Vivo e Verdadeiro, criando e experienciando a vossa própria realidade, expandindo e explorando essa realidade, modificando e recriando essa realidade ao alargarem essa consciência a novos limites - ou digamos, até *nenhum limite*.

Neste paradigma, a *Consciência é tudo*.

A consciência - aquilo de que estão verdadeiramente conscientes - é a base de toda a verdade e, assim, de toda a verdadeira espiritualidade.

Mas qual o objetivo de tudo isso? Primeiro fazes-nos esquecer Quem Nós Somos, para nos lembrarmos de Quem Nós Somos?

Não é bem isso. Para que possam criar Quem Vocês São e Quem Querem Ser. Este é o ato de Deus a ser Deus. Sou Eu a ser Eu - através de vós!

Essa é a razão de ser de toda a vida.

Através de Vós, eu *experienço* ser Quem e Aquilo que Eu Sou.

Sem vós, eu podia sabê-lo, mas não experienciá-lo.

Saber e experienciar são duas coisas diferentes. Escolherei sempre experienciar.

Na verdade, *faço-o*. Através de vós.

A CONSCIÊNCIA DE JESUS

Parece-me que me perdi da questão original.

Bom, é difícil manter Deus num só assunto. Sou um bocado expansivo. Vejamos se conseguimos voltar atrás.

Ah, sim - o que fazer quanto aos menos favorecidos.

Primeiro, decide Quem e O Que Tu És em Relação a eles.

Segundo, se decidires que desejas experienciar-te como Socorro, como Auxílio, como Amor, Compaixão e Cuidado, vê a *melhor forma de seres essas coisas*.

E repara que a tua capacidade de seres essas coisas *não tem nada a ver com o que os outros são ou fazem*.

Por vezes a melhor forma de amar alguém, e o maior auxílio que se pode dar, é deixá-los em paz ou dar-lhes força de se ajudarem a si próprios.

É como uma festa. A vida é um *smorgasbord*¹⁴, e tu podes servir-lhes uma *grande porção deles próprios*.

Lembra-te que a maior ajuda que podes prestar às pessoas é despertá-las, lembrar-lhes Quem Elas Realmente São. Há muitas maneiras de o fazer. Às vezes com uma pequena ajuda; um impulso, um empurrão, uma cotovelada... e por vezes com a decisão de os deixar prosseguir o seu curso, seguir o seu caminho, fazer a sua caminhada, sem nenhuma interferência ou intervenção tua. (Todos os pais conhecem esta escolha e se atormentam diariamente com ela).

O que tens oportunidade de fazer pelos menos favorecidos é *relembrá-los*¹⁵. Ou seja, fazer com que tenham uma Nova Disposição em relação a si próprios.

E tu, também, terás que ter uma Nova Disposição em relação a eles, pois se tu os vires como desfavorecidos, eles farão o mesmo.

O grande dom de Jesus era ver todos como realmente eram. Recusava-se a aceitar as aparências; recusava-se a acreditar no que os outros acreditavam sobre si próprios. Tinha sempre um pensamento mais elevado e convidava os outros a terem-no.

¹⁴ Palavra sueca para designar um “buffet” com grande variedade de pratos. (N. da T.)

¹⁵ Jogo de palavras entre *remind*: lembrar e *mind*: mente, disposição. (N. da T.)

Contudo também respeitava onde os outros queriam estar. Não lhes exigia que aceitassem a sua ideia mais elevada, simplesmente a oferecia como um convite.

Também tratava com compaixão - e se os outros optassem por se verem como Seres que necessitavam de assistência, não os rejeitava pela sua avaliação deficiente, mas permitia-lhes que amassem a sua Realidade - e assistia-os afetosamente na concretização da sua escolha.

Porque Jesus sabia que o caminho mais rápido para Quem Eles São era o caminho *através* de Quem Eles Não São.

Não o apelidava de caminho imperfeito nem o condenava. Via-o antes como “perfeito”, *também*, - e assim apoiava todos a serem quem realmente queriam ser.

Portanto, qualquer pessoa que pedisse ajuda a Jesus, recebia-a.

Não negava a ninguém - mas tinha sempre o cuidado de ver se a ajuda que dava apoiava o desejo total e honesto da pessoa.

Se outros buscavam verdadeiramente a Iluminação, expressando honestamente a disposição de passarem para o nível seguinte, Jesus dava-lhes a força, a coragem, a sabedoria para o fazerem. Propunha-se - como era devido - como exemplo e encorajava as pessoas, se não pudessem fazer mais nada, a terem fé *nele*. Dizia que não as desviaria do seu caminho.

Muitos puseram nele a sua fé - e ele ajuda até hoje os que chamam pelo seu nome. Porque a sua alma se comprometeu a despertar aqueles que procuram estar totalmente despertos e totalmente vivos em Mim.

No entanto, Cristo tinha piedade dos que não a tinham. Por isso rejeitava o farisaísmo e - tal como o seu Pai no Céu - nunca fazia juízos.

A ideia que Jesus tinha do Amor-Perfeito era dar a todas as pessoas exatamente o auxílio que elas pediam, depois de lhes dizer que tipo de ajuda podiam obter.

Nunca se recusava a ajudar fosse quem fosse, e ainda menos o faria na ideia de que “fizeste a cama, agora deita-te nela”.

Jesus sabia que se desse às pessoas a ajuda que pediam, em vez de apenas a ajuda que queria dar, que lhes estava a dar força ao nível a que *estavam prontas a receber essa força*.

É assim que fazem todos os grandes mestres. Aqueles que caminharam no vosso planeta no passado, e os que nele caminham presentemente.

AJUDA OFERECIDA BENÉFICA OU PREJUDICIAL

Agora estou confundido. Quando é que oferecer ajuda retira força? Quando funciona contra, em vez de a favor, do crescimento do outro?

Quando a ajuda é oferecida de maneira a criar dependência continuada, em vez de independência rápida.

Quando permites que os outros, em nome da compaixão, comecem a confiar em ti mais do que em si próprios.

Isso não é compaixão, é compulsão. Tens uma compulsão de poder. Porque esse tipo de auxílio é de facto uma rasteira a essa força. Essa distinção poder ser muito subtil, e por vezes nem sabes que estás a prejudicar a força. Acreditas realmente que estás a fazer o teu melhor para ajudar outra pessoa... mas tem cuidado para que não estejas simplesmente a procurar que outras pessoas te tornem responsável por elas, na mesma medida lhes permites que te tornem poderoso. E isso, claro, faz-te sentir digno.

Contudo, esse tipo de ajuda é *um afrodisíaco que seduz os fracos*.

O objetivo é ajudar os fracos a tornarem-se fortes, não deixar que os fracos se tornem mais fracos.

É esse o problema com muitos programas de ajuda governamental, porque muitas vezes fazem o último, em vez do primeiro. Os programas do

governo podem ser autoperpetuantes. O seu objetivo pode ser tanto justificar a própria existência quanto ajudar aqueles a quem se destinam.

Se houvesse limites à ajuda governamental, as pessoas seriam auxiliadas quando precisam genuinamente de ajuda mas não ficariam dependentes dessa ajuda, substituindo-a pela sua própria autoconfiança. Os governos entendem que o auxílio é poder. É por isso que os governos oferecem toda a ajuda a tantas pessoas quanto podem - porque quanto mais pessoas o governo auxilia, mais pessoas ajudam o governo.

Quem o governo apoia, apoia o governo.

Então não *devia* haver redistribuição da riqueza. O Manifesto Comunista é satânico.

É evidente que não *há* nenhum Satanás, mas compreendo o que queres dizer.

A ideia por detrás da frase “De cada um de acordo com as suas capacidades, a cada um de acordo com as suas necessidades” não é maligna, é bela. É simplesmente outra maneira de dizer que és o protetor do teu irmão. É a concretização dessa bela ideia que se pode tornar feia.

Partilhar tem de ser um modo de vida, não um decreto imposto pelo governo. A partilha deve ser voluntária, e não forçada.

Mas - aí vamos nós outra vez! - no melhor dos casos, o governo é o povo, e os seus programas são apenas mecanismos através dos quais o povo partilha com muitos outros, como “modo de vida”. E eu argumentaria que as pessoas, coletivamente através dos seus sistemas políticos, optaram por fazê-lo porque verificaram, e a História tem-no demonstrado, que os “que têm” não partilham com os “que não têm”.

O camponês russo podia ter esperado até as galinhas terem dentes que a nobreza russa partilhasse a sua riqueza - normalmente adquirida e avolumada através da árdua labuta dos camponeses. Aos camponeses davam apenas o suficiente para subsistirem, como “incentivo” para continuarem a trabalhar a terra - e a tornar mais

ricos os barões da terra. Falando de uma *relação de dependência*! Era o esquema de ajudo-te-se-tu-me-ajudares mais explorador e obsceno que qualquer outra coisa *jamaiz* inventada pelo governo!

Foi contra esta obscenidade que os camponeses russos se revoltaram. Da frustração do povo por os “que têm” *não* darem aos “que não têm” *de sua livre vontade* nasceu um governo que assegurava que todas as pessoas eram tratadas em pé de igualdade.

Era como dizia Maria Antonieta da multidão esfomeada e andrajosa que clamava sob a sua janela, enquanto ela se estirava numa banheira revestida a ouro sobre um pedestal cravejado de pedras preciosas, a debicar uvas importadas: “Eles que comam bolo!”

Esta é a atitude contra a qual os espezinhados se têm insurgido. Esta é a condição que provoca a revolta e a criação de governos chamados de opressão.

Os governos que tiram aos ricos para dar aos pobres são chamados opressivos, enquanto que os governos que nada fazem enquanto os ricos *exploram* os pobres são repressivos.

Perguntem aos camponeses do México, mesmo nos dias de hoje. Diz-se que vinte ou trinta famílias - a elite poderosa e rica - governam literalmente o México (principalmente por serem os donos dele!), enquanto vinte ou trinta milhões vivem na maior das privações. Por isso os camponeses em 1993-94 empreenderam uma revolta, com o objetivo de forçar o governo elitista a reconhecer o seu dever de ajudar o povo a obter os meios para uma vida digna ainda que pobre. Há uma diferença entre os governos elitistas e os governos “de, por e para o povo”.

Os governos do povo não são criados por pessoas iradas frustradas com o egoísmo básico da natureza humana? Os programas de governo não são criados como reparação para a relutância do homem em providenciar ele próprio a reparação?

Não é esta a gênese de justas leis de habitação, estatutos do trabalho infantil e programas de auxílio a mães com filhos dependentes?

A Segurança Social não foi a tentativa do governo de providenciar para os idosos algo que as suas próprias famílias não queriam ou não podiam providenciar?

Como reconciliamos o nosso ódio ao controlo governamental com a nossa falta de vontade de fazer alguma coisa que não *temos* de fazer quando não *existem* controlos?

Diz-se que alguns mineiros de carvão trabalhavam em condições horribéis antes de os governos exigirem aos proprietários das minas, podres de ricos, que limpassem as suas minas imundas. Por que é que os próprios proprietários não o faziam? Porque lhes diminuiria os lucros! E os ricos não se importavam com quantos pobres *morriam*, em minas inseguras, para que os lucros fossem fluindo - e crescendo.

Havia empresas que pagavam salários de escravo a trabalhadores principiantes antes de os governos imporem salários mínimos. Os que são a favor do regresso aos “bons velhos tempos” dizem “E depois? Davam *emprego*, não davam? E quem é que corre o risco, afinal? O trabalhador? Não! O *investidor*, o *proprietário*, corre todos os riscos! Por isso deve ser para ele a recompensa maior!”

Qualquer pessoa que considere que os trabalhadores, de cuja labuta os proprietários dependem, devem ser tratados com dignidade é apelidada de *comunista*.

A qualquer pessoa que pense que não deve ser negada habitação a alguém devido à cor da pele, chamam *socialista*.

A qualquer pessoa que pense que a uma mulher não devem ser negadas oportunidade de emprego ou promoção simplesmente por ser do sexo errado, chamam *feminista radical*.

E quando os governos, através dos seus representantes eleitos, atuam para resolver esses problemas que as pessoas de poder na

sociedade recusam resolver, esses governos são apelidados de opressivos! (Nunca pelas pessoas que ajudam, a propósito. Apenas pelas pessoas que se recusam *elas próprias* a providenciar a ajuda).

Em nenhuma outra questão isso é tão evidente como nos cuidados de saúde. Em 1992, um Presidente americano e a sua mulher decidiram que era injusto e impróprio que milhares de americanos não tivessem acesso a cuidados preventivos de saúde; essa ideia deu início a um debate sobre os serviços de saúde que catapultaram até a profissão médica e a indústria de seguros para a refrega.

A verdadeira questão não é qual das soluções era a melhor: o plano proposto pela Administração ou o plano proposto pela indústria provada.

A verdadeira questão é: *Por que não propôs a indústria privada a sua própria solução há mais tempo?*

Eu *digo-Te* porquê. Porque não *tinha* de o fazer. Ninguém se queixava. E a indústria norteava-se pelo lucro.

Lucro, lucro, lucro.

A minha questão, portanto, é esta. Podemos reclamar, chorar e queixarmo-nos tanto quanto quisermos. A verdade nua e crua é que os governos fornecem soluções quando o sector privado o não faz.

Podemos ainda alegar que os governos fazem o que estão a fazer contra a vontade do povo, mas enquanto o povo controlar o governo - como acontece em larga escala nos Estados Unidos - o governo continuará a produzir e a exigir soluções para os males sociais porque *a maioria das pessoas não são ricas nem poderosas*, e, portanto, *legisla para si próprias o que a sociedade não lhes dá voluntariamente*.

Só em países onde a maioria das pessoas não controla o governo é que o governo pouco ou nada faz quanto às desigualdades.

Portanto, eis o problema:

Que medida de governo é demais?

E que medida é de menos? E onde e como alcançamos o equilíbrio?

Bolas! Nunca te vi a falar assim! Estiveste tanto tempo em cena como em cada um dos nossos dois livros.

Tu disseste que este livro ia abordar alguns dos problemas globais e mais latos com que se defronta a família do homem. Penso que expus um dos grandes.

Sim, e eloquentemente. Toda a gente, desde Toynbee¹⁶ a Jefferson e a Marx, tenta resolvê-lo há centenas de anos.

NÃO SE PODE LEGISLAR A MORALIDADE

Então, qual é a *Tua* solução?

Vamos ter de andar para trás; vamos ter de voltar a uma área já debatida.

Vamos a isso. Talvez eu precise de ouvir a dobrar.

Comecemos então com o facto de que Eu não *tenho* “solução”. E isso porque não vejo nada disto como problemático. É apenas como é, e não tenho preferências a esse respeito. Limito-me a descrever aqui o que é observável; o que qualquer pessoa pode ver claramente.

Pronto, Tu não tens solução nem preferência. Podes apresentar-me uma observação?

¹⁶ Arnold Joseph Toynbee (1889-1975), historiador inglês, autor de “A Study of History”. (N.daT.)

Observo que o mundo ainda tem que produzir um sistema de governo que forneça uma solução total - embora o governo dos Estados Unidos seja o que mais se tenha aproximado até agora.

A dificuldade é que a bondade e a imparcialidade são questões morais e não políticas.

O governo é a tentativa humana de mandar a bondade e assegurar a imparcialidade. No entanto, há apenas um lugar onde nasce a bondade, que é no coração humano. Há um só lugar onde a imparcialidade pode ser concetualizada, que é na mente humana. Há um só lugar onde o amor pode ser verdadeiramente experienciado, que é na alma humana. Porque a alma humana é amor. Não se pode legislar a moralidade. Não se pode publicar uma lei que diga “amem-se uns aos outros”.

Agora estamos a andar em círculos, porque já passámos tudo isto em revista anteriormente. Contudo, a discussão é boa, portanto continua a trabalhar nela. Mesmo que passemos em revista o mesmo assunto duas ou três vezes, não faz mal. O que se pretende é chegar ao fundo da questão; ver como queres formulá-la agora.

Ora bem, vou fazer a mesma pergunta que fiz antes. As leis não são todas a simples tentativa do homem de codificar conceitos morais? A “legislação” não é apenas o nosso acordo combinado quanto ao que está “certo” e “errado”?

Sim. E são precisas algumas leis civis - regras e regulamentos - na vossa sociedade primitiva. (Compreendes que nas sociedades não primitivas essas leis são desnecessárias. Todos os seres se regulam a si próprios). Na vossa sociedade, ainda são confrontados com algumas questões muito elementares. Deves parar na esquina antes de avançar? Deves comprar e vender de acordo com determinadas condições? Haverá algumas restrições sobre como se comportam uns com os outros?

Mas, na verdade, mesmo estas leis básicas - proibições de assassínio, dano, fraude ou até de passar um sinal vermelho - não deviam ser necessárias e não *seriam* necessárias se todas as pessoas em toda a parte seguissem simplesmente as *Leis do Amor*.

Ou seja, a lei de Deus.

O que é preciso é um aumento de consciência, não um aumento de governo.

Queres dizer que se nos limitássemos a seguir os Dez Mandamentos estaríamos bem!

Os Dez Mandamentos são coisa que não existe. (Ver *Livro1* para uma análise completa). A lei de Deus não é Nenhuma Lei.

Isto é algo que não podes compreender.

Eu não exijo nada.

É isso que sugeres para este mundo? A anarquia total?

Não estou a sugerir nada. Apenas observo o que resulta. Estou a dizer-te o que é observável. E não, não observo que a anarquia - a ausência de governo, regras, regulamentos ou limitações de qualquer espécie - funcionasse. Esse esquema só é prático com seres avançados, que não vejo que os seres humanos sejam.

Portanto vai ser preciso algum nível de governação até a vossa raça evoluir até a um ponto em que faça naturalmente o que está naturalmente certo.

São muito sensatos em se governarem entretanto. As questões que focaste há momentos são evidentes e incontestáveis. As pessoas muitas vezes não fazem o que está certo, quando deixadas à sua vontade.

A verdadeira questão não é por que razão os governos impõem tantas regras e regulamentos às pessoas, mas sim por que *têm* os governos de as impor?

A resposta tem a ver com a vossa Consciência de Separação.

O facto de nos vermos como separados uns dos outros.

Sim.

Mas se não estamos separados, *somos* Um. E isso não significa que *somos* responsáveis uns pelos outros?

Sim.

MUDAR A NATUREZA BÁSICA DO HOMEM

Mas isso não nos retira a capacidade de alcançar a grandeza individual? Se sou responsável por todos os outros, então o Manifesto Comunista estava certo! “De cada um de acordo com as suas capacidades, a cada um de acordo com as suas necessidades”.

Essa é, como já disse, uma ideia muito nobre. Mas é-lhe retirada a nobreza quando é aplicada sem escrúpulos. Foi essa a dificuldade do comunismo. Não o conceito, mas a sua execução.

Há quem diga que o conceito *teve* de ser forçado porque o conceito viola a natureza básica do homem.

Acertaste em cheio. O que precisa de ser mudado é a natureza básica do homem. É aí que o trabalho tem de ser feito.

Para criar a mudança de consciência de que Tu falaste.

Sim.

Mas estamos a andar outra vez em círculos. Uma consciência de grupo não iria retirar capacidade de afirmação aos indivíduos?

Vejamos. Se todas as pessoas no planeta tivessem as suas necessidades de base asseguradas - se toda a população pudesse viver com dignidade e escapar da luta pela simples sobrevivência - isso não abriria o caminho para que toda a Humanidade se empenhasse em objetivos mais nobres?

A grandeza individual seria de facto eliminada se a sobrevivência individual estivesse garantida?

A dignidade universal tem de ser sacrificada à glória individual?

Que espécie de glória se obtém quando alcançada à custa de outrem? Coloquei no vosso planeta recursos mais do que suficientes para assegurar reservas adequadas para todos. Como é possível que milhares morram de fome todos os anos? Que centenas não tenham abrigo? Que milhões clamem apenas por dignidade?

O tipo de ajuda que poria fim a isto não é o tipo de ajuda que retira capacidade de afirmação.

Se os vossos abastados dizem que não querem ajudar os esfomeados e sem abrigo porque não lhes querem retirar capacidade de afirmação, então os vossos abastados são hipócritas. Porque ninguém é verdadeiramente “abastado” se prosperar enquanto outros morrem. A evolução de uma sociedade é medida pela maneira como ela trata o menor dos seus membros. Como Eu já disse, o desafio é encontrar o equilíbrio entre ajudar as pessoas e prejudicá-las.

Tens algumas orientações a sugerir?

Uma diretriz genérica poderia ser: Se tiveres dúvidas, erra sempre do lado da compaixão. O teste para saberes se estás a ajudar ou a prejudicar: Os teus semelhantes foram engrandecidos ou reduzidos em resultado da tua ajuda? Tornaste-os maiores ou menores? Mais capazes ou menos capazes?

Já foi dito que se se der tudo aos indivíduos, eles estarão menos dispostos a trabalhar para o ter.

Mas por que haviam de ter de trabalhar pela mais simples dignidade? Não há o suficiente para todos? O que é que “trabalhar para o ter” tem a ver com o resto?

A dignidade humana de base não é um direito de todos? Não devia ser?

Se alguém procura mais que os níveis mínimos - mais comida, abrigos maiores, materiais mais finos para cobrir o corpo - pode procurar alcançar esses objetivos. Mas dever-se-ia ter de lutar para sobreviver sequer - num planeta onde há mais do que suficiente para todos?

Essa é a questão central com que se confronta a Humanidade.

O desafio não é tornar todos iguais, mas sim dar a todos pelo menos a garantia da sobrevivência básica com dignidade, para que cada um possa ter a oportunidade de escolher o que mais quiser a partir daí.

A COMPAIXÃO DE DEUS E A IGNORÂNCIA HUMANA

Há quem argumente que há quem não aproveite essa oportunidade mesmo quando lhe é dada.

E observam corretamente. Isso levanta ainda uma outra questão: àqueles que não aproveitam as oportunidades que lhes apresentam, devem-lhes outra oportunidade e ainda outra?

Não.

Se eu tivesse essa atitude, vocês estariam condenados ao Inferno para sempre.

Digo-vos isto: A compaixão não tem fim, o amor nunca termina, a paciência nunca se esgota no Mundo de Deus. Só no mundo do homem a bondade é limitada.

No Meu Mundo, a bondade é interminável.

Mesmo que não a mereçamos.

Merecem-na sempre!

Mesmo que te atiremos a Tua bondade à cara?

Especialmente se o fizerem (“Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe a esquerda. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, acompanha-o durante duas.”) Quando me atiram com a Minha bondade à cara (o que, a propósito, a raça humana tem feito a Deus durante milénios), vejo que estão apenas enganados. Não sabem o que é para vosso bem. Tenho compaixão porque o vosso engano não assenta na maldade, mas na ignorância.

Mas algumas pessoas são *basicamente más*. Algumas pessoas são intrinsecamente más.

Quem te disse isso?

É o que eu observo.

Então não vês bem. Já te disse antes: Ninguém faz nada mau, tendo em conta o seu modelo do mundo.

Por outras palavras, todos fazem o melhor que podem a cada momento.

Eu disse anteriormente - a consciência é tudo. De que tens consciência? O que sabes?

Mas quando as pessoas nos atacam, nos magoam, nos prejudicam e até nos matam para os seus próprios fins, isso não é maldade?

Já te disse antes: *todo o ataque é um pedido de socorro*.

Ninguém deseja verdadeiramente prejudicar outrem. Os que o fazem - incluindo os vossos governos, a propósito - fazem-no devido a uma ideia deslocada de que é a única forma de obter algo que querem. Já delineei neste livro a suprema solução para este problema. Não queiram simplesmente nada. Tenham preferências, *não necessidades*.

Mas esse é um estado muito elevado do ser; é o lugar dos Mestres.

Em termos de geopolítica, por que não trabalhar em conjunto, como um mundo, para assegurar as necessidades mais básicas de todos?

Estamos a fazer isso - ou a tentar.

Depois destes milhares de anos de História humana, é o máximo que têm para dizer?

O facto é que mal evoluíram. Ainda funcionam numa mentalidade primitiva de “cada um por si”.

Saqueiam a Terra, extorquem-lhe os recursos, exploram as pessoas e privam sistematicamente de direitos civis os que discordam de vós por fazerem tudo isso, *chamando-lhes “radicais”*.

Fazem tudo isso pelos vossos interesses egoístas, porque desenvolveram um estilo de vida que *não podem manter de nenhuma outra forma*.

Têm de abater milhões de hectares de árvores todos os anos ou não poderão ter o jornal de domingo. *Têm* de destruir milhas da camada do ozono que cobre o vosso planeta ou não poderão ter laca para o cabelo. *Têm* de poluir os rios e correntes sem possibilidade de recuperação ou as vossas indústrias não vos darão Maior, Melhor e Mais. E *têm* de explorar os menores de entre vós - os que têm menos vantagens, os menos educados, os menos cientes - ou não poderão viver no topo da escala humana num luxo nunca visto (e desnecessário). Finalmente, terão de negar que estão a fazer isto, ou não poderão viver convosco próprios.

Não conseguem ter a coragem de “viver simplesmente, para que outros possam simplesmente viver.” Essa sabedoria de autocolante é demasiado simples para vós. É pedir demasiado. É dar demasiado. Afinal de contas, trabalharam tanto por aquilo que têm! Não vão renunciar a nada! E se o resto da raça humana - para não falar dos filhos dos vossos filhos - tiver de sofrer por isso, paciência, não é? Vocês fizeram o que tinham de fazer para sobreviver, para “se safarem” - eles podem fazer o mesmo! Afinal, é cada um por si, não é?

Há alguma saída desta embrulhada?

Sim. Tenho de dizer outra vez? *Uma mudança de consciência.* Vocês não podem resolver os problemas que flagelam a Humanidade por ação governamental ou meios políticos. Há milhares de anos que tentam isso.

A mudança que tem de ser feita só pode ser feita nos corações dos homens.

Consegues pôr a mudança que tem de ser feita numa só frase?

Já o fiz várias vezes.

Têm de deixar de ver Deus como separado de vós, e a vós como separados uns dos outros.

A única solução é a Verdade Suprema: nada existe no universo que esteja separado de qualquer outra coisa. Tudo está ligado intrinsecamente, irrevogavelmente interdependente, interativo, entretecido na trama de toda a vida.

Todo o governo, toda a política se deve basear nesta verdade. Todas as leis devem assentar nela. Esta é a esperança futura da vossa raça; a única esperança para o vosso planeta.

A LEI DO AMOR E UMA CONSCIÊNCIA GLOBAL

Como funciona a Lei do Amor de que Tu falaste anteriormente?

O amor tudo dá e de nada precisa.

Como podemos não precisar de nada?

Se todos os da tua raça dessem tudo, de que precisariam? A única razão por que precisam de alguma coisa é porque alguém está a reter. *Deixem de reter!*

Isso não funcionaria a menos que todos o fizéssemos ao mesmo tempo.

De facto, o que é preciso é uma consciência global.

Mas, como surgirá? *Alguém tem de começar.*

Tens aqui a oportunidade.

Podes ser tu a origem dessa Nova Consciência.

Podes ser a inspiração.

Na verdade, *tens* de ser.

Tenho?

Quem mais há?

CAPÍTULO 13

SER UMA LUZ NO MUNDO

Como hei-de começar?

Sê uma luz para o mundo, e não o prejudiques. Procura construir e não destruir.

Traz o Meu povo para casa.

Como?

Pelo teu exemplo iluminador. Busca apenas a Divindade. Fala apenas em verdade. Age apenas em amor.

Vive a Lei do Amor agora e para todo o sempre. Dá tudo, não precisas de nada.

Evita o mundano.

Não aceites o inaceitável.

Ensina todos os que procuram aprender sobre Mim.

Torna cada momento da tua vida uma efusão de amor.

Usa cada momento para teres o pensamento mais elevado, dizeres a palavra mais elevada, executares o ato mais elevado. Nisso, glorifica o teu Ser Sagrado, e assim também Me glorificarás.

Traz paz à Terra trazendo paz a todos aqueles cujas vidas tocas.

Sê a paz.

Sente e expressa cada momento a tua Divina Ligação com o Tudo, e com todas as pessoas, lugares e coisas.

Aceita todas as circunstâncias, reconhece todas as faltas, partilha todas as alegrias, contempla todos os mistérios, põe-te no lugar de todos

os homens, perdoa todas as ofensas (incluindo as tuas), sara todos os corações, honra a verdade de todas as pessoas, adora o Deus de todas as pessoas, protege os direitos de todas as pessoas, preserva a dignidade de todas as pessoas, promove os interesses de todas as pessoas, provê às necessidades de todas as pessoas, presume a santidade de todas as pessoas, exhibe os maiores dons de todas as pessoas, apresenta a bênção de todas as pessoas e proclama como seguro o futuro de todas as pessoas na certeza do amor de Deus.

Sê um exemplo vivo da Suprema Verdade que reside em ti.

Fala humildemente de ti próprio, para que ninguém interprete a tua Verdade Suprema como jactância.

Fala baixo, para que ninguém pense que estás apenas a chamar a atenção.

Fala suavemente, para que todos fiquem a conhecer o Amor.

Fala abertamente, para que ninguém pense que tens algo a esconder.

Fala francamente, para não seres mal interpretado.

Fala frequentemente, para que a tua palavra seja verdadeiramente divulgada.

Fala respeitosamente, para que ninguém seja desrespeitado.

Fala afetuosamente, para que cada sílaba possa sarar.

Fala de Mim em cada alocução.

Torna a tua vida uma dádiva. Lembra-te sempre, tu és a dádiva!

Sê uma dádiva para todos os que entram na tua vida, e para todos em cujas vidas entras. Tem o cuidado de não entrares na vida de outra pessoa se não puderes ser uma dádiva.

(Podes sempre ser uma dádiva, porque és sempre a dádiva - contudo por vezes não te permites sabê-lo).

Quando alguém entra na tua vida inesperadamente, procura a dádiva que essa pessoa veio receber de ti.

Que forma extraordinária de o exprimir.

Por que outra razão pensas que uma pessoa vem até ti?

Digo-te: todas as pessoas que já vieram até ti vieram receber uma dádiva tua. Ao fazê-lo, oferece-te uma dádiva - a dádiva de experienciares e realizares Quem Tu És.

Quando vires esta simples verdade, quando a compreenderes, verás a maior de todas as verdades:

NADA VOS ENVIEI

SENÃO ANJOS

CAPÍTULO 14

AJUDAR OU DEIXAR EM PAZ

Estou baralhado. Podemos voltar um bocadinho atrás? Parece haver dados contraditórios. Achei que estavas a dizer que por vezes a melhor ajuda que podemos dar às pessoas é deixá-las em paz. Depois pareceu-me que estavas a dizer que nunca devemos deixar de ajudar alguém quando vemos que essa pessoa precisa de ajuda. Essas duas frases parecem estar em contradição.

Deixa-Me clarificar o teu raciocínio nesse ponto.

Nunca ofereças o tipo de ajuda que retira capacidade de afirmação. Nunca insistas em oferecer a ajuda que pensas ser necessária. Deixa que a pessoa ou pessoas necessitadas conheçam tudo o que tens para dar - depois escuta o que elas querem; vê o que estão aptas a receber.

Oferece a ajuda que é desejada. Com frequência, a pessoa ou pessoas dirão, ou demonstrarão pelo seu comportamento, que apenas desejam que as deixem em paz. Não obstante o que pensas que gostarias de dar, deixá-las em paz pode ser a Dádiva Suprema que podes oferecer.

Se, posteriormente, outra coisa for pretendida ou desejada, farão com que repares se a podes dar. Se assim for, dá-a.

No entanto, esforça-te por não dares nada que retire capacidade de afirmação. O que retira capacidade de afirmação é aquilo que promove ou produz dependência.

Na verdade, há *sempre* uma forma de ajudares os outros que também lhes dá capacidade de afirmação.

Ignorar completamente as dificuldades de outra pessoa que procura verdadeiramente a tua ajuda não é resposta, porque fazer de menos não potencia mais a capacidade de afirmação do outro que fazer demais. Para ter uma consciência superior, não podes ignorar deliberadamente uma situação genuinamente grave de irmãos ou irmãs, alegando que deixá-los

“amanharem-se” é a maior dádiva que lhes podes proporcionar. Essa atitude é o farisaísmo e a arrogância ao mais alto nível. Apenas te permite justificar o teu não envolvimento.

Chamo-te novamente a atenção para a vida de Jesus e para os seus ensinamentos.

Porque foi Jesus que vos disse que Eu diria aos à Minha direita, Vinde, benditos entre os Meus filhos, e recebei em herança o reino que mandei preparar para vós.

Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me.

Estava nu e destes-Me de vestir; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter Comigo.

E eles dir-Me-ão, Senhor, quando foi que Te vimos com fome, e Te demos de comer? Ou com sede, e Te demos de beber? Quando Te vimos peregrino e Te recolhemos? Ou nu, e Te vestimos? E quando Te vimos doente, ou na prisão, e fomos visitar-Te?

E eu lhes responderei, dizendo:

Em verdade vos digo - Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes.

Esta é a Minha verdade, e permanece através dos tempos.

CAPÍTULO 15

DECLARAÇÃO

Eu amo-Te, sabes disso?

Eu sei que amas. E eu a ti.

CAPÍTULO 16

AMBIENTE E AGRICULTURA

Já que estamos a discutir aspetos mais alargados da vida numa escala planetária, e a rever alguns elementos das nossas vidas individuais que foram inicialmente explorados no *Livro 1*, gostava de Te perguntar sobre o ambiente.

O que queres saber?

Está mesmo a ser destruído, como alegam alguns ambientalistas, ou essas pessoas são simplesmente radicais deslumbrados, comunistas liberais, que se formaram em Berkeley e fumam erva?

Sim a ambas as perguntas.

O quêêêêê...?

Estou a brincar. Pronto, sim à primeira pergunta, não à segunda.

A camada do ozono *está* diminuída? A floresta virgem *está* a ser dizimada?

Sim. Mas não se trata apenas dessas coisas óbvias. Há questões menos óbvias com que vocês deviam estar preocupados.

Dá-me uma ajuda.

Bem, por exemplo, há uma crescente falta de solos no vosso planeta. Ou seja, estão a ficar sem boa terra onde cultivar alimentos. Isto porque o solo precisa de tempo para se reconstituir, e as vossas empresas agrícolas não têm tempo. Querem terra que produza, produza, produza. Portanto, a prática secular de alternar os campos de cultivo de uma estação para outra

está a ser abandonada ou encurtada. Para compensar a falta de tempo, despejam químicos na terra para a tornar fértil mais depressa. Mas aí, como em todas as coisas, não conseguem desenvolver um substituto artificial da Mãe Natureza que se aproxime sequer de fornecer o que Ela fornece.

O resultado é que estão a reduzir a apenas algumas polegadas, de facto, nalguns locais, as reservas da camada superior nutritiva do solo. Por outras palavras, estão a cultivar cada vez mais alimentos em solos que têm cada vez menos teor nutritivo. Sem ferros. Sem minerais. Nada que contam que o solo forneça. Pior ainda, estão a comer alimentos cheios dos produtos químicos que lançaram no solo na tentativa desesperada de o reconstituir. Apesar de não provocarem danos aparentes no corpo a curto prazo, descobrirão para vossa infelicidade que, a prazo, esses resíduos químicos, que permanecem no organismo, não são saudáveis.

Este problema da erosão do solo devido à acelerada rentabilização dos campos de cultivo não é algo de que a maior parte das pessoas esteja consciente, nem o declínio da reserva de solo cultivável é uma fantasia inventada pelos ambientalistas “yuppie”¹⁷ que procuram uma causa na moda. Perguntem a qualquer cientista da Terra e terão muito que ouvir. É um problema de proporções epidémicas; é mundial e é grave. Este é apenas um exemplo das muitas formas como estão a danificar e a exaurir a vossa Mãe, a Terra, a dadora de toda a vida, com total desprezo pelas suas necessidades e processos naturais.

Vocês estão preocupados com pouco mais no vosso planeta que a satisfação das vossas próprias paixões, o preenchimento das vossas próprias necessidades imediatas (e na maior parte, empoladas), e em saciar o inesgotável desejo humano de Maior, Melhor e Mais. No entanto, enquanto espécie, não vos faria mal perguntar quando bastará.

Por que não escutamos os nossos ambientalistas? Por que não atendemos aos seus avisos?

¹⁷ *Yuppie* - jovem licenciado, com uma profissão altamente remunerada, que vive e trabalha numa grande cidade. (N. da T.)

Nisso, como em todos os assuntos realmente importantes que afetam a qualidade e o estilo de vida no vosso planeta, há um padrão facilmente discernível. Instituíram uma frase no vosso planeta que responde a essa pergunta na perfeição. “Sigam a pista do dinheiro.”

DINHEIRO, SEXUALIDADE E ARTIMANHAS

Como podemos esperar alguma vez resolver estes problemas se lutamos contra algo tão sólido e insidioso como isso?

Simples. Eliminem o dinheiro.

Eliminar o dinheiro?

Sim. Ou, no mínimo dos mínimos, eliminem a sua invisibilidade.

Não compreendo.

A maioria das pessoas esconde as coisas de que tem vergonha ou que não quer que os outros saibam. É por isso que um grande número esconde a sexualidade, e é por isso que quase todos escondem o dinheiro. Quer dizer, não são abertos em relação a ele. Consideram o dinheiro como um assunto muito particular. E reside aí o problema.

Se todos soubessem tudo sobre a situação monetária de toda a gente, haveria uma revolução no vosso país e no vosso planeta, como nunca se viu. E no rescaldo haveria justiça e igualdade, honestidade e verdadeira prioridade ao bem comum na condução dos assuntos humanos.

Agora não é possível trazer justiça ou igualdade, honestidade ou bem comum à praça pública porque o dinheiro é tão fácil de esconder. De facto, pode-se pegar nele e escondê-lo fisicamente. Também existem inúmeras formas pelas quais os contabilistas criativos conseguem que o dinheiro das empresas esteja “escondido” ou que “desapareça”. Como o dinheiro pode

ser escondido, não há maneira de alguém saber exatamente quanto outra pessoa tem ou o que faz com ele. Isto torna possível a existência de um excesso de injustiça, para não dizer de hipocrisia. As empresas podem pagar a duas pessoas salários completamente diferentes por fazer o mesmo trabalho, por exemplo. Podem pagar a uma pessoa 57 mil dólares por ano e à outra 42 mil, por desempenharem funções exatamente idênticas, dando a um empregado mais do que ao outro simplesmente porque o primeiro tem uma coisa que o segundo não tem.

O que é?

Um pénis.

Oh.

Sim. Oh, de facto.

Mas Tu não entendes. Ter um pénis torna o primeiro empregado mais valioso que o segundo; de compreensão mais rápida, bastante mais inteligente e, evidentemente, mais capaz.

Hum. Não me lembro de vos construir assim. Quero dizer, tão desiguais em termos de capacidades.

Mas fizeste, e admira-me que não o saibas. Toda a gente neste planeta o sabe.

É melhor pararmos com isto, ou as pessoas julgarão que estamos mesmo a falar a sério.

Quer dizer que Tu não estás? Olha, nós estamos! As pessoas deste planeta estão. É por isso que as mulheres não podem ser padres Católicos Romanos nem Mórmons, ou ir ao lado errado do Muro das Lamentações em Jerusalém, ou ascender à função de topo nas 500 companhias da Fortune, ou pilotar aviões de passageiros, ou...

Sim, estamos a perceber onde querem chegar. E a *Minha* questão é que a discriminação salarial, pelo menos, seria muito mais difícil de escapar se todas as transações monetárias se tomassem visíveis, em vez de ocultas. Imaginas o que aconteceria em todos os locais de trabalho do globo se todas as companhias fossem obrigadas a publicar todos os salários de todos os empregados? Não as *tabelas* salariais para determinadas categorias profissionais, mas a *remuneração real atribuída* a cada indivíduo.

Acabavam-se os “dois pesos e duas medidas”.

Exato.

E acabava-se o “Quanto menos ele souber, melhor”.

Exato.

E lá ia o “Eh pá, se podemos tê-la por menos um terço, por que havemos de pagar mais?”

Hum, hum.

E acabava-se a subserviência, e dar graxa ao chefe, e as posições de vantagem, e a política da empresa, e...

E muito, muito mais desapareceria do local de trabalho, e do mundo, através do simples expediente de pôr a pista do dinheiro a descoberto.

Pensa nisso.

Se soubessem exatamente quanto dinheiro tem cada um e os ganhos reais de todas as vossas indústrias e empresas e de cada um dos seus executivos - bem como cada pessoa e empresa *utiliza* o dinheiro que tem - não achas que isso mudaria as coisas?

A verdade nua e crua é que as pessoas nunca aturariam 90 por cento do que se passa no mundo se *soubessem* o que se passa.

A sociedade nunca sancionaria a distribuição de riqueza extraordinariamente desproporcionada, muito menos a forma como é usada para ganhar mais, se os factos fossem conhecidos, específica e imediatamente, por todas as pessoas em toda a parte.

Nada conduz mais depressa a um comportamento apropriado do que a exposição à luz do escrutínio público. Por isso as vossas chamadas “Sunshine Laws”¹⁸ foram tão eficazes no esclarecimento de parte da terrível baralhada do vosso sistema político e governativo. As audiências públicas e a responsabilização pública muito fizeram para eliminar o tipo de artimanhas de bastidores que ocorriam nos anos vinte, trinta, quarenta e cinquenta nas vossas câmaras municipais, administrações das escolas e recintos políticos - e também no governo nacional.

Agora é altura de trazer alguma “luz do sol” à forma como lidam com a remuneração de bens e serviços no vosso planeta.

SISTEMA MONETÁRIO TRANSPARENTE E A VISIBILIDADE

Que estás a sugerir?

Não é uma sugestão, é um desafio. Desafio-vos a deitarem fora todo o vosso dinheiro, todos os vossos papéis e moedas e moedas nacionais individuais, e a começarem de novo. Criem um sistema monetário internacional inteiramente aberto, totalmente transparente, imediatamente localizável, completamente justificável. Estabeleçam um Sistema de Compensação Mundial através do qual as pessoas recebam Créditos por serviços prestados e produtos produzidos, e Débitos por serviços utilizados e produtos consumidos.

Seria tudo pelo sistema de Créditos e Débitos. Lucros de investimentos, heranças, ganhos de apostas, salários e vencimentos, gorjetas e gratificações, tudo. E nada poderia ser comprado sem Créditos.

¹⁸ *Sunshine law* - proibição ou restrição de reuniões fechadas de órgãos legislativos e executivos, por vezes permitindo o acesso público a registos. (N. da T.)

Não haveria outra moeda negociável. E os registos de todos estariam abertos a todos os outros.

Diz-se, mostrem-me a conta bancária de um homem e eu mostrar-vos-ei o homem. Este sistema aproxima-se desse cenário. As pessoas saberiam, ou pelo menos poderiam saber, muito mais sobre ti do que sabem agora. Mas não só saberiam mais acerca uns dos outros; saberiam mais acerca de *tudo*. Mais sobre o que as empresas pagam e gastam - e qual a sua despesa num artigo, bem como o preço. (Imaginas o que as empresas fariam se tivessem que pôr dois valores em cada etiqueta - o preço e o seu custo? O que os preços desceriam! Isso aumentaria a concorrência e impulsionaria o comércio justo? Nem sequer podes imaginar as consequências de tal coisa.)

Ao abrigo do novo Sistema de Compensação Mundial, SCM, a transferência de Débitos e Créditos seria imediata e totalmente transparente. Ou seja, toda e qualquer pessoa poderia inspecionar a conta de outra pessoa ou organização em qualquer altura. Nada seria mantido em segredo, nada seria “particular”.

O SCM deduziria anualmente dez por cento de todos os ganhos dos rendimentos de quem solicitasse *voluntariamente* essa dedução. Não haveria imposto sobre o rendimento, nem impressos a preencher, nem deduções a calcular, nem “fugas” a construir nem encobrimentos a fabricar! Uma vez que todos os registos seriam abertos, toda a gente na sociedade poderia verificar quem optava por deduzir os 10 por cento para o bem comum de todos e quem não o fazia. Essa dedução voluntária destinar-se-ia a apoiar todos os programas e serviços do governo, por quem o povo tivesse votado.

Todo o sistema seria muito simples, muito transparente.

O mundo nunca concordaria com tal coisa.

Claro que não. E sabes porquê? Porque um sistema desses tornaria impossível que alguém fizesse qualquer coisa que não quisesse que os outros soubessem. Mas por que se havia de querer fazer uma coisa dessas? Eu digo-te porquê. Porque, presentemente, vocês vivem num sistema

social interativo baseado em “servir-se”, “ganhar vantagem”, “aproveitar ao máximo”, e “a sobrevivência dos supostamente mais aptos”.

Quando a meta e o objetivo principal da vossa sociedade (como em todas as sociedades verdadeiramente iluminadas) for a sobrevivência de todos; o benefício, igual, de *todos*; providenciar uma vida boa para *todos*, a vossa necessidade de secretismo, os procedimentos ocultos, as manipulações por baixo da mesa e o dinheiro que se pode esconder desaparecerão.

Compreendes quanta *corrupção* à moda antiga, para não falar de injustiças e desigualdades menores, seria eliminada através da aplicação de um tal sistema?

O segredo, o lema aqui, é a visibilidade.

Caramba. Que conceito. Que ideia. Visibilidade absoluta na condução dos nossos assuntos monetários. Estou a tentar encontrar uma razão pela qual isso fosse “errado”, pela qual não estivesse “certo”, mas não encontro nenhuma.

Claro que não, *porque não tens nada a esconder*. Mas imaginas o que as pessoas de dinheiro e poder no mundo fariam, e como gritariam, se pensassem que cada movimentação, cada compra, cada venda, cada procedimento, cada ação empresarial, opção de preços e negociação salarial, cada decisão fosse qual fosse podia ser revista por *qualquer pessoa*, olhando simplesmente para a última linha?

Digo-te o seguinte: *nada* origina a justiça mais depressa que a *transparência*.

Visibilidade é simplesmente outra palavra para *verdade*.

Conhece a verdade, e a verdade libertar-te-á.

Os governos, as empresas e as pessoas no poder sabem isso, razão pela qual nunca permitirão que a verdade - a verdade nua e crua - seja a base de qualquer sistema político, social ou económico que imaginem.

Nas sociedades iluminadas *não há segredos*. Todas as pessoas sabem o que todas as outras têm, o que todas as outras ganham, o que todas as

outras pagam em salários, impostos e benefícios, o que todas as empresas cobram, compram e vendem e por quanto e com que lucro e tudo. TUDO.

Sabes por que razão isto é possível apenas nas sociedades iluminadas? Porque ninguém nas sociedades iluminadas está disposto a obter qualquer coisa, ou a ter qualquer coisa, *à custa de outrem*.

É uma maneira radical de viver.

Parece radical nas sociedades primitivas, sim. Nas sociedades iluminadas parece obviamente adequada.

Estou intrigado com esse conceito de “visibilidade”. Pode estender-se além dos assuntos monetários? Poderia ser um lema também para as nossas relações pessoais?

Seria de esperar que sim.

No entanto não é.

Em regra, não. Ainda não, no vosso planeta. A maior parte das pessoas ainda tem muito que esconder.

Porquê? De que se trata?

Nas relações pessoais (e em todas as relações, na verdade) trata-se de perda. Trata-se de ter medo do que se possa perder ou deixar de ganhar. No entanto as melhores relações pessoais, e certamente as melhores relações românticas, são aquelas em que todos sabem tudo; em que a visibilidade não só é o lema, mas a única palavra; na qual simplesmente não há segredos. Nessas relações nada é ocultado, nada é encoberto, nem colorido, nem escondido ou disfarçado. Nada é omitido ou calado. Não há adivinhação, não há jogadas; ninguém “dá baile”, nem lixa os outros, nem é paternalista.

Mas se todos soubessem tudo o que pensamos...

Calma. Não se trata de não ter privacidade mental, nenhum espaço seguro para se movimentarem no vosso processo pessoal. Não é disso que estou a falar.

Trata-se simplesmente de ser aberto e honesto no procedimento com os outros. Trata-se simplesmente de dizer a verdade quando se fala e não omitir a verdade quando se sabe que deve ser dita.

Trata-se de nunca mais mentir, ou encobrir, ou manipular verbal ou mentalmente, nem deformar a verdade das mil e uma formas que tipificam o maior número das comunicações humanas.

Trata-se de dizer as coisas como são, chamá-las pelo nome. Trata-se de assegurar que todos os indivíduos têm todos os dados e sabem tudo o que precisam de saber sobre determinado assunto. Trata-se de imparcialidade e abertura e, bem... visibilidade.

Mas não significa que cada pensamento, cada receio privado, cada memória sombria, cada juízo, opinião ou reação passageiros tenham que ser postos na mesa para discussão e análise. Isso não é visibilidade, é loucura, e enlouquecer-vos-ia.

Estamos a falar de comunicação simples, direta, franca, aberta, honesta e completa. Mas, mesmo assim, é um conceito extraordinário e pouco utilizado.

Bem podes dizê-lo.

Mas, mesmo assim, é um conceito extraordinário e pouco utilizado.

Devias ter ido para o teatro de “vaudeville”.

Estás a brincar? Eu estou.

Agora a sério, é uma ideia magnífica. Imagina uma sociedade inteira construída em redor do Princípio da Visibilidade. Tens a certeza que funcionaria?

Vou dizer-te uma coisa. Metade dos males do mundo desapareceria amanhã. Metade das preocupações, metade dos conflitos, metade da ira, metade da frustração do mundo...

Oh, haveria ira e frustração de início, não tenhas dúvidas. Quando se descobrisse finalmente até que ponto a pessoa vulgar é usada como um artigo descartável, manipulada, quanto lhe mentem e é defraudada, haveria muita frustração e ira. Mas a “visibilidade” faria desaparecer quase tudo em 60 dias.

Faço-vos mais uma vez o convite - pensem nisso.

Acham que podiam viver uma vida como essa? Sem mais segredos? Visibilidade absoluta?

Se não, porquê?

O que estão a ocultar aos outros que não queiram que eles saibam? O que estão a dizer a alguém que não seja verdade?

O que não estão a dizer a alguém que seja?

Mentir por omissão ou comissão trouxe o vosso mundo para onde realmente querem que ele esteja? A manipulação (da praça pública, de uma determinada situação ou simplesmente de uma pessoa) através do silêncio e do secretismo beneficiou-nos verdadeiramente? A “privacidade” é de facto o que faz funcionar as nossas vidas governamentais, das empresas e individuais?

Que aconteceria se toda a gente pudesse ver tudo?

Há aqui uma certa ironia. Não veem que esta é a coisa que mais temem em relação ao vosso primeiro encontro com Deus? Não percebem que aquilo de que têm tido medo é de que se tenha acabado o jogo, que tenha terminado a farsa e que o interminável rasto de falsidades, grandes e pequenas, chegou -literalmente - a um beco *sem saída*?

Mas a boa notícia é que não há motivo para receios, não há razão para ter medo. Ninguém vos vai julgar, ninguém vai fazer com que estejam “errados”, ninguém vos vai lançar ao eterno fogo do Inferno.

(E quanto a vós Católicos Romanos, não, nem sequer irão para o Purgatório).

(E quanto a vós, Mórmons, não, não ficarão presos para sempre no céu inferior, impossibilitados de aceder ao “céu superior”, nem serão classificados como Filhos da Perdição e banidos para sempre para domínios desconhecidos).

(E para vós...)

Bem, para bom entendedor... Cada um de vós construiu, no âmbito da sua teologia em particular, alguma ideia, algum conceito do Pior Castigo de Deus. E detesto ter de vos dizer isto, porque vejo o gozo que vos dá todo esse drama, mas, ora bem... *não existe tal coisa*.

Talvez quando perderem o medo de que a vossa vida se torne totalmente visível no momento da vossa morte, consigam ultrapassar o medo de que a vossa vida se torne totalmente visível *enquanto estão a vivê-la*.

Isso é que havia de ser...

Era, não era? Pois aqui têm a fórmula para vos ajudar a começar. Voltem ao princípio deste livro e revejam os *Cinco Níveis de Dizer a Verdade*. Decidam memorizar o modelo e aplicá-lo. Procurem a verdade, digam a verdade, vivam a verdade todos os dias. Façam isto convosco e com todas as pessoas cujas vidas tocarem.

Depois preparem-se para estar nus. Aguardem a *visibilidade*.

Isto mete medo. Mete mesmo medo.

Procura ver de que tens medo.

Tenho medo que toda a gente saia da sala. Tenho medo de que ninguém goste mais de mim.

Estou a ver.

Achas que tens de mentir para que as pessoas gostem de ti?

Não é exatamente mentir. Apenas não lhes dizer *tudo*.

Lembra-te do que te disse antes. Não se trata de desbobinar todo o sentimentozinho, pensamento, ideia, medo, memória, confissão ou seja o que for. Trata-se simplesmente de dizer sempre a verdade, mostrando-te completamente. Com o teu ente mais amado consegues estar nu fisicamente, não consegues?

Sim.

Então por que não estar nu emocionalmente também?

O segundo é muito mais difícil que o primeiro.

Isso compreendo. Mas, contudo, não deixa de ser recomendável, porque são grandes as recompensas.

Não há dúvida que abordaste algumas ideias interessantes. Abolir as intenções ocultas, construir uma sociedade à base da visibilidade, dizer sempre a verdade a toda a gente sobre tudo. Caramba!

Com base nestes poucos conceitos têm sido construídas sociedades inteiras. Sociedades iluminadas.

Não encontrei nenhuma.

Não estava a falar do vosso planeta.

Ah.

Nem sequer do vosso sistema solar.

Aaah.

Mas não têm de sair do planeta nem da vossa casa para começarem a experienciar como seria um sistema de Novo Pensamento como este. Comecem na vossa própria família, na vossa própria casa. Se são proprietários de um negócio, comecem na vossa empresa. Digam a toda a gente da firma exatamente quanto ganham, o que ganha e gasta a empresa, e quanto ganha cada um dos empregados. Vão chocá-los para fora do Inferno¹⁹. Digo-o no sentido literal. Irão chocá-los mesmo para fora do Inferno. Se todos os que possuem uma empresa fizessem isto, o trabalho deixaria de ser um inferno para tantos porque haveria automaticamente um maior sentido de igualdade, imparcialidade e compensação adequada no local de trabalho.

Digam aos vossos clientes exatamente quanto vos custa fornecer um produto ou serviço. Ponham esses dois valores na etiqueta: o vosso custo e o vosso preço. Continuam orgulhosos do que estão a pedir? Encontram algum receio de que alguém pense que o estão a “esfolar” se soubesse a vossa relação custo/preço? Se assim for, procurem ver que tipo de adaptação querem fazer nos vossos preços para os repor no campo da justiça básica, em vez do “aproveita o mais que podes enquanto podes”.

Desafio-vos a fazer isso. Desafio-vos.

Exigirá uma mudança completa do modo de pensar. Terão de se preocupar tanto com os vossos clientes ou fregueses como convosco.

Sim, podem começar a construir esta Nova Sociedade agora mesmo, aqui mesmo, hoje. A escolha é vossa. Podem continuar a apoiar o antigo sistema, o paradigma atual ou podem iluminar o trilho e mostrar ao vosso mundo um novo caminho.

Podem *ser* esse novo caminho. Em tudo. Não só nos negócios, não só nas relações pessoais, não só na política, na economia, na religião ou neste ou naquele aspeto da experiência global da vida, mas em *tudo*.

Sejam o novo caminho. Sejam o caminho mais elevado.

Sejam o caminho mais grandioso. Poderão então dizer verdadeiramente, *Eu sou o caminho e a vida. Segui-me*.

¹⁹ Jogo de palavras com *to shock the hell out of*: pôr em estado de choque. (N. da T.)

Se o mundo inteiro vos seguisse, ficariam satisfeitos com onde o levariam?

Que seja esta a vossa pergunta do dia.

CAPÍTULO 17

GOVERNO, TRIBUNAL E FORÇA MUNDIAL

Oigo o Teu desafio. Ouço-o. Por favor diz-me mais sobre a vida neste planeta numa escala mais grandiosa. Diz-me como as nações se podem entender entre si para que “nunca mais haja guerra”.

Haverá sempre desentendimentos entre as nações, porque o desacordo é apenas um sinal - e saudável - de individualidade. A *resolução violenta* dos desentendimentos, no entanto, é um sinal de imaturidade extraordinária.

Não há nenhuma razão no mundo para que a resolução violenta não possa ser evitada, em face da vontade das nações em a evitar.

Seria de julgar que a pesada taxa de mortes e vidas destruídas seria o suficiente para produzir essa vontade, mas em culturas primitivas como a vossa, isso não acontece.

Enquanto pensarem que podem ganhar uma discussão, irão tê-la. Enquanto pensarem que podem ganhar uma guerra, irão travá-la.

Qual é a resposta para tudo isto?

Não tenho uma resposta, tenho apenas...

Eu sei, eu sei! Uma observação.

Sim. Observo agora o que observei antes. Uma resposta a curto prazo podia ser estabelecer o que alguns chamaram um governo mundial único, com um tribunal mundial para resolver disputas (um tribunal cujos vereditos não possam ser ignorados, como acontece no Tribunal Mundial atual) e uma força mundial de manutenção da paz para garantir que nenhuma nação - por mais poderosa ou influente - possa jamais agredir outra.

Mas compreendo que possa continuar a haver violência sobre a Terra. A força de manutenção da paz pode ter de usar a violência para conseguir que alguém pare de o fazer.

Como salientei no *Livro1*, não impedir um déspota de continuar é dar força ao déspota. Por vezes a única maneira de *evitar* a guerra é *fazer* a guerra. Por vezes tens que fazer o que não queres fazer para assegurares que não vais ter de continuar a fazê-lo! Esta contradição aparente faz parte da Dicotomia Divina, que diz que por vezes a única forma de *Ser* finalmente uma coisa - neste caso, “pacífico” - pode ser, de início, *não* o ser!

Por outras palavras, muitas vezes a única maneira de te conheceres a ti próprio como Aquilo Que És é experienciáres-te como Aquilo Que *Não* És.

É uma verdade patente que o poder no teu mundo não pode continuar a residir desproporcionalmente numa qualquer nação individual, mas deve estar nas mãos de todo o grupo de nações existentes no planeta. Só dessa forma o mundo poderá finalmente ter paz, apoiado no conhecimento inabalável de que nenhum déspota - por muito grande e poderosa que seja a sua nação individual - poderá jamais prejudicar os territórios de outra nação, ou ameaçar as suas liberdades.

As nações mais pequenas não precisarão mais de depender da boa vontade das maiores, tendo muitas vezes de vender baratos os seus recursos e ceder as suas melhores terras para bases militares estrangeiras para a obter. Neste novo sistema, a segurança das nações mais pequenas será garantida não por aqueles a quem servem, mas por quem as apoia.

As 160 nações erguer-se-iam se uma fosse invadida. As 160 nações diriam Não! se uma nação fosse violada ou ameaçada de qualquer modo.

Da mesma maneira, as nações não mais seriam ameaçadas economicamente, sujeitas a chantagem para adotarem determinadas linhas de atuação pelos seus parceiros comerciais de maior dimensão, obrigadas a cumprir certas “linhas orientadoras” para receberem ajuda externa, ou mandatadas para agir de determinadas formas para se qualificarem para a simples assistência humanitária.

No entanto, alguns dentre vós argumentariam que um sistema de governação global como esse reduziria a independência e a grandeza das nações individuais. Na verdade, *aumentá-las-ia* - e é precisamente isso que as nações maiores, cuja independência é assegurada pelo poder, não pela lei nem pela justiça, receiam. Porque então deixariam as nações maiores de impor automaticamente a sua vontade, passando a ser ouvidas equitativamente as considerações de todas as nações. E as nações maiores não mais poderiam controlar e acumular a maior parte dos recursos mundiais, mas teriam de os dividir mais equitativamente, torná-los mais prontamente acessíveis, distribuir os seus benefícios mais uniformemente a *todas* as pessoas do mundo.

Um governo mundial nivelaria o terreno - e esta ideia, embora dirigida ao centro do debate sobre a dignidade humana de base, é um anátema para os “que têm” do mundo, que querem que os “que não têm” vão em busca das suas *próprias* fortunas - ignorando, é claro, o facto de que os “que têm” *controlam* tudo o que os outros buscariam.

No entanto, parece que estamos a falar de redistribuição de riqueza. Como é que podemos manter o incentivo dos que *querem* mesmo mais, e estão dispostos a trabalhar para isso, se souberem que têm de partilhar com os que não estão na disposição de trabalhar tanto?

Primeiro, não é meramente uma questão dos que querem “trabalhar muito” e dos que não querem. Isso é uma maneira simplista de apresentar o argumento (normalmente construído dessa forma pelos “que têm”). É mais frequentemente uma questão de oportunidade do que de vontade. Assim, a verdadeira tarefa, e a primeira na reestruturação da ordem social, é assegurar que cada pessoa e cada nação tenham *oportunidades* iguais.

Isso nunca pode acontecer enquanto os que atualmente possuem e controlam a maior parte da riqueza e recursos mundiais mantiverem firmemente esse controlo.

Sim. Mencionei o México, e sem querer “deitar abaixo as nações”, penso que esse país dá um excelente exemplo disso. Uma mão cheia de famílias ricas e poderosas controla a riqueza e os recursos de toda

a nação - e fazem-no há 40 anos. As “eleições” nessa suposta Democracia Ocidental são uma farsa, porque as mesmas famílias controlam o mesmo partido político, há décadas, assegurando que não haja virtualmente oposição séria. Resultado? “Os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres”.

Se os salários sobem de 1.75 dólares para uns exorbitantes 3.15 dólares por hora, os ricos apontam para o que têm feito pelos pobres criando emprego e oportunidade de progresso económico. No entanto, os únicos que fazem progressos apreciáveis são os ricos - os industriais e empresários que vendem os seus artigos nos mercados nacional e mundial com enormes lucros, dado o baixo custo da mão-de-obra.

Os ricos da América sabem que isto é verdade - razão pela qual muitos dos ricos e poderosos da América estão a reconstruir as suas instalações e fábricas no México e noutros países estrangeiros onde salários de escravatura são considerados uma magnífica oportunidade para os camponeses. Entretanto, esse pessoal trabalha em condições anti-higiénicas e de total insegurança, mas o governo local - controlado pelos mesmos que colhem os lucros dessas iniciativas - impõe poucos regulamentos. As normas de higiene, segurança e proteção ambiental são praticamente inexistentes no local de trabalho.

Não há cuidados com as pessoas, nem com a terra, na qual lhes pedem para viver em barracas de papel junto de ribeiros onde lavam a roupa e nos quais por vezes defecam - porque a canalização interior frequentemente não faz parte das suas dignidades.

O que é criado por tal desprezo crasso pelo povo é uma população que não pode comprar os próprios produtos que fabrica. Mas os ricos proprietários das fábricas não se importam. Podem expedir os seus artigos para outras nações onde há pessoas que podem. Mas eu creio que mais cedo ou mais tarde esta espiral se vai virar contra si própria - com consequências devastadoras. Não só no México como onde quer que seres humanos sejam explorados.

As revoluções e a guerra civil são inevitáveis, como são as guerras entre nações, enquanto os “que têm” continuarem a procurar explorar os “que não têm” sob o disfarce de fornecer *oportunidade*.

Deter a riqueza e os recursos tornou-se de tal forma institucionalizado que quase parece aceitável até para algumas pessoas imparciais, que o veem simplesmente como uma economia de mercado aberta.

Contudo só o poder detido pelas pessoas e nações ricas do mundo torna possível essa ilusão de imparcialidade.

A verdade é que *não* é imparcial para a maior percentagem de pessoas e nações do mundo, que são impedidas de tentar sequer alcançar o que os Poderosos alcançaram.

O sistema de governação aqui descrito desviaria drasticamente o equilíbrio do poder dos ricos de recursos para os pobres de recursos, forçando a que os recursos fossem justamente partilhados.

É isso que temem os poderosos.

Sim. Portanto a solução a curto prazo para estímulo do mundo pode ser uma nova estrutura social - um novo governo mundial.

Já houve líderes entre vós que tiveram o discernimento e a coragem suficientes para propor os primeiros passos dessa nova ordem mundial.

George Bush, a quem a História julgará como um homem de muito maior sabedoria, visão, compaixão e coragem que a sociedade contemporânea não quis ou não pôde reconhecer, foi um desses líderes. Também o foi o Presidente soviético Mikhail Gorbachev, o primeiro chefe de estado comunista a ganhar o prémio Nobel da Paz, um homem que propôs enormes mudanças políticas, acabando virtualmente com aquilo a que chamaram a Guerra Fria. E também foi o vosso Presidente Carter, que levou o Sr. Begin e os Sr. Sadat a chegar a acordos que ninguém tinha jamais sonhado e que, muito depois da sua presidência, impediu o mundo de entrar em confrontos violentos repetidas vezes pela simples asserção de

uma simples verdade: Nenhuma opinião é menos merecedora de ser ouvida que outra; Nenhum ser humano tem menos dignidade que outro.

É interessante que estes líderes corajosos, cada um dos quais salvou o mundo da iminência da guerra na sua época, e cada um dos quais defendeu e propôs grandes mudanças em relação à estrutura política prevalecente, apenas cumpriram um mandato, por terem sido destituídos do cargo pelo próprio povo que procuravam elevar. Incrivelmente populares a nível mundial, foram fortemente rejeitados no seu próprio país. Diz-se que ninguém é santo na sua própria casa. No caso destes homens, foi porque a sua visão estava muito à frente da do seu povo, que via apenas interesses limitados e estreitos e imaginava que dessas visões alargadas não proviria mais do que perda.

Assim foram, também, todos os líderes que se atreveram a destacar-se e a clamar pelo fim da opressão pelos poderosos, desencorajados e aviltados.

Assim será sempre até que uma solução a longo-prazo, que *não seja política*, seja imposta. Essa solução a longo prazo - e a única verdadeira - é uma Nova Percepção e uma Nova Consciência. Uma percepção de Unidade e uma consciência de Amor.

O incentivo ao sucesso, a tirar o máximo partido da vida, não deve ser a compensação económica ou materialista. Aí está deslocado. Essa prioridade deslocada foi o que criou todos os problemas que aqui discutimos.

Quando o incentivo à grandeza não for económico - quando a segurança económica e as necessidades materiais básicas estiverem garantidas para todos - o incentivo não desaparecerá, mas será de uma Espécie diferente, aumentando em força e determinação, produzindo a verdadeira grandeza, não o tipo de “grandeza” transparente e passageira produzida pelos atuais incentivos.

Mas por que é que viver uma vida melhor e criar uma vida melhor para os nossos filhos não é um bom incentivo?

“Viver uma vida melhor” é um incentivo apropriado. Criar uma “vida melhor” para os vossos filhos é um bom incentivo. Mas a questão é o que faz uma “vida melhor”?

Como definem “melhor”? Como definem “vida”?

Se definem “melhor” como maior, melhor, mais dinheiro, poder, sexo e coisas (casas, carros, roupas, coleções de CDs - seja o que for)... e se definem “vida” como o período que decorre entre o nascimento e a morte na vossa existência presente, não estão a fazer nada para saírem da armadilha que *criou* o apuro em que se encontra o vosso planeta.

Uma “vida melhor” não é criada pela acumulação de coisas. A maior parte de vós sabe isso, todos vós o compreendeis, no entanto as vossas vidas - e as decisões que tomam e que orientam as vossas vidas - têm tanto a ver com “coisas” como com tudo o resto, e normalmente mais.

Lutam pelas coisas, trabalham pelas coisas e quando conseguem algumas das coisas que querem, nunca mais as largam.

O incentivo da maior parte da Humanidade é alcançar, adquirir, obter coisas. Os que não se importam com as coisas largam-nas facilmente.

Por o vosso atual incentivo à grandeza ter a ver com a acumulação de tudo o que o mundo tem para oferecer, todo o mundo está em fases diversas de luta.

Porções enormes da população ainda lutam pela simples sobrevivência física. Cada dia é preenchido com momentos de ansiedade, medidas desesperadas. A mente está ocupada com questões básicas, vitais. Haverá alimento suficiente? Há abrigo disponível? Teremos calor suficiente? Números *elevadíssimos* de pessoas ainda se preocupam diariamente com estas questões. Milhares morrem todos os meses só por falta de comida.

Números mais reduzidos de pessoas têm os meios elementares de sobrevivência razoavelmente assegurados, mas lutam por conseguir algo mais - um mínimo de segurança, uma casa modesta mas decente, um amanhã melhor. Trabalham arduamente, afligem-se quanto a como e se alguma vez “subirão na vida”. A mente ocupa-se de questões urgentes e preocupantes. Um número de longe mais pequeno de pessoas tem tudo o

que poderia desejar - na verdade, tudo o que os outros dois grupos estão a pedir - mas, curiosamente, muitos deste último grupo *ainda pedem mais*.

As suas mentes preocupam-se em reter tudo o que adquiriram e aumentar os seus pertences.

Agora, para além destes três grupos, há um quarto. É o mais pequeno de todos. De facto, é minúsculo.

Este grupo desligou-se da necessidade de coisas materiais. Preocupa-se com a verdade espiritual, a realidade espiritual e a experiência espiritual.

As pessoas deste grupo têm a vida como um encontro espiritual - uma jornada da alma. Reagem a todos os acontecimentos humanos dentro desse contexto. Consideram toda a experiência humana dentro desse paradigma. A sua luta tem a ver com a procura de Deus, a realização do Eu, a expressão da verdade. À medida que evoluem, essa luta torna-se não uma luta, mas um processo. É um processo de autodefinição (não de autodescoberta), de Crescimento (não de aprendizagem), de Ser (não de fazer).

A *razão* para se empenhar, se esforçar, procurar, se estender e *ter sucesso* torna-se completamente diferente. A razão para fazer qualquer coisa é alterada, e com ela altera igualmente quem faz. A razão torna-se o processo, e quem faz torna-se quem é. Enquanto que antes a razão para alcançar, esforçar-se e trabalhar arduamente durante toda a vida era obter coisas mundanas, agora a razão é experienciar coisas celestiais.

Enquanto que antes as preocupações eram em grande medida as preocupações do corpo, agora as preocupações são em larga escala as preocupações da alma.

Tudo mudou, tudo se desviou. O propósito da vida mudou, bem como a própria vida.

O “incentivo à grandeza” mudou e com ele desapareceu a necessidade de cobiçar, adquirir, proteger e aumentar os bens terrenos. A grandeza não mais será medida pelo que se acumulou. Os recursos do mundo passarão a ser corretamente vistos como pertencendo a todos os povos do mundo. Num mundo abençoado com abundância suficiente para suprir as

necessidades básicas de todos, as necessidades básicas de todos *serão supridas*.

Todos *quererão* que assim seja. Não haverá mais necessidade de sujeitar ninguém a um imposto involuntário. Todos se oferecerão voluntariamente para enviar 10 por cento da vossa colheita e da vossa abundância para programas de apoio àqueles cuja colheita é menor. Deixará de ser possível que milhares fiquem a ver milhares de outros a morrer à fome - não por falta de alimentos, mas por falta de *vontade* humana suficiente para criar um simples mecanismo político através do qual as pessoas possam *obter* os alimentos.

Essas obscenidades morais - agora banais na vossa sociedade primitiva - serão para sempre apagadas no dia em que mudarem o vosso incentivo à grandeza e como o definem.

O vosso novo incentivo: tornarem-se no que vos criei para ser - a imagem física da Própria Divindade.

Quando optarem por ser Quem Realmente São - Deus tornado manifesto - nunca mais atuarão de uma maneira impiedosa. Nunca mais terão de ostentar autocolantes onde se lê:

DEUS ME GUARDE
DOS SEUS SEGUIDORES

CAPÍTULO 18

IGUALDADE DE OPORTUNIDADE E NÃO DE FACTO

Deixa lá ver se estou a acompanhar isto. O que parece estar a emergir é uma visão mundial de igualdade e equanimidade, onde todas as nações se submetem a um governo mundial, e toda a gente partilha das riquezas do mundo.

Lembra-te de que, quando falamos de igualdade, queremos dizer igual *oportunidade*, não igualdade de facto.

A verdadeira “igualdade” nunca será alcançada, e agradeçam que assim seja.

Porquê?

Porque a igualdade é uniformidade - e a última coisa de que o mundo precisa é uniformidade.

Não, não estou aqui a argumentar para um mundo de autómatos, em que cada um recebe um quinhão idêntico de um Governo Central do tipo “Big Brother”.

Falo de um mundo em que duas coisas são garantidas:

1. O suprimento das necessidades básicas.
2. A oportunidade de ir mais além.

Com todos os recursos do vosso mundo, com toda a vossa abundância, ainda não conseguiram essas duas coisas simples. Em vez disso, aprisionaram milhões no extremo inferior da escala socioeconómica e desenharam uma perspetiva do mundo que aí os mantém sistematicamente. Permitem que milhares de pessoas morram todos os anos por carências básicas.

Apesar de toda a magnificência do mundo, não encontraram forma de serem suficientemente magníficos para impedir que as pessoas morressem à fome e muito menos de se matarem umas às outras. Deixam mesmo que crianças morram de fome em frente aos vossos olhos. Chegam mesmo a matar pessoas porque não concordam convosco.

São primitivos.

E julgamo-nos tão avançados.

O primeiro sinal de uma sociedade primitiva é pensar que é avançada. O primeiro sinal de uma consciência primitiva é considerar-se iluminada.

NOVA CONSTITUIÇÃO E FEDERAÇÃO MUNDIAL

Então vamos resumir: A maneira de chegarmos ao primeiro degrau da escada, onde essas duas garantias fundamentais sejam concedidas a toda a gente...

É através de duas mudanças - uma no vosso paradigma político, outra no espiritual.

A mudança no sentido de um governo mundial unificado incluiria um tribunal mundial com grandes poderes para resolver disputas internacionais e uma força de manutenção da paz que zelasse pela aplicação das leis pelas quais optassem por vos governar.

O governo mundial compreenderia um Congresso das Nações - dois representantes de cada nação da Terra - e uma Assembleia Popular - com uma representação diretamente proporcional à população de cada nação.

Exatamente como está estruturado o Governo dos Estados Unidos - com duas câmaras, uma permitindo a representação proporcional e outra dando igual voz a todos os estados.

Sim, a Constituição dos Estados Unidos foi inspirada por Deus.

O mesmo equilíbrio de poderes devia ser incluído na nova constituição mundial.

Haveria, de igual modo, uma secção executiva, uma secção legislativa e uma secção judicial.

Cada nação manteria a sua polícia de manutenção da paz interna, mas todos os exércitos nacionais seriam licenciados - exatamente como os exércitos e armadas de cada um dos vossos estados foram licenciados a favor de uma força federal de manutenção da paz que serve todo o grupo de estados a que chamam agora uma nação.

As nações reservariam o direito de formar e reunir as suas milícias a qualquer momento, tal como os vossos estados têm o direito constitucional de manter e ativar uma milícia de estado.

E - como os vossos estados agora fazem - cada um dos 160 Estados-Nação na união de nações teria o direito de secessão da união com base no voto popular (embora Eu não consiga imaginar nenhuma razão para o quererem fazer, uma vez que o povo estaria mais seguro e teria mais abundância que nunca).

E - mais uma vez - para os de compreensão lenta - essa federação mundial unificada daria azo a...?

1. Ao fim das guerras entre nações e à resolução de disputas pela matança.
2. Ao fim da pobreza abjeta, da morte pela fome e da exploração maciça de pessoas e recursos pelos que detêm o poder.
3. Ao fim da destruição ambiental sistemática da Terra.
4. À libertação da luta interminável pelo maior, melhor e mais.
5. A uma oportunidade - *verdadeiramente* igual - de toda a gente de se elevar à suprema expressão do Eu.

6. Ao fim de todas as limitações e discriminações que impedem as pessoas de progredir - quer na habitação, quer no local de trabalho, no sistema político ou nas relações sexuais pessoais.

Essa nova ordem mundial exigiria uma redistribuição da riqueza?

Não exigiria nada. Produziria, voluntária e automaticamente, uma redistribuição de recursos.

A *todas* as pessoas seria facultada uma educação adequada, por exemplo. A *todas* as pessoas seria facultada livre oportunidade de utilizar essa educação no local de trabalho - de seguir carreiras que lhes trouxessem *alegria*.

A *todas* as pessoas seria garantido o acesso aos cuidados de saúde sempre e como necessário.

A *todas* as pessoas seria garantido que não morreriam de fome nem teriam de viver sem roupas suficientes ou abrigo adequado.

A *todas* as pessoas seriam concedidas as necessidades básicas da vida para que a sobrevivência nunca voltasse a estar em causa, para que o simples conforto e a dignidade básica fossem facultados a todos os seres humanos.

Mesmo que nada fizessem para os ganhar?

A vossa ideia de que estas coisas têm que ser ganhas é a base da vossa ideia de que têm de ganhar o caminho para o Céu. No entanto, não podem ganhar o caminho para a graça de Deus, nem têm de o fazer, porque já lá estão. Isto é algo que vocês não são capazes de aceitar, porque é uma coisa que não são capazes de dar. Quando aprenderem a dar incondicionalmente (o que quer dizer, a amar incondicionalmente), então aprenderão a *receber* incondicionalmente.

Esta vida foi criada como um veículo através do qual vos é permitido experienciar isso.

Tenta embrenhar-te neste pensamento: As pessoas têm o direito à sobrevivência básica. Mesmo que não façam *nada*. Mesmo que não contribuam com nada. A sobrevivência com dignidade é um dos direitos básicos da vida. Dei-vos recursos suficientes para poder garantir isso a toda a gente. Tudo o que têm que fazer é partilhar.

COMPETE-TE DECIDIR QUEM TU ÉS

Mas então o que impediria as pessoas de simplesmente desperdiçarem as suas vidas, deixando-se andar, colhendo “benefícios”?

Primeiro que tudo, não te compete a ti julgar o que é uma vida desperdiçada. Uma vida é desperdiçada se a pessoa não faz nada senão ficar estendida a pensar em poesia durante 70 anos e produzir então um único soneto que abre uma porta à compreensão e discernimento de milhares de pessoas? Uma vida é desperdiçada se a pessoa mente, engana, maquina, prejudica, manipula e magoa os outros durante toda a vida, mas depois se lembra de algo acerca da sua verdadeira natureza e em consequência disso - lembra-se, talvez, de qualquer coisa que passou vidas a tentar recordar - evolui, finalmente, para o Nível Seguinte? Essa vida é “desperdiçada”?

Não te compete julgar a jornada da alma de outrem. Compete-te decidir quem TU és; não o que outro foi ou deixou de ser.

Portanto, perguntas o que impediria as pessoas de desperdiçarem simplesmente as suas vidas, deambulando por aí, colhendo “benefícios”, e a resposta é: nada.

Mas pensas mesmo que isso funcionaria? Não achas que os que estão a contribuir começariam a ressentir-se contra aqueles que não estão?

Sim, começariam, se não fossem iluminados. Mas os iluminados encarariam os não-contribuintes com grande compaixão, não com ressentimento.

Compaixão?

Sim, porque os contribuintes compreenderiam que os não-contribuintes estariam a perder a maior oportunidade e a maior das glórias: a oportunidade de criar e a glória de experienciar a ideia suprema de Quem Realmente São. E os contribuintes saberiam que esse era castigo suficiente para a sua preguiça se, de facto, fosse preciso castigo - que não é.

Mas os que estão realmente a contribuir não ficariam zangados por lhes serem retirados os frutos do seu trabalho e dados aos preguiçosos?

Não estás a ouvir.

A *todos* seriam dadas porções mínimas de sobrevivência. Aos que têm mais seria dada a oportunidade de contribuir com 10 por cento dos seus ganhos para tornar isso possível.

Quanto a como seria decidido o rendimento, o mercado aberto determinaria o valor da contribuição de cada um, tal como se faz hoje no vosso país.

Mas assim *ainda* teríamos os “ricos” e os “pobres”, tal como hoje! Isso não é *igualdade*.

Mas é igual *oportunidade*. Porque toda a gente teria a *oportunidade* de viver uma existência básica sem preocupações de sobrevivência. E a todos seria dada igual oportunidade de adquirir conhecimentos, desenvolver competências e utilizar os seus talentos naturais no Lugar da Alegria.

Lugar da Alegria?

Seria assim que se chamaria ao “local de trabalho”.

INVEJA E CIÚME

Mas não continuaria a haver inveja?

Inveja, sim. Ciúme, não. A inveja é uma emoção natural que te impele a esforçares-te por ser mais. É a criança de dois anos que anseia e se esforça por chegar à maçaneta da porta que o irmão mais velho consegue alcançar. Não há nada de errado nisso. Não há nada de errado na inveja. É um motivador. É desejo puro. Faz nascer a grandeza.

O ciúme, pelo contrário, é uma emoção guiada pelo medo que faz com que se queira que os outros tenham menos. É uma emoção frequentemente assente na amargura. Provém da ira e leva à ira. E mata. O ciúme pode matar. Quem quer que tenha feito parte de um triângulo ciumento sabe isso.

Aos invejosos serão dadas todas as oportunidades de serem bem-sucedidos no seu próprio caminho. Ninguém será impedido de progredir económica, política ou socialmente. Não por razões de raça, género ou orientação sexual. Não por razões de nascimento, estatuto de classe ou idade.

Por razão nenhuma.

A discriminação, seja por que razão for, deixará simplesmente de ser tolerada.

E sim, poderá continuar a haver “ricos” e “pobres”, mas não haverá mais “esfomeados” e “necessitados”.

Percebes, *não* será retirado o incentivo da vida... apenas o *desespero*.

Mas o que é que vai garantir que teremos contribuintes suficientes para “suportar” os não-contribuintes?

A grandeza do espírito humano.

MAGNIFICÊNCIA

Hã?

Contrariamente ao que pensas, uma pessoa comum não se satisfará com níveis de subsistência e mais nada. Além disso, todo o incentivo à grandeza mudará quando tiver lugar a segunda alteração de paradigma - a alteração espiritual.

O que vai provocar essa alteração? Ainda não ocorreu em 2000 anos de história...

Diz antes *dois mil milhões* de anos de história...

...do planeta. Por que ocorreria agora?

Porque com a demarcação da sobrevivência material - com a eliminação da necessidade de se ser grandiosamente bem-sucedido de forma a adquirir uma quantidade mínima de segurança - não haverá outra razão para alcançar, para se destacar, para se tornar magnificente senão a *experiência da própria magnificência!*

E será isso motivação suficiente?

O espírito humano eleva-se; não se afunda em face da verdadeira oportunidade. A alma busca uma experiência superior de si própria, não inferior. Quem quer que tenha experienciado a verdadeira magnificência, mesmo que só por um momento, sabe isso.

E o poder? Nesta reordenação especial, continuariam a existir pessoas com riqueza e poder desmesurados.

Os ganhos financeiros seriam limitados.

Ena, pá - aqui vai disto. Queres explicar como isso vai funcionar antes de eu te explicar por que razão não vai?

Sim. Tal como haveria limites mínimos de rendimento, haveria também limites máximos. Primeiro, quase toda a gente pagaria a dízima de 10 por cento do rendimento ao governo mundial. É o desconto voluntário de 10 por cento de que já falei antes.

Sim... a velha proposta do “imposto igual”.

Na vossa atual sociedade, no momento presente, teria de assumir a forma de imposto porque vocês não estão suficientemente iluminados para verem que a dedução voluntária para o bem de todos é do vosso interesse. No entanto, quando se der a alteração de consciência de que tenho falado, essa dedução aberta, afetuosa e livremente oferecida da vossa colheita será vista por vós como obviamente apropriada.

Tenho de Te dizer uma coisa.

Importas-Te que Te interrompa para Te dizer uma coisa?

Não, podes dizer.

Esta conversa está a parecer-me muito estranha. Nunca pensei ter uma conversa com Deus em que Deus comesse a recomendar linhas de atuação políticas. Realmente! Como é que eu convenço as pessoas de que *Deus é a favor do imposto fixo*?

Bom, vejo que continuas a insistir em considerá-lo um imposto, mas entendo isso, porque o conceito de simplesmente te ofereceres para partilhar 10 por cento da tua abundância te parece estranho. Ainda assim, por que achas difícil de acreditar que eu tenha uma ideia sobre isto?

RESPOSTAS CONTEXTUAIS

Pensei que Deus fosse acrítico, não tivesse opinião, que não se importasse com essas coisas.

Espera aí, deixa-me ver se percebo. Na nossa última conversa - a que chamaste *Livro1* - respondi a toda a espécie de perguntas. Perguntas sobre o que faz funcionar as relações, perguntas sobre modos de vida corretos, até perguntas sobre dieta. Em que difere isso disto?

Não sei. *Parece* diferente. Quero dizer, tens realmente uma opinião política? És um Republicano encartado? Que verdade para revelar neste livro! Deus é *Republicano*.

Preferias que fosse Democrata? Meu Deus!

Que engraçado. Não, preferia que fosses *apolítico*.

Eu sou apolítico. Não tenho qualquer opinião política.

Mais ou menos corno o Bill Clinton.

Boa, pá! Agora és tu que estás a ser engraçado. Eu gosto de humor, e tu?

Acho que não esperava que Deus fosse humorista nem político.

Nem algo humano, hã?

Bem, deixa-Me colocar-te este livro e o *livro1*, já agora, no devido contexto mais uma vez.

Não tenho preferências quanto à forma como conduzes a tua vida. O meu único desejo é que te experiences plenamente como ser criador, para que possas saber Quem Realmente És.

Ótimo. Isso eu compreendo. Até aí, tudo bem.

Todas as perguntas a que tenho aqui respondido e todas a que respondi no *Livro1* foram ouvidas e respondidas no contexto do que tu, como ser criador, dizes estar a tentar ser e fazer. Por exemplo, no *livro1*

fizeste-Me muitas perguntas acerca de como podias fazer com que as relações dessem resultado.

Lembras-te?

Sim, claro.

Achaste as Minhas respostas assim tão problemáticas? Tiveste dificuldade em acreditar que eu tivesse opinião sobre isso?

Nunca pensei nisso. Limitei-me a ler as respostas.

No entanto, estás a ver, coloquei as Minhas respostas dentro do contexto das tuas perguntas. Ou seja, uma vez que desejas ser ou fazer isto ou aquilo, qual é a melhor forma de o empreender? E Eu mostrei-te um caminho.

Mostraste, sim

Estou a fazer o mesmo aqui.

Só que... não sei... é mais difícil de acreditar que Deus diga estas coisas do que era acreditar que Deus dissesse aquelas coisas.

Tens mais dificuldade em *concordar* com algumas das coisas aqui ditas?

Bem...

Porque se tens, isso está muito certo.

Está?

Claro.

Está certo discordar de Deus?

Com certeza. O que é que pensas que vou fazer, esmagar-te como um inseto?

Na verdade, não tinha ido tão longe no meu raciocínio.

Olha, o mundo tem discordado de Mim desde que tudo isto começou. Quase ninguém tem feito as coisas à Minha Maneira desde que isto começou.

Isso é verdade, segundo parece.

Podes ter a certeza de que é verdade. Se as pessoas tivessem seguido as minhas instruções - que vos deixei através de centenas de professores durante milhares de anos - o mundo seria um lugar muito diferente. Portanto, se quiseses discordar de Mim agora, vai em frente. Além disso, Eu posso estar errado.

O quê?

Eu disse: Além disso, Eu posso estar errado. Oh, meu Deus... não estás a tomar isto como sendo o *evangelho*, pois não?

Queres dizer que não devo dar importância nenhuma a este diálogo?

Eh lá, pára aí. Parece-me que não percebeste uma grande parte disto tudo. Voltemos à Estaca Zero: *Tu estás a inventar isto tudo.*

Ora bem, isso é um alívio. Por momentos pensei que me estava a ser dada orientação a sério.

A orientação que te está a ser dada é *seguir o teu coração*. Escuta a tua *alma*. Ouve o teu *eu*. Mesmo quando te apresento uma opção, uma ideia, um ponto de vista, não tens obrigação de os aceitar como sendo os teus. Se discordas, *discorda* pois. É esse o *objetivo deste exercício*. A ideia não é substituir a tua dependência de tudo e todos *pela dependência deste*

livro. A ideia era levar-te a pensar. A pensares por *ti*. Isso é quem Eu Sou neste preciso momento. Eu sou tu, a *pensar*. Eu sou tu, a pensares em voz alta.

Queres dizer que este material não provém da Fonte Suprema?

Claro que sim! Mas essa é a única coisa em que ainda não és capaz de acreditar: *tu és a Fonte Suprema*. E eis a única coisa que aparentemente ainda não compreendes: *tu estás a criar tudo - toda a tua vida - aqui mesmo, agora mesmo*. Tu... TU... estás a criá-la. Não Eu. TU.

Há algumas respostas a estas questões puramente políticas de que não gostes? *Então muda-as*. Fá-lo. Agora. Antes que comeces a ouvi-las como um *evangelho*. Antes de comечаes a torná-las reais. Antes que comeces a considerar o teu último pensamento, sobre qualquer coisa, mais importante, mais válido e mais verdadeiro do que o teu próximo pensamento.

Lembra-te de que é sempre o *novo* pensamento que cria a tua realidade. Sempre.

E agora, há alguma coisa na nossa discussão política que queiras mudar?

Não propriamente. Parece que concordo contigo, por acaso. Só não sabia como encarar tudo isto.

Encara como quiseses. Não percebes? *Isso é o que estás a fazer com toda a vida!*

Pronto, está bem... parece-me que percebi.

Gostava de continuar a conversa, nem que seja para ver onde vai dar.

Está bem, vamos fazer isso.

RETOMANDO A QUESTÃO DO NOVO SISTEMA SOCIAL

la a dizer...

la a dizer que noutras sociedades - sociedades iluminadas - o pôr de lado uma determinada quantia do que se recebe (o que vocês chamam “rendimento”) para ser utilizado para o bem geral da sociedade é uma prática bastante vulgar. No novo sistema que temos estado a explorar para a vossa sociedade, todos ganhariam em cada ano tanto quanto pudessem - e reteriam o que ganhavam, até um certo limite.

Que limite?

Um limite arbitrário, com que todos concordassem.

E tudo o que fosse acima desse limite?

Seria canalizado para o fundo caritativo mundial *em nome do contribuinte*, para que todo o mundo pudesse conhecer os seus benfeitores.

Os benfeitores teriam a opção de controlo direto do desembolso de 60 por cento da sua contribuição, dando-lhes a satisfação de colocarem a maior parte do seu dinheiro exatamente onde quisessem.

Os outros 40 por cento seriam atribuídos a programas regulamentados pela federação mundial e por ela administrados.

Se as pessoas soubessem que para além de um determinado limite de rendimento tudo lhes seria retirado, que incentivo teriam para continuar a trabalhar? O que faria com que não parassem a meio, quando tivessem atingido o “limite” do rendimento?

Algumas fariam isso. E então? Que fizessem. O trabalho obrigatório acima do limite de rendimento, com contribuições para o fundo mundial de caridade, não seria necessário. O dinheiro economizado com a eliminação da produção maciça de armas de guerra seria suficiente para preencher as necessidades básicas de todos. A dízima de 10 por cento de tudo o que seria ganho em todo o mundo, para além dessas economias, elevaria toda a sociedade, não apenas os poucos eleitos, a um novo nível de dignidade e abundância. E a contribuição dos ganhos acima do limite acordado produziria oportunidades e satisfação tão alargadas para todos que o ciúme e as iras sociais se desintegrariam virtualmente.

Alguns *deixariam* de trabalhar - especialmente aqueles que encarassem a sua atividade como *trabalho a sério*. Mas aqueles que encarassem a sua atividade como *alegria absoluta* nunca parariam.

Nem toda a gente pode ter um trabalho desses.

Não é verdade. Toda a gente pode.

A alegria no local de trabalho não tem nada a ver com a função, e tudo a ver com o propósito.

A mãe que acorda às quatro da manhã para mudar a fralda ao bebé compreende isso perfeitamente. Canta em surdina e acarinha o bebé e ao mundo inteiro não parece que o que ela está a fazer seja qualquer espécie de trabalho. Mas é a sua atitude em relação ao que está a fazer, é a sua intenção, é o seu propósito ao empreender essa atividade, que tornam essa tarefa uma verdadeira alegria.

Já utilizei este exemplo da maternidade antes, porque o amor de uma mãe pelo filho é o que mais se aproxima do entendimento que possas vir a ter de alguns dos conceitos de que falo neste livro e nesta trilogia.

Mesmo assim, qual seria o objetivo de eliminar o “potencial de ganho ilimitado”? Isso não roubaria à experiência humana uma das suas maiores oportunidades, uma das suas aventuras mais gloriosas?

Ainda teriam a oportunidade e a aventura de ganhar uma quantidade ridícula de dinheiro. O limite máximo de rendimento a reter seria muito alto - mais do que uma pessoa em média... que dez pessoas em média... jamais precisariam. E o rendimento que podiam *ganhar* não seria limitado - simplesmente o valor que optassem por reter para uso pessoal. O restante - digamos, tudo o que excedesse 25 milhões de dólares por ano (utilizo um valor absolutamente arbitrário como exemplo) - seria gasto em programas e serviços para benefício de toda a Humanidade.

Quanto à razão - ao porquê...

O limite máximo de rendimento a reter seria um reflexo da mudança de consciência no planeta; a noção de que o propósito supremo da vida não é a acumulação da máxima riqueza, mas o de fazer o máximo bem - e a inferência de que, na verdade, a concentração de riqueza, não a sua partilha, é o maior fator singular na criação dos dilemas sociais e políticos mais persistentes e impressionantes do mundo.

OBSCENIDADE DO SISTEMA CAPITALISTA

A oportunidade de amealhar riqueza - riqueza ilimitada - é a pedra angular do sistema capitalista, um sistema de livre iniciativa e concorrência aberta que produziu a maior sociedade que o mundo alguma vez conheceu.

O problema é acreditar mesmo nisso.

Não, não acredito. Mas dei-lhe aqui voz em nome dos que acreditam.

Os que acreditam estão terrivelmente iludidos e não veem nada da realidade atual no vosso planeta.

Nos Estados Unidos, 1,5 por cento do topo da escala possuem mais riqueza do que os 90 por cento da parte inferior. O Valor líquido das 834 000 pessoas mais ricas é quase um bilhão de dólares superior aos 84 milhões de pessoas mais pobres em conjunto.

E depois? Trabalharam para isso.

Vocês, americanos, tendem a ver o estatuto social em função do esforço individual. Alguns “saíram-se bem”, portanto assumem que qualquer pessoa o pode fazer. Essa perspectiva é simplista e ingênua. Presume que todos têm as mesmas oportunidades quando, de facto, na América como no México, os ricos e poderosos esforçam-se e maquinam para conservarem o dinheiro e o poder e para os aumentar.

E então? Que mal há nisso?

Fazem-no pela eliminação sistemática da concorrência, minimizando institucionalmente a verdadeira oportunidade, e controlando coletivamente o fluxo e o crescimento da riqueza.

Conseguem isto com todo o tipo de artifícios, desde práticas laborais injustas que exploram a multidão de pobres do mundo até às práticas competitivas de grupos de compinchas que minimizam (e quase destroem) as hipóteses de um recém-chegado entrar para o Círculo Interno dos bem-sucedidos.

Depois procuram controlar a política pública e os programas governamentais em todo o mundo para melhor assegurarem que as massas se mantêm regulamentadas, controladas e subservientes.

Não acredito que os ricos façam isso. A maior parte deles não o faz. Pode ser que haja uma mão cheia de conspiradores, suponho eu...

Na maior parte dos casos não são *indivíduos* ricos que o fazem; são os sistemas e instituições sociais que eles representam. Esses sistemas e instituições foram *criados* pelos ricos e poderosos - e são os ricos e poderosos que continuam a apoiá-los.

Escondendo-se atrás desses sistemas e instituições sociais, os indivíduos podem lavar as mãos de qualquer responsabilidade pelas condições que oprimem as massas e favorecem os ricos e poderosos.

Por exemplo, regressemos aos cuidados de saúde na América. Milhões de pobres, na América, não têm acesso a cuidados preventivos de saúde. Não se pode apontar para nenhum médico e dizer: “Foste tu que fizeste isto, é culpa tua” que, na nação mais rica da terra, milhões de pessoas não possam consultar um médico a menos que estejam em grandes dificuldades num serviço de urgência.

Nenhum médico pode ser culpado por isso, no entanto todos os médicos têm o proveito. Toda a classe médica - e todas as indústrias a ela associadas - beneficia de lucros sem precedentes de um sistema que institucionalizou a discriminação contra os trabalhadores pobres e os desempregados.

E este é apenas um exemplo de como o “sistema” mantém os ricos, ricos e os pobres, pobres.

A questão é que são os ricos e poderosos que sustentam essas estruturas sociais e *resistem firmemente a qualquer esforço efetivo para as mudar*. Opõem-se a qualquer abordagem política ou económica que se destine a facultar verdadeiras oportunidades e dignidade genuína a todas as pessoas.

A maior parte dos ricos e poderosos, vistos individualmente, são certamente pessoas bastante boas, com tanta compaixão e simpatia como outra pessoa qualquer. Mas basta mencionar um conceito tão ameaçador para eles como limites de rendimento anual (mesmo limites ridiculamente elevados, como 25 milhões de dólares por ano) e começam a lamuriar-se sobre a usurpação dos direitos individuais, a erosão do “American way” e os “incentivos perdidos”.

Então é o direito de toda a gente de viver num ambiente minimamente decente, com comida suficiente para não passar fome, roupa suficiente para conservar o calor do corpo? O direito das pessoas em toda a parte a terem cuidados de saúde adequados - o direito a não ter que *sofrer ou morrer* de complicações médicas relativamente menores que os que têm dinheiro ultrapassam com um estalar dos dedos?

Os recursos do vosso planeta - *incluindo os frutos do trabalho* das massas dos indescritivelmente pobres que são exploradas contínua e

sistematicamente - pertencem a todas as pessoas do mundo, não apenas às que são suficientemente ricas e poderosas para explorar.

A exploração funciona assim: Os vossos industriais ricos vão para um país ou zona onde não existe trabalho nenhum, onde as pessoas não têm recursos, onde há uma pobreza abjeta. Os ricos montam aí uma fábrica, oferecendo trabalho a esses pobres - por vezes postos de trabalho de 10, 12 e 14 horas por dia - contra um salário mínimo, para não dizer sub-humano. Que não seja suficiente, reparem, para permitir que esses trabalhadores fujam das aldeias infestadas de ratos, mas apenas o suficiente para lhes permitir viver *daquela* maneira, como alternativa a não terem alimento nem abrigo nenhum.

E quando alertados para isso, esses capitalistas dizem, “*Olhem lá, estão melhor do que antes, não estão? Melhorámos-lhes a situação! As pessoas aceitam os empregos, não aceitam? Ora, demos-lhes a oportunidade! E nós é que corremos todos os riscos!*”.

Contudo, que risco é que há em pagar 75 cêntimos por hora às pessoas para fabricarem ténis que vão ser vendidos a 125 dólares o par?

Isso é correr riscos ou exploração pura e simples?

Um sistema de uma obscenidade tão grosseira só podia existir *num mundo motivado pela cobiça, onde a margem de lucro, e não a dignidade humana, é a primeira coisa a ter em consideração.*

Os que dizem que “em relação ao que é normal na sua sociedade, esses camponeses estão a viver *maravilhosamente!*” são hipócritas de primeira apanha. Atirariam uma corda a um homem que se estivesse a afogar, mas *recusar-se-iam a puxá-lo para terra.* Depois gabar-se-iam de que *uma corda é melhor que uma pedra.*

Em vez de elevarem as pessoas à verdadeira dignidade, esses “que têm” dão aos “que não têm” deste mundo apenas o suficiente para os tornar dependentes - mas nunca o suficiente para alguma vez se tornarem verdadeiramente poderosos. Porque as pessoas de verdadeiro poder económico podem influenciar o “sistema”, e não estarem meramente sujeitas a ele. E isso é a última coisa que os criadores do sistema querem!

Por isso a conspiração continua. E para a maior parte dos ricos e poderosos não é uma conspiração de ação, é uma *conspiração de silêncio*.

Portanto vão lá - sigam o vosso caminho - e não digam nada, de forma nenhuma, sobre a obscenidade de um sistema socioeconómico que recompensa um executivo com uma gratificação de 70 milhões de dólares por aumentar as vendas de um refrigerante, enquanto 70 milhões de pessoas nem se podem dar ao luxo de o beber - e muito menos de comer o suficiente para conservarem a saúde.

Não vejam a obscenidade disso. Chamem-lhe a Economia de Mercado livre do mundo, e digam a toda a gente como se sentem orgulhosos dela.

No entanto está escrito:

Se queres ser perfeito,
vende tudo quanto tens, distribui o dinheiro pelos pobres
e terás um tesouro nos Céus.

Mas quando o jovem ouviu isto, afastou-se,
entristecido,
pois era muito rico.

CAPÍTULO 19

DEUS EXPERIENCIA EM, COMO E ATRAVÉS DE TI

Raramente Te vi tão indignado. Deus não fica indignado. Isso prova que Tu não és Deus.

Deus é *tudo*, e Deus fica *tudo*. Não há nada que Deus não seja, e tudo o que Deus experiencia de Si, Deus experiencia em, como e através de ti. É a tua indignação que estás a sentir.

Tens razão. Porque concordo com tudo o que Tu disseste.

Fica a saber que todos os pensamentos que te envio, recebes através do filtro da tua própria experiência, da tua própria verdade, da tua própria compreensão, das tuas próprias decisões, escolhas e declarações quanto a Quem Tu És e Quem Escolhes Ser. Não há outra forma de os receberes. Não há outra forma de como devas recebê-los.

Ora, cá vamos nós outra vez. Estás a dizer que nenhuma destas ideias ou sentimentos é Tua, que todo este livro podia estar errado? Estás a dizer-me que toda esta experiência da minha conversa Contigo podia não ser nada mais que uma compilação dos *meus* pensamentos e sentimentos sobre uma coisa?

Considera a possibilidade de *Eu te estar a dar* os teus pensamentos e sentimentos sobre uma coisa (de onde pensas que vêm estes?); que Eu estou a cocriar contigo as tuas experiências; que faço parte das tuas decisões, escolhas e declarações. Considera a possibilidade de eu te ter escolhido, juntamente com muitos outros, para seres Meu mensageiro, muito antes de este livro se materializar.

Custa-me a acreditar nisso.

Sim, passámos tudo isso em revista no *Livro1*. No entanto, falarei a este mundo, e fá-lo-ei, entre outras formas, através dos meus professores e dos meus mensageiros. E neste livro direi ao vosso mundo que os seus sistemas económicos, políticos, sociais e religiosos são primitivos. Verifico que têm a arrogância coletiva de pensar que são os melhores. Vejo a maior parte de vós a resistir a qualquer mudança ou progresso que vos retire seja o que for - não importa a quem pudesse ser útil.

Digo mais uma vez, o que é necessário no vosso planeta é uma mudança de consciência maciça. Uma mudança da consciencialização. Um respeito renovado por toda a vida, e um entendimento mais profundo do inter-relacionamento de tudo.

Bom, Tu és Deus. Se não queres as coisas como estão, por que não as mudas?

Como já te expliquei, a Minha decisão tem sido, desde o princípio, dar-te a liberdade de criares a tua vida - e consequentemente, o teu Eu - como queres ser. Não podes conhecer o teu Eu como o Criador se Eu te disser o que criar, como criar e depois te forçar, exigir ou fazer com que o faças. Se Eu fizer isso, o Meu propósito perde-se.

Mas vamos então ver o que foi criado no teu planeta e vejamos se não te faz ficar um pouco indignado.

Vamos só dar uma vista de olhos por quatro páginas interiores de um dos vossos maiores jornais diários num dia típico.

Pega no jornal de hoje.

ANÁLISE DO MUNDO E O JOGO DE BASTIDORES

Está bem. Hoje é sábado, 9 de Abril de 1994 e estou a ver o “San Francisco Chronicle”.

Ótimo. Abre-o numa página qualquer.

Está bem. Aqui está a página A-7.

Muito bem. O que vês aí?

O cabeçalho diz: “NAÇÕES EM DESENVOLVIMENTO VÃO DISCUTIR DIREITOS LABORAIS”.

Excelente. Continua.

A reportagem refere-se, ao que chama um “velho cisma” entre as nações industrializadas e os países em desenvolvimento quanto aos direitos do trabalho. Diz-se que os líderes das nações em desenvolvimento “receiam que uma campanha para aumentar os direitos laborais possa criar uma manobra de bastidores para barrar os seus produtos de salários baixos dos mercados consumidores das nações ricas.”

Continua, dizendo que os negociadores do Brasil, Malásia, Índia, Singapura e outras nações em desenvolvimento se recusaram a estabelecer uma comissão permanente da Organização Mundial de Comércio que seria encarregue de preparar uma política de direitos laborais.

De que direitos fala a reportagem?

Diz, “direitos básicos dos trabalhadores”; tais como proibição de trabalhos forçados, estabelecimento de normas de segurança no local de trabalho e garantia de oportunidade de negociar coletivamente.

E por que é que as nações em desenvolvimento não querem esses direitos como parte de um acordo internacional? Vou dizer-te porquê. Mas primeiro vamos deixar claro que não são os *trabalhadores* que resistem a esses direitos. Esses “negociadores” pelos países em desenvolvimento são as mesmas pessoas, ou estão intimamente ligados às mesmas pessoas, que possuem e exploram as fábricas. Por outras palavras, os ricos e poderosos.

Como nos tempos anteriores ao movimento laboral na América, essas são as pessoas que agora beneficiam da exploração maciça dos trabalhadores.

Podes ter a certeza de que estão a ser secretamente apoiados com muito dinheiro dos Estados Unidos e noutras nações ricas, onde os industriais - que deixaram de poder explorar injustamente os trabalhadores nos seus próprios países - subcontratam com proprietários de fábricas nesses países em desenvolvimento (ou constroem neles as suas próprias fábricas) de modo a explorar trabalhadores estrangeiros que ainda estão desprotegidos em relação a serem utilizados por outros para aumentar os seus lucros já obscenos.

Mas a história diz que é o nosso governo - a atual administração - que está a pressionar para que os direitos dos trabalhadores façam parte de um acordo mundial de comércio.

O vosso atual líder, Bill Clinton, é um homem que acredita nos direitos básicos dos trabalhadores, mesmo que os vossos industriais poderosos não acreditem. Ele está a combater corajosamente os grandes interesses financeiros. Outros presidentes americanos e líderes de todo o mundo foram mortos por menos.

Estás a dizer que o presidente Clinton vai ser assassinado?

Digamos apenas que haverá poderes tremendos a tentar demiti-lo do poder. Têm que o tirar de lá - tal como tiveram de tirar John Kennedy trinta anos antes.

Tal como Kennedy antes dele, Bill Clinton está a fazer tudo o que os grandes interesses financeiros odeiam. Não só exercendo pressão pelos direitos dos trabalhadores em todo o mundo, mas tomando o partido dos “pequenos” contra o sistema instalado em praticamente todas as questões sociais.

Ele acredita que toda a pessoa tem direito, por exemplo, a ter acesso a cuidados de saúde apropriados - quer ele ou ela possa ou não pagar os preços e honorários exorbitantes de que a comunidade médica da América

usufrui. Ele disse que esses custos têm que descer. Isso não o tornou muito popular junto de outro grande segmento dos ricos e poderosos da América - desde fabricantes de produtos farmacêuticos a grupos de seguradoras, de empresas médicas a empresários que têm de providenciar uma cobertura decente para os seus trabalhadores - muitas pessoas que estão a ganhar agora muito dinheiro vão ter que ganhar um bocadinho menos para que os pobres da América tenham cuidados de saúde generalizados.

Isto não torna o Sr. Clinton no homem mais popular do país. Pelo menos, entre determinados elementos - que já provaram neste século que têm a capacidade de fazer cair um presidente.

Estás a dizer...?

Estou a dizer que a luta entre os “que têm” e os “que não têm” dura desde sempre e é epidémica no vosso planeta. Será sempre assim enquanto os interesses económicos, em vez dos interesses humanitários, governarem o mundo - enquanto o corpo do homem, não a sua alma, for a maior preocupação do homem.

Creio que tens razão. Na página A-14 do mesmo jornal vem um título: “RECESSÃO GERA REVOLTA NA ALEMANHA”. O subtítulo diz “Com o desemprego ao nível do pós-guerra, ricos e pobres afastam-se ainda mais.”

Sim. E o que diz o artigo?

Diz que há uma grande agitação entre os engenheiros, professores, cientistas, operários fabris, carpinteiros e cozinheiros despedidos no país. Diz que a nação tem sofrido algumas recessões económicas e que há “um sentimento generalizado de que essa dificuldade não foi justamente distribuída”.

Isso está correto. Não foi. O artigo diz o que provocou tantos despedimentos?

Sim. Diz que os trabalhadores revoltados são “trabalhadores cujos patrões se mudaram para países onde a mão-de-obra é mais barata”.

Ah. Pergunto-me se muitas das pessoas que leram o “San Francisco Chronicle” de hoje viram a ligação entre os artigos das páginas A-7 e A-14.

O artigo também salienta que quando acontecem os despedimentos, as mulheres trabalhadoras são as primeiras a ir. Diz que “as mulheres constituem mais de metade dos desempregados de todo o país, e quase dois terços no Leste.”

Claro. Bem, eu continuo a sublinhar - apesar de a maior parte de vós não o querer ver ou admitir - que o vosso mecanismo socioeconómico discrimina sistematicamente certas classes de pessoas. Vocês não estão a facultar igualdade de oportunidade para todos enquanto clamam bem alto que sim. Contudo, precisam de acreditar na vossa ficção a este respeito para se continuarem a sentir bem com vós próprios e geralmente reagem contra seja quem for que vos mostre a verdade. Todos negam a evidência mesmo quando vos é apresentada.

A vossa sociedade é uma sociedade de avestruzes.

Bom - que mais vem no jornal de hoje?

Na página A-4 vem um artigo que anuncia: “NOVA PRESSÃO FEDERAL PARA ACABAR COM PRECONCEITOS NA HABITAÇÃO”. Diz “Os organismos federais para a habitação estão a conceber um plano que forçará (...) os mais sérios esforços de sempre no sentido de eliminar a discriminação racial na habitação”.

O que deves perguntar a ti próprio é por que têm esses esforços que ser forçados?

Temos um *Fair Housing Act*²⁰ que proíbe a discriminação na habitação com base na raça, cor, religião, sexo, origem nacional, incapacidade ou composição familiar. No entanto, muitas

²⁰ Lei reguladora da justiça social na habitação. (N. da T.)

comunidades locais pouco têm feito para eliminar esses preconceitos. Muitas pessoas neste país ainda pensam que uma pessoa devia poder fazer o que quisesse com a sua propriedade particular - incluindo alugá-la ou não a quem entender.

Mas se toda a gente que possui propriedades para alugar fosse autorizada a fazer essas opções, e se elas tendessem a refletir uma consciência de grupo e uma atitude generalizada para com certas categorias e classes de pessoas, segmentos inteiros da população podiam ser sistematicamente eliminados de qualquer oportunidade de encontrar lugares decentes para viver. E, na ausência de habitação decente acessível, os barões dos terrenos e os donos dos bairros de lata poderiam cobrar preços exorbitantes por locais de habitação horríveis, com pouca ou nenhuma conservação. E mais uma vez os ricos e poderosos exploram as massas, desta vez sob o disfarce dos “direitos de propriedade”.

Os proprietários devem ter *alguns* direitos.

Mas desde quando é que os direitos da minoria prejudicam os direitos das maiorias?

Essa é, e sempre foi, a questão enfrentada por toda a sociedade civilizada.

Existe uma altura em que o bem de todos se sobrepõe aos direitos individuais? A sociedade tem responsabilidades para consigo própria?

As vossas leis de justiça na habitação são a vossa forma de dizer que sim.

Todas as falhas no seguimento e aplicação dessas leis são a forma dos ricos e poderosos dizerem “Não - o que conta são os nossos direitos”.

Mais uma vez, o vosso atual presidente e a sua administração estão a pressionar a questão. Nem todos os presidentes americanos estiveram tão dispostos a confrontar os ricos e poderosos em mais do que uma frente.

Apercebo-me disso. O artigo do jornal diz que as autoridades para a habitação da Administração Clinton abriram mais

investigações de casos de discriminação na habitação no curto período desde que estão no cargo do que as que foram investigadas nos dez anos anteriores. Um porta-voz da *Fair House Alliance*, uma comissão nacional em Washington, disse que a insistência da Administração Clinton para que sejam cumpridos os estatutos da habitação é algo que tentavam há anos que outras administrações fizessem.

E assim o atual presidente faz ainda mais inimigos entre os ricos e poderosos: fabricantes e industriais, - empresas de produtos farmacêuticos e seguradoras, médicos e associações de médicos e proprietários de empreendimentos imobiliários. Todas as pessoas com dinheiro e influência.

Como observei antes, esperem para ver como Clinton vai ter dificuldade em se manter no cargo.

Na altura em que isto está a ser escrito - Abril de 1994 - a pressão contra ele está a crescer.

A edição do jornal de 9 de Abril de 1994 diz-te mais alguma coisa sobre a raça humana?

Voltando à página A-14, há uma fotografia de um líder político russo a agitar os punhos. Por debaixo da fotografia vem uma reportagem intitulada “JIRINOVSKY ATACA COLEGAS NO PARLAMENTO”. O artigo comenta que Vladimir Jirinovsky “se envolveu novamente ao soco ontem, espancando” um opositor político e gritando-lhe na cara “Hei-de fazer-te apodrecer na cadeia! Arranco-te a barba pêlo a pêlo!”.

E admiras-te por as *nações* entrarem em guerra?

Eis um dos principais líderes dum movimento político de peso que, nas salas do Parlamento, tem que provar a sua virilidade *espancando os opositores*.

A vossa raça é muito primitiva, para só perceber à força. Não existe a verdadeira lei no vosso planeta. A lei Verdadeira é a lei Natural - inexplicável e sem necessidade de ser explicada ou ensinada. É *visível*.

A lei verdadeira é a lei pela qual as pessoas concordam livremente em ser governadas porque são governadas por ela, naturalmente. O seu acordo não é tanto um acordo, mas um reconhecimento mútuo do que é Assim.

Essas leis não têm que ser postas em vigor. Já estão em vigor, pelo simples expediente da consequência inegável.

Vou dar-vos um exemplo. Os seres altamente evoluídos não batem na cabeça com um martelo, porque magoa. Também não batem na cabeça de ninguém com um martelo, pela mesma razão.

Os seres evoluídos verificaram que, se atingissem outra pessoa com um martelo, essa pessoa ficaria magoada. Se continuarem a fazê-lo, essa pessoa fica zangada. Se continuarem a fazê-la zangar, ela arranja o seu próprio martelo e eventualmente bate-lhes também. Os seres evoluídos sabem, portanto, que, se baterem em alguém com um martelo, estão a bater em si próprios com um martelo. Não faz diferença que tenham mais martelos, ou um martelo maior. Mais cedo ou mais tarde vão-se magoar.

Este resultado é visível.

Os seres não evoluídos - seres *primitivos* - observam a mesma coisa. Simplesmente não se importam.

Os seres evoluídos não estão dispostos a jogar ao “Quem Tem o Martelo Maior Ganha”. Os seres primitivos não jogam a mais nada. Já agora, este jogo é preponderantemente masculino.

Na vossa espécie, poucas mulheres estão dispostas a jogar aos Martelos que Magoam. Jogam um jogo novo. Dizem “Se eu tivesse um martelo, martelava para haver justiça, martelava para haver liberdade, martelava para haver amor entre os meus irmãos e irmãs, por toda esta terra”.²¹

²¹ Adaptação da letra da canção “If I had a Hammer”, de Lee Hays e Pete Seeger © 1958. (N. da T.)

PROCURAR E ENCONTRAR DEUS

Estás a dizer que as mulheres são mais evoluídas que os homens?

Não estou a fazer juízos num sentido nem noutro. Simplesmente, observo.

Vês, a verdade - como a lei natural - é perceptível.

Qualquer lei que não seja a lei natural não é perceptível, e, portanto, tem que vos ser explicada. Têm que vos dizer por que razão é para o vosso bem. Tem que vos ser mostrado. Não é uma tarefa fácil porque se uma coisa é para o vosso próprio bem, *dispensa explicação*.

Só o que não dispensa explicação é que tem que vos ser explicado.

Só uma pessoa muito invulgar e determinada consegue convencer as pessoas de algo que não dispensa explicação. Para esse efeito, vocês inventaram os políticos.

E o Clero.

Os cientistas não dizem muito. Normalmente não são muito faladores. Não têm que ser. Se fazem uma experiência que tem sucesso, mostram-vos simplesmente o que fizeram. Os resultados falam por si. Portanto os cientistas são habitualmente tipos reservados, pouco dados à verbosidade. Não é necessário. A razão do seu trabalho dispensa explicação. Além disso, se tentam qualquer coisa e fracassam, não têm nada a dizer.

Com os políticos não é assim. Mesmo que fracassem, falam. De facto, por vezes quanto mais falham, mais falam.

O mesmo acontece com as religiões. Quanto mais fracassam, mais falam.

Mas digo-vos o seguinte:

A Verdade e Deus encontram-se no mesmo lugar: no silêncio.

Quando encontrarem Deus, e quando encontrarem a verdade, não é necessário falar nisso. Dispensa explicação.

Se falam muito sobre Deus, provavelmente é porque ainda andam à procura. Isso não faz mal. Está certo. Saibam apenas onde estão.

Mas os professores falam constantemente sobre Deus. É só do que nós falamos neste livro.

Ensina-se o que se escolhe aprender. E sim, este livro fala sobre Mim, bem como sobre a vida, o que faz deste livro um exemplo muito bom para a questão. Tu comprometeste-te a escrever este livro *porque ainda andas à procura*.

PROSSEGUINDO NA ANÁLISE DO MUNDO

Sim.

De facto. E o mesmo se aplica aos que o estão a ler.

Mas falávamos do assunto da criação. Perguntaste-Me no início deste capítulo por que razão, se Eu não gostava do que via na Terra, não o mudava. Eu não faço juízos quanto àquilo que fazes. Limito-me a observá-lo e, de vez em quando, como fiz neste livro, a descrevê-lo.

Mas agora tenho que te perguntar - esquece as Minhas observações e esquece as Minhas descrições - como te sentes depois do que observaste das criações do teu planeta? Escolheste as reportagens de um só dia no jornal e já descobriste até agora:

- ❖ Nações que se recusam a conceder direitos básicos aos trabalhadores.
- ❖ Os ricos a ficarem mais ricos e os pobres a ficarem mais pobres em face de uma recessão na Alemanha.
- ❖ O governo a ter que forçar os senhorios a obedecerem a leis justas de habitação nos Estados Unidos.

- ❖ Um líder poderoso a dizer aos opositores políticos “Hei-de fazer-te apodrecer na cadeia! Hei-de arrancar-te a barba pêlo a pêlo!” enquanto os esmurra na cara na sala de legislatura nacional da Rússia.

Há mais alguma coisa que este jornal tenha para Me mostrar sobre a vossa sociedade “civilizada”?

Há uma história na página A-13 intitulada: “CIVIS SOFREM MAIS NA GUERRA CIVIL ANGOLANA”. O subtítulo diz: “Nas zonas rebeldes, as altas patentes vivem no luxo enquanto muitos milhares passam fome.”

Já chega. Estou a ver o quadro. E isto é só no jornal de um dia?

Uma secção do jornal de um dia. Ainda não saí da Secção A.

Por isso digo mais uma vez - os sistemas económico, político, social e religioso do vosso mundo são primitivos. Não farei nada para mudar isso, pelas razões que já dei. Vocês devem ter livre-arbítrio e livre vontade nessas questões para que possam experienciar o Meu supremo objetivo para vós - que é conhecerem-se como o Criador.

E até agora, depois de milhares de anos, foi até aqui que evoluíram - isto é o que criaram.

Isso não vos faz ficar indignados?

Mas fizeram uma coisa boa. Vieram ter comigo para vos aconselhar.

A vossa “civilização” tem-se virado repetidamente para Deus e perguntado: “Onde é que errámos?” “Como podemos fazer melhor?” O facto de terem ignorado sistematicamente os Meus conselhos em todas as outras ocasiões não Me impede de os dar outra vez. Como um bom pai, estou sempre disposto a fazer uma observação útil quando me pedem. Também como bom pai, estou disposto a continuar a amar-vos se for ignorado.

Assim, estou a descrever as coisas tal como elas são. E estou a dizer-vos como podem fazer melhor. Estou a fazê-lo de um modo que faz com

que vocês sintam alguma indignação porque quero chamar a vossa atenção. Vejo que o consegui.

MUDANÇA DE CONSCIÊNCIA E O ETERNO AGORA

O que poderia *provocar* o tipo de mudança maciça de consciência da qual falaste repetidas vezes neste livro?

Há um cinzelar lento em curso. Nós estamos gradualmente a retirar do bloco de granito que é a experiência humana o excesso indesejado, como um escultor cinzela para criar e revelar a verdadeira beleza da escultura final.

“Nós”?

Tu e Eu, através do nosso trabalho nestes livros, e inúmeros outros, todos eles mensageiros. Os escritores, os artistas, os produtores de televisão e cinema. Os músicos, os cantores, os atores, os bailarinos, os professores, os xamãs, os gurus. Os políticos, os líderes (sim, há alguns muito bons, alguns muito sinceros!), as mães e os pais e os avós em salas-de-estar e cozinhas e jardins em toda a América, e em todo o mundo.

Sois vós os precursores, os arautos.

E a consciência de muitas pessoas está a mudar.

Por vossa causa.

Vai ser preciso uma calamidade mundial, um desastre de proporções gigantescas, como alguns sugeriram? A Terra terá de se inclinar sobre o eixo, ser atingida por um meteoro, engolir continentes inteiros, até que o seu povo oiça? Teremos que ser visitados por seres do espaço e aterrorizados até à loucura antes de termos visão suficiente para compreender que somos todos Um? É necessário que enfrentemos a ameaça da morte antes de nos deixarmos galvanizar para encontrarmos uma nova maneira de viver?

Não são necessários acontecimentos tão drásticos - mas podem acontecer.

Vão acontecer?

Pensas que o futuro é previsível- mesmo por Deus? Digo-te o seguinte: O teu futuro é criável. Cria-o como quiseres.

Mas antes disseste que na verdadeira natureza do tempo não há “futuro”; que todas as coisas estão a acontecer no Momento Presente - o Eterno Momento de Agora.

Isso é verdade.

Então, há tremores de terra e cheias e meteoros a atingir o planeta “neste preciso momento” ou não? Não me digas que como Deus não *sabes*.

Queres que essas coisas aconteçam?

Claro que não. Mas *Tu* disseste que tudo o que vai acontecer já aconteceu - está a acontecer *agora*.

Isso é verdade. Mas o Momento Eterno de Agora também está sempre a mudar. É como um mosaico - está sempre lá, mas muda constantemente. Não podes piscar os olhos porque será diferente quando os abrires novamente. Observa! Olha! Vês? Lá vai outra vez!

EU ESTOU A MUDAR CONSTANTEMENTE

**DEUS E TUDO EM
CONSTANTE
MUDANÇA**

O que Te faz mudar?

A tua ideia sobre Mim! O teu *pensamento* sobre tudo é o que O faz mudar - *instantaneamente*.

Por vezes a mudança no Tudo é subtil, praticamente indiscernível, dependendo do poder do *pensamento*.

Mas quando há um pensamento intenso - ou um *pensamento coletivo* - há um impacto *tremendo*, um efeito incrível.

Tudo muda.

Então - vai haver o tipo de grande calamidade, em toda a Terra, de que Tu falas?

Não sei. Vai?

Decide *tu*. Lembra-te, estás a escolher a tua realidade agora.

Opto por que não aconteça.

Então não acontecerá. A menos que aconteça.

Lá vamos nós outra vez.

Sim. Tens de aprender a viver com a contradição. E tens de compreender a verdade máxima: Nada Tem Importância.

Nada tem importância?

Explicarei isso no *Livro3*.

Bem... está bem, mas não gosto de ter de esperar por estas coisas.

Já aqui há tanto para tu absorveres. Dá a ti próprio algum tempo. Dá a ti próprio algum espaço.

VIDA INTELIGENTE EXTRATERRESTRE

Podemos não ir embora já? Sinto que estás a partir. Começas sempre a falar assim quando estás a preparar-Te para ir embora. Gostava de falar contigo sobre algumas outras coisas... tais como, por exemplo, seres do espaço- isso existe?

Na verdade, íamos falar nisso, também, no *livro3*.

Oh, anda lá, dá-me só uma luzinha, uma espreitadela.

Queres saber se há vida inteligente noutros lugares do Universo? Sim. Claro.

É tão primitiva como a nossa?

Algumas das formas de vida são mais primitivas, outras menos. E outras são muito mais avançadas.

Esses seres extraterrestres já nos visitaram?

Sim. Muitas vezes.

Com que propósito?

Para indagar. Nalguns casos, para ajudar nobremente.

Como é que eles ajudam?

Oh, dão um empurrão de vez em quando. Por exemplo, de certeza que tens a noção de que vocês fizeram mais progressos tecnológicos nos últimos 75 anos do que em *toda a história da Humanidade anteriormente*.

Sim, suponho que sim.

Pensas que tudo, desde a TAC²² ao voo supersónico, aos “chips” computadorizados colocados no vosso corpo para regular o coração, proveio da mente do homem?

Bem... sim!

Então por que é que o homem não pensou neles há milhares de anos atrás?

Não sei. A tecnologia não estava disponível, suponho. Quero dizer, uma coisa leva à outra. Mas a tecnologia inicial não existia, até existir. É tudo um processo de evolução.

Não achas estranho que neste processo de evolução de um mil milhões de anos, algures entre 75 e 100 anos atrás tenha havido uma “explosão de compreensão” enorme?

Não vês como *fora do padrão* habitual que muitas pessoas nesse planeta tenham visto o desenvolvimento de tudo desde a rádio, ao radar, às comunicações eletrónicas *durante o seu tempo de vida*?

Não percebes que o que aconteceu representa um salto imenso? Um passo em frente de uma tal magnitude e proporção que desafia toda a progressão da lógica?

Que estás Tu a dizer?

Estou a dizer para pensares na possibilidade de terem sido ajudados.

Se estamos a ser “ajudados” tecnologicamente, por que razão não estamos a ser ajudados espiritualmente? Por que não nos é dada uma ajuda nesta “mudança de consciência”?

A ti é.

²² Tomografia Axial Computorizada. (N. da T.)

A mim?

O que pensas que é este livro?

Hummm...

Além disso, todos os dias são colocadas novas ideias, novos pensamentos e novos conceitos perante vós.

O processo de mudança da consciência, de aumento do conhecimento espiritual de todo um planeta é um processo lento. Leva tempo e requer grande paciência. Vidas. Gerações.

Mas, lentamente, vão lá chegando. Pouco a pouco, vão mudando. Tranquilamente, há mudança.

E estás a dizer que há seres do espaço extraterrestre a ajudar-nos nisso?

De facto. Há muitos agora entre vós. Ajudam há anos.

Por que não se dão a conhecer? Por que não se revelam? Isso não tornaria o impacto duplamente maior?

O seu propósito é ajudar à mudança que veem que a maior parte de vós deseja, não é criá-la; é fomentá-la, não forçá-la.

Se se revelassem, vocês seriam forçados, apenas pelo poder da sua presença, a manifestar-lhes o maior respeito e a atribuir grande peso às suas palavras. É preferível que as massas cheguem à sua própria sabedoria. A sabedoria que vem de dentro não é tão facilmente descartada como a que provém de outrem. Tende-se a reter mais tempo aquilo que se criou do que aquilo que foi dito.

Vê-los-emos alguma vez; chegaremos a conhecer esses visitantes extraterrestres como realmente são?

Ah, sim. Tempos virão em que a vossa consciência se elevará e o medo se acalmará, então eles revelar-se-ão.

Alguns deles já o fizeram - a uma mão-cheia de pessoas.

E a teoria, que se torna cada vez mais popular, de que esses seres são, de facto, malévolos? Há alguns que nos queiram prejudicar?

Há seres humanos que vos queiram prejudicar?

Sim, claro.

Alguns desses seres - os menos evoluídos - podem ser considerados por vós da mesma maneira. Mas lembrem-se do Meu mandamento. Não julgarás.

Ninguém faz nada impróprio, dado o seu modelo do Universo.

Alguns seres progrediram na tecnologia, mas não no raciocínio. A vossa raça é um bocado assim.

Mas se esses seres malévolos estão tecnologicamente tão avançados, certamente poderiam destruir-nos. O que os impedirá?

Vocês estão protegidos.

Estamos?

Sim. Está a ser-vos dada a oportunidade de viverem o vosso próprio destino. A vossa consciência criará o resultado.

E isso quer dizer que...?

Quer dizer que nisto, como em todas as coisas, o que vocês pensam é o que vão ter.

O que temem é o que atrairão a vós.

Aquilo a que resistem, persiste.

Aquilo para que olham desaparece - dando-vos a oportunidade de o recriar, se desejarem, ou de o banirem para sempre da vossa experiência.

Hum, hum. A minha vida não parece nada disso.

Porque duvidas do poder. Duvidas de Mim.

Provavelmente não é boa ideia.

Definitivamente, não é.

CAPÍTULO 20

DÚVIDA, UNIDADE E VISIBILIDADE

Por que duvidam as pessoas de Ti?

Porque duvidam de si próprias.

Por que duvidam elas de si próprias?

Porque lhes disseram para duvidar; foram ensinadas a duvidar.

Por quem?

Por pessoas que pretendiam estar a representar-Me.

Não percebo. Porquê?

Porque era uma forma, e é a única forma, de controlar as pessoas. Vocês têm que duvidar de vós próprios, percebes, senão reivindicariam todo o vosso poder. Isso não podia ser. Não podia ser de maneira nenhuma. Para as pessoas que detêm atualmente o poder, não. Elas detêm o poder que é vosso - e sabem-no. E a única forma de o manterem é prevenirem o movimento do mundo no sentido de ver, e depois resolver, os dois maiores problemas da experiência humana.

Que são?

Bem, já falei neles, repetidamente, neste livro. Resumindo...

A maior parte dos problemas e conflitos do mundo, senão todos, e dos vossos problemas e conflitos enquanto indivíduos, seriam solucionados e resolvidos se, enquanto sociedade:

1. Abandonassem o conceito de Separação.

2. Adotassem o conceito de Visibilidade.

Nunca mais se vejam como separados uns dos outros, e nunca mais se vejam como separados de Mim. Nunca digam nada senão toda a verdade a ninguém, e nunca mais aceitem nada a não ser a vossa verdade mais sublime sobre Mim.

A primeira opção produzirá a segunda, porque quando virem e compreenderem que são Unos com Todos, não poderão dizer uma não-verdade nem esconder dados importantes, nem ser nada senão totalmente visíveis com todos os outros porque será claro para vós que fazê-lo é do vosso maior interesse.

Mas esta mudança paradigmática implicará grande sensatez, grande coragem e imensa determinação. Porque o Medo atingirá o cerne destes conceitos, chamando-lhes falsos. O medo corroerá o âmago destas verdades magnificentes e fará com que pareçam ocas. O medo distorcerá, desdenhará, destruirá. Assim, o Medo será o vosso maior inimigo.

Mas vocês não terão, nem serão capazes de produzir, a sociedade pela qual sempre ansiaram e com que sempre têm sonhado a menos que, e até que vejam, com sabedoria e clareza a verdade suprema: o que fazem aos outros, fazem a vós próprios; o que deixam de fazer pelos outros, deixam de fazer por vós próprios; que a dor dos outros é a vossa dor e a alegria dos outros a vossa alegria, e que, quando renunciam a qualquer parte delas, renunciam a uma parte de vós. Agora é altura de se *reivindicarem a vós próprios*. Agora é o momento de se verem como Quem Realmente São, e de se tornarem novamente visíveis desse modo. Porque quando vocês e a vossa verdadeira relação com Deus se tornarem visíveis, tornar-Nos-emos indivisíveis. E nada jamais Nos voltará a dividir.

E embora vocês tornem a viver na ilusão da separação, utilizando-a como um instrumento para criar o vosso Eu de novo, atravessarão iluminadamente, a partir daí, as vossas encarnações, vendo a ilusão pelo que ela é, utilizando-a como divertimento e alegria para experienciar qualquer aspeto de Quem Nós Somos que vos agrada experienciar, mas sem nunca mais a aceitar como a realidade. Nunca mais terão de utilizar o mecanismo do esquecimento para recriar o vosso Eu de novo, mas utilizarão a Separação *sabiamente, optando* simplesmente por manifestar

Aquilo Que É Separado por determinada razão e com um determinado propósito.

E quando forem assim totalmente iluminados - ou seja, quando forem novamente inundados de luz - poderão até escolher, como especial razão para regressarem à vida física, a re-lembrança dos outros. Podem optar por regressar a esta vida física, não para criar ou experienciar qualquer novo aspeto do Eu, mas para trazer a luz da verdade a este lugar de ilusão, para que outros possam ver. Então serão “os que trazem a luz”. Então farão parte do Despertar. Há outros que já o fizeram.

UNIÃO CONSCIENTE COM TUDO O QUE É

Vieram cá para nos ajudar a saber Quem Nós Somos.

Sim. São almas iluminadas, almas que evoluíram. Já não buscam a experiência superior seguinte de si próprias. Já tiveram a experiência suprema. Agora só desejam trazer-vos a nova dessa experiência. Trazem-vos a “boa nova”. Mostrar-vos-ão o caminho, e a vida, de Deus. Dirão “Eu sou o caminho e a vida. Segui-me”. Depois, servir-vos-ão de modelo de como é viver na eterna glória da união consciente com Deus - a que se chama Consciência de Deus.

Estamos sempre unidos, vocês e Eu. Não podemos não estar. É simplesmente impossível. Contudo, vocês agora vivem na experiência inconsciente dessa unificação. Também é possível viver no corpo físico em união consciente com Tudo O Que É; no conhecimento consciente da verdade suprema; na expressão consciente de Quem Realmente Somos. Quando fizeres isso, servirás de modelo a todos os outros, outros que vivem no esquecimento. Tornas-te uma re-lembrança viva. E assim salvas outras de se perderem para sempre no seu esquecimento.

Isso é o Inferno, perder-se para sempre no esquecimento. Mas Eu não o permitirei. Não permitirei que uma só ovelha se perca, e enviarei... um pastor.

Na verdade, enviarei muitos pastores, e tu podes optar por ser um deles. E quando as almas forem acordadas do seu sono por ti, novamente re-lembradas de Quem São, todos os anjos no Céu exultarão por essas almas. Porque estavam perdidas, e foram reencontradas.

HUMANOS ILUMINADOS

Há pessoas, seres sagrados, como essas no nosso planeta agora, não é verdade? Não só no passado, mas agora?

Sim. Sempre houve e sempre haverá. Não vos deixarei sem mestres; não abandonarei o rebanho, enviarei sempre os Meus pastores para o procurar. E há muitos no vosso planeta neste momento, e noutras partes do Universo também. E nalgumas partes do Universo esses seres vivem juntos em comunhão constante e na expressão constante da verdade suprema. Essas são as sociedades iluminadas de que falei. Existem, são reais e enviaram-vos os seus emissários.

Quer dizer que Buda, Krishna, e Jesus eram *homens* do espaço?

Tu és que disseste, Eu não.

É verdade?

É a primeira vez que ouves esse pensamento?

Não, mas é verdade?

Acreditas que esses mestres existiram algures antes de virem à Terra e regressaram a esse lugar após a sua pretensa morte?

Sim, acredito.

E onde supões que seja esse lugar?

Sempre pensei que fosse aquilo a que chamamos o “Céu”. Pensava que eles vinham do Céu.

E onde pensas que é esse Céu?

Não sei. Noutra dimensão, creio eu.

Noutro mundo?

Sim... Ah, estou a perceber. Mas eu chamar-lhe-ia o *mundo espiritual*, não outro mundo tal como o conhecemos, não outro *planeta*.

E é o mundo espiritual. Mas que te faz pensar que esses espíritos - esses Espíritos Santos - não podem, ou não escolheriam, viver noutro lugar do Universo, tal como fizeram quando vieram para o vosso mundo?

Acho que nunca pensei nisto dessa maneira. Não fazia parte das minhas ideias sobre tudo isto.

“Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que as sonhadas na tua filosofia.”

Foi o vosso maravilhoso metafísico, William Shakespeare, que escreveu isto.

Então Jesus *era* um homem do espaço!

Eu não disse isso.

Bem, era ou não era?

Tem paciência, Meu filho. Precipitas-te muito. Há mais. Tanto mais. Ainda temos outro livro inteiro para escrever.

Quer dizer que tenho de esperar pelo *Livro3*?

Eu disse-te, prometi-te desde o princípio. Haverá três livros, disse Eu. O primeiro tratará das verdades e desafios da vida de cada um. O segundo discutirá as verdades da vida em família neste planeta. E o terceiro, disse Eu, abrangeria as verdades maiores, que têm a ver com as questões eternas. Nisso serão revelados os segredos do Universo.

A menos que não sejam.

DICOTOMIA DIVINA

Bolas. Não sei se aguento muito mais. Estou a ficar farto de “viver em contradição”, como Tu dizes sempre. Quero que o que é assim *seja assim*.

Então assim será.

A menos que não seja.

É isso! É isso mesmo! Percebeste! Agora compreendes a Dicotomia Divina! Agora vês o cenário completo. Agora apreendes o plano.

Tudo - tudo - o que sempre foi, é agora e será para sempre, existe neste preciso momento. E assim, tudo o que é... É. Contudo tudo o que É está em constante mudança, porque a vida é um processo de criação contínuo. Portanto, num sentido muito real, O Que É... NÃO É.

Este SER NUNCA É O MESMO. O que significa que o SER NÃO É.

Olha, desculpa lá Charlie Brown, mas c'oa breca. Como é que alguma coisa pode significar alguma coisa assim?

Não significa. Mas estás a precipitar-te outra vez! Cada coisa a seu tempo, Meu filho. Tudo a seu tempo. Estes e outros mistérios maiores serão entendidos depois de ler o livro3. A menos ... agora todos...

A MENOS QUE NÃO SEJAM.

Precisamente.

ESQUECER A RELIGIÃO E REGRESSAR À ESPIRITUALIDADE

Pronto, pronto... está bem. Mas entre agora e essa altura - ou, então, pelas pessoas que possam nunca vir a ler estes livros - que vias podem ser utilizadas, aqui mesmo, agora mesmo, para regressar à sabedoria, para regressar à clareza, para regressar a Deus? Temos de regressar à religião? É esse o elo perdido?

Regressem à espiritualidade. Esqueçam a religião.

Essa afirmação vai irritar muita gente.

As pessoas reagirão a todo este livro com irritação... a menos que não reajam.

Por que é que dizes esqueçam a religião?

Porque não é boa para vós. Compreendam que para a religião organizada ter sucesso, tem que fazer com que as pessoas *acreditem* que precisam dela. Para as pessoas terem fé noutra coisa, têm primeiro de perder a fé em si próprias. Portanto, a primeira tarefa da religião organizada é fazer-te perder a fé em ti próprio. A segunda tarefa é fazer-te ver que tem as respostas que tu não tens. E a terceira e a mais importante fazer-te aceitar as suas respostas sem as questionar.

Se questionas, comesas a pensar! Se pensas, comesas a regressar àquela Fonte Interior. A religião não te pode deixar fazer isso porque é provável que surjas com uma resposta diferente da que ela inventou. Portanto a religião tem que te fazer duvidar do teu Eu; tem que te fazer duvidar da tua capacidade de pensar claramente.

O problema da religião é que, com frequência, isto faz ricochete - porque se não puderes aceitar sem duvidar os teus próprios pensamentos, como podes não duvidar das novas ideias sobre Deus que a religião te deu?

Muito brevemente, até duvidas da Minha existência - da qual, ironicamente, nunca duvidaste antes. Quando vivias de acordo com o teu conhecimento intuitivo, podias não Me ter compreendido totalmente, mas sabias definitivamente que Eu estava lá!

Foi a religião que criou os agnósticos.

Qualquer pensador lúcido que examine o que a religião tem feito, tem que assumir que a religião não tem Deus! Porque foi a religião que encheu o coração dos homens do temor de Deus, enquanto que houve tempo em que o homem amava Aquilo Que É em todo o seu esplendor.

Foi a religião que ordenou aos homens que se curvassem perante Deus, quando em tempos o homem se ergueu de braços estendidos com alegria.

Foi a religião que sobrecarregou o homem com preocupações sobre a ira de Deus, quando em tempos o homem procurava Deus para o aliviar do seu fardo!

Foi a religião que disse ao homem para ter vergonha do seu corpo e das suas funções mais naturais, quando em tempos o homem celebrou essas funções como as maiores dádivas da vida!

Foi a religião que vos ensinou que precisam de um *intermediário* para chegar a Deus, quando houve tempo em que consideravam ter alcançado Deus vivendo simplesmente a vossa vida no bem e na verdade.

E foi a religião que ordenou aos humanos que adorassem Deus, quando houve tempo em que os humanos adoraram Deus porque era impossível *não* O adorar!

Em toda a parte onde a religião chegou criou desunião - que é o *oposto* de Deus.

A religião separou o homem de Deus, o homem do homem, o homem da mulher - algumas religiões até dizem ao homem que ele está acima da mulher, tal como proclamam que Deus está acima do homem - dando assim

azo às maiores caricaturas alguma vez impingidas a metade da raça humana.

Eu vos digo: Deus não está acima do homem, e o homem não está acima da mulher - não é essa a “ordem natural das coisas” - mas é a maneira como todos os que tinham poder (nomeadamente os homens) queriam que fosse quando formaram as suas religiões patriarcais, apagando sistematicamente metade do texto da versão final das “sagradas escrituras” e distorcendo o resto para se adaptar ao molde do seu modelo masculino do mundo.

É a religião que ainda hoje insiste que as mulheres são de certa forma inferiores, de alguma forma cidadãs espirituais de segunda classe, algo “inadequadas” para ensinar a Palavra de Deus, pregar a Palavra de Deus ou ministrá-la ao povo.

Como crianças, ainda estão a discutir que sexo é ordenado por Mim para serem Meus sacerdotes!

Eu vos digo: *Todos vós sois sacerdotes! Cada um de vós.*

Não há nenhuma pessoa ou classe mais “adequada” para fazer o Meu trabalho do que outra.

Mas tantos homens são tal e qual as nações. Sequiosos de poder. Não gostam de partilhar o poder, apenas de o exercer. E construíram o mesmo tipo de Deus. Um Deus sequioso de poder. Um Deus que não gosta de partilhar o poder mas apenas de o exercer. No entanto eu vos digo: O supremo dom de Deus é a partilha do poder de Deus.

Eu queria que vocês fossem como Eu.

Mas nós não podemos ser como Tu! Isso seria uma blasfémia.

A blasfémia é terem-vos ensinado essas coisas. Digo-vos: *Vocês foram feitos à Imagem e Semelhança de Deus - é esse o destino que vieram cumprir.*

Vocês não vieram aqui para se esforçarem e lutarem e nunca “chegarem lá”. Nem vos enviei numa missão impossível de cumprir.

Creiam na bondade de Deus e creiam na bondade da criação de Deus - nomeadamente, nos vossos Eus sagrados.

PODER ABSOLUTO SEM EXIGÊNCIAS

Disseste uma coisa mais atrás neste livro que me intrigou. Gostava de voltar aí ao aproximarmo-nos do fim deste volume. Disseste: “O Poder Absoluto não exige absolutamente nada”. É essa a natureza de *Deus*?

Agora compreendeste.

Eu disse: “Deus é tudo, e Deus torna-se tudo. Não há nada que Deus não seja, e tudo o que Deus experiencia de Si, experiencia em, como e através de ti”. Na Minha forma mais pura, Eu sou o Absoluto. Sou Absolutamente Tudo e portanto, não necessito, não quero e não exijo absolutamente nada.

Desta forma absolutamente pura, Eu sou o que pensarem de Mim. É como se estivessem finalmente prestes a ver Deus e dissessem: “E agora, o que havemos de pensar disto?”. Contudo, pensem o que pensarem de Mim, não posso esquecer, e regressarei, sempre, à Minha Forma Mais Pura. Tudo o resto é ficção. É algo que estão a *inventar*.

Há quem pense em Mim como um Deus colérico; mas o que Me pode encolerizar se não posso ser magoado ou prejudicado de forma nenhuma?

Há quem pense em Mim como um Deus vingativo; mas de quem Me iria vingar, se tudo o que existe sou Eu?

E por que me castigaria a Mim próprio simplesmente por criar? Ou, se tiverem de pensar em nós separadamente, por que havia Eu de vos criar, de vos dar o poder de criar, de vos dar o livre-arbítrio de criarem o que querem experienciar e depois castigar-vos para sempre por fazerem a escolha “errada”?

Eu vos digo: Eu não faria tal coisa - e nessa verdade reside a vossa libertação da tirania de Deus.

Na verdade, não existe tirania - exceto na vossa imaginação.

Podem vir para casa sempre que desejarem. Podemos estar novamente juntos sempre que quiserem. Podem conhecer novamente o êxtase da vossa união comigo quando entenderem. Ao mínimo pretexto. Ao toque da brisa no rosto. Ao som do grilo sob céus de diamantes numa noite de Verão.

No primeiro vislumbre do arco-íris e ao primeiro choro de um recém-nascido. No último raio de um pôr-do-sol espetacular e no último sopro de uma vida espetacular.

Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos. A vossa união comigo é total - foi sempre, é sempre e sempre será.

Vós e Eu somos Um - agora e para todo o sempre.

Vão, e façam da vossa vida a afirmação desta verdade.

Façam com que os vossos dias e noites sejam reflexos da ideia mais sublime dentro de vós. Permitam que os vossos momentos de Agora sejam preenchidos pelo êxtase espetacular de Deus manifesto através de vós. Façam-no através da expressão do vosso Amor, eterno e incondicional, por todos aqueles cujas vidas tocam. Sejam uma luz na escuridão, e não o amaldiçoem.

Sejam portadores da luz.

Vocês são-no.

Assim seja.

A FECHAR

Obrigado por me terem acompanhado nesta jornada. Sei que para alguns de vós pode não ter sido fácil. Muitas das ideias aqui apresentadas desafiam muito daquilo em que acreditávamos e algumas das formas como nos temos comportado antes de chegarmos a este livro. Somos convidados por este texto a criar novas convicções, a manifestar novos comportamentos, a abraçar novas ideias de como as coisas podem ser. Somos chamados, dramática e urgentemente, a adotar uma nova maneira de pensar sobre as nossas vidas e a forma como as vivemos.

Este é o “movimento do novo pensamento” de que ouvimos falar. Não é uma organização nem um elemento da sociedade, mas mais um processo pelo qual toda a sociedade passa de uma maneira de ser para outra. É a teoria do centésimo macaco em ação. Trata-se de massa crítica. Apresentei aqui este material tal como me foi dado, para auxiliar a facilitar esse movimento, para ajudar a alcançar a massa crítica e a produzir essa mudança.

E temos que a produzir. Porque não podemos continuar como até aqui. As ideias e interpretações pelas quais nos temos guiado enquanto raça humana, não nos têm servido. De facto, quase nos destruíram. Temos que mudar; temos que mudar se queremos ter um mundo de qualquer espécie para passar aos nossos filhos, e aos filhos deles.

Tendo dito isto, quero que saibam que tenho grandes esperanças para nós. Acredito que, como raça humana, estamos neste momento perante uma oportunidade sem paralelo de eliminar as obstruções que há tanto tempo nos impedem de realizar as nossas possibilidades mais grandiosas, e vejo em toda a parte um crescimento não só da consciência individual como também da coletiva. Sei que é esta consciência coletiva que forma a massa e se transforma na energia que alimenta o motor da nossa experiência neste planeta. Assim, o nível da nossa consciência coletiva é que é crítico.

O propósito Divino das Conversas com Deus, agora vejo, é despertar essa consciência coletiva. As palavras destes livros nunca se destinaram a ser-me dadas só a mim, mas a todo o mundo através de mim - *tal como são apontadas para o mesmo alvo através de vós*. O leitor vai permitir que as palavras nestes livros fiquem por aqui, que terminem a sua jornada na sua mente? Ou vai juntar-se a mim tornando-se num mensageiro, levando-as a um público maior?

O que é interessante na atual condição da raça humana, tal como a vejo, é que a maior parte de nós concorda que as coisas não vão bem. Mas se a maior parte de nós concorda individualmente, por que não podemos todos coletivamente fazer alguma coisa significativa em relação a isso? Essa é a questão que flagela a Humanidade. *Como podemos transformar a consciencialização individual em ação coletiva?*

Se concorda com alguma coisa do que leu aqui, incito-o a contactar e a apoiar o *Institute of Ecolonomics*, criado pelo meu amigo Dennis Weaver. Este instituto tem como princípio orientador a noção de que a Ecologia e a Economia não são inimigas, e que a combinação das duas numa abordagem unificada para a melhoria da vida neste planeta é a única forma de essas melhorias serem possíveis.

Uma quantidade extraordinária de tempo e energia está presentemente a ser dedicada por Dennis e pelo Instituto à exploração de novas vias de cooperação e comunicação entre o sector empresarial na nossa sociedade global e os indivíduos e organizações que se dedicam a vigiar e melhorar a ecologia global. Dennis está convencido de que o movimento ecológico e o movimento económico não têm que se disputar, nem estão totalmente em contradição um com o outro.

O que é necessário é desenvolver integridade ecológica e económica na forma como fazemos negócios, nos produtos que criamos, nos serviços que oferecemos. Para reter esta ideia e lhe dar consistência, Dennis criou uma palavra, *ecolonomia*. É uma afirmação em seis sílabas da sua convicção de que o benefício económico não se contrapõe intrinsecamente, nem tem de contrapor eternamente, à sensibilidade ecológica. O que é bom para um não é necessariamente desastroso para o outro.

Se quiser reforçar esta ideia, pode escrever para:

The Institute for Ecolonomics
Post Office Box 257
Ridgeway, CO 81432
U.S.A.

e ser-lhe-á enviada informação sobre como participar.

Outra organização que me chamou a atenção (e admiração) foi a *Foundation For Ethics and Meaning*, criada por Michael Lerner. Michael e eu conversámos sobre muitas das questões levantadas nas **Conversas com Deus**, Livro2, e ele disse-me que criou a Fundação como veículo para a construção de um movimento para mudar a linha de fundo da sociedade americana, de mudar o paradigma do egoísmo e cinismo para o carinho e a solidariedade.

O que Michael procura é alterar as próprias definições da nossa sociedade, de modo a que a produtividade ou a eficiência das empresas, a legislação ou as práticas sociais deixem de ser medidas apenas pelo grau em que maximizam a riqueza e o poder e o passem também a ser pelo grau em que tendam a maximizar as nossas capacidades de manter relações de afeto e carinho e de sermos ética, espiritual e ecologicamente sensíveis.

A sua fundação construiu secções locais pelo país e algumas dessas secções estão a explorar iniciativas requerendo aos governos estaduais e autarquias que seja tida em linha de conta o historial da responsabilidade social de cada empresa antes de lhe serem adjudicados contratos estatais - ou mesmo exigir que as empresas se recandidatem aos respetivos alvarás de vinte em vinte anos, sendo os respetivos registos de responsabilidade social um fator a ter em conta na sua renovação. A fundação aborda tanto as necessidades económicas como os direitos individuais, e contraria forças empresariais ou governamentais que pretendam negar tanto umas como outros.

Michael é o autor de "The Politics of Meaning", que recomendo vivamente. Como refere Cornel West na contracapa "... tenha a coragem de o ler ". Poderá igualmente ler mais sobre estas questões na revista "Tikkun", publicada regularmente pela fundação.

Para obter uma assinatura desta publicação maravilhosamente estimulante e saber mais sobre o trabalho de Michael, contacte:

The Foundation for Ethics and Meaning
26 Fell Street
San Francisco, CA 94103
U.S.A.
Telefone: (415) 575-1200

Um terceiro recurso de que tive conhecimento é o *Center for Visionary Leadership* fundado por Corinne McLaughlin e Gordon Davidson. Corinne e Gordon são coautores de mais dois livros no topo da minha lista de leituras importantes: “Spiritual Politics: Changing the World from the Inside Out” e “Builders of the Dawn”. O seu centro de formação visa proporcionar critérios espirituais em soluções inovadoras e globais para os problemas sociais. O seu centro faculta programas públicos, formação em consultadoria e liderança baseada em valores para indivíduos e organizações. Uma das suas ideias que mais me entusiasma é um programa de diálogo de cidadãos para ajudar a sanar as questões que nos dividem neste planeta. Poderá participar neste trabalho contatando:

The Center for Visionary Leadership
3408 Wisconsin Ave. NW
Suite 200
Washington, D.C. 20016
U.S.A.
Telefone (202) 237-2800
E-mail - cvldc@netrail.net

Alguns de vós poderão optar por apoiar todas estas iniciativas, como eu. Seja qual for a vossa decisão, o que espero que aqui vejam é que não é verdade que um indivíduo não possa ter um impacto muito real e duradouro nas questões, desafios e problemas mais alargados com que nos confrontamos. O gemido “... mas que posso eu fazer?” tem aqui resposta. Há muita coisa que podem fazer, e muitos lugares onde o fazer.

Portanto, isto é uma chamada para a ação. É um pedido de reforços na linha da frente. É o convite para me acompanhar na formação de um exército de trabalhadores espirituais, unidos no desejo comum de trazer amor e cura - e devolver a celebração - ao mundo.

Depois de ler as palavras que me foram oferecidas nos livros das **Conversas com Deus**, nunca mais serei o mesmo. Nem você. Somos, você e eu, atraídos para o precipício; impelidos para uma confrontação com todas as nossas convicções anteriores e formas de fazer as coisas.

Muitas pessoas sentir-se-ão decerto constrangidas com parte do que aqui foi escrito. Nós, humanos, proclamámo-nos, afinal, como uma raça magnífica, uma espécie superior, um povo iluminado. Os livros das **Conversas com Deus** olham para onde nós dizemos que estamos e dizem: “Hum, hum, desculpem, mas não é bem assim”. Olham para onde nós dizemos que queremos ir e dizem: “Por esse caminho não”. Nem pensar. E assim os livros (especialmente, talvez, este *Livro2*) podem causar algum constrangimento. Mas o constrangimento é sempre sinal de evolução. A vida começa no limite da nossa zona de conforto.

Claro que no nosso processo de crescimento não vamos aceitar todas as ideias novas que outros coloquem perante nós - e com certeza que não se sugere que as ideias apresentadas na trilogia das **Conversas com Deus** sejam aceites como se fossem o

“evangelho”. Na verdade, seria essa a última coisa que Deus escolheria para nós. Porque, como Deus diz, o tesouro é a pergunta, não a resposta. Este livro convida-nos, não a adotar as suas respostas, mas sim a fazer contínua e interminavelmente as suas perguntas.

As perguntas que as **Conversas com Deus** nos colocam levar-nos-ão até ao limite. Não só ao limite da nossa zona de conforto, mas também ao limite da nossa compreensão, das nossas convicções, da nossa experiência. Desafiam-nos para uma nova experiência.

Se quiser aderir ao processo de cocriar essa experiência; se se vê como pró-ativo, em vez de reativo, neste processo; se se reconhece como um dos mensageiros - um dos emissores bem como um dos recetores - junte-se ao nosso novo exército. Torne-se num Portador da Luz. Apoie as diligências e organizações aqui mencionadas (ou qualquer outra causa ou grupo merecedores de crédito de que tenha conhecimento).

Existe mais um grupo de que lhe quero falar. É o grupo que Nancy e eu fundámos, chamado *ReCreation*. O seu propósito é devolver as pessoas a si próprias - e assim, mudar o mundo.

O nosso trabalho começou com o envio de uma carta mensal a todos os que a solicitaram (Milhares de pessoas em todo o mundo o fizeram desde a publicação do *Livro1*). Continuou com um programa de envolvimento na primeira pessoa de levar a mensagem das **Conversas com Deus** às comunidades de todo o país e de todo o mundo. E vemos o trabalho culminar neste convite que lhe é feito para se tornar num verdadeiro agente da mudança no mundo em que intervém, ao mesmo tempo que se recria.

Toda a vida é um processo de recriação, e o processo começa na sua própria alma. A sua alma sabe se é esta a altura de você se envolver no processo mais dinâmico da vida - mudança e criação - no nível seguinte. Sei que, para mim, é o momento.

Por isso anunciei publicamente que um dos objetivos da nossa fundação é patrocinar e produzir o primeiro Simpósio Internacional sobre a Integração da Espiritualidade e da Governação. Tenho a ideia de que se as pessoas deste planeta se decidissem a serem governadas a partir das suas perceções espirituais mais sublimes em vez dos pensamentos inferiores e medos mais profundos, o mundo mudaria de um dia para o outro.

Tencionamos organizar esse simpósio em 1999, e prevemos que as comunicações, apresentações e diálogos emergentes se tornem num dos principais catalisadores da expansão, alargamento e aceleração de um processo que já vemos em curso - o processo em que as pessoas de boa vontade e intenções sublimes se reúnem e se sentam à mesa para resolver as questões que nos separam; para celebrar as nossas diferenças e enriquecer a nossa experiência de tudo o que nos une como seres grandiosos e gloriosos que habitam um lugar extraordinário do Universo.

A nossa fundação promove igualmente workshops, seminários, retiros, conferências, e uma enorme variedade de programas em todo o mundo. Mantemos os preços das inscrições de todos os programas patrocinados pela fundação muito baixos e reservamos pelo menos 20% dos espaços nessas iniciativas a bolsas de estudo totais ou parciais, a fim de as tornar acessíveis ao maior número de pessoas, independentemente das suas capacidades financeiras.

Foi assim que nós - Nancy, eu e alguns amigos - decidimos trabalhar pela mudança de paradigma. Neste comentário final, espero ter-lhe sugerido algumas formas de poder

participar também na “mudança de paradigma”. ‘O *Livro3* da trilogia **Conversas com Deus** vai ainda mais longe que os livros 1 e 2, descrevendo em pormenor o processo de evolução dos seres dotados de percepção em toda a parte, e o funcionamento e as interpretações das civilizações altamente evoluídas do Universo. Em suma, um modelo extraordinário para aqueles de entre nós que optem por percorrer a vida de uma nova maneira.

A nossa carta mensal contém sugestões e observações sobre como fazê-lo, tornando-se um agente da mudança de paradigma e criador de novas realidades - para si próprio e para os outros. Esta informação é apresentada sob a forma de respostas às perguntas de leitores de todo o mundo sobre o material dos livros das **Conversas com Deus**. Contém também notícias das atividades da fundação, e a forma como se pode tornar nosso associado, se o quiser, em qualquer delas. A carta é apenas uma boa maneira de “manter a ligação” com a energia das **Conversas com Deus**.

Para a receber, escreva por favor para:

ReCreation
The Foundation for Personal Growth and Spiritual
Understanding
Postal Drawer 3475
Central Point, Oregon 97502
U.S.A.
Telefone (541) 734-7222
E-mail - recreating@aol.com
<http://www.conversationswithgod.org>

O preço é de 25 dólares por ano, que cobre as despesas de envio da publicação e apoia o trabalho mais alargado aqui descrito. Se quiser manter-se em contato e não puder contribuir para a fundação neste momento, teremos todo o gosto em lhe enviar uma assinatura de bolseiro. Basta pedi-la na sua carta.

Quero terminar com uma nota pessoal.

Após a publicação do *Livro1*, muitos de vós escreveram-me cartas cheias de compreensão, compaixão e amor depois de lerem o meu comentário sobre a minha vida. Nunca poderei dizer-vos o quanto isso significou para mim. Nessas cartas perguntavam-me muitas vezes como tinha mudado a minha vida depois de receber estes livros. A resposta seria demasiado longa para pôr nestas páginas em pormenor, mas posso dizer-vos que as mudanças foram profundas.

Sinto-me como uma pessoa nova, por dentro e por fora. Restabeleci uma relação afetuosa com os meus filhos. Conheci e casei-me com a mulher mais extraordinária que já encontrei e fui abençoado pela graça dos seus ensinamentos, que são a sua vida vivida e o seu amor. Perdoei-me a mim próprio o passado, no qual, como vos disse, fiz repetidamente o que muitos chamariam de imperdoável. Reconciliei-me não só com quem eu era, mas também com Quem Eu Sou - e com quem agora Escolho Ser. Sei finalmente que não sou os meus ontens, e que crio os meus amanhãs mais maravilhosos quando vivo presentemente a minha visão mais sublime.

Tal como se juntaram a mim e me auxiliaram com centenas de cartas, nessa cura e nesse crescimento, e tal como se me associaram no percurso ao longo deste segundo livro,

espero que continuem a dar-me a mão na criação dessa visão mais sublime para toda a Humanidade. Assim tornar-se-á a nossa visão. E então poderemos verdadeiramente mudar o mundo.

Isso pode exigir muito de nós. Mas àqueles a quem se deu muito, pede-se muito. E embora possamos ser levados até ao limite das nossas zonas de conforto - tal como este livro pode ter feito a alguns - devemos recordar que o limite é onde está a aventura. O limite é onde reside a oportunidade. O limite é onde começa a verdadeira criação. E aí nos devemos encontrar, vocês e eu, se pretendemos, nas palavras inspiradoras de Robert Kennedy, procurar um mundo mais novo.

O poeta-filósofo francês Guillaume Apollinaire escreveu:

*“Venham até ao limite”
“Não podemos. Temos medo.”
“Venham até ao limite.”
“Não podemos. Vamos cair!”
“Venham até ao limite.”
E eles vieram.
E ele empurrou-os.
E eles voaram.*

Venham. Voemos juntos.

Neale Donald Walsch

FIM